

FERNANDO H. DE MARCHI

o filho do pecado

O que aconteceria se o homem
clonasse o filho de Deus?



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O FILHO DO PECADO.

Sumário

Evolução (introdução)

O projeto

Onze anos

Memórias turvas

Gabriel, o cético

Contra ponto

Davi X Otach

Revolta de Otach

Chegada de Dante

Segundo round

Reviravolta

A morte

Decisões

Longo dia

Calmaria e tempestade

Turbidez

Fim ou começo?

Evolução (introdução)

O homem evoluiu em uma velocidade tremenda, tendo a robótica e a biotecnologia como dois vértices tecnológicos à frente das maiores inovações. Essas tecnologias se fundiram em uma mistura de conhecimentos que revolucionaram os caminhos da humanidade.

*** O primeiro grande vértice tecnológico** ocorreu com a biotecnologia, que se desenvolveu revolucionando principalmente a medicina e a agricultura.

A revolução biotecnológica agrícola começou a ocorrer pouco antes do término do segundo milênio (era de Cristo). Foi possível, mediante técnicas da engenharia genética, criar os transgênicos (OGMs: organismos geneticamente modificados), com o objetivo de criar plantas superprodutivas e obter variedades resistentes a pragas, doenças e adversidades climáticas.

Nascia, na mente de muitos cientistas, o sonho de superplantas, mas, como o habitual em toda revolução tecnológica, surgiu uma onda de resistência. Muitos estudiosos atribuíam à transgenia supostas desvantagens, como doenças que iam desde alergias até cânceres, perda da biodiversidade, aparecimento de superpragas. E, nos países em desenvolvimento, muitos se assombravam com o efeito econômico decorrente da evidente monopolização da tecnologia por poderosas multinacionais que eram subsidiadas por países de primeiro mundo.

O filho da engenharia genética médica foi a formulação de tratamentos cada vez mais personalizados, com medicamentos formulados por meio de testes genéticos com a utilização das pesquisas de Transcriptoma, Proteoma e Metaboloma, o que culminava em tratamentos preventivos de alto desempenho. Nos países mais desenvolvidos, todos os recém-nascidos passaram a ter o direito de ter o DNA completamente sequenciado e analisado, de forma que todos tinham um diagnóstico imediato referente às doenças genéticas que potencialmente poderiam desenvolver durante a vida. Todos recebiam imunização constante contra as principais doenças causadas por microorganismos – uma simples gripe se tornou algo raro.

Com a evolução da medicina, a economia mundial se deparou constantemente com a problemática do inevitável aumento populacional. A expectativa de vida atingiu 140 anos nos países mais desenvolvidos: passou a ser comum encontrar famílias com sete gerações vivas simultaneamente, de forma que a necessidade do desenvolvimento agrícola se tornou o centro das atenções.

Apesar de alguns acidentes isolados, a nova tecnologia alimentícia se mostrou segura, superando todos os medos relacionados à saúde e proporcionando um constante aumento de produção: algumas vezes, de uma safra para outra, foi

possível dobrar a capacidade de produtividade de uma mesma área. Porém, os temores políticos dos países em desenvolvimento se confirmaram: surgiu uma nova forma de escravidão – a escravidão tecnológica. Quando um país reivindicava que seus produtores estavam pagando preços absurdos, que escoavam toda a real lucratividade – pois tudo o que conseguiam era uma rentabilidade mínima exportando obrigatoriamente o máximo possível da produção, o que não permitia nenhum desenvolvimento significativo, ocasionando um ciclo vicioso escravista –, recebia como resposta das multinacionais que não era possível abaixar os preços, já que grande parte dos lucros eram gastos em mais pesquisas para continuar desenvolvendo toda a tecnologia. Além disso, alegavam que seus preços não eram nada mais que um retorno justo ou até mesmo baixo por um trabalho exaustivo, cujo resultado assegurava um plantio perfeito para produtores, que só precisavam lançar as sementes no campo e recolher os lucros.

Alguns países tentaram se rebelar reagindo ativamente contra essa nova forma de domínio. Como resposta, sanções econômicas foram rapidamente impostas: a mais poderosa de todas era o simples corte de abastecimento de sementes para o plantio. Como elas davam origem a plantas que geravam grãos estéreis (*terminator gene technology*), servindo apenas para alimentação, um país de grande poder de produção passava a sentir rapidamente o peso da fome caso não fosse reabastecido com novas sementes aptas para o plantio, que eram geradas unicamente dentro dos territórios dos países dominantes. A pressão do próprio povo fazia com que os países menos desenvolvidos sucumbissem rapidamente às diretrizes regidas pelas nações líderes e suas poderosas empresas.

*** O segundo grande vértice tecnológico** ocorreu com a robótica, um ramo composto pela fusão de diversas tecnologias – mecânica, elétrica, eletrônica e computacional – que se uniram criando sistemas compostos por máquinas e partes mecânicas automatizadas controladas por um circuito integrado (*chip*).

Essa tecnologia também teve início ao se aproximar o término do segundo milênio. Ela ocasionou simultaneamente a redução de custos e o aumento de produtividade, contribuindo extraordinariamente para o desenvolvimento industrial, mas, por outro lado, reduzindo cada vez mais as vagas no mercado de trabalho devido à substituição de mão-de-obra humana por máquinas.

Após a revolução biotecnológica já estar bem avançada, sendo a tecnologia de maior influência na humanidade, a robótica tomou a frente unida à criação de uma inteligência artificial cada vez mais complexa, capaz de criar robôs “inteligentes”. Esses robôs venceram rapidamente a rejeição e logo se espalharam por todas as partes do mundo, desempenhando tanto trabalhos domiciliares como industriais com uma eficiência extraordinária, ocasionando um impacto econômico, social e cultural de proporções astronômicas na

humanidade.

Com o objetivo de manter a segurança dessa nova tecnologia, foi criada uma padronização para a criação e o comércio desses robôs, em que, junto com a inteligência artificial, vinha uma programação inalterável contendo diversas leis, tais como jamais fazer mal a um ser humano. Dessa forma, o dono do robô tinha um controle pleno das boas ações, mas limitado em relação às tentativas de mau uso da tecnologia. Logo foram observados inúmeros casos de vidas humanas salvas por robôs e raríssimos casos em que, de alguma forma, uma máquina com tecnologia lícita tenha causado mal a um ser humano, o que potencializou ainda mais as vendas e a rápida modernização da tecnologia.

A maior polêmica atribuída à robótica moderna ocorreu quando se tornou pública uma furiosa corrida tecnológica entre os países mais desenvolvidos na busca de criar robôs militares em massa. A parte positiva desse desenvolvimento foi que a indústria bélica passou a investir pesado na adaptação da tecnologia militar para a criação de robôs policiais. A inteligência artificial empregada nesses robôs foi aperfeiçoada a tal ponto que lhes permitia tomar decisões de vida ou morte de forma autônoma e com extraordinária eficiência.

A princípio, foram colocados alguns protótipos experimentais na polícia. Logo ficou provado que, mesmo nos casos onde ocorreram mortes, eles foram capazes de tomar as melhores decisões possíveis para a segurança dos cidadãos e até mesmo dos criminosos. Não demorou para que a tecnologia policial se espalhasse por todo o mundo.

O próximo passo evolutivo foi uma nova adaptação para a criação de robôs seguranças, que passaram a ser fabricados em escala comercial. No início, apenas grandes empresas adquiriam essas máquinas, mas cada vez mais a tecnologia se popularizou, e logo as unidades de uso doméstico passaram a ser desenvolvidas para serem seguranças altamente efetivos.

A unificação tecnológica

* Durante toda evolução tecnológica, a robótica e a biotecnologia passaram a se influenciar, interagir e muitas vezes a se fundir em uma única tecnologia, conhecida por biorrobótica. Essa nova tecnologia deu origem a *nanorobots* (microrrobôs), utilizados para realizar intervenções médicas na corrente sanguínea de pacientes. Com o tempo, a tecnologia evoluiu, permitindo aos *nanorobots* funcionarem como anticorpos capazes de identificar, perseguir e eliminar as principais doenças do homem, de forma autônoma e mais eficiente que a medicina tradicional. Além de curar doenças, esses robôs eram capazes de salvar seus portadores até mesmo de acidentes, pois eram capazes de reconstruir rapidamente parte do tecido dos órgãos, veias e artérias, aumentando em média mil vezes a chance de cura nas situações mais adversas.

Foram desenvolvidos órgãos humanos artificiais ainda mais eficientes e resistentes do que os naturais, levando as pessoas de alto poder aquisitivo a uma tendência de autorrobotização. Essas pessoas buscavam substituir tudo o que fosse possível em seus corpos, buscando uma maior longevidade e uma bela aparência humana. Uma mão robótica, por exemplo, possuía até quinhentas vezes mais força, com ainda mais sutileza que uma mão natural, e era esteticamente perfeita. Alguns cientistas mantinham a esperança de levar a tecnologia ainda mais longe, buscavam incansavelmente criar nanodispositivos de regeneração celular com o objetivo de interromper o processo de envelhecimento.

Muitos viam essa tendência como algo abominável, outros a viam como o futuro da humanidade.

O projeto

Utilizando princípios quânticos, um programador autônomo chamado Millian Fezinski, de apenas 24 anos, surpreendeu a humanidade ao apresentar um programa capaz de simular a inteligência humana de forma assombrosa. O visionário cientista fundou uma empresa chamada MIF. Sua genialidade se confirmou também na capacidade empresarial: com apenas cinco anos de existência, a MIF se tornou a maior multinacional do mundo ao devorar diversas outras empresas de diferentes áreas tecnológicas. Seu crescimento era absolutamente colossal.

Millian continuou sua vitoriosa trajetória tanto científica quanto empresarial no comando das principais inovações tecnológicas das áreas em que atuava, até os 102 anos, idade em que, a caminho da formatura de seu filho caçula, um acidente ceifou precocemente sua vida.

Esdras, o jovem formando que esperava ansiosamente a chegada de sua família, recebeu a notícia do acidente seguida da mensagem aterradora de que não houve sobreviventes. Foi assim que, aos 23 anos, o recém-formado psicólogo se tornou o único herdeiro de uma fortuna inestimável, e junto veio a responsabilidade de entender e orquestrar tudo.

O desespero e a conseqüente estagnação foram as reações naturais de um jovem frente a uma situação tão complicada, mas, por sua sorte, seu pai, que sempre pensava em tudo, havia programado um dos robôs da família para agir como um verdadeiro conselheiro em caso de sua morte. O robô conhecia todos os mecanismos de controle da empresa, como também sabia sobre todos os negócios secretos que eram realizados.

Esdras descobriu que, na verdade, comandaria várias das maiores empresas do mundo, incluindo todas as supostas concorrentes de peso na fabricação de robôs. Descobriu projetos secretos e conspirações governamentais, bem como a produção de tecnologia militar em larga escala. Descobriu que os tentáculos de sua empresa se estendiam mundialmente, com uma força extraordinária.

À frente da MIF, o jovem empresário passou a usar amplamente a psicologia para obter a fidelidade e a adoração de seus funcionários: forneceu um plano de saúde de qualidade, investiu pesadamente em capacitação profissional e qualidade de vida, fundou faculdades equipadas com as mais avançadas tecnologias e os mais geniais professores.

O resultado foi tão produtivo que Esdras resolveu estender o ensino gratuito de extrema qualidade para os filhos de todos seus funcionários, que, desde jovens, aprendiam na escola a ter amor pela MIF. A maioria desses jovens conseguia

vaga nas faculdades da própria empresa, que se alastraram rapidamente pelo mundo, carregando o conceito de qualidade extrema. Na vida adulta, os filhos dos funcionários acabavam, direta ou indiretamente, ligados profissionalmente à empresa. Não importava qual o cargo, um funcionário da MIF passou a ser visto com prestígio social, mesmo nas funções de mais baixo escalão.

Com o tempo, Esdras conseguiu conquistar o amor de seus funcionários a tal ponto que eles passaram a ter a defesa da empresa até mesmo à frente de suas respectivas nações. Estabeleceu-se uma “família” mundial de extremo poder e influência.

Em busca de uma internacionalização completa, a empresa adotou um idioma único, que passou a ser ensinado a todos os seus funcionários. Essa língua foi “oficializada” em todas as escolas e faculdades da empresa, de modo que os idiomas dos respectivos países continuaram sendo ensinados apenas de forma secundária.

O mundo começou a olhar de forma cada vez mais desconfiada e temerosa para o poder da MIF. Esdras pôde entender bem os motivos de seu pai em manter submerso aos olhos alheios a maior parte de seu poder, pois quanto mais mostrou sua força, mais tentaram freá-lo e até mesmo destruí-lo. Isso o forçou a participar ainda mais ativamente da política de muitos países para que sobrevivesse aos boicotes, de forma que ele passou a se inserir na economia mundial com muito mais agressividade que seu pai havia feito. Ele influenciou abertamente a queda de vários presidentes e a eleição de muitos outros. Forçou a aprovação de leis internacionais que davam mais autonomia à sua empresa, que continuou encantando e assustando o mundo, de forma cada vez mais acentuada, com todas as suas inovações tecnológicas e a sua influência político-econômica.

Aos 65 anos de idade, o psicólogo tomou a maior decisão de sua vida: anunciou ao mundo a posse de todas as empresas que controlava secretamente, iniciou o processo de fusão de todas elas e, posteriormente, ampliou a compra de ainda mais entidades. Foi assim que um único homem passou a deter aproximadamente 80% de toda a tecnologia de ponta mundial, em todas as áreas possíveis. A MIF se tornou uma nação espalhada dentro de todas as nações, e, gostassem ou não, era impossível se desvincular de sua influência. Eis que o novo líder mundial já não era uma nação, mas, sim, uma empresa.

Esdras se tornou aficionado por novas descobertas e tecnologias. Financiava as mais inimagináveis pesquisas sem se importar com os custos ou com questões de ética. Entre todas essas pesquisas, o psicólogo passou a ter um gosto pessoal por tudo o que pudesse desvendar os mistérios da fé e da mente humana, fazendo questão de se envolver diretamente em tais pesquisas.

Em uma tranquila madrugada, Esdras assistiu uma pequena reportagem sobre o achado de relíquias supostamente pertencentes a Cristo e, imediatamente, decidiu usar sua influência e seu dinheiro para comprar todos os objetos. Dentre as peças adquiridas, a mais menosprezada era um lixeiro, mas foi da análise de seu material que surgiu uma insana ideia: junto aos restos de matéria degradada, encontraram alguns fios de cabelos e pelos, o que levou o empresário a cogitar a hipótese de que esse material pudesse conter informações genéticas de Cristo, e então decidiu que tentaria, a qualquer preço, clonar o homem conhecido como o filho de Deus.

Depois de uma minuciosa análise de todas as relíquias, foram encontradas cinco amostras genéticas distintas, sendo duas femininas, que foram descartadas, e três masculinas, que representaram apenas o início de uma compulsiva busca por mais materiais que pudessem conter dados genéticos de Jesus. Sabe-se que, ao todo, foram coletadas dez amostras diferentes de DNA, mas de onde elas vieram ninguém sabia. Acredita-se que a obsessão do empresário foi tão longe a ponto de obter uma das curetagens do Santo Sudário, a mais famosa relíquia católica: uma peça de linho que, segundo creem muitos fiéis, envolvera o corpo de Cristo após sua morte, ficando cheio de vestígios de seu sangue.

Após finalmente estar satisfeito com o montante de amostras colecionadas, Esdras começou a selecionar os cientistas que trabalhariam no projeto. O primeiro a ser convidado foi Jamal Carniel, um médico de 76 anos especializado em clonagem. Ele já havia chefiado doze grandes projetos. Além disso, toda sua experiência em pesquisas biológicas e biotecnológicas bem-sucedidas e anos de fidelidade a projetos secretos e polêmicos lhe proporcionavam as características ideais para ser um dos membros da equipe.

O segundo cientista convidado foi Gabriel Veltré, um médico de 34 anos, especialista nos segredos do cérebro, famoso por desvendar falsos milagres e provar fisiologicamente muitos mistérios ligados ao cérebro e à fé. Era ateu convicto e considerava qualquer crença religiosa como uma doença que deveria ser extirpada. Apreciava enormemente as discussões acaloradas sobre o assunto.

A terceira cientista convidada foi Abélli Sactra, uma *designer* de *software* de 32 anos, especialista em biorrobótica, com ênfase em inteligência artificial.

O quarto e último cientista convidado se chamava Hiroto Maeda, um engenheiro mecatrônico com 65 anos de idade que trabalhava, desde sua formação acadêmica, no desenvolvimento e na manutenção de robôs.

Cada um dos escolhidos morava em diferentes partes do mundo. A grande facilidade de locomoção pelo globo terrestre e a língua unificada facilitava a formação de grupos tão ecléticos. Este, em especial, tinha uma bela pitada de integração interétnica e internacional: Jamal, afrodescendente de nacionalidade americana, estava atuando na Ásia; Gabriel, homem de pele e olhos claros provindos de seu sangue europeu, tinha nacionalidade africana e atuava na

América do Sul; Abéli, de nacionalidade oceânica, belíssima mulher que mantinha traços físicos de sua ascendência italiana, atuava na Ásia; Hiroto Maeda, de pele amarela e olhos pequenos, fazendo jus à sua descendência oriental, atuava no continente europeu.

Como local para a realização do projeto, foi escolhida uma pequena cidade de 300 mil habitantes chamada Mitiziu, fundada pela MIF na Nigéria.

Esdras era famoso por fazer exigências polêmicas a seus cientistas. Muitos o chamavam de presunçoso, mas a questão é que sua fama também incluía o fato de que aqueles que o desafiavam quase sempre encontravam motivos para se arrepender para o resto de suas vidas. Da mesma forma, sabe-se também que os que o obedeciam eram generosamente recompensados. Todos os cientistas convidados para desenvolver o projeto receberam a oferta de um aumento fixo de, no mínimo, 100% em relação ao salário que estavam ganhando, além de um valoroso prêmio em dinheiro, que variaria de acordo com o nível profissional em que cada um se encontrava. Em contrapartida, deveriam se desvincular completamente de seus trabalhos prévios e mudar para Mitiziu por um período de três meses. Para apimentar ainda mais o acordo de trabalho, tiveram de aceitar a oferta sem receber nenhuma informação a respeito do que seria realizado. Ficou combinado que tudo seria revelado apenas no primeiro dia de trabalho.

Tudo envolvia muito dinheiro, trabalho e sigilo, de tal forma que foram criados diversos grupos de trabalho: a primeira equipe teve o objetivo de buscar materiais genéticos de Cristo sem saber o que motivava a busca; depois, outro grupo ficou responsável por analisar as amostras e deixar tudo pronto para uma possível clonagem, sem saber qual era a origem do material; simultaneamente, uma equipe planejou e orquestrou a construção do laboratório de clonagem, enquanto outro grupo se responsabilizou pela programação da inteligência artificial e pela escolha dos equipamentos necessários.

Todos só receberam as informações suficientes para concretizarem com perfeição suas responsabilidades, de forma que, ao final da estruturação, ninguém, além de Esdras, sabia o que seria idealizado. Para manter o sigilo, ele se incumbiu pessoalmente de fornecer os dados finais à inteligência artificial, apelidada de Maria. Só então marcou a reunião com os cientistas escolhidos para concretizar a clonagem e acompanhar o desenvolvimento dos clones.

No dia combinado, a primeira a chegar foi Abéli. O local era bem afastado da cidade, mais especificamente, uma chácara. Na portaria, não havia ninguém,

a não ser dois robôs, que, ao reconhecer a cientista, permitiram sua entrada, dizendo apenas “Siga em frente”.

Alguns metros dentro da propriedade e já não era mais possível ver a guarita, nem muros, nem nada além da estrada única e das inúmeras árvores. Até mesmo os pensamentos da cientista pareciam aderir àquele vazio: ela não conseguia prestar atenção em nada, a não ser no próprio frio na barriga. O caminho seguiu por mais sete minutos, até que, finalmente, ela avistou o laboratório: uma estrutura pequena, de tamanho até mesmo decepcionante. Só havia uma entrada, e nela, a presença de apenas mais um robô, que foi ao encontro do carro.

– Seja bem-vinda, senhorita Sacra. Entre! – disse ele, apontando para a recepção.

Lá dentro havia um belíssimo sofá, alguns quadros, flores, uma porta fechada e nada mais, para a frustração da cientista.

O próximo a chegar foi Gabriel. Ele pareceu paralisar assim que avistou sua colega.

– Você deve ser Gabriel Veltrer – concluiu ela, sem entender o que havia acontecido.

– Exato! E você deve ser Abéli Sacra – tornou ele, finalmente parecendo voltar a si.

– Muito prazer em conhecê-lo! – disse a cientista, aproximando-se e estendendo a mão para cumprimentá-lo.

– O prazer é todo meu – respondeu ele. – Faz tempo que chegou aqui? – perguntou, em uma tentativa de não deixar a conversa terminar.

– Há uns vinte minutos! Acabei chegando mais cedo na cidade. Por falta do que fazer, vim ao laboratório na esperança de ver gente e descobrir algo sobre o que faremos aqui, mas, como pode ver, só o que encontrei foi esta recepção vazia.

– Eu odeio quando nosso chefe toma atitudes ridículas como fez em relação a nós – falou Gabriel em tom de impaciência. – É uma palhaçada mudar toda a rotina de nossas vidas e simplesmente se negar a dizer o que iremos realizar.

– Eu só tenho a agradecer! – disse ela com uma expressão rígida, sabendo que a conversa naquele ambiente poderia estar sendo ouvida.

Em seguida, Abéli começou a mexer em sua bolsa, obviamente como forma de interromper a conversa. Para o conforto de ambos, Jamal entrou no laboratório, passando a ser o novo foco das atenções.

– Olá! Que bom que vocês já estão aqui! Creio ter visto nosso outro colega se aproximando logo atrás de mim.

Conforme previsto, Hiroto adentrou a sala poucos segundos depois.

– Bom dia – disse ele.

Antes que alguém pudesse dizer mais alguma coisa, foi a vez da inteligência artificial interferir. Uma imagem tridimensional perfeita de uma bela mulher apareceu em um dos cantos da secretaria.

– Olá, sejam bem-vindos! Eu sou Maria! Vou acompanhá-los durante a realização de todo o projeto. Estou programada para tirar todas as dúvidas.

– Então comece explicando o que realizaremos aqui – exigiu Gabriel, interrompendo a continuidade da autoapresentação.

– Vocês foram selecionados para clonar Jesus Cristo!

Todos se entreolharam. Gabriel riu como se tivesse ouvido uma piada.

– E como isso poderia ser possível? – perguntou Jamal.

– Foram recolhidas dez amostras genéticas distintas, potencialmente pertencentes a Cristo.

– Qual a origem desse material? – perguntou Gabriel.

– Esta informação deve permanecer confidencial!

– Não se preocupe, não contaremos a ninguém – respondeu Hiroto, em tom irônico. A ironia era parte constante de sua personalidade.

– Nem eu! – respondeu a inteligência artificial, capaz de perceber e responder a ironias.

– Por que não? – perguntou Jamal.

– Esta informação não está disponível em meu banco de dados!

– E aquele papo de que tiraria todas as nossas dúvidas? – perguntou Gabriel.

– Não inclui informações sigilosas – respondeu Maria.

– Não adianta querer discutir com um computador – disse Hiroto, rindo.

– O jeito é falar com Esdras – complementou Gabriel.

– Uma atitude tão inútil quanto discutir com Maria, e ainda mais idiota – retrucou Hiroto.

– Fale sobre a estrutura física que abrigará esse projeto – pediu Abéli, ansiosa por mais informações, motivada pela decepção tanto em relação à missão como também em relação ao tamanho reduzido da construção.

– A construção está dividida em duas partes. No térreo fica a divisão de menor tamanho, contendo esta recepção, a sala principal onde fica a central dos computadores, uma pequena sala individual para cada um de vocês e duas salas cirúrgicas.

Conforme Maria explicava, imagens correspondentes às partes do laboratório apareciam no telão. Maria continuou:

– Esta recepção é o único local que dá acesso ao laboratório, e vocês são os únicos que possuem permissão para entrar. Qualquer outro acompanhante terá de esperar aqui. O acesso à parte interna do laboratório só será permitido a terceiros com autorização direta de Esdras.

– Mas, e se houver alguma emergência? – perguntou Gabriel.

– Tenho autonomia para avaliar casos de necessidade extrema e liberar o acesso, mas é altamente improvável um acontecimento de magnitude e transparência necessária para isso.

– O que compreende como transparência? – perguntou Gabriel.

– Sou programada para analisar ao máximo qualquer sinal de fraude ou simulação feita para burlar minhas proteções. A transparência corresponde a possibilidade de analisar um fato com perfeição, contatando a impossibilidade de fraude.

– Continue a mostrar a estrutura que utilizaremos – pediu Jamal, demonstrando certa impaciência com a nova interrupção de Gabriel.

– No subsolo, existia uma grande estrutura, criada inicialmente para servir como abrigo antinuclear. O espaço físico foi subdividido em três repartições. Tudo foi readaptado para acomodar as necessidades deste projeto. Uma das repartições deverá acomodar setenta clones, correspondentes a sete indivíduos gerados a partir de cada uma das dez amostras genéticas obtidas, além de dez robôs que imitarão o desenvolvimento humano em todas as suas fases masculinas já a partir dos quatro anos de idade, e mais sessenta robôs que simularão o papel dos seres humanos adultos de sexualidade mista, totalizando, assim, 140 indivíduos. O ambiente é composto por quartos, banheiros, salas, cozinha e um grande refeitório.

Após uma breve pausa, Maria continuou:

– A segunda estrutura é igual à primeira, com praticamente o mesmo número de indivíduos, correspondendo a 73 clones do sexo feminino e mais dez robôs, simulando todas as etapas femininas a partir dos quatro anos, e 65 robôs que simularão os adultos de sexualidade mista. Esse grupo não tem nenhuma finalidade científica direta: sua função principal é apenas a de propiciar uma maior interação social.

– De onde vem o DNA feminino? – perguntou Abélli.

– De um banco de amostras de DNA anônimo. As escolhas foram feitas de forma a acrescentar uma vasta diversidade física e psicológica ao grupo.

– E o que há na terceira estrutura? – perguntou Hiroto.

– A terceira estrutura corresponde à maior parte do abrigo e serve para a interação entre os dois grupos. Ela contém salas onde os robôs que simulam adultos realizarão trabalhos reais e fictícios.

– Como assim? – perguntou Gabriel, interrompendo mais uma vez. Ele demonstrava uma indignação crescente.

– O ambiente é programado para ser autossuficiente. Os clones acreditarão em um contexto de desastre nuclear, onde tudo realmente funcionará de forma a prover todas as necessidades de subsistência. O ambiente terá hospital, escola

equipada com os mais diversificados laboratórios, biblioteca, cinema, sala de jogos, salão de festas, quadras poliesportivas, piscinas, bosque com predominância de árvores frutíferas, um grande campo para produção de alimentos de origem vegetal e animal, e tudo o mais para satisfazer as necessidades básicas e prover qualidade de vida e conforto. Tudo aquilo de que necessitarem deverá ser criado, consertado e monitorado por eles. Quanto ao trabalho fictício, os robôs que desenvolverem o papel dos adultos fingirão manter contato com outros grupos de sobreviventes, que, juntos, estarão supostamente em constante busca de recuperação da atmosfera terrestre.

– Por que fazer sete clones de cada amostra genética? – perguntou Hiroto. – De que adianta analisar tantos seres idênticos?

– Apenas um dos sete indivíduos de cada grupo continuará com a fisionomia natural. Em todos os outros, serão feitas alterações físicas em determinadas etapas da vida. Algo sutil e contínuo, levando a uma completa diferenciação estética. Também manipularemos a forma de tratamento empregada para cada um dos sete, buscando a otimização da análise.

– Traduzindo: alguns receberão belos traços físicos, enquanto outros serão propositalmente feios; teremos em cada grupo meninos mais mimados e protegidos, e outros serão mais castigados e reprimidos. Só assim ofereceremos para nossos “ratos de laboratório” condições ambientais e psicológicas diversificadas o suficiente para uma análise efetiva da personalidade-base oferecida pela genética, sob diferentes estímulos –desabafou Gabriel, chegando ao ápice de sua indignação. – Os robôs que simularão todas as fases de desenvolvimento humano dão o toque final: um deles pode ser o valentão que bate nos outros e apronta, outro pode ser um fanático por religião; no grupo das meninas, poderemos ter a vagabunda, ou então a conselheira. As possibilidades são ilimitadas. É assim que mantemos o equilíbrio entre Deus e o Diabo na vida das cobaias.

– O que eles saberão sobre o mundo externo? – perguntou Abélli.

– Ensinaremos que houve uma guerra mundial que incendiou a atmosfera antes da existência da inteligência artificial moderna. Eles terão acesso a todo nosso conhecimento moderno, excluindo apenas a existência de robôs complexos. O abrigo inclui todos os livros, filmes, músicas, enfim, todos os artefatos culturais feitos até hoje. Eles poderão assistir às nossas ficções científicas e terão acesso às nossas reportagens. Essa possibilidade é considerada crucial para simularmos ao máximo a vida humana real. Para maior interação sociocultural, todos poderão, inclusive, achar que estão se comunicando com pessoas de outros abrigos. São ilimitadas as personalidades com as quais poderão ter contato. Todas elas serão simulações de personalidades humanas feitas por mim – esclareceu Maria.

– Legal! Adoro brincar com essa tecnologia! – comentou Hiroto, em tom

sarcástico.

– E para que você utiliza isto? – perguntou Abélii.

– Diversão! – respondeu o cientista.

– Sexo virtual! – complementou Gabriel. – É febre entre adolescentes. Tô vendo que o nível intelectual deste grupo é mesmo de primeira.

– Não me enche! – exclamou Hiroto.

– A utilidade vai muito além do popular uso adolescente – atalhou Maria, interrompendo proposadamente a discussão. – As possibilidades são ilimitadas: nossos meninos poderão encontrar um companheiro para jogar xadrez, ou então para discutir filosofia, ou ainda para conhecer outras culturas. Essa tecnologia aumenta significativamente a possibilidade de desenvolvimento social e intelectual!

– O que será explicado quanto à origem deles? – perguntou Abélii. – Principalmente em relação a seus pais?

– Acreditarão serem órfãos resgatados de um mesmo hospital!

– E por que fazer clones femininos biológicos se os robôs são capazes de simular todos os diferentes perfis de seres humanos? – continuou perguntando Abélii.

– Aproveitaremos para analisar a real capacidade de suporte para a vida oferecida pelo abrigo, sendo necessária, para um resultado mais significativo, a análise das reações e interações entre humanos de ambos os sexos. Estou programada para fazer vários estudos e análises não relacionadas ao nosso objetivo principal.

– Se tudo tende a ser autossuficiente, qual é exatamente nosso papel neste sistema? – perguntou Gabriel.

– Na primeira etapa, você e Jamal serão responsáveis por organizar e iniciar os procedimentos de clonagem o mais rápido possível, enquanto Abélii me acompanhará na manutenção e aperfeiçoamento da programação geral do sistema. Já Hiroto, como engenheiro mecatrônico, deve se concentrar na manutenção e programação específica dos robôs. Após um período de aproximadamente três meses, vocês já estarão liberados do compromisso de exclusividade com este projeto. A partir daí, podemos considerar como o início da segunda etapa, em que suas funções passarão a ser gerenciar todo o funcionamento, com visitas bimestrais, pequenas manutenções do sistema e análise dos dados que apresentarei periodicamente.

– Que tipo de dados? – perguntou Gabriel.

– A princípio, tudo o que for relevante ao processo administrativo; futuramente, quando começar a haver interação entre os clones, passarei a gerar relatórios psicológicos de cada indivíduo. Sou altamente capaz de analisar e traçar o perfil cognitivo humano.

– E quanto à gerência deste projeto? – perguntou Jamal. – Quem irá liderá-lo?
– Esdras é quem executará a liderança – informou Maria.
– Mas, e entre nós? – questionou Gabriel, pela primeira vez demonstrando interesse.

– Não haverá liderança formal. O gerenciamento ficará dividido em um esquema de pesos, em que você e Jamal irão dividir uma maior influência, tendo, cada um, peso 3 de comando; já Abéli e Hiroto terão peso 1,5. A partir daí, as decisões serão aceitas conforme a soma básica desses pesos.

– Dê um exemplo prático – pediu Gabriel.

– Caso me dê uma ordem, mesmo se Abéli ou Hiroto discordarem de forma isolada, eu obedecerei ao seu pedido, já que considerarei seu peso 3 de comando contra 1,5 de um deles. Porém, se ambos discordarem de sua ordem, ao somar a força da decisão deles, haverá uma equivalência com seu peso de comando. Neste caso, seu pedido só será obedecido se Abéli ou Hiroto mudar de opinião, ou então se Jamal aumentar o peso de decisão concordando com a sua ordem, ou ainda se ocorrer a interferência de Esdras, que tem autonomia máxima.

– E se um de nós estiver sozinho no laboratório? – perguntou Jamal. – As decisões individuais serão sempre obedecidas?

– Pedidos corriqueiros serão obedecidos sem problemas, mas para as ordens que eu julgar de alta relevância será necessário um peso mínimo 6 de comando, que, obedecendo à matemática básica, só pode ser alcançado se os dois líderes concordarem ou se um dos líderes conseguir o aval de seus outros dois colegas de menor peso de comando. Este método de funcionamento evita que um de vocês tente vir ao laboratório sozinho para tomar decisões importantes sem o conhecimento prévio de seus colegas.

– Qual é o critério utilizado para determinar se uma ordem tem alta relevância? – perguntou Gabriel.

– Tudo aquilo que não puder ser desfeito, que afete significativamente o andamento futuro do projeto, que coloque em risco o projeto ou um dos clones, que possa gerar alta probabilidade de discordância dos outros participantes.

– Muito vaga a sua explicação! – disse Gabriel.

– Serão fornecidas, por escrito, explicações mais complexas sobre todo o funcionamento do sistema e das instalações, inclusive sobre meu funcionamento. Ou se preferirem, em outro momento, posso tirar todas as dúvidas, em grupo ou individualmente, de forma mais aprofundada.

– Na verdade, eu já sei bem mais do que preciso saber – anunciou Gabriel, que se encaminhou para a porta de saída, mas ela não se abriu.

– Lamento! Não tenho permissão para deixar que saiam. Peço que permaneça na recepção. Convido aos demais para adentrarem e conhecerem de perto as instalações físicas do laboratório.

Vermelho é a palavra certa para definir o semblante de Gabriel. Ele permaneceu parado, enquanto outros cientistas se encaminharam para a porta de acesso ao interior do laboratório.

A imagem de Maria sumiu e, em poucos segundos, apareceu Esdras.

– Olá! Caro amigo, por que está querendo ir embora?

– Você sabe que não gosto de brincar com a vida humana.

– E quem está brincando?

– Este projeto fará com que mais de 140 seres humanos se tornem ratos de laboratório! Não quero participar!

– Você é o ateu mais ético que conheço! – respondeu Esdras, rindo.

– Eu não preciso me iludir com fé para ter princípios de amor e compaixão à vida alheia. Deus foi odiosamente inventado pelo egocentrismo humano, sob a perspectiva de superioridade, em que sua suposta criação é apenas pó diante de seus olhos. É exatamente por isso que não quero agir como um Deus, brincando com a vida alheia como se fosse nada.

– Pense que é para um bem maior! Sei que sempre dedicou sua vida para livrar a humanidade da fantasia de um Deus criador. Talvez essa seja sua grande chance. Quanto aos clones, eles terão tudo o que um ser humano precisa...

– Tudo uma mentira! Vão viver em uma gaiola de concreto, sendo manipulados durante toda a existência!

– Você está certíssimo! A vida deles será uma completa mentira, isso porque na vida real, com certeza, não existe manipulação – ironizou o empresário. – Seria um absurdo imaginar alguém casando por dinheiro, ou então achar que o repentino carinho de um filho poderia ser motivado por interesses e não por amor.

– Não é nesse sentido que quero dizer...

– Você deve estar querendo falar do meio social. Como, por exemplo, no ambiente de trabalho: o chamado puxa-saco certamente é um injustiçado, pois, com toda certeza, suas ações são motivadas unicamente por amizade e carinho ao patrão querido. E na política: tudo indubitavelmente é feito somente por ideologia. Quanto à mídia, ela jamais tenta manipular o povo! Isso seria um absurdo, pois, no mundo real, com certeza, as pessoas são livres para escolherem o que querem ou não! Que triste vai ser uma vida manipulada como a dos clones, não é mesmo?!

– Você sabe que não é nesse sentido que estou falando!

– Não sei de nada! Por que você não me explica? Só o que sei é que não existe vida real sem manipulação!

– Então me responde uma única coisa: você queria estar no lugar deles?

– Eu não! Mas isso porque eu sou o chefe! – Esdras começou a rir e complementou: – Dentro de um jogo de manipulação chamado vida, eu sou

aquele que manipula. Mas o que posso garantir é que, muito pior do que estar confinado em paredes de concreto, é estar preso na pobreza, tendo que trabalhar muito para ganhar pouco, com pouca ou nenhuma possibilidade de se desenvolver intelectualmente. Isso sim é estar aprisionado! Ou melhor: aprisionado e escravizado! Neste caso, eu, com certeza, preferiria nascer e viver lá dentro do abrigo. Compreenda: o abrigo antinuclear não é uma prisão, mas, sim, uma garantia de liberdade. Lá dentro, nossos clones terão acesso a toda diversão, ciência, religião, sexo e arte que desejarem, ou seja, tudo o que o ser humano precisa para esquecer que nasceu aprisionado em uma carcaça fedorenta, com curto prazo de validade, destinada à total putrefação. Experimente ficar um diazinho sem banho para você ver qual é o cheirinho de sua realidade.

Foi a vez de Gabriel começar a rir.

– Vai dizer que não concorda? – perguntou Esdras.

– Este seu projeto de filosofia ficou muito ridículo!

– Ridículo ou não, é a verdade!

– Não é bem assim, mas é inútil discutir isso! O fato de eu não querer participar deste projeto não é só uma questão ideológica, mas também científica. Sinceramente, acho que você nunca teve uma ideia tão idiota como a que pretende realizar aqui! E olha que já teve muitas ideias idiotas!

– Que tal me dizer o que há de tão errado?

– De onde vêm as amostras genéticas?

– Maria já informou que essa é uma questão confidencial!

– Então me explique ao menos de que tipo de material retirou essas amostras.

– Fios de cabelos, pelos, tecido com sangue...

– Impossível!

– Por quê?

– Como assim, por quê? Quer mesmo que eu responda?

– É claro!

– Até uma criança sabe que o DNA se degrada rapidamente fora das condições ideais. Em um tecido ensanguentado, por exemplo, o gene se degradaria em poucas horas, imagine então depois de milênios! Sabe muito bem disso.

– É incrível como até mesmo os seres humanos mais inteligentes conseguem ser tapados!

– Se tem algo a me ensinar, estou ouvindo!

– Quantas tecnologias você conhece que o mundo acredita serem impossíveis?

– Algumas!

– Então, por que ainda não aprendeu a ter a mente aberta?

– Porque não é a mesma coisa!

– Claro que não! Ler a mente humana com certeza é muito mais fácil do que retirar o DNA de um tecido, certo?

– Retirar o DNA de um tecido milenar é o mesmo que querer tirar o cérebro de alguém de dentro do crânio, bater no liquidificador, esfregar a gosma em um pedaço de tecido e ainda querer ler os pensamentos que esse cérebro continha. Entenda, nos dois casos, não é mais uma questão de tecnologia: simplesmente não existe mais nenhuma informação a ser extraída. Tudo está destruído!

– Está enganado!

– É claro que eu não acredito em você, mas ainda que acreditasse, lamento informar que sua ideia continua sendo absurda.

– Por quê?

– Só para começar, eu insisto em perguntar de onde vieram as amostras. E eu ainda desejo informações mais precisas, mas a resposta é óbvia: só pode ser de antigas relíquias espalhadas pelo mundo, ou pelas ditas descobertas arqueológicas que aparecem de tempos em tempos. Inclusive, existem pelo menos uns três arqueólogos que afirmam terem encontrado até mesmo o caixão contendo o corpo de Cristo.

– Vá direto ao ponto – disse Esdras, após olhar para o lado e conversar rapidamente com alguém. – Acabei de receber uma chamada importante, temos pouco tempo para conversar.

– É claro que não acredito que Cristo subiu aos céus, mas se não acharam um caixão no passado, não acredito que alguém vá encontrá-lo milênios depois. Os discípulos no mínimo deram um sumiço muito do bem dado nos restos mortais dele para sustentar a teoria da ressurreição. Para se ter uma ideia mais clara da dificuldade, imagine que a crucificação era uma pena comum, executada por um longo período. Com certeza, muita, mais muita gente mesmo, morreu dessa forma, e ainda assim, são extremamente raros os corpos encontrados com marcas de pregos provindas de crucificação. Se não me engano, existem menos de vinte. Se, entre milhares, encontramos menos de vinte, calcule então qual a chance de alguém encontrar um corpo específico, o de Cristo, e ainda conseguir reconhecê-lo! Se é que o nazareno realmente existiu algum dia! Muitos estudiosos garantem que tudo não passa de uma invenção literária propagada por questões políticas. Concluindo: é quase certo que o corpo ou os objetos supostamente provenientes do nazareno sejam todos falsos.

– Não é bem assim! Eu acho que...

– Calma! Minha vez de falar! – interrompeu Gabriel. – Vamos imaginar que Jesus realmente tenha existido, e que, por muita sorte, você tenha mesmo encontrado uma relíquia legítima, e mais impossivelmente ainda, vamos imaginar que essa relíquia contenha uma amostra genética viável. Imaginou?

– Sim!

– Ainda assim, isso não significa que ela seja de Cristo. Um fio de cabelo em uma manta, por exemplo, poderia ser de qualquer um dos fiéis que o seguiam e abraçavam em todos os lugares.

– Não é esta a questão!

– Isso mesmo, não é esta a questão! O pior de tudo é que, mesmo que você tenha tido a estrondosa sorte de encontrar uma amostra genética viável do nazareno, ainda assim, este projeto está fadado ao fracasso!

– Por quê?

– Se, dessas amostras, o resultado for apenas garotos normais, qualquer um pode afirmar que a única coisa que provamos é que as amostras eram falsas, ou que o nazareno é muito mais do que a genética que havia em seu corpo. Logo, a fé burra e cega pode escapar intactamente. Entendeu?

– Mas, e se encontrarmos algo de especial?

– Especial, como? Se nascerem indivíduos geniais, por exemplo, poderemos afirmar que Cristo não era nada mais que um homem inteligente, mas qualquer um pode afirmar que realmente encontramos a genética do corpo de Cristo, mas que o que o tornou realmente especial é a alma de Deus, e não apenas as habilidades de seu corpo humano. O pior é que, neste caso, a fé em Cristo poderia até aumentar, e não diminuir. Entende? Vão dizer que encontramos a genética de Cristo, que provamos sua existência fisicamente superior, mas que sua alma ia muito além das habilidades do corpo físico que recriamos.

– Há outras formas de ser especial!

– O que está insinuando? Poderes sobrenaturais? Não ouse desafiar minha inteligência dessa forma!

– Talvez! – disse Esdras.

O empresário ficou em silêncio por alguns instantes. Parecia ter se dado conta de que tudo não passou de perda de tempo. Ao menos era isso que Gabriel estava achando que tinha acontecido. Teoria que veio abaixo quando o empresário respondeu:

– Se tudo der errado, então, ao menos vou ter testada a capacidade de comportar vida oferecida por meu abrigo antinuclear, e também vou ter muito material para analisar e entender um pouco mais a personalidade humana.

– Ótimo! Só não quero participar disso.

– E se der certo? Você vai se perdoar por não ter participado?

– Até parece que não ouviu nada do que falei! É completamente impossível dar certo!

– Só porque não vemos uma saída, não significa que ela não exista! Às vezes precisamos apenas chegar mais perto para poder enxergar.

– Definitivamente, não! Muito obrigado pelo convite.

– Das situações que você acha impossível, ao menos sobre uma eu posso provar imediatamente que está enganado. Amanhã mesmo posso mandar alguém aí para explicar a você a tecnologia de extração de DNA que foi utilizada.

– Não...

– Esta é sua grande chance de conhecê-la, pois tenho motivos para não divulgá-la por muito tempo ainda – disse Esdras, interrompendo a negativa de Gabriel.

– Mas, entenda...

– Entenda você, estou te pedindo que fique, como um favor pessoal! Aceite! – implorou Esdras, em tom pesaroso.

Gabriel pensou e repensou. Suspirou e respondeu:

– Pois bem, então vamos negociar. Me ensine a tecnologia e me dê a liderança do projeto, aí eu fico. Isso em nome de nossa amizade, porque continuo não tendo interesse em ficar.

– Já dividi a liderança em pesos de comando. Não volto atrás em nenhuma das decisões que já tomei.

– Assim fica difícil.

– Aceite! – suplicou Esdras, porém, revelando em sua voz uma entonação de ameaça e impaciência.

– Pois bem! – disse Gabriel, após alguns segundos de silêncio. – Então também quero um favor pessoal!

– Peça!

– Quero que financie meu próximo projeto, oferecendo todos os recursos que eu precisar.

– E que projeto é esse?

– Ainda não tenho nada em mente, mas este acordo é uma boa carta para se ter na manga. Sei que cumpre suas promessas.

– Feito! Eu sabia que você não iria me decepcionar. Agora se apresse, seus colegas estão te esperando.

A reunião com Maria se estendeu por mais duas horas, e os cientistas solicitaram uma lista de materiais e equipamentos complementares. Na manhã seguinte, tudo o que foi solicitado já estava disponível e instalado.

Todos começaram a trabalhar intensamente. Demorou duas semanas de trabalho para que os clones comesçassem a ser produzidos, e dois meses para que não fosse mais necessária a presença dos cientistas.

A partir de cada um dos materiais genéticos, foram formados embriões que se

desenvolveram em incubadoras capazes de reproduzir com perfeição as condições do útero materno, oferecendo ainda mais segurança. A partir desse momento, o tempo se encarregou de continuar o serviço sozinho. O único imprevisto ocorreu no oitavo mês: um dos garotos teve morte súbita. Uma nova clonagem foi imediatamente iniciada para substituir o clone perdido.

Ao final dos tradicionais nove meses, todos os cientistas foram convocados a passar uma semana em Mitiziu para acompanharem a desincubação das crianças. O primeiro dia serviu apenas para preparar o ambiente. No segundo, finalmente ocorreu a desincubação. O procedimento foi completamente executado pelos robôs. Logo após a desincubação, cada um dos bebês recebeu vacinas contendo nanorrobôs que agiriam como anticorpos. Essa já era uma prática comum em todo o mundo, a diferença é que esses nanorrobôs tinham uma característica peculiar: também serviam como um elemento de controle para o projeto. Caso necessário, poderia ser ativada, por meio de Maria, a função de aborto, em que os nanorrobôs receberiam um sinal e imediatamente provocariam diversos colapsos letais nos clones, em qualquer etapa de suas vidas.

No terceiro dia, ainda no período da manhã, todo o laboratório de clonagem foi desmontando, e o feto substituto do falecido foi transferido para uma das salas cirúrgicas. À tarde, Gabriel solicitou permissão para realizar alguns exames, por sua conta, em todos os bebês. Ele e Hiroto, que estava fazendo a revisão preventiva nos robôs, foram os únicos que efetivamente trabalharam. Ao anoitecer, iniciou-se a reunião de despedida. Já não havia mais nada a ser feito.

– Sucesso é a palavra perfeita para iniciar nossa reunião – disse Jamal. – Tudo seguiu como previsto. Agora, basta esperarmos para colher os frutos do nosso serviço.

– Frutos eu não sei, mas fraldas, com certeza! – ironizou Hiroto.

– Não seja assim tão cético! – repreendeu Gabriel.

– Não estou te reconhecendo – disparou Hiroto. – Logo você, que sempre foi o que mais desacreditou neste projeto, vem falar isso para mim.

– Há poucos minutos, descobri algo que começou a mudar minhas perspectivas!

– E o que foi que descobriu? – perguntou Abéli, entusiasmada.

– Todos sabem que fiz vários exames durante esta tarde, e a novidade é que o grupo de clones número 7, que corresponde ao grupo da criança que morreu ainda na incubadora, apresenta características incomuns na estrutura cerebral.

– E o que isso significa? – perguntou Abéli.

– Não é possível dizer ao certo. Pensei muito, mas preciso pensar e analisar muito mais. A princípio, acredito que esses garotos poderão desenvolver uma inteligência superior.

– De que forma você define inteligência? – perguntou Hiroto. – Capacidade

matemática? Raciocínio rápido? Memória? Facilidade de aprendizado? São tão amplas as possibilidades de se definir inteligência!

– Vou fazer algumas perguntas a você, peço que me responda da forma mais rápida e objetiva possível. Você é capaz de me explicar detalhadamente o funcionamento de cada órgão do seu corpo?

– Por que isso? – perguntou Hiroto, irritado.

– Apenas responda – retrucou rapidamente Gabriel. – Você é capaz?

– Não! Não estudei medicina!

– Mas e se eu perguntasse para Maria, ela seria capaz de me responder quanto ao funcionamento do corpo humano, ou até mesmo do sistema funcional dela própria?

– É óbvio que sim.

– E se eu der um complexo problema matemático para vocês dois resolverem, quem será mais rápido e preciso?

– Sabe que é ela!

– Se eu der uma palestra de três horas de duração para vocês dois, no dia seguinte, quem será capaz de reproduzir com perfeição tudo o que falei?

– Já chega! Deixa de ser idiota!

– Não precisa responder. Todos nós sabemos que é ela! Agora, eu que te pergunto: então ela é mais inteligente que você?

– Não!

– Como não? Ela tem mais conhecimento, maior capacidade de aprendizagem, raciocínio matemático e lógico mais rápido e preciso, é capaz de interpretar dados com maior eficiência!

– Que tal ir direto ao ponto relevante? – sugeriu Hiroto, impaciente.

– Preciso de uma linha de raciocínio para responder.

– Maria é baseada em um sistema estímulo-resposta que simula a inteligência humana. Tudo não passa de um truque computacional, utilizando a física quântica interligada a um poderoso banco de dados inconsciente – atalhou Abéli, vendo que Hiroto se negaria a continuar respondendo.

– Este é exatamente o ponto a que quero chegar – disse Gabriel. – Maria não possui inteligência real. Todos sabemos disso, mas, ironicamente, ela supera a capacidade humana em quase todos os conceitos atribuídos à inteligência.

– Não estamos entendendo aonde quer chegar – disse Jamal.

– Só preciso que alguém me responda a apenas mais uma pergunta. O que falta para Maria poder ser considerada inteligente? – perguntou Gabriel.

– Consciência – respondeu Abéli.

– Exato! Consciência! Mas o que é consciência? Pensem bem: capacidade matemática, raciocínio rápido, memória, facilidade de aprendizado são, na

verdade, apenas ferramentas da consciência. Ferramentas essas muito simples de compreender como também de imitar, tanto que as recriamos com capacidades superiores à nossa, em forma de computadores. No entanto, os computadores não passam de apenas mais uma de nossas máquinas de uso doméstico ou empresarial. Por outro lado, nem ao menos conseguimos compreender com exatidão o que é a consciência. Irônico, não é mesmo? Não conseguimos compreender a nossa própria capacidade de compreender! Eis que a nossa consciência é estrutura mais complexa que podemos imaginar.

– Certo! – disse Jamal. – Explica de uma vez o que você espera ao dizer que nossos meninos desenvolverão uma inteligência superior?

– Eu espero uma inteligência superior no sentido de uma consciência superior.

– E o que é uma consciência superior? – perguntou Jamal, já impaciente.

– É a capacidade de utilizar de forma simultânea todas as ferramentas da inteligência. Por exemplo: memória visual e auditiva funcionando simultaneamente com raciocínio lógico e matemático, unidos a uma criatividade extremamente aguçada. Essa criatividade, para mim, é a “materialização” da própria consciência, sendo algo que vai além do raciocínio lógico-matemático – falou Gabriel, empolgando e ao mesmo tempo constrangido ao ver as feições de seus colegas. Tentou complementar sua explicação:

– Imaginem um cientista que, com devaneios visuais, comece a utilizar toda a sua capacidade intelectual para imaginar a solução de seus problemas. Algo que vá além da própria lógica! É meio complicado de explicar...

– Você está querendo dizer o mesmo que Albert Einstein explicou quando falou que o pensamento lógico pode levar você de A a B, mas a imaginação te leva A qualquer parte do universo – disse Hiroto.

– Pelo que estou entendendo, Einstein é em si a explicação! – concluiu Abéli.

– Como assim? – perguntou Gabriel.

– Ele não era nenhuma calculadora ambulante, muito menos tinha uma grande memória. É certo que tinha um QI muito elevado, mas nada que justifique em si o que ele foi, pois em todas as gerações nasce muita gente com coeficiente de inteligência mais elevado que o que foi calculado para ele.

– Eu tenho! – disse Hiroto.

– O que comprova que só ter um alto QI não significa tanta coisa assim! – prosseguiu Abéli, em tom de brincadeira. – Quanto a Einstein, se dermos ênfase à sua alta capacidade criativa, considerando-a como expressão da própria consciência, então podemos dizer que, além de apuradas ferramentas da inteligência, ele tinha uma consciência superior. Esse conceito, se levado em consideração como verdade, poderia elucidar a intrigante raridade da inteligência desse grande cientista, que vai além de suas capacidades intelectuais analisadas de forma isolada.

– Exato – concordou Gabriel. – É isso mesmo que estava tentando explicar!

– Deixe-me ver se entendi bem – disse Hiroto. – Alguém com essas características poderia se utilizar de uma percepção de mundo e do ser humano extremamente aguçada para inventar uma religião, sendo capaz, inclusive, por meio dos mecanismos de uma criatividade extremamente aguçada, de arquitetar respostas rápidas e inteligentes a perguntas complexas. Eis a imagem de Cristo!

– Exato! Perfeito! – respondeu Gabriel. – E não é apenas isso. A estrutura cerebral que me parece ser mais eficiente, ao mesmo tempo, cria um sistema mais frágil. Para ser mais exato, acredito que esses meninos poderão desenvolver uma forma de esquizofrenia.

– Como assim? Consegue me explicar isso melhor sem conseguir me irritar? – provocou Hiroto.

– Ora, todos nós sabemos quais são os sintomas da esquizofrenia: alterações de pensamento, alucinações, delírios, dentre outros sintomas – respondeu Gabriel.

– Ou seja. Teremos clones extremamente criativos, mais do que o suficiente para inventar uma religião, que potencialmente terão alta percepção da psicologia humana, e que, ainda por cima, podem ser esquizofrênicos, de forma que não será nem um pouco estranho se um deles realmente acreditar ser o próprio Deus vivo – argumentou Jamal. – Esta sim é uma definição perfeita para Jesus!

– Levando em conta que, em se tratando de religião, devido a uma carência existencial, até mesmo os homens inteligentes e são podem facilmente se tornar fanáticos, não é assim tão difícil entender como a loucura de um único homem deu início a um delírio coletivo, que continua sendo perpetuado até hoje – complementou Gabriel.

– Calma aí! – protestou Abéli. – É claro que temos motivos para estarmos entusiasmados, mas, ainda assim, e até mesmo por isso, acho que está muito cedo para qualquer conclusão. Não se esqueçam de que somos cientistas: não trabalhamos com adivinhações, e sim com provas, de preferência muito bem documentadas.

– O que está esperando, cara colega? Milagres? – questionou Gabriel, demonstrando irritação. – Posso garantir que, se tivermos algum resultado, vamos estar bem perto dessa nossa “adivinhação”. Eu não me espantarei se acabarmos concluindo esse projeto exatamente com o que acabamos de discutir.

– Na verdade, nossa colega está certa – ponderou Jamal. – Ainda é muito cedo para qualquer tipo de especulação, por mais que você possa estar completamente certo. Vamos estudar mais! Quero uma cópia de suas análises. O cérebro humano não é minha especialidade médica, mas, quem sabe, eu possa contribuir de alguma forma. Falando nisso, quero lembrar a todos que a partir de amanhã já começaremos a receber relatórios diários sobre a vida de nossos

clones para analisarmos.

– Sinceramente, por muito tempo, não terei o menor interesse nesses relatórios – disse Hiroto, em tom de desprezo. – O que poderemos descobrir? Quanto cada criança cagou e chorou por dia?

Todos riram, quebrando um pouco do clima pesado que havia se formado. A conversa seguiu rumos mais técnicos por mais meia hora. Finalmente, chegou o momento da despedida. Depois de mais risadas e apertos de mão, todos partiram.

Abéli tinha pressa. Passou rapidamente em seu hotel para pegar as malas e saiu da cidade. Hiroto, ainda mais apressado, já estava com todos os seus pertences no carro. Gabriel passou em seu apartamento, tomou banho e foi para um restaurante. O prato foi carne de cordeiro, acompanhado por um bom vinho tinto, só que ele se deliciava mais com seus pensamentos, focados nos resultados dos exames cerebrais dos clones, do que com a própria comida. Ele decidiu que permaneceria em Mitiziu por mais alguns dias, até analisar melhor os resultados. Preferia ficar por perto, pois não descartava a necessidade de fazer mais exames nos meninos do grupo 7. A única coisa que o incomodava era saber que Jamal também ficaria na cidade enquanto ele estivesse ali.

Gabriel terminou sua refeição, comprou biscoitos, chocolate e refrigerante para a maratona de estudos que planejava para a madrugada. Voltou para seu apartamento, onde organizou todo seu material, mas nem deu tempo de começar a estudá-los. Seus planos foram subitamente trucidados com uma ligação de Maria, que alertou quanto à ocorrência de parada cardiorrespiratória em um dos clones. O cientista largou tudo e foi para o laboratório.

Durante o trajeto, Gabriel começou a se consumir com o medo de que fosse novamente um dos meninos do grupo 7. Para acabar com a dúvida, bastaria perguntar a Maria, mas ele sentia que já sabia a resposta. Seu silêncio provinha do sentimento de que, momentaneamente, preferia sofrer com a dúvida a sofrer com a confirmação de seus temores.

Dez minutos se passaram, e a voz da inteligência artificial ecoou em seu carro, confirmando a inevitável morte do menino. Nesse momento, a vontade de saber o grupo ao qual o falecido pertencia foi quase explosiva; ainda assim, ele permaneceu em silêncio: simplesmente, não conseguiu perguntar. Foi nesse momento que percebeu o quanto estava envolvido na experiência e apaixonado pelo projeto.

Após alguns minutos, ocorreu uma nova chamada. Agora era Jamal.

– Onde você está?

– Chegando à guarita externa do laboratório – disse Gabriel.

– Ótimo, eu acabei de estacionar em frente à recepção. Estou esperando!

– Entrou em contato com Abéli e Hiroto também? – perguntou Gabriel.

– Sim, Abéli deve demorar duas horas para chegar, e Hiroto vai demorar um

pouco mais que ela. Até lá, vamos ver se descobrimos o que aconteceu.

– Ótimo!

– É lamentável perdermos mais um de nossos meninos favoritos – comentou Jamal.

O comentário confirmou os temores de Gabriel. Um turbilhão de pensamentos e teorias povoou sua mente, tanto que não conseguiu mais se concentrar em nada durante o restante do trajeto.

Os dois médicos desceram juntos à sala de clonagem e assistiram à gravação das tentativas de ressuscitação. Não havia nenhuma causa aparente para a morte, que até o momento era caracterizada como falência generalizada dos órgãos.

O primeiro procedimento realizado após a morte foi a aplicação de uma dose cavalgar de nanorrobôs específicos para autópsias, que iam desde micromilímetros até meio centímetro de espessura, cada qual com finalidades específicas. Na sequência, Maria orquestrou uma análise completa por meio de tomografia tectostométrica. Nada foi descoberto.

Gabriel resolveu retirar uma amostra do cérebro para análises químicas e físicas, enquanto Jamal se concentrou em analisar os outros garotos pertencentes à mesma amostra genética. Logo na segunda criança analisada, mais uma terrível surpresa.

– Há algo de muito errado aqui! – gritou Jamal.

– O quê?

– O menino respira normalmente, mas não acorda, nem responde a estímulos. Está em estado de coma.

– Não é possível! – exclamou Gabriel, que correu para ver o menino.

– O que está acontecendo? – perguntou Esdras, que apareceu na imagem tridimensional dentro do laboratório. – Recebi um alerta indicando a morte de um de nossos garotos.

– E há outro que parece estar em coma – respondeu Jamal. – O pior é que os dois meninos correspondem ao mesmo grupo do clone que faleceu ainda na fase de incubação.

– Por que eles estão morrendo?

– Não sabemos ainda – disse Gabriel.

– Descubram! Vou deixá-los em paz para trabalhar, mas quero um relatório completo antes do fim desta madrugada. Amanhã faremos uma reunião às nove horas.

– Como parte do relatório, indico que assista aos primeiros minutos da reunião que realizamos hoje, ao final da tarde – recomendou Gabriel. – Nem todas as notícias são ruins. Obtivemos resultados incríveis!

– Assistirei! Até amanhã!

A imagem do empresário sumiu tão repentinamente quanto surgiu. A partir

daí, o trabalho frenético seguiu em frente.

Uma hora e meia depois, Abéli chegou ao laboratório. Mais vinte minutos e foi a vez de Hiroto. Mas nenhum deles poderia realmente ser útil: permaneciam apenas como telespectadores da crescente agonia dos médicos.

– Os resultados foram inconclusivos – disse Abéli, ao conferir os dados de mais um dos inúmeros exames.

– Droga! – reclamou Gabriel. – Já são quatro da madrugada e não encontramos nada de palpável. Falando nisso, acho que você e Hiroto poderiam ir descansar. Não adianta continuarem aqui.

– De forma nenhuma! Somos uma equipe. Enquanto alguém continuar aqui, é aqui que ficarei. – decidiu Abéli.

– Nosso colega tem razão – complementou Jamal. – Vocês podem ser mais úteis amanhã, descansados. Se conheço bem Esdras, poderemos ter novidades. Ele sempre é uma caixinha de surpresas. É bom termos parte da equipe bem descansada.

– Então, por que não vamos todos embora? – sugeriu Hiroto. – Está óbvio que vocês dois já fizeram tudo o que podiam. Agora, Maria pode muito bem terminar as análises que estão em andamento!

– O pior é que você tem razão – ponderou Gabriel.

Na verdade, Gabriel não tinha nenhum intuito de parar de trabalhar, mas ele se deu conta de que, a essa altura da noite, a melhor forma de se preparar para reunião era estudar mais sobre o possível funcionamento da estrutura cerebral desses clones, e ele teria muito mais privacidade para isso em seu apartamento.

– Pois bem, está decidido! – disse Gabriel. – Em dez minutos, finalizo o relatório que Esdras solicitou, depois vamos todos embora.

Ao retornar para o apartamento, Gabriel começou a analisar compulsivamente o resultado dos exames. Convenceu-se de que a estrutura cerebral era razão mais do que suficiente para explicar as mortes. O que mais o assustava naquele momento era a ideia de que aquela estrutura parecia ser totalmente inviável para a sobrevivência, devido à sua fragilidade. O único motivo para ele não acreditar plenamente nisso era o fato de que a amostra genética proveio de um ser adulto, que conseguiu sobreviver em tempos primitivos sem nenhum tipo de tratamento, e que os outros bebês continuavam sobrevivendo.

Suas dúvidas o massacravam em forma de perguntas repetitivas que não saíam de sua cabeça. Quantos garotos sobreviverão? Até quando sobreviverão? Qual seria a probabilidade de sobrevivência? E se ninguém sobreviver, o que isso significaria?

Já eram sete e meia da manhã quando o cientista interrompeu sua pesquisa. Ele tomou um longo banho e se aprontou para retornar ao laboratório. Olhou o

relógio: ainda estava cedo para sair. Então se sentou em uma poltrona, remoendo todos os acontecimentos do dia. Em meio a um turbilhão de pensamentos, acabou adormecendo. Quando se deu conta, já eram nove horas da manhã. Levantou-se rapidamente e foi direto para o laboratório. Ao chegar, a reunião já estava em andamento.

Quando Gabriel adentrou a sala principal, Esdras, ao avistá-lo, disse:

– Que bom que chegou! Acabamos de tomar decisões importantes.

– Que decisões?

– Depois de ver no relatório que vocês não conseguiram achar um motivo aparente para a morte do clone...

– Na verdade, acho que achamos, sim! – interrompeu Gabriel.

– E qual é?

– Acredito que a causa da morte esteja na estrutura cerebral, que é sensível a ponto de causar colapsos na comunicação neural, levando a algo comparável a um curto-circuito, o que, por consequência, acarreta a falência múltipla dos órgãos. Essa fragilidade, eu já tinha previsto hoje à tarde, antes do falecimento.

– De fato. Assisti à reunião, fiquei impressionado com suas descobertas. Tudo indica que você está certo! A questão é: o que podemos fazer para evitar essas mortes?

– Estou estudando isto!

– Mas, a princípio, você não pode fazer nada. Certo?

– A princípio, não! – assumiu Gabriel.

– Então, levando em conta que não podemos fazer nada em relação à saúde deles, e que esses garotos passaram a ser o centro de nossas atenções, nós resolvemos dar uma destinação diferenciada a um deles!

– Como assim?

– Um deles será dado em adoção – informou Esdras.

– Achamos que será interessante analisar um desses bebês junto a uma família comum – completou Jamal. – O sistema criado em laboratório é bom, mas nada se compara à oportunidade de analisar um desses meninos em meio aos carinhos e frustrações que somente uma família e o mundo real podem proporcionar.

– Não creio que devamos tirar nenhum desses clones daqui – contestou Gabriel. – Não há como manter um acompanhamento à altura que o projeto exige. Acabaremos perdendo o controle do projeto ao expor um desses garotos ao mundo.

– Quanto a manter um acompanhamento adequado – argumentou Abélii, – é possível implantar uma microcâmera em sua córnea e um microfone em seu pescoço. Esses aparelhos são completamente imperceptíveis, e irão gravar tudo o que nosso menino ver, ouvir ou falar durante sua vida. Por meio desses dados, a

inteligência artificial será capaz de analisar o garoto com a mesma eficiência com que analisará os demais clones do laboratório.

– Você sabe muito bem que nossa tecnologia permite total autonomia de análise, apenas não quer perder a sua sensação de controle – provocou Esdras. – Mas vai ter que se acostumar com a ideia. Para ser mais claro, já selecionei uma possível família.

– Que loucura!

– A decisão já foi tomada antes mesmo do início da reunião. Se serve de consolo, saiba que não há nada que você pudesse ter feito, mesmo que tivesse chegado pontualmente! Inclusive, já ordenei que um de meus funcionários entrasse em contato com a família ainda hoje.

– Podemos ao menos saber um pouco mais sobre essa família? – perguntou Gabriel.

– O casal mora aqui na cidade, não possui filhos. O marido se chama Otach. Ele é um advogado bastante ambicioso, perdeu muito dinheiro há pouco tempo. Acredito que bastará oferecer uma boa promoção para que aceite prontamente a adoção. A mulher se chama Sofia. Ela é uma professora adorável, será uma mãe perfeita. Fique tranquilo, caso o casal aceite a adoção, vocês vão receber um histórico completo sobre eles.

– E quanto à origem do garoto, o que pretende dizer? – perguntou Gabriel.

– Não se preocupe. O garoto será adotado como um órfão abandonado! Sem nenhum registro ou história!

– Mais alguma novidade? – perguntou Gabriel, demonstrando sua insatisfação.

– Decidimos produzir cem novos clones dessa amostra genética. A ideia é manter mais uns cinquenta aqui em ambiente controlado, e colocar os outros cinquenta para serem adotados por famílias espalhadas pelo mundo. Obviamente, cuidaremos para que nenhum deles mantenha a mesma fisionomia.

– Não concordo, mas sei que não adianta discutir. O que me interessa agora é continuar minha autópsia e as análises no menino em coma o mais rápido possível. – disse Gabriel.

– Não vai, não! Lamento. Montei uma equipe para analisar os dois meninos.

– Assim não dá! – vociferou Gabriel, extremamente enfurecido. – Pare!

– Não adianta reclamar, já mandei alguém buscá-los. Você já teve sua chance de estudá-los, agora se contente em analisar os dados e as amostras que já tem.

– Ao menos me dê mais algum tempo.

– Não existe razão para isso. A equipe que criei tem meu melhor especialista em autópsias, dois grandes pesquisadores do estado de coma, quatro neurocientistas e dois clínicos gerais de alto escalão. Tudo o que for possível descobrir, eles descobrirão. Você terá os meninos saudáveis para estudar, é neles

que deve concentrar sua energia e tempo.

Durante o resto da reunião, Gabriel permaneceu calado, com a cara fechada. Ao final, saiu sem se despedir de ninguém. Quando já estava perto de seu carro, Abélli gritou:

– Gabriel, espera! – ela se aproximou. – Será que não existe nada que possamos fazer para convencer Esdras a deixar o corpo do menino falecido e do que está em coma aqui?

– Vejo que Esdras nunca interferiu diretamente em seus projetos.

– Realmente, não!

– Muitos de meus trabalhos foram de interesse particular de nosso chefe. Conheço-o bem, e, acredite, não há nada que possamos fazer. Já o enfrentei diversas vezes e estou pagando por isso até hoje.

– De que forma?

– Não quero falar sobre isso.

– Tudo bem. Então, até logo! – disse ela, meio sem jeito, e começou a se dirigir para seu próprio carro.

– Você está com fome? – perguntou Gabriel.

– Sim! Bastante!

– Gostaria de me acompanhar até algum lugar próximo? – convidou Gabriel, também sem jeito. – Estou morrendo de fome, não como desde... Sabe que nem lembro quando foi a última vez que comi.

– Adoraria! – respondeu ela, surpresa com o convite. – Vá na frente que eu o seguirei.

– OK!

Otach remexia em seus documentos. Esperava inquieto a visita do misterioso homem que ele sabia fazer parte dos assessores de nível 3 da MIF. A inquietação provinha do conhecimento de que esse é o tipo de visita rara que normalmente muda completamente a vida de quem a recebe.

– Tenho hora marcada – disse o homem para a secretária eletrônica.

– Pode entrar. O doutor está o aguardando!

Otach assistiu à chegada através das câmeras em sua recepção. Deu uma última ajeitada em sua gravata. Assim que a porta se abriu, Otach se levantou, cumprimentou-o e convidou:

– Sente-se! Estou curioso para saber o que o trouxe aqui!

– Ótimo! Vamos direto ao assunto. Tenho uma proposta bastante incomum: queremos achar uma boa família para um órfão abandonado e, em meio aos registros, você e sua esposa foram selecionados como possíveis candidatos à

adoção. Devo ressaltar que, caso aceite, será recompensado.

– De que forma?

– A empresa encaminhará para seu escritório uma boa quantidade de processos todos os meses.

– Seja mais claro! De quanto será o meu provável lucro?

– Mais do que o suficiente para pagar suas dívidas antes que sua esposa descubra que perdeu muito mais do que o valor dos bens que possuem. Digamos que é o suficiente para te oferecer uma vida muito tranquila, e até para alimentar seu vício em jogos!

– Vou pensar em sua oferta.

– Não há tempo para pensar. Quero um posicionamento agora, ou passarei a oportunidade adiante.

– De onde vem esse menino?

– É apenas um órfão abandonado. Não há nada a saber! Isso não passa de uma missão filantrópica.

– Eu aceito, mas preciso conversar com minha esposa.

– Tudo bem! O importante para mim é que aceite. Quanto à sua esposa, terá tempo para convencê-la.

– Quanto tempo?

– O dia todo! Me dê uma resposta definitiva amanhã de manhã.

– Vou ver o que consigo.

– Quer fotos e vídeos da criança para mostrar a ela?

– Claro! Toda ajuda será bem-vinda.

Gabriel e Abéli pararam em uma bela lanchonete. O que os atraíram foi o delicioso cheiro de comida caseira que vinha do seu interior. Passaram mais de uma hora conversando de forma descontraída.

Eles haviam se tornado bons amigos durante a realização da primeira etapa do projeto. Seus colegas achavam até mesmo que os dois estavam mantendo um relacionamento às escondidas, mas ambos jamais haviam se encontrado a sós fora do laboratório.

Por um breve instante, faltou assunto, tempo suficiente para que Abéli resolvesse se livrar de uma dúvida que a acompanhava há muito tempo.

– Lembra-se do dia em que nos conhecemos?

– Lembro! Por quê?

– Eu nunca me esqueci do exato segundo em que você entrou na recepção. Por alguns segundos, me olhou de uma forma estranha... Um olhar profundo,

que eu nunca consegui esquecer!

Gabriel, que até este momento estava descontraído, passou a demonstrar certa tensão, causada pela pergunta. Para ele, estava claro que a conversa tomaria um rumo sério e perigoso.

– Consegue lembrar o que foi que pensou naquele momento? – perguntou ela.

– Eu não sei se vai nos fazer bem entrar nesse assunto – respondeu ele, após alguns segundos de reflexão.

– Por favor, não vai me deixar mais um ano pensando nisso, vai? – provocou ela, em tom de brincadeira.

– A resposta é bastante complexa e provavelmente decepcionante. Quer mesmo que eu explique? – Sua expressão deixou bem clara a seriedade do assunto.

– Quero sim! – retrucou ela, agora também em tom sério.

– Lembra-se de hoje, quando falei a você que estou pagando por ter enfrentado Esdras?

– Aham!

– Sei que pareço estar mudando completamente de assunto – disse ele, meio sem jeito, – mas, acredite, estou tentando responder a sua pergunta, só que existe todo um contexto a ser criado antes disso.

– Tudo bem! Já me acostumei com sua forma excêntrica e detalhista de responder a qualquer pergunta.

– Antes de mais nada, existem algumas características sobre nosso chefe que é preciso que você conheça. Só assim poderá entender onde pretendo chegar.

– Estou ouvindo!

– Esdras mantém uma pré-seleção de cientistas, que eu acredito ter mais ou menos umas duas mil pessoas, as quais busca conhecer plenamente. Ele investiga e estuda a vida dessas pessoas de forma extremamente aprofundada e sempre as utiliza em projetos secretos, perigosos e de seu interesse pessoal.

– Quem entra nessa pré-seleção?

– Pessoas que de alguma forma se destacaram a ponto de chamar a atenção dele, seja por uma carreira sólida na empresa, galgando postos cada vez mais altos, ou por realizarem descobertas de alta relevância. No meu caso, ele me conheceu ao se interessar por um de meus trabalhos ainda na época da faculdade.

– E qual é a importância de me contar isso?

– Quero que saiba que nosso chefe seleciona muito mais que conhecimento científico. Ele busca encontrar as melhores personalidades para cada serviço, tentando prever até mesmo a forma de interação social que cada indivíduo terá dentro do grupo.

– Você poderia me dar alguns exemplos de características que foram

selecionadas em nosso grupo?

– Não tenho certeza, mas suspeito de algumas...

– Fale!

– Nossa equipe foi formada por cientistas com um alto grau de ceticismo: eu abomino religião e dedico minha vida a combatê-la; Jamal e Hiroto não gostam de discutir o assunto, mas também são ateus convictos; você é a única que mantém a crença em algo que chama de uma força maior, mas, ainda assim, não participa de nenhum tipo de culto religioso e muito menos pratica rituais de fé.

– Tem mais exemplos?

– Todos nós somos pessoas solitárias, sem nenhuma família constantemente próxima. Você é a única que mantém visitas mais frequentes a seus pais, mas é solteira e sem filhos.

– E qual o interesse em selecionar pessoas afastadas de suas famílias?

– Isso eu não sei te dizer. Apenas constatei que é uma característica de nosso grupo que provavelmente foi considerada como critério essencial para a sua formação, mas não sei prever o que se passa na cabeça daquele psicólogo meio doido e, ao mesmo tempo, bastante genial.

– Está começando a me convencer! – Ela fez cara de reflexão e perguntou: – É impressão minha ou eu sou sempre uma exceção? Vejamos: sou a única que mantém fé em um Deus, a única que mantém um contato mais constante com a família. E o que mais?

– A única mulher!

– Por que acha que ele poderia preferir homens? – perguntou ela, desta vez meio ofendida.

– Também não sei.

Após uma pequena pausa vasculhando a mente em busca de respostas, ele complementou:

– Acredito que o motivo é o mesmo que levou nosso chefe a selecionar pessoas céticas e sem família: acho que ele buscava pessoas que não se deixassem influenciar por fé, compaixão, culpa, piedade ou qualquer sentimento que possa induzir os resultados do projeto. No geral, vocês mulheres são mais dotadas de sentimentos nobres, como compaixão e carinho. O problema é que um trabalho como este não tolera tais sentimentos. O ideal para realizar algo assim é encontrar monstros malvados de sangue frio, sem nenhuma piedade. Mas isso é só uma suposição minha!

Abélii pareceu mergulhar em seus próprios pensamentos.

– No que está pensando? – perguntou Gabriel.

– Em nosso primeiro dia nesse projeto. Na primeira vez em que Esdras entrou em contato conosco, fiquei em choque. Parecia algo completamente surreal, um

verdadeiro sonho. De repente, lá estava eu conversando com o homem mais importante do mundo sobre um experimento secreto. Mas, tão marcante quanto conhecê-lo de perto foi perceber que só eu fiquei chocada, o que me fez acreditar que vocês três já conheciam nosso chefe de perto. Depois, logo percebi que parecia haver um pacto quanto a não fazer perguntas relacionadas à vida profissional, algo que não precisou ser combinado, porque todos pareciam ter segredos a esconder, fora eu, é claro.

Após uma breve pausa, acrescentou:

– Em cada detalhe, eu percebia estar dentro de um mundo que não me pertencia: sempre parecia haver algo que só eu não sabia! Agora sei que é exatamente isso, só eu não fazia parte desse tal seleto grupo de dois mil cientistas. – Após uma risadinha amarela, ela complementou: – Tá aí mais uma coisa em que sou exceção.

– Isso mesmo! Por minha sorte, é exatamente nesse fato que eu queria chegar.

– Ótimo, então me explica. Por que eu fui escolhida? Por que colocaram uma mortal no meio dos “deuses da ciência”? Eu tenho certeza de que não fiz nada que tenha chamado a atenção de Esdras!

– Nosso chefe conhece a fundo os cientistas de seu interesse, mas ele também mantém uma equipe de psicólogos cuja única função é a de investigar e encontrar personalidades em todo mundo que possam ser úteis para seus joguinhos.

– E o que encontraram em mim?

– Ainda preciso esclarecer mais algumas coisinhas antes de poder responder a isso – disse Gabriel, meio sem jeito.

– Então, anda logo!

– Ao longo dos anos, consegui impressionar Esdras com grandes descobertas, mas tenho uma personalidade muito forte: sempre fui extremamente rebelde e muitas vezes o desafiei.

– De que forma o desafiei?

– Da última vez, por exemplo, eu fiquei irritado com certas intervenções em meu trabalho e, por impulso, destruí parte de um experimento e fui para casa. Ele ficou tão bravo que mandou atrás de mim uns trogloditas que quase me mataram.

– Depois disso, como continuou trabalhando para ele?

– No final, eu provei que estava certo quanto aos motivos de minha indignação; porém, tenho consciência de que isso não muda o fato de que eu não poderia ter detonado o trabalho de um ano. Por fim, ele pediu desculpas, eu também me desculpei, refizemos tudo de novo e foi um sucesso.

– Não me convenceu!

– Como assim?

– Com tantos cientistas à disposição, por que ele insiste em arriscar a enfrentar sua inconsciência? Meu objetivo não é te ofender, mas... deixe-me ver como te digo isto...

– Não precisa escolher palavras. Seja direta, não me ofenderei!

– Por lógica, ele não deveria confiar um projeto como este a alguém em quem sabe não poder confiar!

– Não é bem assim: de certa forma, ele confia plenamente em mim, pois sabe exatamente o que pode ou não esperar de mim.

– Como assim? – foi a vez dela de perguntar.

– Sou uma pessoa extremamente idealista! Nosso chefe sabe que eu nunca o trairia por dinheiro, fama ou poder; mas sabe também que esse mesmo idealismo, que me torna confiável sob uma perspectiva, me faz ir tão longe quanto possível para provar a verdade em que acredito. O pior é que é exatamente isso que me torna muito bom no que eu faço. Entende?

– Sim! Só não entendo aonde quer chegar. Já deu tantas voltas em sua explicação, que já nem sei mais o que está querendo me dizer.

– Primeiro, quero que perceba o seguinte: essa experiência não precisava de acompanhamento humano direto. Para Esdras, bastaria contratar uma equipe para fazer as clonagens sem que seus integrantes soubessem que se tratava da possível genética de Cristo. E depois contratar outra equipe apenas para fazer manutenções periódicas nos robôs e sistemas, também sem saberem de que se trata o projeto, de forma que Maria seria capaz de gerenciar todo o resto sozinha.

– Já pensei nisso. No fundo, somos obsoletos. Por que estão estamos aqui?

– Sei que vou parecer presunçoso. A verdade é que o único que Esdras realmente queria que estivesse aqui sou eu. Quando se trata de desvendar mistérios da mente humana e da fé, eu sou o cientista preferido de nosso chefe.

– É! Lembro que, quando tentou desistir, no primeiro dia, ele insistiu pessoalmente para que ficasse.

– A verdade é que o resto da equipe tem como verdadeira função estabelecer certo controle sobre mim e minhas decisões!

– E como poderíamos fazer isso?

– Exemplo: Esdras sabe que eu acredito que a liderança desse projeto deveria ser minha, eu tenho meus motivos para isso. E ele sabe também que Jamal pensa da mesma forma. Logo, essa divisão da liderança, somada às nossas personalidades, sem dúvida nos tornariam rivais rapidamente. Você sabe o quanto nosso colega é mandão!

– Sei, sim! Igualzinho a você! Inclusive, lembro bem que vocês conseguiram se estranhar já no primeiro dia, e acabaram brigando de fato antes do final da primeira semana de serviço.

– Exato! Foi então que, com muito esforço, passei a controlar minha personalidade ao máximo e deixei que Jamal assumisse um papel aparente de líder. Perceba que, nas conversas com Esdras e no início de nossas reuniões, é ele quase sempre o primeiro a falar, como também é quase sempre ele que tem a última palavra em nossas decisões e no final de cada reunião.

– E por que se presta a esse papel?

– No início, como não tinha interesse no projeto, achei que não tinha motivos para me desgastar nessa briga. Agora, é melhor deixá-lo se sentir dominador do que tê-lo como um inimigo sempre no meu pé. Ou seja, eu não tenho muita escolha.

– Então, o papel dele é controlar sua força de liderança e decisão, seja por bem, ou por mal!

– Isso! Mas não me entenda mal, não estou subestimando nosso colega. Ele certamente é um profissional extremamente capacitado e inteligente. É óbvio que não vai prejudicar o projeto por simples birra contra mim, e também é certo que tem muito a contribuir. O objetivo de Esdras de me controlar não elimina o enfoque em contratar alguém com alta capacidade para contribuir para a missão, tanto tecnicamente como gerencialmente!

– E quanto a Hiroto?

– Ele tem uma rebeldia incomum que mistura irreverência, orgulho e autoestima de uma forma única. É do tipo que ninguém consegue manipular ou ter como aliado convicto, pois sua personalidade inconstante o torna imprevisível. Caso eu e Jamal discordemos, temos sempre que estar lutando com unhas e dentes para conseguir a aprovação dele em cada nova decisão.

– Ou seja, Esdras sabe que você é um manipulador. Então o cerca de pessoas difíceis de manipular!

– Além disso, Hiroto é completamente fiel a Esdras.

– Isso também já percebi. Esdras é o único que ele respeita!

– Respeita e venera – retrucou Gabriel, – o que o torna perfeito para participar de um empreendimento dessa magnitude!

– Realmente!

– E não podemos esquecer que ele é muito inteligente. É certo que tem muito a contribuir tecnicamente. Nosso colega disse ter o QI maior do que o de Einstein e eu não duvido disso, apesar de sempre agir como um moleque mimado.

– Acho que finalmente chegou a hora de me dizer qual é o meu papel dentro desse joguinho!

– Você se parece muito com um grande amor que perdi no passado. Não sei qual o objetivo de nosso chefe com isso, mas ele sabia que mexeria com minha cabeça e sentimentos de todas as formas possíveis. Isso certamente faz parte dos joguinhos psicológicos dele!

– Então é esta a resposta. Aquele olhar no primeiro dia em que me viu foi em decorrência de minha semelhança com essa mulher!

– É isso mesmo! Decepcionada?

– Não! Por que eu estaria? – respondeu ela, tentando demonstrar indiferença.

– Só estou atordoada com essa enxurrada de informações.

– É provável que sua semelhança tenha sido o motivo inicial de sua seleção. Mas pode ter certeza de que eles te estudaram nos mínimos detalhes. Se chegou até aqui, é porque tem as qualidades necessárias.

– Sim. Sou um monstro!

– Não é isso que quis dizer!

– Eu sei, você quis puxar meu saco! Mas a verdade é esta: além de parecer com esse seu antigo amor, eles devem ter percebido que não tenho coração o suficiente para participar desse projeto! – disse ela, rindo.

– Para mim, você é a única exceção nesse quesito também!

– Aceitei ficar e participar, então, sou igualzinha a vocês! Ao menos igualzinha quando se trata de coração, pois sou apenas uma isca nesse projeto. Não tente enfeitar as coisas, não é necessário!

– Percebi que, no final da reunião de ontem, você estava extremamente apressada para ir embora. Por que tanta pressa? Com o que está trabalhando agora?

– Pesquisas!

– Que tipo de pesquisas?

– Nada importante!

– É! Vejo que entrou de cabeça no tal grupo dos dois mil! Já está cheia de segredos!

– O que está tentando insinuar?

– Que chamou a atenção de Esdras com seu talento, eficiência e confiabilidade, de forma que continua sendo utilizada em outros projetos. Não fique se diminuindo! É certo que tem excelentes qualidades profissionais, e que não estaria aqui se isso não tivesse sido previamente constatado.

– Pare de tentar puxar meu saco! – ela riu e complementou: – Nossa! Como isso ficou melodramático! Que nojo!

– Não estou puxando seu saco! – Após as bochechas de Gabriel avermelharem, ele complementou: – Estou tentando dizer que, naquele primeiro dia, o que chamou minha atenção foi sua semelhança com alguém que amei muito, mas, acredite, depois, o que me impressionou muito mais foi sua personalidade única.

Após uma rápida pausa, em que Gabriel mostrava certo nervosismo ao tentar encontrar palavras, ele complementou:

– Você é, com toda certeza, um dos seres humanos mais interessantes que

conheci na minha vida.

- Muito obrigada! – respondeu ela.
- Agora acreditou em mim?
- Digamos que desta vez sou sincero!
- Que bom! – disse ele, ainda mais envergonhado.

O clima ficou estranho, ouve um breve silêncio, mas Abéli atalhou rapidamente para não deixar a conversa acabar:

- Acabei de me dar conta de algo bem estranho.
- O quê?

- De que esse seu antigo amor foi a primeira coisa que descobri sobre sua vida pessoal. O seu silêncio foi sempre muito além dos limites estabelecidos pelos segredos da vida profissional. Você sabe tudo sobre minha vida particular, e eu sei várias coisas sobre a vida de nossos colegas, mas ninguém sabe nada sobre você. Nunca nos contou nem sequer uma história engraçada de infância, nem ao menos mencionou o nome de alguém de sua família.

- Perdoe-me, mas não quero falar sobre isso! – Gabriel olhou para o relógio e disse: – Nossa! Não percebi que a hora passou tão rápido! Tenho um compromisso importante. Já estou atrasado, preciso ir. Você foi minha convidada, eu pago a conta!

- Espera! – disse ela.

- Tenho mesmo que ir, depois conversamos mais – disse ele, claramente fugindo.

Gabriel não deu tempo para que nada mais fosse dito. Em poucos segundos, pagou a conta e foi embora.

Otatch retornou para casa no horário de almoço. Assim que abriu a porta, avistou sua esposa sentada no sofá. Ele respirou fundo, sentou ao lado dela e disse:

- Tenho novidades!
- Novidade boa ou ruim?
- É algo completamente incomum.
- Já está me assustando!
- Esdras resolveu ajudar um órfão a encontrar uma família!
- E foi escolhido para advogar no caso?
- Não é bem isso!
- Então, o que é?
- Nós fomos selecionados como possíveis candidatos à adoção!

– Quê?

– Pode parecer estranho, mas é bem isso que você ouviu. Fomos selecionados...

– Você nunca quis ser pai! – interrompeu ela, levantando-se e afastando-se do marido.

– Mas estou levando em consideração que você sempre quis ser mãe! Se não quer, tudo bem, esqueça!

– Acha que sou idiota? É obvio que há algum interesse por trás disso!

– Que interesse?

– Não se faça de idiota! Eu é que pergunto: o que vai ganhar? Não ouse mentir para mim!

– Nada!

– Nunca vai parar de mentir, não é mesmo? – Sofia começou a chorar.

– Queria...

– Pare! Não abra a boca para mentir mais uma vez! – gritou ela. – Eu já não aguento mais.

– Deixe-me explicar.

– Então me explique de onde vem esse garoto!

– É apenas um órfão abandonado! – disse ele, fazendo cara e tom de voz de coitado.

– Não tem jeito, né? Você não vai falar nada!

– Querida...

– Pare! Você é mesmo muito descarado! Eu sempre quis ser mãe, mas você sempre abominou crianças, podou meus sonhos, e agora me vem com essa.

– Eu queria te agradar! – disse ele, em tom ainda mais desamparado. Até mesmo ousou lacrimejar.

– Filho por amor, nem pensar, mas por dinheiro, aí sim, né? Como eu pude me apaixonar por alguém como você? Isso sim é muito difícil de entender!

Ela foi para o quarto e se trancou. Ele foi atrás, mas achou melhor deixá-la em paz.

O advogado resolveu voltar para o seu escritório. Começou a temer que Sofia finalmente tivesse coragem de pedir o divórcio. O que o assustava ainda mais era saber que, mais cedo ou mais tarde, ela descobriria sobre as pesadas dívidas.

O temor de Otach aumentou ainda mais quando, nem meia hora depois, sua esposa apareceu na secretaria querendo conversar. Otach permitiu a entrada e respirou fundo. Assim que ela abriu a porta, ele se levantou e começou a dizer:

– Desculpe, querida...

– Espere! Não fale nada. Eu aceito a adoção!

O advogado ficou paralisado. Simplesmente não compreendia como ela

poderia ter mudado de ideia. Na verdade, nem ela saberia explicar.

Otach havia mandado os vídeos do bebê para o e-mail pessoal dela antes de conversarem. Após a briga, ela os acessou, e a vontade de ser mãe daquela criança tomou conta de seu pensamento de uma forma inexplicável, de modo que sua indignação se transformou em ternura.

Otach não perdeu tempo. No mesmo dia, informou ao negociador a aceitação de sua esposa. Logo em seguida, todo o processo burocrático foi iniciado. Demorou apenas uma semana para que o menino fosse legalmente adotado como órfão e entregue aos braços de Sofia. O nome escolhido foi Davi.

O projeto logo entrou em nova fase de inércia. Assim que Davi foi enviado à sua família adotiva, Abéli e Hiroto retornaram para suas casas e trabalhos fixos.

O clone em coma morreu dois dias após ser levado do laboratório, e nem duas semanas depois ocorreu a morte de mais um dos meninos do mesmo grupo. Seu corpo foi entregue a Gabriel, que permaneceu na cidade de Mitizu para estudá-lo e aos outros garotos vivos.

Os falecimentos não cessaram: demorou um mês para o próximo falecimento, e outros dois meses se passaram para que o último clone do laboratório, representante dessa amostra genética, não resistisse.

Davi, como único sobrevivente, passou a ser o centro das atenções. Em uma reunião, os cientistas cogitaram a hipótese de trazê-lo de volta ao laboratório, ideia que Esdras vetou rapidamente. A única decisão importante foi que, além dos cem novos embriões que já estavam sendo produzidos, resolveram iniciar mais quatrocentos clones, prevendo que haveria um grande número de mortos.

Onze anos

Davi, aos onze anos de idade, era um garoto tranquilo e tímido: gostava mais de ouvir que de falar. Muito carinhoso, apegou-se demasiadamente à sua mãe, talvez para compensar a falta de atenção de Otach.

Como de hábito, naquele dia, o advogado chegou do trabalho na hora do almoço, comeu e foi assistir televisão. Davi sentou-se próximo a ele, mas sua presença foi ignorada. Logo passou uma reportagem policial sobre um ladrão que bateu seu automóvel a uma velocidade extraordinária, saiu vivo e ainda estava conseguindo escapar, sendo que, pela amplitude do acidente, esse homem deveria ter sido cortado em pedaços. Revoltado, Otach começou a desfiar seu costumeiro repertório de reclamações:

– Bandido não morre! O diabo ajuda esses desgraçados a sobreviver! Como eu queria matar um desgraçado desses...

Davi, que cresceu vendo o mesmo showzinho todos os dias, sempre permanecia calado, mas, desta vez, resolveu perguntar:

– Pai, por que você sempre acha que é o diabo que ajuda? Por que não pode ser Deus?

– Que pergunta mais idiota, moleque! Eu esperava que você fosse um pouquinho mais esperto! – respondeu o advogado, bastante irritado.

– Acredita mesmo em Deus pai?

– Quem anda enchendo sua cabeça de besteira? É algum professor?

– Não! Fiz apenas uma observação lógica. Eu leio a bíblia, sabia?

– Lógica? – Otach deu uma gargalhada estrondosa. – Nossa, muito lógica mesmo! Então tá bom, agora fique quieto que eu quero assistir televisão!

– Não vai me deixar explicar? – perguntou Davi, com uma entonação séria, digna de respeito se ele fosse uns dez anos mais velho.

– Vamos lá, então! Pode começar! – disse o advogado, em tom de deboche.

– Se estamos falando em Deus e diabo é porque acreditamos que exista algo além da morte, e se realmente existe, então sabemos que uma das bases da crença cristã é a de que essa vida é apenas uma passagem, onde as boas e más pessoas serão separadas, certo?

– Certíssimo, e é isso mesmo que eu quero fazer. Quero ajudar o Grande Pai a mandar esse tipo de gente para o quinto dos infernos, onde é o lugar deles. É em nome de Deus que eu desejo a pena de morte!

– Como tem coragem de falar com tanta confiança sobre um Deus que nunca buscou conhecer?

– Esse tipo de gente rouba, estupra, mata pessoas de bem por motivos banais. Não é preciso ler a bíblia para saber que é um favor para Deus e para humanidade acabar com essa raça. Você é mesmo muito bobinho para sua idade! Agora, me deixe assistir o noticiário em paz!

– “Não julgue para não ser julgado!”. Se você lesse a bíblia, teria lido isso.

– Saia daqui, vá para o seu quarto! – gritou Otach, perdendo completamente a paciência.

Davi se levantou com lágrimas nos olhos, mas não se retirou. Em vez disso, começou a dizer:

– Isso mesmo, pai, você tem razão. Vamos limpar esse mundo de assassinos, ladrões, vamos mandar tudo para o inferno. Mas também não podemos nos esquecer de forma alguma dos adúlteros e daqueles que levantam falsos testemunhos, pois pessoas assim, que são corruptos, traidores e hipócritas, formam a base de toda essa sujeira que você gostaria de limpar!

– Saia! Eu já disse!

– Só mais uma perguntinha: como vão suas gambiarras judiciais?

– Cale a boca, moleque! Tá querendo apanhar?

– E como vai a amante?

– O que foi que você disse? – perguntou Otach, meio atordoado.

– Não julgue para não ser julgado!

Nesse momento, Otach se levantou e foi rapidamente em direção a Davi, agarrou-o pelo cabelo e, após um forte chacoalhão, lançou-o com violência para cima do sofá.

– De onde você tirou essa história, garoto?

– Dos seus olhos mentirosos!

O advogado tirou o cinto e começou a bater com força em Davi, repetindo:

– Fala! Fala!

Quando Otach parou de espancá-lo por alguns instantes, Davi respondeu, em meio a lágrimas:

– Antes de querer tirar o cisco no olho do seu vizinho, tire primeiro o trave do seu! Isto também está na bíblia, sabia?

Nesse momento, Otach se descontrolou completamente:

– Você continua me enfrentando, moleque? – gritou ele.

O advogado agarrou Davi pelos cabelos, deu alguns chacoalhões e, dessa vez, lançou-o ao chão. Ao cair, o menino tentou fugir, engatinhando, mas seu pai o agarrou pelas pernas e o lançou contra o armário a seu lado.

– Me responda! Vamos, responda! – insistiu Otach.

Davi virou-se de barriga para cima, contorcendo-se de dor.

– Eu não sei! – disse ele, em meio a lágrimas.

– Responda!

– É verdade! Eu não sei, foram seus olhos! Às vezes, eu posso sentir seus pensamentos!

– Você é realmente retardado ou simplesmente quer arranjar confusão? Pare de ficar inventando coisas na sua cabeça!

– Ainda quer que eu responda, pai?

– O quê? – perguntou Otach, furioso.

– Quer que eu diga por que pode ser Deus quem salvou a vida daquele homem da reportagem?

– Pare com isso, seu débil mental! – gritou Otach.

Ele voltou a bater em Davi, que ainda estava no chão. Em seguida, complementou:

– Você realmente tem problema na cabeça, menino, e vai acabar arranjan-do confusão para sua mãe!

– Eu só quero te ajudar! – disse Davi, em meio a mais lágrimas.

– Então feche essa matraca!

Otach agarrou seu filho pela camisa o jogou no sofá.

– Espero que você tenha entendido bem. Não abra o bico para sua mãe. Está me entendendo?

– Estou.

Após a resposta, o advogado saiu de casa, furioso.

A violência de Otach fez com que Maria enviasse um alerta a todos os cientistas.

Gabriel assistiu à gravação da briga assim que recebeu o aviso. Dez minutos depois, a inteligência artificial emitiu um novo alerta, que indicava a presença do advogado na guarita do laboratório solicitando permissão para entrar.

– O que ele deseja? – perguntou prontamente Gabriel.

– Ele quer adiantar os exames anuais que realizamos em Davi!

– No mínimo, deve mesmo estar achando que o menino é louco! – comentou Gabriel, mais para si mesmo do que para Maria. Em seguida, complementou: – Deixe que entre, e quando chegar à recepção, dope-o!

Otach recebeu autorização para entrar no mesmo instante.

Enquanto o advogado fazia o percurso em direção à recepção, Gabriel perguntou para Maria:

– Sabe me dizer se Otach costuma deixar algum tipo de aviso para a esposa quando se atrasa e não pode atender a ligações?

Maria, vistoriando em segundos as gravações feitas de Davi, respondeu:

– Ele programa sua secretária, que está interligada ao robô doméstico, para dar o aviso à Sofia assim que ela chegar em casa. O aviso é adiantado apenas se ela tentar ligar para ele.

– Pode simular uma ligação de Otach pedindo para que seu robô recepcionista desmarque todos os compromissos desta tarde e deixar recado para a esposa de que provavelmente vai se atrasar e de que estará incomunicável!?

– É perfeitamente possível!

– Então, faça isso!

Otach estacionou seu carro e foi até a recepção. Assim que a porta se abriu, o advogado foi atacado por dois robôs. Tudo foi muito rápido, sem que houvesse tempo de pronunciar uma única palavra ou esboçar qualquer reação.

Gabriel assistiu a tudo, e então começou a fazer as suas malas. Cinco minutos depois, Jamal entrou em contato:

– Está louco? Só agora pude responder às chamadas de Maria, e não estou acreditando no que ela me diz que você fez! Para que fim dopou Otach?

– A princípio, para ganhar tempo.

– Que ideia mais idiota! E depois? Como vamos explicar para ele...?

– Espere. Abéli está tentando me ligar, vou incluí-la na chamada! – disse Gabriel.

– Pirou de vez? – perguntou Abéli, assim que foi adicionada na conversa.

– Confiem em mim!

– Como vamos explicar para o advogado o que fizemos com ele? – insistiu Jamal.

– Isso não será problema, eu garanto!

– O que pretende com essa idiotice? – perguntou Abéli.

– Não podemos perder tempo, já estou pronto para ir até o laboratório! Que tal nos encontrarmos lá?

– Diga de uma vez o que pretende! – gritou Jamal, furioso.

– Eu ainda estou pensando. Tenho muitas ideias, mas elas ainda precisam ser amadurecidas! Pela complexidade das soluções que tenho em mente, será primordial que as analisemos em grupo!

– Seu imbecil! – gritou Jamal.

– O fato é que Otach poderia ter causado danos sérios a Davi, hoje, e precisamos fazer algo para que isso não ocorra novamente! Eu tive que aproveitar a oportunidade!

– Tá! Não adianta ficar discutindo. O estrago já está feito! – disse Jamal. – Entrarei em contato com Hiroto para convocá-lo. Vamos nos encontrar no laboratório o mais rápido possível!

Após a surra, Davi permaneceu estendido no sofá, esperando que a dor em suas costas diminuísse. O jovem garoto limpou suas lágrimas e foi direto para a sua cama. Deitou-se e permaneceu estático em meio a uma concentração enigmática, mantendo um pequeno sorriso em seu rosto.

Sofia não estava almoçando em casa nessa semana, pois participava da organização de uma semana acadêmica na faculdade em que trabalhava. Ela não tinha tempo nem para respirar direito, mas, quase como se estivesse sentindo que havia algo de errado, resolveu ligar para casa. Davi limpou as lágrimas rapidamente, levantou-se da cama e atendeu sua mãe.

- Já almoçou, filho?
- Já, sim.
- Seu pai já foi para o trabalho?
- Aham.

Não havia nenhum hematoma aparente, pois a tecnologia dos nanorrobôs reconstruíam os vasos sanguíneos rapidamente. Tudo parecia estar em ordem, mas um aperto no coração de Sofia indicava que algo não estava normal.

- Tudo bem com você?
- Sim! – respondeu ele, dando um sorriso.
- Então vá se arrumar, ou vai acabar se atrasando para a escola.

Gabriel foi o primeiro a chegar até o laboratório, uma hora e meia depois do aprisionamento. Retirou algumas aparelhagens de seu carro e foi direto até a sala principal, onde começou a trabalhar em um computador pessoal.

Uma hora depois, Abélli chegou.

- Boa tarde! – disse ela, cordialmente.
- Olá! – tornou ele, que levantou imediatamente para cumprimentá-la e perguntou: – Não está mais furiosa comigo?
- E adianta ficar?
- Não muito! – respondeu ele.
- O que está fazendo?
- Uma programação. Acho que poderá ser útil.
- Programação do quê? Achei que sua especialidade era medicina. Programação é a minha área de atuação! – disse ela, em tom de brincadeira.
- Infelizmente, não posso explicar. – respondeu ele.
- OK – disse ela, agora mais acostumada a segredos. – Então me diz o que

achou da briga entre pai e filho.

- O menino é mais bobinho do que eu esperava!
- Eu fiquei bastante impressionada com a eloquência dele!
- Que eloquência?
- Ele se expressou...

- ... de uma forma ridícula! – complementou Gabriel, interrompendo sua colega. – Ele vive lendo a bíblia e, mesmo assim, não tem nenhuma noção de religião. É totalmente bobinho e descontrolado!

- Que exagero! Ele é novinho!

- Já é grande o suficiente para não ter ideias tão idiotas. Eu estou bem decepcionado com a capacidade intelectual dele. Esperava muito mais!

- Está exagerando, pois a bíblia é um livro que possui muitas possibilidades de interpretação...

- Não! Não! Não! Pode parar! – disse Gabriel, agora irritado. – O Deus idealizado no Antigo Testamento era duro e vingativo: foi ele que instituiu a pena de morte, o que significa que não salvava, mas, pelo contrário, mandava matar infelizes. Quanto a Jesus, realmente assumiu uma postura mais amena, não tendo, inclusive, nada a ver com a imagem que a própria bíblia criou de Deus. Entretanto, ele também não disse nada que pudesse embasar a ideia de anjinhos salvando gente ruim enquanto pessoas de bem morrem a todo instante, das piores atrocidades possíveis. Se isso fosse verdade, seria algo bastante injusto, não acha? Anjos ocupados em salvar bandidos e, por isso, sem tempo para salvar as pessoas de bem das mãos desses mesmos bandidos!

- Não sei!
- Como assim, não sabe?

- Eu só poderia julgar as ideias de Davi se ele tivesse tido a oportunidade de se explicar. É uma pena que Otach não tenha dado essa oportunidade a ele!

- Eu também acho uma pena, pois a ingenuidade de Davi teria ficado ainda mais evidente se ele tivesse tentado explicar o inexplicável!

- Acho que está julgando de forma exagerada! Só isso!

- Não estou julgando, estou apenas analisando os fatos. Inclusive, já tenho toda uma teoria para explicar o que está se passando com Davi, mas é certo que discutiremos isso daqui a pouco, quando nossos outros colegas chegarem. Então, quero aproveitar enquanto ainda estamos sozinhos para fazer um pedido.

- Pedir, você pode! Se vou atender, aí já é outra história!

- Eu só quero pedir um voto de confiança! Tenho planos bem incomuns para Otach...

- Para pedir confiança, é preciso confiar quando pedem o mesmo a você! – disse ela, interrompendo Gabriel.

- Por favor, não misture o que estou pedindo com nossa vida pessoal. O que

quero é realizar, profissionalmente, o melhor para todos nós...

– Eu serei bastante profissional ao analisar o que planejou. Não vou nem favorecê-lo, nem desfavorecê-lo por motivos pessoais – disse ela, interrompendo seu colega mais uma vez. – Defenderei o que eu achar melhor para o projeto.

– Entendo! Foi um pedido idiota!

– Muito idiota!

– Certo!

– Já que não quer me contar nada sobre o que está planejando, vou aproveitar o tempo restante para fazer algumas ligações. Preciso reorganizar o trabalho que deixei para trás por sua causa!

Gabriel ficou em silêncio, e Abéli foi para sua sala particular. Só após ela fechar a porta, ele voltou para seu computador e continuou o trabalho.

Demorou mais vinte minutos para que Hiroto chegasse, e depois mais meia hora para a chegada de Jamal. Todos se reuniram na sala principal.

– Desculpem o atraso, tive alguns imprevistos – disse Jamal. – Agora, precisamos decidir rapidamente o que faremos com Otach. Nosso tempo é curto, logo vão começar a procurar por ele. Isso se já não estiverem procurando.

– Não estão! – disse Gabriel.

– Como sabe? – perguntou Hiroto.

– Pedi a Maria que ligasse para o escritório de Otach se fazendo passar por ele!

– Com que objetivo?

– Ele supostamente ligou para sua secretária desmarcando todas as suas tarefas para esta tarde, pois apareceu um atendimento emergencial. Inclusive, Sofia será avisada de que ele provavelmente chegará tarde e que estará incomunicável!

– Ótima ideia! – disse Jamal. – Depois da cagada que fez, ao menos conseguiu ganhar tempo!

– Se me permitir, tenho outras boas ideias que gostaria de compartilhar.

– Estamos ouvindo! – disse Jamal.

– Minha ideia é apagar a memória do advogado desde pouco antes do momento em que Davi perguntou sobre a suposta amante. Pretendo induzir, a partir desse instante, falsas lembranças de que o garoto voltou para seu quarto sem mais discussão. A partir disso, pretendo criar uma falsa memória para que ele acredite que realmente foi fazer um atendimento emergencial a um cliente. Ele vai acreditar até mesmo que ligou para seu robô recepcionista desmarcando seus atendimentos e deixando à sua esposa o aviso sobre o possível atraso!

– É mesmo possível introduzir memórias falsas nas pessoas? – perguntou Hiroto, rindo. – O mundo está perdido! É o fim dos tempos!

– Sabe realizar esse procedimento? – perguntou Abéli.

– Sim!

– E é possível realizá-lo aqui e agora? – perguntou novamente ela.

– Tranquilamente! Já vim preparado para isso!

– Já ouvi alguma coisa sobre técnicas de indução de memórias – disse Jamal, – mas como fica o dia de amanhã, já que esse suposto cliente não existe?

– A intenção é induzir que o serviço acabou não dando em nada. Um dia de trabalho perdido, por assim dizer. Assim, o cliente não precisa realmente existir, como também não haverá documentações.

– Se isso realmente for possível, temos a solução para resolver essa burrada e justificar o tempo e o dinheiro gastos desnecessariamente! – disse Hiroto.

– Pretendo mais que isso! – disse Gabriel.

– Então fale! – retrucou Jamal.

– Se me permitem, antes de explicar o que pretendo realizar, gostaria de dar um diagnóstico quanto às reações de Davi.

– Vá em frente – encorajou Jamal.

– O que vimos esta noite não passa da materialização da fragilidade cognitiva que previ para Davi logo após seu nascimento. Diversos sintomas já me levavam a esperar por um acontecimento como o de hoje.

– Que sintomas são esses? – perguntou Abélli, curiosa.

– Todos sabem que faz quase um ano que o clone começou a demonstrar um grande interesse por religião, e faz mais ou menos três meses que começou a ler a bíblia de forma bastante compulsiva...

– Já discutimos sobre isso em nossa última reunião... – lembrou Jamal.

– Sim, mas o que não discutimos foi que, no último mês, ele se afastou de boa parte das atividades de diversão em grupo que antes participava na escola, e também se afastou um pouco da mãe, à qual sempre foi tão ligado, e há três dias começou a apresentar picos emotivos mais elevados. Isso já me fazia esperar por uma briga, ou em casa, ou na escola, principalmente envolvendo o assunto religião.

– Esses acontecimentos estão bem documentados nos últimos relatórios de Maria, mas não são reações incomuns para essa idade de transição que é a pré-adolescência. Por isso, não foi dada nenhuma ênfase especial a esses fatos até este momento – rebateu Jamal.

– Eu também era uma criança bastante esquisita – brincou Hiroto. – E não tinha nada de errado comigo!

– É, mas hoje ele passou a demonstrar confusão de pensamento – disse Gabriel.

– Como assim? – perguntou Abélli.

– Um bom exemplo é o momento em que perguntou ao advogado por que não poderia ser Deus quem estava salvando o ladrão. Faz sentido para alguém Deus

salvar um ladrão?

– Teria que ser um Deus bem burro! – retrucou Hiroto.

– Deus punia crimes com rigor no Antigo Testamento... – começou a dizer Gabriel.

– A famosa lei mosaica: olho por olho, dente por dente! – atalhou Jamal, para interromper Gabriel. – Realmente, não faz sentido um Deus que castigava quem cometia pecados sair por aí salvando gente das consequências de seus pecados! Acho que todos concordamos com isso, então, nem pense em começar a filosofar sobre o assunto!

– Continue falando sobre Davi - disse Hiroto

– Tá, vamos lá: Davi afirmou ter descoberto sobre a amante de seu pai ao ouvir os pensamentos dele. Podemos caracterizar isso como delírio, pois, pelo que vi, é bem possível que ele realmente acredite no que disse – complementou Gabriel.

– E o que conclui com isso tudo? – indagou Jamal.

– Todos esses sintomas: compulsão, isolamento, picos emotivos, confusão de pensamento e delírios, são típicos de esquizofrenia infantil. Isso, com certeza, Maria não percebeu! – disse Gabriel, com um sorriso triunfante.

Após breve pausa, ele complementou:

– Devem se lembrar que, há onze anos, através dos exames que realizei, eu já tinha concluído que Davi teria uma alta probabilidade de desenvolver essa doença mental.

– É uma análise bastante interessante – disse Jamal.

– Obrigado! – respondeu Gabriel. – O que pretendo fazer agora é aproveitar a lavagem cerebral de Otach para inserir pensamentos pré-programados em seu subconsciente. Através desse método, eu poderei induzi-lo a uma nova conversa sobre religião com Davi, dentro dos parâmetros que eu desejo!

– Com que objetivo? – perguntou Hiroto.

– Meu objetivo é deixar bem clara a confusão mental do clone! Se tivermos sorte, provarei também a presença de delírios! E se conseguirmos isso, finalmente poderemos começar a provar que o homem conhecido como o filho de Deus era apenas um esquizofrênico.

– Só não estou vendo nenhum sinal da inteligência que previu que ele teria! – disse Hiroto.

– Realmente! Nesse sentido, também estou decepcionado, mas ele parece amadurecer mais lentamente. Acho que seu intelecto ainda vai se aprimorar.

– Veremos! – disse Hiroto.

– De qualquer forma, acho que estamos nos encaminhando para a resolução do mais patético e grandioso enigma da frequentemente equivocada história da humanidade, especialmente no que diz respeito ao Cristianismo! – concluiu

Gabriel.

– Eu deixei que terminasse de expor suas ideias, mas quero dizer que não concordo com a utilização do método da lavagem cerebral! – posicionou-se Jamal.

– E por que não?

– Como eu disse, sei um pouco sobre a teoria relacionada a técnicas de lavagem cerebral, e até onde sei, o corpo humano não aceita muito facilmente esse tipo de intervenção. Principalmente quando tentamos transformar pessoas em marionetes ao tentar induzir ideias e ações futuras.

– Como assim, não aceita? – perguntou Abéli. – O que acontece?

– Eu ouvi dizer que existe risco de morte durante o procedimento, ou de o procedimento levar à insanidade mental. Sei também que, posteriormente, o paciente pode recuperar a memória, o que não seria nada bom para nós. Ou então, pode apresentar colapsos mentais, depressão, surtos de violência e inúmeros outros efeitos colaterais.

– Imaginem se o advogado enlouquece e mata Davi! – comentou Hiroto. – Sem chances de levarmos isso em frente!

– Temos que arranjar uma solução mais segura! – agregou Abéli.

– Não é bem assim! – posicionou-se Gabriel – Essa teoria que Jamal apresentou já está completamente ultrapassada. Eu garanto que a tecnologia é totalmente segura.

– Sabemos o quanto você é impulsivo! – disse Hiroto. – Como poderemos saber que não está mentindo só para poder realizar o que deseja?

– Até porque, oficialmente, essa tecnologia só existe na teoria! – disse Jamal.

– Todos aqui sabem que a MIF esconde muitos segredos. Se estou dizendo que a tecnologia existe, é porque é verdade!

– Não estou duvidando disso! – replicou Jamal. – Estou afirmando que não temos como comprovar que essa tecnologia seja tão segura quanto está dizendo.

– Terão que confiar em mim, pois o único que poderia confirmar o que estou dizendo é Esdras, mas sei que ele está de férias e faz questão de ficar incommunicável! – disse Gabriel.

– Sei disso! – disse Jamal. – Bastante conveniente para você!

– Conveniente, não! – replicou Gabriel, irritado. – Isso é totalmente inconveniente, pois estou falando a verdade! Sou o maior interessado no bem-estar de Davi! Não iria arriscar a segurança dele!

– E o que o faz acreditar nisso? – perguntou Abéli.

– É complicado para explicar!

– E por que não tenta? – provocou ela.

Gabriel permaneceu alguns segundos em silêncio. Ele vasculhava a mente tentando elaborar uma resposta. Todos o observavam e foi perceptível a pele de

seu rosto ficando corada, deixando óbvio que ele estava com vergonha do que planejava dizer. Por fim, tomou coragem e começou:

– Nesses anos todos, conheci um pouco da vida e da história de cada um de vocês, mas eu sempre fugi de falar sobre mim mesmo. Se me permitirem, eu gostaria de falar algo relevante sobre minha história de vida agora, para que vocês entendam o que esse projeto significa para mim.

– Vá em frente – disse Abélli rapidamente, antes que alguém tivesse tempo de discordar.

– Eu nasci em um país muito pobre aqui da África. Minha mãe não me quis. Logo após o parto, me deixou para ser criado por minha bisavó, uma pessoa terrível, dotada da capacidade de se fazer passar pela mais doce senhora.

– O que isso tem a ver com nosso projeto? – indagou Hiroto.

– Vai ter! – respondeu Gabriel.

– Deixe-o falar! – insistiu Abélli.

– Minha bisavó era dona de uma lúbia incrível. Ela se fazia de bruxa para arrancar o dinheiro das pessoas. Em dez minutos de conversa descontraída, descobria tudo o que era preciso para enrolar e emocionar quem a ouvisse, utilizando mil e um truques para isso.

Após uma breve pausa, continuou:

– Depois de certa idade, passei a ser usado nas fraudes. Acabei até aperfeiçoando alguns dos truques, de forma que passamos a ganhar fama e, conseqüentemente, bem mais dinheiro. Porém, quanto mais dinheiro eu ajudava aquela mulher a ganhar, mais eu era maltratado por ela, que fingia ser santa, mas que se transformava em um mostro violento durante a noite.

Parou para tomar um gole de água, e depois retomou o relato:

– Essa foi minha vida, até que, finalmente, após eu ter completado 14 anos, o monstro que me criava sofreu um acidente e morreu. Por sorte, eu passei a ser criado por minha madrinha, uma velha senhora chamada Raquel, que havia se tornado amiga e cliente de minha bisavó. Essa senhora, que considero minha mãe, era funcionária da MIF. Quando fui adotado, passei automaticamente a ser amparado pelo sistema da empresa, que me proporcionou uma educação de alta qualidade, por meio da qual eu pude me destacar, de forma que, após terminar o ensino médio, consegui uma bolsa para estudar medicina em uma renomada faculdade da empresa. Então, me mudei para outro continente e, durante o período correspondente ao meu primeiro ano letivo, Raquel começou a frequentar a casa de uma nova bruxa que ganhava fama em minha cidade natal. Ao voltar para casa, nas férias, senti um ódio sem tamanho quando minha mãe adotiva, cheia de inocência, me convidou para conhecer a mulher que tinha os mesmos supostos dons de minha bisavó!

Parou por alguns segundos, parecendo remoer os pensamentos. Depois,

prosseguiu:

– Até aquele momento, eu nunca tinha tido a coragem de contar para Raquel que minha bisavó não passava de uma cruel charlatã. Esse era um segredo que me machuca profundamente. Mas naquele dia, finalmente, contei tudo. Foi a primeira vez que a magoei! Minha mãe ficou muito triste por eu ter escondido por tanto tempo a verdade, ainda que tenha compreendido meu receio em contá-la.

Gabriel suspirou e complementou:

– O importante foi que ela parou de procurar a bruxa! Ainda assim, nas noites seguintes, não consegui aquietar meu coração. Eu não conseguia mais ter paz! Foi então que, depois de minhas férias, comecei a dedicar meu tempo para estudar o cérebro humano. Eu queria entender como funciona a insanidade da fé na mente das pessoas e achar uma forma de combatê-la! Minha excelente *performance* universitária me ajudou a conseguir uma bolsa de estudos para o mestrado e depois para o doutorado, mantendo sempre o foco na mente humana. Nesse caminho, acabei sendo um dos precursores da tecnologia de lavagem cerebral. Inclusive, foram minhas descobertas nessa área que acabaram chamando a atenção de Esdras.

Gabriel tomou mais um gole de água. Depois, continuou:

– Acompanhei e participei da evolução dessa tecnologia até o que atualmente existe de mais moderno. Por isso, posso garantir que sei muito bem o que estou querendo fazer com Otach. O que quero que saibam é que dediquei toda a minha vida, profissional e pessoal, a combater a fé e estudar a mente humana. É só isso o que sei fazer da minha vida, é só com isso que trabalho, e é nisso que sou bom! Esse projeto representa o objetivo principal da minha existência. É esse fato que me faz acreditar que sou eu quem mais teme a possibilidade de que ocorra qualquer mal a Davi. Nunca colocaria a vida dele em risco!

– Sua história é muito comovente, mas não prova nada! – disse Jamal.

– Se a questão de maior relevância é a segurança de Davi, então acho que a solução pode ser bem simples! – disse Abéli. – É só implantarmos, por meio de Maria, os nanorrobôs de segurança e a aparelhagem de monitoramento similar a que utilizamos com Davi. Nesse caso, se o advogado puser a vida do garoto em risco, ou caso se lembre das induções, ou, ainda, se apresentar qualquer outro imprevisto, Maria poderá deixá-lo inconsciente.

– Ou até mesmo matá-lo, se necessário! – complementou Hiroto, sarcástico. – A vida de Otach não é problema. Só o que não podemos é deixar que ele coloque Davi em perigo, ou que atrapalhe nosso projeto.

– Meus parabéns, Abéli. Resolveu nosso problema! – disse Jamal. – Mas faço questão de participar de toda intervenção, passo a passo.

– Para mim, não haverá problemas – respondeu prontamente Gabriel. – Mas

já que você irá me acompanhar, peço que desliguemos o monitoramento das câmeras.

– E por quê?

– Para que eu possa garantir ao máximo o sigilo tecnológico. Sei que aqui é um ambiente completamente seguro, mas essa tecnologia envolve grandes segredos.

– Isso é totalmente desnecessário! – disse Hiroto.

– Prefiro tomar todas as precauções possíveis. Melhor errar pelo exagero do que pela omissão ao permitir que filmem a utilização da tecnologia. Já é risco mais do que o suficiente permitir que Jamal me acompanhe durante o procedimento, sem que eu tenha prévia autorização de Esdras para deixá-lo conhecer a tecnologia.

– Também não creio que isso seja necessário! – retrucou Jamal – Mas se o faz sentir-se melhor, vamos em frente!

– Antes que faça a lavagem, eu gostaria de interrogar Otach – pediu Abéli.

– Interrogar de que forma? – perguntou Hiroto.

– Pretendo interrogá-lo em um estado de subconsciência causado pela droga Drulyon. Não vai levar mais que quinze minutos!

– Não temos tal substância aqui! – alertou Jamal.

– Eu trouxe comigo algumas doses!

– O que exatamente essa substância faz? – perguntou Hiroto.

– É conhecida como a droga da verdade – respondeu Jamal.

– De uso altamente restrito – complementou Gabriel.

– Não mais do que as lavagens cerebrais! – rebateu Abéli.

– Mas o que exatamente pretende com isso? – perguntou Jamal.

– Nada em específico. Quero saber o que ele pensa sobre Davi. Vamos ver o que consigo tirar dele.

– Isso está me parecendo completamente inútil! – disse Hiroto.

– O problema não é esse – rebateu Jamal. – O que me preocupa é a influência que esse medicamento terá no procedimento de lavagem cerebral.

– Mal, não irá fazer! – retrucou Gabriel. – Por coincidência, utilizávamos essa droga no procedimento, pois achávamos que ela ajudava no sucesso da lavagem cerebral. No fim, após muitos testes, concluímos que ela não ajuda, mas também não atrapalha. Na verdade, não encontramos interação com praticamente nenhuma substância química. Então, deixe-a aplicar a droga e ver se consegue alguma coisa.

– Então, vamos nos organizar em dois grupos – decidiu Jamal. – Eu vou acompanhar Gabriel na organização da sala de operações 3 e, enquanto isso, vocês dois farão o interrogatório. Quando terminarem, basta enviar o advogado para a nossa sala.

Ao entrar na sala de operações onde as induções seriam realizadas, Gabriel sentou-se junto a um dos balcões, abriu seu computador pessoal e começou a dizer:

– Depois de muito aperfeiçoamento nas técnicas de indução, todo o sistema foi simplificado de tal forma que se tornou muito mais uma intervenção tecnológica do que médica propriamente dita. Vamos aproveitar esse tempo para terminar a programação necessária!

– Terminar? Não acabamos de começar?

– Como cheguei primeiro, eu tinha que ocupar meu tempo.

– Mas eu quero conhecer e ver tudo o que faremos!

– Não se preocupe! Vou mostrar tudo o que fiz.

– Ótimo – disse Jamal, e acrescentou, em tom sarcástico:

– Então você já estava bem confiante de que conseguiria fazer as induções!

– Eu torcia para que sim. Como não sei ficar de braços cruzados, comecei a trabalhar mesmo sem saber se seria útil.

– O que foi que já fez, exatamente?

– Vamos por partes!

– Tudo bem!

– Primeiro, eu formulei um texto bem simples, de apenas oito linhas, que contém as informações básicas que desejamos induzir, e estabeleci em que momento essa indução deve começar. A inteligência artificial inerente ao programa tem a capacidade de interpretar o texto.

– Deixe-me ler!

Após analisar o conteúdo, Jamal comentou:

– Se é tão simples, por que estas informações não são passadas verbalmente?

– Apenas por segurança! Quando escrevemos, podemos ler e reler, além de passar para outros conferirem. Ao falar, aumentamos o risco de passar detalhes incorretos. Eu já li e reli este textinho mil vezes!

– E como saberemos se realmente foi localizado o momento certo, entre as lembranças, para que se inicie a lavagem? E, também, como saberemos se a inteligência artificial interpretou seu texto da forma certa?

– Assim que o cérebro for mapeado, nós poderemos assistir às memórias recentes de Otach.

– Assombroso!

– Será mais ou menos como se estivéssemos assistindo a um vídeo de baixa qualidade. Basta parar no exato instante desejado e, a partir daí, simplesmente apagar o resto.

– E depois de apagar, o que é feito?

– Depois, utilizando os dados que eu fornecer através deste simples texto, a inteligência artificial se encarregará de construir, por meio das informações do cérebro do próprio paciente, as novas lembranças.

– Como assim?

– Vozes, feições, lugares e todos os dados necessários são construídos pelo próprio cérebro do paciente, mais ou menos da mesma forma que são formulados os sonhos. A grande diferença é que, desta vez, o cérebro será induzido a seguir o roteiro que desejamos!

– E como funciona o procedimento? É realizada alguma intervenção cirúrgica?

– Sim, mas a operação consistirá unicamente na implantação de alguns eletrodos em regiões específicas do cérebro por meio da mesa encefalométrica. Tudo é feito automaticamente, através de uma programação específica.

– Que decepcionante! Esse seu sistema fará praticamente sozinho tanto a parte cirúrgica quanto a parte operacional!

– Realmente, o procedimento da indução se tornou incrivelmente simples. Em contrapartida, lamento informar que explicar o embasamento científico do sistema é extremamente complexo.

– Explique-me o básico!

– O que entende por básico? Tentar explicar de forma simplificada como o programa transforma um simples texto em memórias complexas a serem induzidas levaria horas. Explicar como se tornou possível transmitir o conteúdo da memória como se fosse uma gravação levaria pelo menos uma tarde inteira. Até mesmo detalhar os parâmetros para a inserção dos eletrodos é complicado.

– Você está de brincadeira comigo, não é? – perguntou Jamal, desapontado. – O que exatamente tinha medo de que fosse filmado? É impossível aprender qualquer segredo tecnológico apenas olhando.

– Cautela nunca é demais! Só a confirmação de que realmente podemos assistir às memórias de alguém e que podemos mesmo apagar memórias já é mais do que o suficiente para justificar meu temor.

– Realmente!

– O que posso fazer é começar a explicar como e porque a mente humana aceita as induções. A partir daí, poderemos ver aonde conseguimos chegar.

– Já é um começo!

– A tecnologia utiliza manobras de preenchimento que ocorrem naturalmente na mente humana, fenômeno conhecido pela psicologia como falsa memória. Funciona assim: imagine que, quando presenciarmos um fato e não nos utilizamos dessa memória por longos períodos, as lembranças tendem a enfraquecer, formando o que podemos chamar, com palavras leigas, de buracos nas

lembranças, e muitas vezes construímos memórias falsas para preencher estas lacunas formadas. Tal formação de falsas lembranças é muito suscetível a sugestões de outras pessoas.

– Dê um exemplo prático!

– Imagine uma criança que ficou vendo os amigos brincarem pela janela de sua casa, pois estava de castigo. Pense que, em um determinado momento, um desses amigos sofreu um acidente, e no desenrolar da história, a mãe deixou que esse garoto fosse lá acompanhar o acontecimento de perto. Para facilitar, vamos chamar esse menino de Maycon!

– Ótimo!

– Imagine que Maycon tenha passado anos sem utilizar essa memória, até que, depois de adulto, ele reencontrou um dos amigos que estava presente no momento do acidente, e no meio da conversa, esse amigo relembrou o acontecimento.

– OK.

– Só que o amigo relatou que Maycon estava bem ao lado dele no momento em que tudo aconteceu, quando, na verdade, sabemos que ele estava na janela de sua casa.

– Certo! Esse amigo teve uma falsa memória – complementou Jamal.

– Exato! Ele teve uma falsa memória de forma espontânea. É bem provável que ele tenha confundido Maycon com outro amigo que realmente estava ao seu lado.

– E quanto ao Maycon, ele não contradisse o amigo?

– No momento, ele ficou meio confuso, pois não se lembrava direito de onde estava, e também não fez muito esforço para isso. Então, digamos que nem concordou, nem discordou!

– OK.

– Imagine que mais um bom tempo tenha se passado até que Maycon relatasse o acidente para outra pessoa, só que, desta vez, ele mesmo se colocou lá, de pé, junto a seu amigo, no momento em que tudo aconteceu, com direito a acreditar ter complexas lembranças de estar em meio à brincadeira a que, na verdade, só havia assistido. Isso é uma falsa memória induzida, já que foi causada pela materialização de sua própria imaginação, a partir da sugestão equivocada de seu amigo de infância!

– Entendi!

– Isso ocorre porque a zona do cérebro encarregada de perceber uma imagem e de arquivá-la na memória também se ocupa da imaginação dessa imagem. É isso que permite essa confusão, em que a imaginação pode formar e arquivar falsas memórias. É desse meio que nos utilizamos para as lavagens cerebrais, e acredite, de uma forma rudimentar, isso já é conhecido e feito desde

os tempos da psicologia primitiva, por meio de técnicas de hipnose.

– E como funcionaria uma lavagem cerebral por hipnose?

– Um sujeito é extremamente sugestível quando hipnotizado! Imagine um terapeuta que vasculhasse a infância de um homem à procura de ocorrências de abuso sexual ou outro tipo de violência para explicar os comportamentos violentos desse cliente e, nessa busca, induzisse o homem a acreditar que havia sido abusado, sendo que isso jamais ocorreu. Ou, então, imagine a sugestão de regressão a vidas anteriores que certamente nunca foram realmente vividas. Em ambos os casos, o sujeito exposto à hipnose pode passar a ter lembranças, que acredita serem concretas, de algo que nunca aconteceu. Isso significa que, de um modo antiquado e descontrolado, esse homem passou por uma lavagem cerebral, em que seu próprio cérebro criou falsas lembranças. Foi baseada nos estudos de técnicas como essa que toda a tecnologia de indução de memórias se desenvolveu.

– Interessante!

– Se quiser saber um pouco mais, basta pesquisar sobre falsas memórias na Internet.

– Não tenho interesse em me aprofundar mais neste assunto. O que realmente me intriga é a possibilidade de burlar o livre arbítrio de alguém. Não consigo imaginar como pode induzir alguém a fazer conscientemente o que você deseja que essa pessoa faça. Isso, sim, quero que me explique!

– Não é bem assim!

– Como não? No caso de Otach, você disse que pretende induzir uma futura conversa entre pai e filho, e, até onde eu entendi, você quer manipular o andamento dessa conversa, pondo ideias suas na boca de Otach, sendo que ele estará consciente!

– Vamos analisar o procedimento desde o início para que você possa entender o funcionamento!

– Ótimo!

– Primeiramente, o que faremos é apagar da memória do advogado todas as ocorrências das últimas horas.

– Certo!

– No lugar delas, introduziremos falsas lembranças de que ele passou a tarde trabalhando.

– Tudo bem. Até aí, não há nada que possa ir contra o livre arbítrio desse homem!

– Exato! Para ele, tudo não passará de lembranças de um dia comum.

– OK!

– Nesta primeira etapa, o maior problema será preencher a memória do advogado jogando informações de forma perfeita e completa. Se sobram

grandes contradições na lavagem, aí sim poderemos ter problemas.

– Que tipo de problemas?

– Aí depende do tamanho dos erros: algumas pessoas surtam, outras recuperaram a memória apagada. Os problemas são aqueles que você já ouviu falar!

– De uma forma sintética, me explique como é possível apagar uma memória?

– Basicamente, destruindo os neurônios que gravaram os acontecimentos dessas horas que desejamos eliminar!

– Se esses neurônios são destruídos, como algumas pessoas recuperam a memória?

– Ainda não há explicação a respeito de onde essas informações são recuperadas. Este é um dos grandes mistérios dessa tecnologia!

– E onde ficou a história de que essa tecnologia é segura!

– E ela é! Após muitos testes, descobrimos que, para obter sucesso, devemos induzir o mínimo possível de informações para diminuir a chance de contradições. Como já disse, o negócio é deixar que o próprio cérebro do paciente faça o serviço, dentro do que delinearmos, é claro!

– Já que você adora dar exemplos práticos, dê mais um para explicar isso!

– Tenha como exemplo o texto da indução de Otach que você leu há pouco. Como pôde ver, eu escrevi simplesmente que, após brigar com o filho, ele recebeu uma ligação de um cliente e com ele passou o dia todo, mas que o trabalho não deu em nada, então ele retornou para casa. São esses os pontos-chaves a serem induzidos. A partir disso, a inteligência artificial mapeará a memória de Otach, buscando construir um contexto utilizando as lembranças mais cotidianas possíveis para fazer esse delineamento.

– Como assim?

– O processo que ele vai imaginar ter analisado é similar aos que ele mais costuma fazer dentre os que não dão em nada, o perfil do cliente será o daquele que ele mais costuma atender, até as músicas que ele acreditará ter ouvido durante o dia vão ser as que ele mais costuma ouvir ultimamente.

– Entendo! De tal forma que este dia induzido se misture em sua memória com milhares de outras memórias similares: aquele típico dia rotineiro, que passa sem merecer ser lembrado.

– Isso mesmo! Quanto menos detalhes mirabolantes, mais seguro é nosso trabalho. Afinal, quem fica se lembrando dos dias extremamente monótonos? É algo que fazemos questão de esquecer.

– Mas qual é exatamente a probabilidade de erros?

– Antes de iniciar a indução, a inteligência artificial indica a probabilidade de efeitos colaterais de cada caso. Sem dúvidas, em um quadro como esse, será

quase nenhuma.

– O que entende por quase nenhuma? Dê uma estimativa!

– Algo menor que uma chance em um milhão de acontecer algum erro.

– Ótimo! Até aqui, tudo esclarecido. Agora, fale sobre o mais interessante: as induções futuras.

– É aí que a arte se mistura com a tecnologia! A ideia é colocar no subconsciente de nosso paciente somente poucas informações de extrema necessidade, de modo que ele jamais perceberá que foi algo induzido.

– Explique com detalhes o que será feito com Otach.

– Neste caso, nosso ponto chave é induzir uma nova conversa abrangendo o contexto religião com Davi, certo?

– Beleza!

– Então, a maior parte das informações que desejo que eles discutam, eu vou colocar em um *site* da Internet. Com a ajuda de nosso chefe, esse *site* vai ser anexado ao sistema de empresa que Otach costuma utilizar. Vamos colocar como nome do *link* “pena de morte” e depois farei com que o sistema de indução jogue esse nome no cérebro do advogado. Com isso, quando ele visualizar o *link*, este vai chamar sua atenção de forma inconsciente, e ele vai acessá-lo, acreditando que fez isso por pura curiosidade.

– Ou seja, nada vai contra o livre arbítrio dele!

– Exato! Apenas induzimos uma vontade que ele jamais saberá que estava pré-programada em seu cérebro!

– Interessante. Qual será o próximo passo?

– Depois de entrar no *site*, ele vai ler um texto que contém as ideias que desejo que discuta com seu filho. Eu usarei textos bíblicos para apoiar a pena de morte! Veja que, novamente, não vamos contra o livre arbítrio do advogado, pois, como já vimos, ele defende a pena.

– Entendo! Ele provavelmente concordaria plenamente se lesse o texto sem qualquer tipo de indução nossa.

– Para garantir a eficácia, implantarei, de forma fragmentada, algumas das ideias do texto em seu subconsciente para ajudar na aceitação. Digamos que ele vá achar o texto bem familiar. O ser humano aceita mais facilmente ideias com as quais está familiarizado.

– E no que exatamente isso vai resultar?

– Aquilo que o advogado ler na Internet será somado a essas informações já pré-induzidas em seu cérebro e aos conceitos de vida que ele tem, de forma que seu cérebro vai formular livremente as informações. Isso significa que minhas ideias passarão a ser as dele também, está entendendo? Nada vai ser literalmente forçado a ele.

– Sim! Muito interessante! As induções, somadas ao texto da Internet, seguem

uma linha de pensamento que ele já tem. É certo que Otach passará a defender a ideia! Mas isso ainda não explica como você fará para que ele discuta com o filho essa ideia.

– Esta é a etapa mais complicada. Para isso, utilizarei a parte da memória que será mantida da discussão entre pai e filho, mais especificamente, o comentário de que poderia ser Deus quem salvaria aquele ladrão, e ligarei essa lembrança ao texto que colocarei na Internet.

– Não acompanhei muito bem o seu raciocínio!

– Na memória que restar da briga, criarei certos laços entre a discussão e o texto que será inserido na Internet! Essa ligação é feita por meio de algumas técnicas de mensagem subliminar. Se tudo der certo, imediatamente após ler o conteúdo da Internet, Otach vai sucumbir a uma forte vontade de discutir o texto com seu filho. É como um desejo: Otach é totalmente capaz de resistir a ele, pois não podemos interferir em seu livre arbítrio, mas as pessoas não costumam resistir aos seus desejos. Digamos que vá ser um desejo bem forte. Deixe-me ver como explicar...

– Mais ou menos como estar morrendo de fome em frente à comida preferida?

– Isso! Eu não poderia ter explicado de forma melhor!

– Mas, e se ele ler o texto fora de casa, ou então ler quando Davi não estiver por perto? Ainda assim, a vontade discutir o texto permanecerá em outro momento? Porque, até onde sei, desejos vêm e passam.

– Você está certíssimo novamente! Como nosso advogado também passará a ser monitorado por Maria, eu a deixarei responsável por colocar o *link* na Internet apenas quando pai e filho estiverem em casa sozinhos.

– Ótima ideia!

– Já que temos a oportunidade de ter Otach aqui, vou aproveitar para induzir a vontade de ler também um texto que deixarei intitulado como “contradições bíblicas”. Esse texto tem um conteúdo ainda mais contundente que o primeiro, e só o utilizaremos se observarmos alguma necessidade disso durante o andamento de todo processo.

– É sempre bom ter uma carta a mais na manga! – comentou Jamal. – Não vejo a hora de assistir ao desenrolar, na prática, de todas essas facetas! Tomara que tudo seja assim tão perfeito quanto parece ao ver você argumentar!

– Não se preocupe! Não haverá erros! Mas, para segurança extra, terei ainda uma terceira indução, ou seja, uma terceira carta na manga.

– Não acha que está exagerando?

– Não! Essa realmente é apenas para segurança. Se o menino for capaz de provocar, novamente, um alto estresse em seu pai, será ativada uma última indução de segurança, que proporcionará ao advogado a ideia de voltar aqui atrás

de explicações. Isso nos servirá como um salva-vidas. Se algo relacionado a Davi o descontrolar, ele vai repetir o erro de vir aqui, e estaremos esperando por ele!

– Vai demorar quanto tempo para fazer efeito? – perguntou Hiroto.

– Já é para estar fazendo! Ele acordará a qualquer momento!

– O que exatamente deseja perguntar?

– Vamos ver como a conversa vai se encaminhando naturalmente!

Nesse momento, um pequeno alarme foi acionado. Abéli o desligou imediatamente.

– O que isso significa? – perguntou Hiroto.

– Significa que Otach está acordando! – respondeu ela.

Nesse momento, ambos se voltaram para o advogado, que, lentamente, foi abrindo os olhos. Ele se encontrava em um estado de semiconsciência. Antes que alguém dissesse algo, o advogado começou a falar de forma completamente atordoada:

– O que é aquele garoto? Aquele olhar...? É impossível!

– O que é impossível? – perguntou Abéli.

– Ele não poderia saber sobre Isabela e eu! – disse o advogado, deixando transparecer um tom de medo em sua voz. – É impossível! Aqueles olhos...!

Abéli ficou assustada, pois a reação habitual do paciente é ficar tranquilo, mesmo ao responder perguntas que gerariam alto grau de estresse em estado normal de consciência.

– Talvez ele tenha atendido a uma ligação, ou visto você com Isabel – disse a cientista, dando corda para que o advogado não parasse de falar.

– Não!... – respondeu Otach, ainda mais nervoso. – Sou sempre eu que entro em contato com ela. Sempre eu. Ela é proibida de me ligar... é proibida de chegar perto de minha casa e do meu trabalho... Mas aqueles olhos!... Aqueles olhos!...

– O que tem os olhos? – perguntou Abéli.

– Aqueles olhos entram em mim!

– Como assim? – perguntou Abéli.

O coração de Otach acelerava cada vez mais, e o medo estava explícito em sua face.

– Ele vê os meus pensamentos! Ele pode ouvir tudo!

– Como assim?

– Ele ouve com os olhos!... Como ele pode ouvir? Como?

Otach tentou se levantar, mas estava amarrado. Como reação, começou a

fazer força e a se debater.

- Acalme-se! Está tudo bem! – disse Abéli.
- Não está nada bem! Aqueles olhos estão em mim!
- Já saíram! – afirmou ela, cada vez mais assustada.
- Não! Tire-os de mim! Tire!

Nesse momento, Otach começou a se debater com ainda mais força e pôs-se a gritar:

- O que ele é? O que foi que vocês fizeram?
- Maria, aplique dois miligramas de Colastrina – ordenou Abéli.
- O que é isso? – perguntou Hiroto.
- Tranquilizante.

Em segundos, Otach adormeceu.

Em meio ao pesado clima, Hiroto, tentando demonstrar que não ficou impressionado, disse:

- Você não sabe perguntar direito! Acorde-o, agora é minha vez de perguntar.
- Você não entende! Ele deveria permanecer completamente calmo! Nunca vi nada parecido!
- Vamos tentar de novo?
- Não podemos aplicar a droga novamente por um período de 24 horas!
- Então, por que não o deixou acordado por mais tempo?
- Ele estava se machucando. E não sei se era seguro continuar com essa reação!
- Que cagona!
- Você é irritante, sabia?

Memórias turvas

– Coloquem-no na mesa de operações e instalem a mesa encefalométrica – ordenou Gabriel, assim que Otach chegou à sala de operações.

Enquanto os robôs instalavam a aparelhagem, os dois cientistas colocaram óculos e máscaras de proteção e um jaleco. Em seguida, colocaram as mãos em uma máquina que as esterilizou e acrescentou uma fina e resistente camada de um material que formou uma película protetora.

– Maria, faça a assepsia do ambiente! – determinou Gabriel.

Em instantes, a sala foi tomada por uma densa fumaça esterilizante, que foi drenada rapidamente. Todos usaram máscaras de oxigênio durante a esterilização.

– Verificações concluídas com êxito – falou uma voz masculina, correspondente à inteligência artificial utilizada para realizar o procedimento, provinda do computador pessoal de Gabriel.

– Iniciar intervenção cirúrgica! – prosseguiu Gabriel.

O cientista começou a explicar para Jamal:

– Com base no mapeamento do cérebro, o sistema estabeleceu os pontos ideais para a inserção dos eletrodos, o número de inserções e o melhor caminho a ser percorrido.

Ouviu-se uma sequência de três sons agudos de raios *laser* que perfuraram o crânio de Otach e, em seguida, três eletrodos começaram a adentrar sua cabeça.

– Procedimento cirúrgico iniciado! – disse a inteligência artificial. – Tempo estimado para aplicação: vinte minutos.

– Agora, só temos que esperar – disse Gabriel.

Ambos ficaram assistindo à aplicação, que era feita de forma bastante lenta. Após dois monótonos minutos, Gabriel falou:

– Gostaria de fazer uma confissão.

– Sobre o quê? – perguntou Jamal.

– Sobre a minha história de vida que contei há pouco.

– Fale!

– O acidente que matou minha avó foi provocado por mim! Naquele dia, quando ela veio me bater, finalmente resolvi reagir: após levar o primeiro tapa, empurrei-a com toda a minha força. Como resposta, ela se voltou com ainda mais violência em minha direção e eu a joguei sobre a mesa. Ao cair, a velha foi atravessada por um objeto pontiagudo que era utilizado em suas fraudes.

– Eu não sou psiquiatra, nem policial e muito menos padre para ouvir

confissões desse tipo – disse Jamal. – Ao que parece, foi um acidente. Não tem por que se culpar!

– Não é essa a questão. Quando vi aquela monstruosidade morta, realmente senti culpa, mas depois me dei conta de que eu só estava me defendendo. O sentimento de culpa logo se transformou em alívio e felicidade. Finalmente, eu estava livre.

– E por que está me contando isso?

– Acho que poderá ser relevante. Quer continuar ouvindo?

– Só se realmente for relevante.

– Outra parte que omiti de minha história foi que, durante minhas férias da faculdade, eu comecei a perseguir a bruxa que fazia fama em minha cidade natal. Pesquisei os horários em que ela ficava fora de casa, procurando o melhor momento para invadir sua casa...

– E por que fez isso?

– Eu queria desmascará-la.

– E conseguiu?

– Descobri que ela agia de forma muito parecida com a minha bisavó: não ficava só esperando os otários aparecerem querendo ouvir mentiras.

– Como assim?

– Digamos que ela gostava de caçar suas vítimas.

– E como fazia isso?

– Conseguia dados das pessoas, principalmente através da Internet. Seu público-alvo preferido era pessoas com dinheiro ou com alguma influência que se encontrassem em situações difíceis. Após escolher a vítima, ela buscava o momento ideal para simular um encontro casual e então destilar todo seu veneno de atriz fajuta.

– E como uma mulher desse nível consegue roubar dados pessoais pela Internet?

– Muitas delas são mais profissionais do que você possa imaginar: sabem muito de informática, estudam psicologia, fazem cursos de interpretação. Outras possuem cúmplices que fornecem os dados roubados em troca de comissão.

Após uma pequena pausa, Gabriel continuou sua explicação:

– Eu já conheci até redes especializadas que fornecem tudo o que você possa imaginar: informações de possíveis alvos, estabelecimentos de trabalho, segurança, cursos, atores...

– Atores? Como assim?

– Uma vez, um bruxo que trabalhava para uma dessas empresas prometeu a uma bilionária que o homem dos sonhos dela iria aparecer em três dias, e, como ele previu, no terceiro dia, seguindo as instruções, ela conheceu o mais lindo, educado e carinhoso de todos os homens que a idiota já havia conhecido. É lógico

que era um estelionatário de primeira, enviado sob encomenda!

– Tá! Mas e daí, o que fez com a bruxa de sua cidade?

– Invadi a casa e copiei todos os dados de seu computador. Deixei tudo intacto e voltei para minha casa, onde, com o tempo, analisei tudo. Logo achei as informações roubadas dos clientes. Dentre as vítimas, me interessei por um policial, de cargo elevado, que procurava a macumbeira em busca de alento para a dor causada pela morte de sua esposa.

– Corajosa, ela! Atacar logo um policial!

– Ela fez isso exatamente para conseguir proteção, mas o feitiço virou contra a feiticeira.

– Você foi atrás do policial?

– É claro!

– E como ele reagiu?

– Arrumou um grupo, do qual eu fiz questão de participar, para acertar as contas.

– O que foi que fizeram?

– Sequestramos a mulher, batemos muito nela e depois a jogamos no meio da estrada, bem longe da cidade.

– E ela não voltou?

– Não! Não sei nem se sobreviveu, pois a deixamos muito machucada.

– Cuidado! Quem fica deixando rabo para trás, uma hora acaba sendo pego.

– Ela nunca conseguiria provar nada. Fizemos tudo de forma bem planejada. Os policiais sabem como não deixar rastros! E eu não poderia ficar de fora: mereci saborear aquele momento. – disse Gabriel, parecendo satisfeito em lembrar o episódio. – Bater nela foi, até aquele momento, o sabor mais doce da minha vida, já que, para mim, teve o gostinho de revanche. Eu a espancava pensando na minha bisavó. Foi esse sentimento de vitória e de libertação que me fez declarar guerra contra as crendices. Passei a dedicar toda a minha vida para isso!

– Meus parabéns! – respondeu Jamal, demonstrado claramente o desinteresse em prosseguir com o assunto.

– É claro que tudo tem seu preço. – disse Gabriel, tentando reacender a curiosidade de seu colega.

– Preço? – perguntou Jamal, sem ter certeza de que realmente gostaria de saber.

– Uma de minhas buscas pela verdade acabou custando muitas vidas. Foi aí que percebi que estava pronto para ir tão longe quanto fosse preciso.

– O que foi que aconteceu?

– Lembra-se de Carlos Mavab? Um charlatão que estava criando um grande patrimônio, fundando cada vez mais igrejas, que começaram a se espalhar por

todo o mundo?

– É claro! Não existe ninguém na face da terra que não conheça essa história.

– Pode me dizer o que sabe?

– Acreditavam que, sem aviso prévio, anjos de Deus escolhiam uma das igrejas desse suposto missionário e, no meio da missa, vinham saudar os fiéis, dando rasantes entre o povo. Começou a haver cada vez mais relatos de curas milagrosas por aqueles que eram atravessados por um dos anjos, mas, no final, provou-se que tudo era uma fraude. As aparições nada mais eram que resultados da tecnologia de projeção tridimensional de alta *performance* tão utilizada hoje em dia. Ele foi o inventor!

– Fui eu o responsável por acabar com essa falcatrua.

– Já estavam me dando náuseas as suas confissões, mas, agora, essa sim é uma história interessante. Como foi que fez isso?

– Eu me tornei amigo do grupo de policiais que ajudaram a linchar a bruxa. Dentre eles, dois passaram a trabalhar como investigadores particulares. Eu os contratei para perseguirem Mavab durante dois meses. A essa altura da minha vida, eu já não precisava mais poupar custos. Já tinha uma renda bem gorda! Minha ideia era utilizar os relatórios de meus amigos para achar uma forma de desmascarar o chamado Profeta. Dentro de um período de dois meses, após contratar os investigadores, eu teria três semanas de férias, e tinha que ter um plano concreto que pudesse ser posto em prática nesse tempo.

– E o que foi que eles conseguiram descobrir?

– Que seria muito difícil se aproximar do missionário, pois sua casa era muito bem protegida com robôs de última geração, e sua segurança pessoal era de nível presidencial, sem contar os inúmeros fiéis que o perseguiram em qualquer lugar.

– Ou seja, eles descobriram apenas o óbvio! Aquele picareta estava se tornando um dos homens mais famosos do mundo. Não é preciso gastar dinheiro para saber que se aproximar dele seria algo praticamente impossível. – afirmou Jamal.

– E o que teria feito, então? – perguntou Gabriel.

– Talvez eu tivesse investigado as igrejas, já que eram nelas que ocorriam os supostos milagres.

– Isso, sim, seria burrice, pois é certo que muitos já tinham investigado todos os templos incansavelmente. Principalmente os líderes de outras igrejas, que estavam perdendo seus fiéis. Havia muito dinheiro envolvido, então, certamente, muitos se interessavam em pará-lo.

– Então, senhor investigador, o que foi que você fez?

– Descobri que o missionário mantinha contato constante com sua mãe e irmão, que continuavam morando na mesma cidade em que ele vivia antes da

fama. A casa que compraram era enorme, muito luxuosa, mas com robôs de segurança de tecnologia de defesa já ultrapassada. Com ajuda dos policiais, eu concluí que poderia desativá-los e invadir a casa.

– E para que faria isso?

– Na época, eu estava encerrando, exatamente, o projeto que desenvolveu essa nova tecnologia de lavagem e indução cerebral. Meu período de férias de três semanas era, na verdade, o intervalo entre o fim desse projeto e o início de um novo.

Após uma breve pausa, Gabriel continuou a falar:

– Como eu já estava empolgado com a nova tecnologia, minha ideia foi invadir a casa da família do missionário e fazer algumas induçõeszinhas, para que eles pudessem sentir na pele como é bom brincar com a fé das pessoas!

– Você não é muito normal da cabeça. – disse Jamal, após dar risada.

– Não mesmo! Eu sou louco! Muito louco pela verdade!

– Mas, e então, invadiu a casa?

– Sim! Um dia após chegar à cidade onde eles viviam, eu e meus amigos já estávamos prontos para a invasão. Não foi muito difícil: desativamos os robôs e rapidamente abordamos a mãe e o irmão. Eu induzi uma falsa memória, com a fantasia de que, quando os dois estavam jantando, apareceu um anjo furioso dizendo que Mavab deveria confessar sua fraude ou toda a família logo conheceria a fúria dos verdadeiros anjos. – Gabriel começou a rir e complementou: – Você consegue imaginar a cena?

– Sim! Consigo! Você é um louco bem criativo. – respondeu Jamal.

– Eu não parei por aí: fiz uma pré-indução para que sonhassem com o anjo nas próximas três vezes em que eles dormissem. Como golpe final, coloquei um pequeno aparelho indutor dentro do colchão do quarto que Mavab utilizava ao visitar a família.

– Não entendi? É possível fazer induções através de um aparelho simples o suficiente para ser escondido dentro de um colchão?

– Sim e não! Esse tipo de aparelho funciona de forma extremamente limitada. Mas serviria aos meus objetivos.

– Acho que conheço a tecnologia que utilizou.

– Deve conhecer, sim! É algo conhecido há bastante tempo.

– Mas a tecnologia que conheço é bastante arcaica e inútil: não permite induzir palavras ou ações mais complexas. Só induz imagens simples, como sonhar com uma bola. Na verdade, nem é um sonho, já que é possível realizar a indução de imagem em alguém acordado: basta fechar os olhos, ou estar em um ambiente escuro.

– É isso mesmo! Mas, para mim, essa tecnologia foi bem útil. Minha ideia foi a de induzir a imagem de um anjo segurando uma foice. Achei que, depois dos

relatos da mãe e do irmão, isso poderia ser bem assustador para ele!

– Realmente! No lugar dele, acho que eu ficaria bem apavorado. – disse Jamal, em meio às risadas.

Após recuperar o fôlego, complementou:

– Mas, e quanto à mãe e ao irmão? Você realizou, dentro de uma casa, exatamente esse procedimento que estamos realizando aqui?

– Sim! Tudo é uma intervenção bem simples, não é?

– Não! Realizá-lo dentro de uma casa, sem aparelhagens médicas e sem nenhum tipo de controle sanitário, com certeza, não é nada simples.

– Que exagero!

– E se ocorresse algum imprevisto?

– Eu daria um jeito!

– E se fosse pego?

– Deu tudo certo! Eu nunca deixo o rabo para trás.

– O que aconteceu? Acelera essa história.

– Após terminar as induções, nossos robôs levaram a mãe e o irmão para a cozinha. Ambos estavam em um estado inconsciente e foram induzidos a despertar quando ouviram um barulho específico, que eu provoquei ao sair da casa. Depois, foi só esperar os resultados! Logo que readquiriram a consciência, a mãe e o irmão ligaram desesperados para Mavab, que, a princípio, não deu muita atenção ao incidente. Porém, o desespero dos familiares aumentou depois de sonharem com o anjo ainda na mesma noite. No dia seguinte, o irmão passou a ligar para Mavab compulsivamente.

– E o que Mavab respondia?

– Tentou convencer a família de que era o diabo tentando difamá-lo.

– Isso significa que nem a família sabia sobre a fraude?

– Nem eles e nem ninguém! O homem era tão cara de pau que, no terceiro dia, foi para a casa da família, prometendo exorcizar o diabo.

– Corajoso, ele!

– A falta de fê dele resistiu bastante! Mas, naquela noite, veio o golpe final: ao dormir em sua cama, eu induzi o sonho do anjo com uma foice. Acompanhei tudo pela câmera que escondi em seu guarda-roupa...

– Como foi, exatamente, que ele reagiu?

– Acordava assustado e voltava a dormir. Ativei a indução três vezes durante a noite.

– Só isso? Ele era mesmo bastante corajoso. E cadê o tal golpe final de que comentou? Pelo que está me contando, sua estratégia não o convenceu.

– O golpe final não fui eu que dei. Foi o acaso! A mãe dele acabou morrendo durante a mesma noite.

– De que ela morreu?

– Ataque cardíaco!

– Uma forma bem rara de morrer

– Os nanorrobôs dela falharam. Simplesmente não reagiram.

– Foi muita coincidência! E o que aconteceu depois?

– Imagine só: na manhã seguinte, o falso profeta acordou sendo espancado pelo irmão. Ele estava completamente descontrolado! Havia encontrado a mãe morta no quarto, e certamente acreditou que fosse resultado do castigo prometido pelo “verdadeiro anjo”.

– Nossa! Depois disso, quero ver quem iria duvidar de que realmente se tratasse de castigo divino! – disse Jamal.

– Difícil mesmo! Dessa vez, Mavab acreditou.

– E qual foi a reação dele?

– Ele ficou impressionado de tal forma que, no mesmo dia, procurou uma rede de televisão para revelar que sua igreja era uma fraude.

– Agora me lembrei bem do fim dessa história! Não foi Mavab que inventou a tecnologia de projeção tridimensional. Ele era formado em Engenharia Civil. Um amigo inventor desenvolveu um protótipo inicial e o chamou para ajudar a aperfeiçoá-lo. Mas esse amigo morreu em um acidente e levou para o caixão o segredo da tecnologia.

– Isso mesmo! Obviamente, o inventor não era nenhum idiota! Jamais ensinou o segredo-chave de sua invenção. Ele, inclusive, tinha feito um contrato com Mavab, deixando bem claro que este era apenas um funcionário remunerado, sem nenhum direito de participação na criação tecnológica.

– O que significa que não seria nada lucrativo para Mavab divulgar o aparelho.

– Ele disse ter perdido noites de sono, pois sabia que tinha em suas mãos uma mina de ouro, mas, por outro lado, ele tinha medo de se tornar até mesmo suspeito de assassinato caso revelasse que a invenção pertencia ao seu amigo falecido.

– Provavelmente, seria mesmo! – disse Jamal. Após rápida reflexão, ele complementou: – Até que ele foi bem inteligente ao achar uma utilidade para a tecnologia. Nada dá mais dinheiro do que explorar a fé alheia!

– Foi muito oportunista, pois ele e o amigo estavam justamente desenvolvendo hologramas correspondentes a anjos para impressionar e assustar a todos quando apresentassem o invento. Ele tinha a tecnologia, não sabia como recriá-la e tinha medo de pedir ajuda e ter que se explicar, mas sabia como finalizar o que já estava em andamento, então, inventar uma religião foi a única forma que ele encontrou para enriquecer, sentindo-se seguro.

– Seguro? Não acho nada seguro.

– A forma que ele encontrou para utilizar a invenção era realmente segura! Ele só fazia a apresentação quatro ou cinco vezes ao ano, e todas suas igrejas eram preparadas para esconder com perfeição o aparelho, além de que, mesmo que alguém encontrasse o projetor, não saberia do que se tratava. E a meta dele era utilizar a projeção por uns seis anos: tempo suficiente para ganhar muita fama. Depois disso, ele aposentaria os anjos.

– Mas, e quanto ao tal contrato dele com o amigo? Nunca encontraram?

– Com o dinheiro que ele ganhou no começo, deu um jeito de simular o roubo da casa da família de seu amigo para recuperar o contrato.

– Ao que parece, tudo foi muito bem planejado.

– Muito mais do que imagina.

– Do jeito que a coisa ia, se não fosse sua interferência, quem sabe ele seria o novo “Jesus Cristo” dos tempos modernos!

– Nem Jesus Cristo seria “Jesus Cristo” se eu estivesse lá para desmascará-lo!

– Essa foi boa. – disse Jamal.

– Mas, como eu disse, existiu um alto preço por esse feito.

– E que preço foi esse?

– Depois que vi a reportagem do falso missionário confessando a fraude, fiquei extremamente feliz, mas a felicidade foi tomada por uma grande revolta. Eu havia desmascarado o falso profeta; no entanto, as pessoas estavam largando uma credence para assumir outra.

– A suposta aparição de um anjo vingador!

– Exato! Foi aí que resolvi escrever um depoimento anônimo falando sobre a indução de sonhos que eu realizei em Mavab. Indiquei até mesmo onde a policia poderia encontrar o aparelho indutor que implantei em seu colchão, como também a câmera que instalei em seu armário.

– E quanto ao segredo tecnológico?

– Não existe nenhuma forma para que eles descobrissem o que fiz com a mãe e o irmão de Mavab, e a tecnologia do aparelho de indução de imagens que estava no colchão, sabe que é algo difundido há muito tempo. Não haveria nenhum problema relacionado aos segredos tecnológicos.

– Não, a menos que te achassem. Aí eu ia querer ver você se explicar.

– O importante é que não acharam!

– Naquela época, eu estava ocupado demais para ficar perdendo tempo com televisão – disse Jamal, – mas era impossível não ouvir os comentários sobre a revolta civil que se estabeleceu. Lembro que diversos templos foram depredados e que vários pastores da igreja foram mortos. Se não me engano, essa reação ocorreu depois de uma carta...

– Eu mandei cópias de minha carta anônima para os principais jornais e, nela, além de falar sobre a origem do suposto anjo vingador, eu acusei os pastores da

igreja de participarem da fraude. Por isso eles foram atacados!

Após um segundo de reflexão, Gabriel complementou:

– Dezoito deles foram assassinados. Só depois descobri que, na verdade, eles não sabiam de nada. Também haviam sido enganados.

– Então você foi o culpado pela morte de dezoito inocentes! Dezenove, se contarmos a mãe infartada!

– Vinte, se contarmos o irmão de Mavab, que acabou se matando.

– Esse é o tal preço?

– Sim!

– Sente-se culpado?

– Sim e não! O preço do meu erro foi bem menor do que o bem que gerei.

– E Mavab, ele se matou ou o mataram?

– Eu também não sei. Na época, a mídia divulgou que ele se matou, mas muitos afirmaram que, na verdade, ele foi assassinado.

– Eu só não entendo uma coisa!

– E o que é?

– Por que está me contando tudo isso? – perguntou Jamal, com uma expressão completamente cética. – É óbvio que você tem algum objetivo.

– Você sempre deixou claro ser capaz de ir tão longe quanto fosse necessário para descobrir a verdade. Meu objetivo é demonstrar que também sou.

– É ótimo saber que não estou cercado de covardes. Mas esse papo não me convence! O que mais pretende? Fale de uma vez.

– Discutir nossa relação.

– Estou ouvindo!

– Nunca se perguntou por que Esdras dividiu o comando desse projeto entre nós dois?

– Eu não faço perguntas, mas, sim, ofereço soluções. É por isso que cheguei onde estou!

– Eu sei. Essa é uma das características que o torna um líder apreciável!

– Não me venha com esse palavreado muito comportado. Não combina com você! Como eu disse, não faço perguntas, mas confesso que não me agradou em nada ter que dividir a liderança. Primeiro, porque já faz muito tempo que comando todos os projetos do qual participo; e segundo, minha intenção não é ofender, mas a verdade é que dividir a liderança logo com alguém tão dispersivo é meio difícil de engolir.

– Você tem toda razão! Sou dispersivo, sim! Do tipo turrão, cabeça dura: o tipo de pessoa que trabalha melhor sozinha. Eu sei que o próprio Esdras fez questão de te alertar sobre a minha fama de insubordinado. Porém, pense bem: se o próprio Esdras faz questão de divulgar minha instabilidade e, ainda assim, me deu parte

da liderança, é porque deve existir um contrapeso...

– Você também tem fama de ser talentoso. – disse Jamal. – Este é seu contrapeso! Independente disso, o fato de não ter um bom perfil social e nem administrativo, em minha opinião, torna-o capaz de exercer apenas cargos de execução, e de preferência com um gerente de pulso bem firme para manter o controle ao máximo. Pessoas como você precisam sempre estar sob certo controle.

– De certa forma, eu concordo com seu ponto de vista. Mas, no meu caso, existe uma peculiaridade. Meu melhor talento é enxergar caminhos e soluções onde ninguém consegue ver, e exatamente por ninguém conseguir ver, muitas vezes, um chefe se torna um grande problema.

– Um bom gerente sabe ouvir...

– Não é bem assim! Muitos de meus gerentes, que eram considerados bons gerentes, já me chamaram de louco, de forma que a única solução foi ser um pouco rebelde, caso contrário, eu nunca provaria que estava certo. Um ótimo exemplo é o que fiz com Mavab! Se eu tivesse que pedir permissão, acha que algum chefe no mundo teria permitido? Você teria permitido?

– É complicado! – disse Jamal.

– É por isso que, independente da minha destemperança, eu também costumo liderar os projetos do qual participo! Esdras confia no meu talento, mas tivemos algumas desavenças, e ele está me castigando.

– Então acha que sou um castigo!

– Acho que você é um líder! Meu objetivo com essa conversa toda é exatamente chegar a um consenso quanto à nossa posição dentro deste projeto.

– E o que tem em mente?

– Eu costumo liderar os projetos de que participo porque é necessário que eu tenha poder de decisão para exercer meu trabalho com êxito; porém, não levo o menor jeito para exercer liderança em seu sentido mais amplo. Isso é fato! Então, respeito seu papel como verdadeiro líder.

– Mas... – provocou Jamal, sabendo que existiria uma contrapartida.

– Mas, para trabalharmos bem, é necessário que confie em mim! Quero que saiba que os segredos da mente humana, principalmente os relacionados à fé, é o tema a que dediquei a minha vida inteira para entender e desvendar. É nisso que sou bom! É para isso que vivo!

– Chega de repetir isto. Eu e todos da equipe já entendemos.

– É que...

– Calma! Não terminei! – repreendeu Jamal, que complementou: – Não se preocupe, ganhou muitos pontos hoje. Continue fazendo um bom trabalho e nos daremos bem.

– Ótimo!

– Agora, chega de perder tempo. Quero saber mais sobre os procedimentos que estamos realizando aqui. Como faremos para mandar o advogado para casa?

– Nada de especial: o levaremos, em seu próprio carro, até a frente de seu escritório. A indução de memórias terminará com a lembrança de que ele passou lá para pegar um documento. Quando ele voltar a si, vai acreditar ter acabado de entrar em seu carro, e então, naturalmente, ligará o motor e retornará para sua casa.

Demorou mais duas horas para que fosse feita a liberação de Otach. Como o esperado, após voltar a si, ele ligou tranquilamente seu carro e foi para casa.

Assim que constataram que tudo estava em ordem, os cientistas fizeram uma reunião: decidiram que permaneceriam na cidade até que ocorresse a nova conversa entre pai e filho.

Gabriel, o cético

Gabriel estava contente. Sabia que tinha ganhado confiança de todo o grupo, em especial a de Jamal. Ainda assim, não estava satisfeito. Começou a arquitetar uma forma de tomar o controle do projeto, caso fosse necessário.

Após o término da reunião, o cientista voltou ao apartamento que mantinha na cidade. Assim que chegou defronte ao luxuoso prédio, começou a observar o sistema de segurança que antes indicava sua proteção, mas que agora estava se tornando um incômodo.

Após passar a noite toda se revirando na cama, Gabriel acordou com ideias fixas. Primeiramente, ligou para uma grande imobiliária à procura de um novo lugar para morar. Seu apartamento era extremamente luxuoso e seguro, mas, devido ao rígido sistema de segurança, ficaria difícil despistar a polícia ou Esdras, se necessário. Seu objetivo, agora, era achar um lugar onde pudesse planejar uma possível fuga.

– Computador! Ligar para a imobiliária Mundel!

Com uma voz feminina suave, sua inteligência artificial respondeu.

– Conectando-se. Aguarde!

Logo em seguida, uma das paredes da sala passou a emitir a imagem tridimensional de um atendente da imobiliária.

– Imobiliária Mundel! O que deseja?

– Estou à procura de um apartamento que ofereça privacidade! Não gosto de robôs e nem de sistemas internos espionando o dia todo.

– Compra ou aluguel?

– Compra!

– Temos dois apartamentos à venda, no bairro Sizio, em um prédio projetado para proporcionar total privacidade aos moradores, sem perder a segurança. Há apenas um apartamento por andar, e não existe sistema de câmeras internas. A segurança é garantida por robôs que são programados para não guardarem memórias audiovisuais, mas nem por isso são menos efetivos. Eles permanecem interligados aos robôs particulares dos moradores e, ao sinal de qualquer problema, entram em ação de forma eficaz.

– Em quais andares estão à venda esses apartamentos?

– No 7º e no 65º andar. O prédio possui um total de 70 andares, todos com perfeito isolamento acústico.

– Gostaria que me passasse o simulador para que eu possa analisar com mais calma.

– Sim, senhor! O pacote de informações pode ser enviado para o endereço digital em que estamos conversando?

– Sim! Claro!

– Pronto, senhor!

– Obrigado! Logo entrarei em contato.

Após acessar o programa, Gabriel colocou óculos tridimensionais, que lhe proporcionaram uma visão equivalente a de estar dentro do apartamento, com as noções de espaço perfeitas. Em nada ficava devendo a uma visita ao ambiente físico. Por meio do teclado de seu computador, ele se movimentava livremente entre os cômodos. Podia até mesmo olhar a vista das janelas com total precisão.

O prédio proporcionava a privacidade desejada. Quanto mais ele aprendia sobre o sistema do apartamento, mais se animava. O fato de haver dois apartamentos à venda causou um turbilhão de ideias em sua cabeça. Ele resolveu comprar um dos apartamentos em seu nome, onde moraria, e adquirir o outro, como um refúgio, de forma desvinculada a seu nome.

– Computador! Conectar-se com Mariza Pattelli!

– Conectando-se. Aguardando resposta.

A imagem da amiga logo apareceu no telão:

– Olá! Há quanto tempo não nos falávamos! Tudo bem, amigo? – cumprimentou Mariza, demonstrando felicidade ao rever Gabriel.

– Tudo bem! E você, como anda?

– Em paz.

– Gostaria de pedir um favor! Estou querendo adquirir um apartamento, e não quero que ele esteja vinculado ao meu nome. Poderia comprá-lo para mim?

– Claro! Sem nenhum problema!

– Mandarei as informações e o valor necessário para a compra. Vai demorar alguns dias porque usarei alguns artifícios para que o dinheiro enviado não fique interligado ao meu nome.

– Tudo bem! Me passe os dados do apartamento. Iniciarei o processo de compra hoje mesmo. Não precisa ter pressa para me enviar o dinheiro. Sabe que não tenho problemas com isso!

– Muito obrigado! De qualquer forma, ainda nesta semana, darei um jeito de transferir a quantia necessária. Quanto aos dados – disse Gabriel, dando alguns cliques em seu computador, – pronto, aí estão!

– Precisa de mais alguma coisa?

– Se não for pedir demais, é importante que compre um carro e o deixe na garagem.

– Claro! Escolha o modelo e me mande.

– Certo!

– Está com problemas? – perguntou ela, demonstrando preocupação. – Não minta para mim! Eu sei muito bem o quanto você adora se meter em confusão. Afinal, foi assim que te conheci.

– Nenhum problema, ainda! Este apartamento é só uma forma de me prevenir.

– Se precisar, sabe que pode contar comigo em qualquer situação!

– Sei, sim! É por isso que estou pedindo ajuda para você.

– Logo darei notícias sobre as negociações.

– Ficarei aguardando.

– Um grande abraço!

– Abração! Mais uma vez, muito obrigado, minha amiga!

– Fico feliz em poder ajudar.

Assim que encerrou a conversa, o cientista começou a colocar a segunda parte de seu plano em prática:

– Computador! Conectar-se com Jamal!

– Conectando-se. Aguardando resposta.

– Bom dia! – disse Jamal.

– Bom dia! Preciso de sua ajuda!

– Fale.

– Gostaria de pedir permissão para utilizar um dos robôs do laboratório para minha proteção pessoal! – disparou Gabriel.

– Não acha mais cômodo comprar um robô? – perguntou Jamal, em tom de zombaria. – Você não ganha assim tão mal!

– Eu só pretendo utilizá-lo nos dias em que retorno tarde do laboratório. Não existe a necessidade de estar sempre com um robô atrás de mim. Odeio isso! Seria bem mais cômodo utilizar um da empresa quando necessário.

– Acho que não vai dar não...

– Que pena! Isso iria facilitar bastante a minha vida.

– Olha... verei se é possível. Mas não tenha muita esperança.

– Ótimo! Ficarei esperando.

– A propósito: eu já ia te ligar. Esdras entrou em contato, teremos uma reunião com ele amanhã às nove horas.

– Eu já esperava por isso. Ele nunca consegue, por mais que tente, ficar totalmente incomunicável durante suas férias.

– Eu sei! No fim, ele nunca resiste à tentação de responder.

– Estarei lá.

– Então, até amanhã!

– Até!

Logo após terminar a ligação, Gabriel, já se adiantando à resposta de Jamal,

resolveu buscar ajuda daquele que, depois de Esdras, era o mais poderoso de seus amigos:

– Computador! Ligar para Stanley.

– Conectando-se! Aguardando resposta!

– Olá, Gabriel! Prazer em revê-lo!

– Olá, Stanley! Estou precisando de um favor.

– Se estiver ao meu alcance!

– Preciso de alguém para reprogramar um robô de tecnologia bastante incomum.

– Pedirei para que o melhor programador que conheço entre em contato com você. Ele nunca me deixou na mão, e sabe ser bem discreto.

– É bem do que preciso.

– Onde está morando agora?

– Nigéria. Cidade de Mitiziu.

– Sei! Já conheço seu endereço aí.

– Na verdade, não conhece, pois estou mudando de endereço! Se tudo der certo, passarei a morar no bairro Sizio, prédio Zuvali, apartamento do sétimo andar.

– Sabe que tenho uma grande propriedade, que deve estar a uns quatrocentos quilômetros da cidade em que está?

– Sim.

– Se precisar de segurança, pode ir para lá.

– Todas as cidades gerenciadas pela MIF são seguras!

– Eu sei. Estou me referindo à proteção exatamente contra as garras da MIF.

– Não creio que será necessário.

– Nunca se sabe!

– A coisa está feita pro meu lado. Conversei com uma amiga, que também ficou me oferecendo ajuda. Até parece que me meto em tanta confusão assim.

– E não se mete?

– De qualquer forma, muito obrigado! – disse Gabriel, desconversando.

Terminada a conversa, Gabriel ligou novamente para a imobiliária e solicitou que enviassem um vendedor. Não demorou cinco minutos para que este chegasse à sua casa. Terminada a rápida parte burocrática, o vendedor disse:

– Meus parabéns! Fez uma ótima aquisição. Já terminamos de escanear todos seus móveis. Gostaria de planejar a mobília agora?

– Sim!

– Coloque seus óculos, senhor!

Após colocar os óculos 3D, Gabriel passou a ver como se estivesse na sala de seu novo apartamento, com o diferencial de que, dessa vez, o vendedor estava

presente ao seu lado, e junto, em uma das paredes, estava a imagem de sua antiga sala. O conceito de realidade ficou invertido: era como se ele realmente estivesse em seu novo apartamento, vendo a reprodução do seu velho apartamento em um holograma de alta *performance*.

Apontando para a imagem do telão, ele começou a indicar:

– Quero aquela estante aqui! Aquela mesa pode ficar ali! O sofá, desejo colocar na parede perto da janela!

Conforme ele falava, o apartamento ia sendo preenchido com imagens perfeitamente realísticas dos móveis, enquanto estes sumiam da projeção de sua antiga sala.

Gabriel também tinha um minicomputador em suas mãos, por meio do qual poderia selecionar móveis e utensílios novos. Conforme ele clicava, o holograma do objeto selecionado aparecia à sua frente e ele podia indicar onde desejava colocá-lo. Após testar vários móveis e utensílios, trocar as cores, e testar mais de uma forma de organizar a sala, ele concluiu o arranjo.

– Como será feita a mudança? – perguntou o cientista.

– Traremos robôs especializados que memorizarão o local de cada objeto que retirarem de seus móveis. Ao remontar sua sala, da forma que planejou, tudo será recolocado como estava! Esses robôs são rápidos, porém muito cuidadosos. Não é necessária preocupação com objetos delicados.

– Qual o tempo necessário para realizar a mudança?

– Pelos meus cálculos, vai levar cerca de duas horas. Se desejar, pode acompanhar, mas em nome de muitos anos de trabalho, garanto que não há necessidade!

– Conheço bem a seriedade do trabalho de vocês. Eu terei um compromisso às nove horas. Deixarei permissão para que entrem depois que eu sair!

– Sim, senhor. Como desejar.

– Vamos mobiliar os outros cômodos?

– Sim, senhor.

Abéli se levantou cedo e foi direto para o laboratório. Ficou vendo e revendo todo material correspondente aos acontecimentos do dia anterior. A cientista estava assistindo, novamente, à briga entre pai e filho. Levou um susto ao soar a música de seu computador, que indicava uma chamada de Jamal.

– Olá, colega! – disse ela, após atender.

– Bom dia! Estou ligando para avisar que temos uma reunião marcada com Esdras para amanhã às nove horas!

– Ótimo! É um excelente horário!

– Então, até amanhã!

– Até!

Assim que Jamal desconectou, Maria indicou:

– Pesquisa concluída.

– Divulgar resultado! – ordenou Abéli.

– Após analisar tudo o que Davi falou, ouviu, viu ou leu durante sua vida, foi constatado que ele jamais entrou em contato com informações referentes à amante de Otach!

Depois de ouvir a informação, Abéli permaneceu em silêncio, pensativa. Ela começou a assistir a um dos telões, que estava transmitindo as imagens de Davi em tempo real. Por um impulso, colocou os óculos de projeção tridimensional e ordenou:

– Maria! Conecte-me ao sistema audiovisual de Davi!

A cientista passou a enxergar como se estivesse vendo por meio dos olhos do menino e a ouvir tudo o que acontecia à volta dele. Ela começou a assistir o filme a que ele assistia. Alguns segundos depois, Davi olhou fixamente para a direção do espelho em seu quarto, dando a Abéli a impressão de que ele a estava vendo. Imediatamente, a expressão relaxada que ela mantinha endureceu. As mãos, que antes estavam abertas sobre suas pernas, agora se encontravam como os punhos fechados.

Davi se levantou e se aproximou do espelho, mantendo o olhar fixo para dentro de seus próprios olhos. Ao chegar bem perto, parou e ficou estático. O coração da cientista começou a bater enfurecidamente. Para ela, era como se Davi estivesse olhando diretamente para seus olhos.

A sensação de ser observada era incômoda e assustadora. Abéli arrancou os óculos e os atirou para longe, mas o terror não terminou: a cientista teve a impressão de ver um vulto.

– Tem alguém aí? – perguntou ela, com uma voz alta e trêmula, mas um silêncio mórbido pairou no laboratório.

Abéli sentiu um horripilante arrepio na nuca. Suas mãos tremiam. O terror só diminuiu quando ela olhou para o telão que ainda transmitia as imagens de Davi. Ele estava apertando, tranquilamente, uma pequena espinha bem perto de seus olhos. Uma das primeiras de sua vida!

A cientista sabia que a câmera que rouba as imagens dos olhos de Davi mostra tudo o que ele está vendo, mas não indica qual é o real foco, de forma que, desde o começo, ele poderia estar olhando para a espinha, e não para os próprios olhos, como parecia a ela. Essa era a única explicação plausível. E quanto ao vulto, ela mesma sabia ser uma reação comum do cérebro em alerta enxergar coisas irreais. Porém, mesmo sabendo disso, a horrível sensação que havia tomado conta dela ainda permanecia. Era um sentimento inexplicavelmente ruim, que

misturava sensações de tristeza, medo e arrependimento.

Uma música suave começou a tocar.

– A Banheira já está cheia. – disse a voz suave da inteligência artificial.

– Prepare um café e um sanduiche natural – pediu Gabriel, que preguiçosamente começou a se levantar, escolheu uma roupa e foi ao banheiro.

Após se trocar e fazer sua refeição, Gabriel se dirigiu para o laboratório. Chegou cedo, ainda eram 8h15. Assim que adentrou a recepção, Maria informou:

– Jamal permitiu a reprogramação de um robô, para uso externo, em seu nome. Ordem classificada como de alta relevância. É necessária confirmação!

– Confirmado!

– Reprogramação ativada com sucesso! – informou Maria.

Logo que a porta de acesso ao corredor interno se abriu, Hiroto veio ao seu encontro, acompanhado por um dos robôs.

– Eu estava à sua espera! Você acabou de aprovar a programação que permitirá a retirada deste robô para seu uso pessoal!

– Como funcionará essa reprogramação? – perguntou Gabriel.

– Deve saber que Maria só permite que um robô saia do laboratório em situações extremamente especiais, e mesmo assim, por um curto período de tempo! – repreendeu Hiroto, claramente nervoso. – Foi necessário alterar a programação básica de todo o sistema para que conseguisse retirar este robô!

– Muito obrigado!

– Isso não deveria ocorrer! Primeiramente porque, por bom senso, nunca imaginei que um chefe de projeto solicitaria ou permitiria tal feito. Isso é abuso de poder! Em outras circunstâncias, eu certamente abriria um processo administrativo, mas, no nosso caso, como existem dois líderes, e ambos acharam adequada tal decisão, então, achei melhor acatar a ordem.

– Não se preocupe...

– Me preocupo, sim! – disse Hiroto. – Fiquei de mãos atadas: se dois homens renomados da empresa concordam, certamente não é bom para mim, como um subordinado, bater de frente com vocês. E o pior é que acho que eu deveria ter feito isso!

– Não é nada demais!

– É claro que é! Afeta todo o sistema de segurança! A verdade é que eu só resolvi obedecer porque achei que, no final, Maria vetaria tal reprogramação!

– Se ela não vetou, é porque não se trata de algo tão grave assim!

– Acredito que houve um erro operacional por parte dela! De qualquer forma,

agora já obedeci! Só espero que essa bomba não exploda em minhas mãos!

– Nossa! Quanto nervosismo! É apenas uma medida de segurança. Serão raras as situações em que utilizarei o robô!

– Bom dia, Gabriel! Vejo que já recebeu o robô reprogramado – disse Jamal, que também se aproximou, salvando, sem saber, Gabriel de uma infinidade de perguntas.

– Sim, só não sei como farei para reconhecê-lo! – respondeu Gabriel, aliviado pela chance de mudar o foco da conversa.

– Todos os robôs do laboratório possuem as luzes dos olhos de cor azul, mas as do seu, troquei para cor verde! – respondeu Hiroto. – Com isso, fica fácil reconhecê-lo. Mais fácil ainda é pedir a Maria e ela o enviará o robô até você imediatamente! É claro que passará a ter controle sobre ele apenas da porta da secretaria para fora! Aqui dentro, ele permanece subordinado ao sistema de pesos de comando, vinculado à Maria, como todos os outros robôs!

Nesse momento, Gabriel procurava em sua mente mais perguntas para continuar longe de se tornar o foco da conversa. Por sua sorte, Abélii veio ao encontro de todos:

– Senhores! Esdras já está pronto para a reunião. Que tal deixarem essa conversa paralela para mais tarde?

Todos entraram no salão principal.

– Bom dia a todos! Tive que me antecipar alguns minutos. Que bom que vocês já estão todos reunidos! – disse o empresário. – Vamos para o que interessa: recebi os relatórios de Maria, assisti à briga entre Davi e Otach e também à reunião de vocês.

Após uma pequena pausa Esdras complementou:

– Gostaria de parabenizá-los. Tomaram decisões rápidas e efetivas. Foram bem audaciosos! Estou empolgado para ver o resultado das induções!

– Logo teremos novidades! – disse Gabriel.

– Quanto ao *link* que necessita ser lançado na Internet, Maria receberá os acessos necessários o mais rápido possível. Depois, Abélii pode ajudá-lo – disse Esdras, dirigindo-se a Gabriel. Ela saberá o que fazer.

– Sei, sim! – respondeu Abélii.

– Ótimo! – disse Gabriel.

– Desejo mais atenção para esse projeto! – pediu Esdras. – Quero que todos se preparem para ficar um bom tempo na cidade. Eu mesmo tomarei as providências necessárias para os desvincularem de suas outras atividades enquanto for necessário!

– Mas acho que... – começou a dizer Hiroto.

– Não perca tempo achando nada! Eu exijo que, a partir de amanhã, todos vocês estejam se dedicando exclusivamente a este projeto. Quero ver algum

resultado! E eu vou manter um maior acompanhamento!

– Nos reorganizaremos imediatamente! – respondeu Jamal.

– Por hoje, é só isso que queria dizer! Depois do resultado das induções, voltaremos a nos reunir. Alguém quer dizer algo mais? – perguntou o empresário, que logo complementou: – Desde que não seja reclamação ou lamúria inútil!

Gabriel sentiu um grande frio na barriga. Imaginava que Hiroto poderia aproveitar a oportunidade para comentar sobre o robô. Porém, após um breve segundo, Esdras deu por encerrada a reunião:

– Já que ninguém tem mais nada a dizer, terminamos por aqui. Estarei disponível, caso precisem. Até mais!

Jamal tomou a palavra. Alguns minutos depois, Gabriel sentiu a vibração de seu computador de bolso indicando uma ligação. Ele olhou discretamente, esperou seu colega concluir o que dizia e então comentou:

– Tenho um compromisso importante. Ainda há algo relevante a ser discutido agora?

– Não! Pode ir! – respondeu Jamal. – Liguei para você, se for necessário!

– Vou levar o robô para testá-lo!

– Boa ideia! Faça isso!

O cientista se levantou e saiu rapidamente. No meio do corredor, seu computador começou a vibrar novamente, ele acelerou os passos para atender apenas fora do laboratório:

– Olá! Meu nome é Américo. Estou em Mitziu para ver seu robô!

– Stanley ficou de pedir para que me ligasse, e não que viesse...

– Quer que eu vá embora?

– Não! Por sorte, estou disponível.

– Ótimo! Estou no hotel Oureon. Poderia trazê-lo para mim o quanto antes?

– Irei agora mesmo!

– Estou no apartamento 32. Deixarei permissão para que suba até meu quarto!

– Já estou a caminho!

Gabriel entrou em seu carro com o robô e foi para o hotel. Chegando lá, como combinado, recebeu permissão para subir até o apartamento. Américo estava esperando na porta.

Após cumprimentar afoitamente Gabriel, o programador começou a analisar o robô de imediato.

– O que deseja alterar? – perguntou Américo, cada vez mais afoito.

– Esse robô pertence à empresa onde trabalho: eu tenho permissão para utilizá-lo fora do laboratório, mas dentro dele, perco o controle. Lá, ele passa a agir como parte do sistema de segurança. Será que existe alguma forma de modificar a programação de modo que eu possa manter controle total sobre ele,

mesmo dentro do laboratório? Mas tudo isso sem que essa alteração seja perceptível. A não ser que eu precise ativá-la, é claro.

– Esse robô é um modelo SLK1034, criado para uso interno da MIF. O sistema é sempre projetado e montado por uma equipe especial. Depois disso, um engenheiro ou programador não envolvido na projeção passa a acompanhar o funcionamento. A questão é que esse engenheiro não tem acesso ao sistema básico de defesa, de forma que deveria ser impossível que ele, ou qualquer outra pessoa, tivesse conseguido reprogramar este robô para uso externo.

– Realmente! O engenheiro responsável me informou que não foi um acontecimento comum.

– Não é apenas incomum, é inacreditável! Este robô faz parte do sistema de segurança nível 7 da MIF. Deveria ser algo praticamente impossível abrir um destes sem que um exército inteiro viesse ao nosso encontro, e, acredite, não estou exagerando!

– Então é impossível?

– Não é bem assim! A partir do momento em que uma falha no sistema permitiu que este robô fosse desconectado de sua inteligência mestra, certamente foi criada uma lacuna em seu sistema de defesa. A partir disso, é bem provável que eu consiga realizar a reprogramação. Precisarei de algumas horas para analisá-lo! Deixe-o aqui comigo, eu entro em contato logo que obtiver uma resposta mais concreta.

– Tudo bem. Qualquer novidade, ligue para mim.

Ao sair do hotel, Gabriel não tinha para onde ir, pois seu novo apartamento certamente não estava mobiliado ainda. Ele resolveu voltar ao laboratório, onde teria a tranquilidade necessária para trabalhar. Após uma hora de concentração, o cientista pensou ter visto um vulto. Perguntou em voz alta:

– Tem alguém aí?

– Oi! Estou aqui! – respondeu Abélli Sactra, que saiu de sua sala particular.

– Que susto! – disse ele.

– Desculpe-me! Não foi minha intenção.

– Não imaginava que houvesse mais alguém aqui.

– Eu também não tinha ouvido você!

– Por que ficou aqui?

– Depois da reunião, eu fiquei na minha sala analisando o resultado de algumas pesquisas que estou finalizando. E você, por que retornou?

– Estou mudando de endereço e precisava de um lugar para trabalhar em paz enquanto a mudança não estivesse concluída. Preciso elaborar o material

correspondente à indução. Pretendo disponibilizá-lo na Internet ainda hoje. E suas pesquisas, a que se referem?

– Hoje não consegui nada concreto, mas ainda estou reanalisando resultados que obtive ontem. Esses, sim, são bem interessantes!

– O que analisou?

– Tendo como inspiração a alegação de Otach, que, sob o efeito da droga Drulyon, afirmou ser impossível que Davi soubesse sobre sua amante, resolvi analisar, junto a Maria, tudo o que Davi ouviu, viu ou leu durante a vida. Meu objetivo era encontrar o momento em que o menino descobriu sobre essa mulher.

– O que descobriu?

– Ao que parece, minha pesquisa confirma o depoimento de Otach. O garoto não entrou em contato com nenhuma informação que indicasse o relacionamento extraconjugal de seu pai.

– Qual é a confiabilidade das informações analisadas?

– A eficiência de Maria é sempre cem por cento!

– Não! Não! Você está enganada – disse cinicamente Gabriel. – A inteligência artificial é capaz de analisar com uma eficiência de cem por cento tudo o que uma pessoa monitorada ler, ouvir ou falar, mas existe uma boa margem de falha na interpretação de imagens. Talvez o garoto tenha visto algo sutil que passou despercebido pela análise de Maria.

– Já que você está bem informado, de quanto é essa margem de erro?

– Não sei, mas Maria, sem dúvidas, sabe. Maria! Qual é a confiabilidade das análises audiovisuais? Detalhe separadamente cada parâmetro analisado!

– Análise de informações auditivas, 100%. Análise de informações textuais, 100%. Análise de informações visuais, 98%.

– Muito obrigada pela informação! – disse Abélii. – Isso comprova que o resultado é bem confiável, principalmente se levarmos em conta o depoimento de Otach.

– Como assim, confiável? – perguntou Gabriel, em um tom agora irônico. – Espero que você não tenha a intenção de insinuar nada de sobrenatural ou algo do gênero.

– Só por curiosidade: como você classificaria o fato de não estarmos encontrando uma explicação?

– Sei lá! – respondeu Gabriel, com rispidez, demonstrando ter perdido completamente a paciência. – Falta de sorte!

– Falta de sorte? – retrucou ela, rindo. – Simples assim?

– Realmente, não gosto muito da palavra sorte, principalmente porque as pessoas utilizam essa expressão vinculada a crenças de destino ou outros misticismos desse gênero. Porém, se utilizarmos a expressão de forma

unicamente casual, então, sim: é uma falta de sorte Maria não ter localizado o momento em que Davi descobriu sobre a amante de seu pai. Esta é a palavra perfeita para a ocasião!

– Você não gosta da palavra sorte, mas vive apoiando seus argumentos nela.

– E quando foi que fiz isto?

– Sabemos que Davi provém de uma amostra genética que tem grande chance de pertencer ao homem conhecido como o filho de Deus. Nestes últimos anos, fizemos milhares de clones dessa amostra genética, mas, inexplicavelmente, nenhum dos clones passou de um ano de vida, a não ser Davi, nascido logo na primeira tentativa.

– Antes mesmo dessas mortes, eu já havia diagnosticado a fragilidade da rede neural dos clones provindos daquela amostra...

– Mas você se apoiou exatamente na palavra sorte para explicar o fato de Davi ter sido o único sobrevivente. Outro bom exemplo foi quando...

– Ei, ei, ei, calma! Não precisa continuar. Realmente, a palavra sorte e suas variáveis acabam sendo a ideal para se utilizar nas lacunas, seja pelo fato de não termos encontrado alguma resposta ou pelo fato dessa resposta depender realmente do puro acaso – disse Gabriel, pausadamente, agora com extrema calma. – Mas, veja bem: um projeto desse patamar funciona como um quebra-cabeça que vai sendo montado aleatoriamente. Nossa “sorte” é que não é necessário termos todas as peças em mãos para entendermos o significado que buscamos. Basta montarmos as principais partes para chegarmos ao entendimento!

– Não acha que é importante descobrirmos por que o garoto foi o único a sobreviver, ou como ele sabe sobre a amante de seu pai?

– Claro que é importante! Mas não primordial! Por exemplo: se comprovarmos a insanidade de Davi, concorda que essas respostas deixam de ter a relevância que parecem possuir agora?

– Se pensa que é assim que vai ser, por mim, tudo bem. Eu prefiro manter minhas perspectivas em aberto!

– Perspectivas em aberto?

– Pare com isso! Sempre vem com esse mesmo ataquezinho, evocando a sua lógica como se fosse o único caminho plausível. O pior é que consegue mesmo deixar as pessoas sem jeito!

– Só fiz uma pergunta!

– Certo! Então faço questão de respondê-la. As circunstâncias apontam para acontecimentos inexplicáveis. Se quiser chamar isso de sobrenatural, então, tudo bem. Nesse caso, sim, passei a acreditar no sobrenatural! – respondeu ela, agora se igualando ao tom prepotente que Gabriel utilizou para se explicar. – Tem alguma coisa contra?

– Veremos se continuará pensando assim após o resultado da nova conversa entre pai e filho.

– Já leu a Bíblia?

– Li mais do que o suficiente para saber que se trata de uma junção de livros estúpidos e mal escritos.

– Você sempre disse que credíes cegam até mesmo pessoas inteligentes. Sem dúvidas, é verdade, mas vejo que as feridas da vida proporcionam esse mesmo efeito. A vida te cegou!

– Eu não acredito que estou ouvindo tanta estupidez logo de você! – disparou Gabriel.

– Durante estes últimos anos, eu li a Bíblia e não tenho como negar a inteligência de Cristo.

– Eu nunca neguei que ele fosse inteligente...

– Ele tem uma inteligência que demonstra uma total lucidez. Para mim, loucura é não perceber a perfeição sutil em cada ato referente ao nazareno descrito na Bíblia, que reflete a grandiosidade de um ser maior.

– Só por curiosidade: se passou a acreditar em Cristo, o que acha que Davi é? Jesus renascido?

– Só existe um Cristo e ele está vivo. Ressuscitou no terceiro dia e subiu aos céus!

– Então, o que espera desse menino?

– Não sei o que esperar. Tenho muito medo do que fizemos!

– E deveria mesmo, pois, se Deus existe, ele deve estar bem furioso com todos nós – falou Gabriel, em tom de zombaria.

– Para você, isso é brincadeira, mas eu penso nisso todas as noites!

– Se sente culpa, por que não se afastou ainda? Que arrependimento mais fajuto é o seu.

– Existe como desfazer meus erros?

– Matando o garoto? – provocou Gabriel, em um tom ainda mais debochado.

– Um filho bastardo não deveria ser gerado, mas, se alguém merece castigo, não é a criança, mas os pais. Davi é nosso filho bastardo, a culpa é nossa: o pecado é nosso e não dele. Eu me arrependo, mas o melhor que posso fazer agora é ficar por perto para protegê-lo.

– E se ele for o Diabo? Pense bem, faria sentido!

– Davi é um bom menino!

– Ainda é só uma criança. Além disso, o Diabo também deve conhecer a Bíblia. Afinal, esta pode ser a sua maior arma contra Deus.

Nesse momento, os olhos da cientista se encheram de lágrimas. Ela pareceu mergulhar dentro dos próprios pensamentos. Gabriel, por sua vez, explodiu em

risadas descontroladas.

– Você enlouqueceu de vez! – disse ele, recomeçando a rir com ainda mais intensidade, se é que isso era possível.

Após tentar recuperar o fôlego, ele complementou:

– É isso que dá misturar o instinto maternal com ciência!

Mais risadas. Agora ele chorava de tanto rir.

– Estou perdendo meu tempo – respondeu Abéli, que retornou para sua sala sem dizer mais nada.

Após alguns segundos, Gabriel se recompôs e foi atrás dela:

– Desculpe-me! Eu não queria ofendê-la.

– Não me ofendi. Apenas cheguei à conclusão de que seria inútil continuarmos discutindo.

– Na verdade, é interessante ter no grupo alguém com ideias diferentes!

– Por que acha isso?

– Se tudo der certo, logo poderei convencê-la de que está errada, e se eu conseguir fazer isso, significará que estou alcançando meus objetivos nesse projeto.

– Mentiroso! Neste exato momento, você está me vendo como uma retardada. Foi bem sincero em sua crise de risadas!

– Mas...

– Mas, nada. Eu diria que foi até ponderado na sua crisezinha. Se não precisasse de mim, teria me retalhado completamente em vez de simplesmente rir.

– Posso me explicar?

– Não tem explicação. É com insultos que você age com todo mundo que defende ideias religiosas. Por que seria diferente agora? Era melhor que estivesse agindo assim, pelo menos eu saberia que sua resposta estaria sendo honesta.

Após respirar fundo, ela complementou:

– Sua constante falsidade me enjoa!

– Abéli Sacra! Pode me escutar um minuto?

– Pare de insistir. Foi ridículo ter falado de sua família no meio de uma reunião para me sensibilizar e conseguir meu apoio. Não dá para acreditar o quanto me acha imbecil! Vai tentar negar isso também?

– Eu tinha que tentar alguma coisa...

– Saiba que só ajudei porque sua ideia parecia boa para os meus próprios objetivos. Quero ver como Davi vai se comportar frente ao seu desafio! Confesso que, só de raiva, minha vontade pessoal era te ferrar: negar tudo o que propusesse para te ensinar a não tentar me manipular. Sua sorte é que não misturo vontades pessoais com os interesses do meu trabalho.

– Eu realmente faço tudo o que for possível para conseguir trabalhar. Tento qualquer coisa para ganhar a confiança – disse ele, bem alterado. – Mas deveria saber o quanto te aprecio!

– Seu ridículo, mentiroso! – disse ela, extremamente zangada.

– Me deixe falar! – disse ele, mais furioso ainda. – Eu ouvi o que tinha para dizer, agora é minha vez! Certo?

– Então vai, desperdice meu tempo!

– Tem toda a razão: se outra pessoa tivesse falado as coisas que me disse a respeito de religião, eu não teria apenas rido, mas sim me enfurecido.

– Ao menos confessa!

– Mas não agi assim por precisar de você. Sou orgulhoso demais para isso. Deveria saber disso!

– Então por que foi?

– Simplesmente porque não consigo brigar com você, a não ser agora, que duvida de mim! Se quer saber, eu aproveitei mesmo a oportunidade no meio da reunião para tentar sensibilizá-la, mas, mesmo antes da reunião, na verdade, desde aquela conversa que tivemos há onze anos atrás, eu venho ensaiando uma forma de te contar minha história. Pode ter certeza que não é nada fácil para mim!

– É meio difícil acreditar na nobreza de suas intenções.

– Mas é a verdade. É claro que aproveitei aquele momento para tentar conquistar sua confiança. Mas eu já pretendia contar minha história a você. Até tentei antes da reunião, mas não consegui. Acredite se quiser!

– Está apenas tentando me manipular de novo!

– Pense o que quiser – disse ele, claramente chateado. – Até mais. – Ele começou a ir em direção à saída.

– Eu não sou cega – disse ela, indo atrás dele. – Você conseguiu manipular até mesmo Jamal. Não sei o que aconteceu naquela sala de operações, mas percebi que ele mudou de comportamento com você. Saiba que estou de olhos bem abertos!

Gabriel continuou andando em direção à saída, em silêncio.

– Não sou tão burra quanto pensa – complementou ela, mas o cientista saiu sem dizer mais nada.

Gabriel entrou em seu carro, com expressão triste. Resolveu ir em busca de novidades sobre seu robô. No hotel, deixaram que ele subisse novamente; porém, bateu na porta do quarto e ninguém respondeu. Sua mente se inflamou. Começou a cogitar a hipótese de ter sido roubado: situação que seria muito difícil de

explicar. Já desesperado, pegou seu microcomputador com a intenção de ligar para seu amigo Stanley, mas a porta do quarto se abriu.

– Por que retornou? Não te chamei ainda. – disse Américo.

– Como está indo?

– Entre, vamos conversar. Temos problemas!

– Grandes ou pequenos?

– Acredito que descobri uma forma de realizar a reprogramação, mas existe um risco de a inteligência artificial perceber essa alteração logo que você entre com o robô no laboratório...

– Existe outra saída?

– Não!

– Os riscos são grandes?

– Eu sou muito bom no que faço, não costumo errar. É por isso que fui mandado para cá. Ainda assim, não posso garantir nada.

– Vamos em frente!

– Escolha uma senha. Algo que não possa falar acidentalmente. Essa senha servirá para ativar seu controle sobre o robô mesmo dentro do laboratório.

– Então coloque aí: “Eu amo a Deus” – disse Gabriel sarcasticamente, ainda pensando na briga com Abéli. – Eu nunca diria isso! – complementou ele.

– Tudo bem! – respondeu o programador.

– Não! Espere! É brincadeira! – disse Gabriel.

Ele repensou por mais alguns segundos, tempo suficiente para ver o olhar mortal do programador nada humorado.

– Quer saber, pode colocar isso mesmo! – disse ele, sem ideias e um pouco constrangido.

– Devo lhe dizer que o robô tem uma inteligência artificial bem complexa. Se estiver em um momento difícil, ao ativar o código e não dar nenhuma ordem direta, ele é capaz de perceber e esperar o momento certo de agir a seu favor, tomando decisões por conta própria para ajudá-lo, a não ser que queira que eu desative essa função. O que eu não recomendo que faça!

– Deixe-a ativada.

– Ótimo!

– Mudando de assunto – disse Gabriel, – se eu quisesse comprar um robô de segurança de alta tecnologia, o que me indicaria?

– Depende! Se quiser um robô de tecnologia lícita, basta ir a qualquer loja especializada e você será informado. Se quiser algo melhor, neste caso, acho que posso apresentar algumas novidades.

– Estou em busca de novidades!

– Temos um clube de demonstração e venda de tecnologia. O problema é que

não é nada simples para entrar. No seu caso, acho que não vai ser muito difícil, pois sua amizade com Stanley pode te abrir muitas portas. Vou indicar seu nome para o grupo. Eu ligo para te dizer se foi aceito ou não.

– Ótimo! Ficarei esperando.

Contra ponto

Gabriel permanecia pensativo. Ele apreciava a belíssima vista de seu novo apartamento, mas sua mente estava longe. Após muito trabalho, tinha acabado de elaborar o material que iria disponibilizar na Internet.

– Computador! Conectar-se com Abéli.

– Aguardando resposta.

A imagem da cientista apareceu no telão.

– Boa noite! – disse Abéli.

– Pode me ajudar a inserir na Internet o texto correspondente à indução?

– Me mande o arquivo.

– Só um minuto. – Gabriel digitou rapidamente. – Prontinho, enviado!

– Agora, deixa comigo.

– Quero participar.

– Não há motivo para participar! Já fiz a programação, agora só falta enviar o arquivo à Maria!

– Tudo bem! Sabe que o *link* deve ficar disponível apenas quando pai e filho estiverem juntos, e a sós?

– Sim. Pode ficar tranquilo, sei o que fazer. Mais alguma dúvida?

– Estava pensando em nossa conversa de hoje...

– Esqueça! – atalhou ela rapidamente, interrompendo o assunto e demonstrando impaciência. – A única coisa que vai conseguir é me irritar ainda mais.

– Não quero falar sobre nossa discussão pessoal, mas sim sobre sua pesquisa.

– OK – disse ela, após suspirar. – Fale!

– Você me perguntou como eu explicaria o fato de não termos encontrarmos nenhuma informação sobre o momento em que Davi descobriu sobre a amante de seu pai.

– Sim! E sua brilhante resposta foi: falta de sorte.

– Respondi sem pensar, motivado apenas pelo calor da discussão. Porém, agora, analisei a situação com calma...

– Encontrou alguma explicação decente?

– A princípio, concluí que você tinha razão: realmente, estatisticamente falando, é bem improvável que algo tenha passado despercebido por Maria.

– Não preciso de sua ajuda para concluir o óbvio: com 100% de confiabilidade na análise das informações auditivas e textuais e 98% nas visuais, eu mesma sou capaz de concluir que minha pesquisa apresenta dados concretos.

– É isso mesmo. As estatísticas dizem tudo por si só! Inclusive, já que estamos falando em dados estatísticos, é importante que eu a alerte que esquecemos de levar em consideração um número bem importante!

– Que número?

– Depois de uma rápida pesquisa na Internet, descobri que, hoje em dia, a questão do adultério está bem problemática: as estatísticas apontam que 75% dos homens casados traem suas esposas.

– E o que isso tem a ver com minha pesquisa?

– O que tem a ver é o critério da probabilidade: se você acusar aleatoriamente quatro homens casados de serem adúlteros, estatisticamente, três vão ser culpados e só um será inocente. Como confusão mental faz parte da esquizofrenia, não é nada difícil que Davi tenha falado sobre o que não sabia e, com a ajuda da alta probabilidade, tenha acertado bem no calo de seu pai, gerando toda aquela confusão! Até uma criança tem noção de que relacionamentos extraconjugais são constantes nos casamentos.

– Meus parabéns! Suas estatísticas servem perfeitamente para desacreditar minhas pesquisas.

– A questão não é dar crédito ou desacreditar. Eu apenas busco compreender a verdade.

– Você realmente tem uma capacidade lógica muito aguçada para encontrar explicações – ironizou Abéli. – O problema é que ela só funciona em uma direção: enxergar tudo o que desacredite a fé.

– Não é bem assim!

– Seu trabalho quase sempre envolve estudar a mente humana, não é mesmo?

– Sim!

– E quantas vezes viu ou ouviu falar sobre algo parecido com a estrutura cerebral de Davi?

– Nunca!

– Isso significa que a formação de um DNA semelhante é um acontecimento extremamente raro, para não dizer único. Não é mesmo?

– Provavelmente!

– E depois de, “por um acidente da natureza”, ter ocorrido essa complexa mutação, podemos dizer que a chance de sobrevivência é bem menor que uma em cada mil. Afinal, já fizemos muito mais de mil clones, mas apenas um sobreviveu, certo?

– Correto!

– E, ainda que alguém nessas condições sobrevivesse, por mais inteligente ou doido que fosse, a chance de entrar para história como Cristo entrou é avassaladoramente improvável. – Após pensar por alguns segundos, Abéli complementou: – Na verdade, dizer que é improvável é pouco. Para ser mais

exata, ninguém influenciou mais os caminhos da humanidade que Jesus, não é mesmo?

– Que tal darmos uma trégua à discussão desse assunto? Não vamos chegar a nenhum entendimento.

– Se a cética fosse eu, e você tivesse interesse em me provar o contrário, tenho certeza de que iria jogar na minha cara que estamos falando de uma amostra genética com características únicas, com extrema probabilidade de não dar suporte à vida, mas que gerou um homem que sobreviveu e alcançou um reconhecimento único. Esses números refletem a vida de alguém que nasceu e morreu em meio a situações exclusivas. Por que, então, não aceita que ele pode ser exclusivo de outras formas? Por que se esquece sempre de analisar essas estatísticas? São números bem expressivos, não acha?

Gabriel deu uma risada tímida, ao mesmo tempo em que mantinha uma expressão tristonha.

– Qual é a graça? – perguntou Abéli.

– A graça é que eu queria insultar você, chamá-la de fanática retardada e outras coisas mais. Só que não consigo me enfurecer, só sinto vontade de rir! – Ele pensou e complementou: – Apesar de sentir tristeza por ver a que ponto chegamos!

– Realmente! É incrível como nos tornamos tão incompatíveis – disse ela, em tom pesaroso.

– Mais incrível ainda é eu continuar gostando de sua companhia, mesmo sabendo que a única coisa que vou conseguir é me irritar. – replicou ele.

– Eu acho que está mentindo. Eu sempre acho que está mentindo!

– Mentindo em quê?

– Que aprecia a minha companhia! Na verdade, em tudo! Até porque, se quer saber, detesto ter que estar perto de você. Só de te olhar, já fico irritada!

Ela olhou para Gabriel com expressão de fúria. Ele respondeu com um olhar que indicava dor.

O olhar de Gabriel tocou Abéli. Ela realmente não acreditava em nada do que ele dizia, mas acreditou nesse olhar, pois foi tão profundo quanto o que ela viu no dia em que se conheceram. Em meio ao silêncio, houve uma nova troca de olhares cheia de carinho, misturado com tristeza. A sinceridade absoluta quase se materializava de ambos os lados

– Eu exagerei ao dizer que detesto estar perto de você. Não é para tanto, mas realmente sabe me tirar do sério. – ela complementou, num tom bem mais ameno.

Após um breve instante, Abéli complementou:

– Tenho que desligar! Se continuarmos conversando, vou me atrasar. Tenho um encontro marcado para daqui a dez minutos. Nove, na verdade!

– Desculpe-me, não queria atrapalhar! – disse Gabriel, retomando seu jeito tímido.

– E não vai, se terminarmos esta conversa agora. Até mais!

– Está namorando? – perguntou ele, ficando com a pele do rosto corada imediatamente.

– Isso não é da sua conta. – respondeu Abéli.

– Desculpe-me novamente! – exclamou ele, ficando ainda mais vermelho. – Tchau!

– Não é da sua conta, mas, para evitar que fale ou pense besteira, saiba que meu encontro é com um grupo virtual de estudos da Bíblia.

Gabriel deu um discreto sorriso e complementou:

– Eu não deveria ter perguntado algo tão pessoal. Novamente, peço desculpas!

– Ainda hoje, deixarei o conteúdo que me passou disponível a Maria. Agora, é só esperar os resultados. Tchau!

Após desligar, Gabriel deitou em seu sofá, permaneceu pensativo e acabou adormecendo. Acordou mais de uma hora depois, com sua inteligência artificial indicando uma mensagem urgente. Ele deu um grande pulo do sofá, pois pensou que a nova conversa entre pai e filho já poderia estar acontecendo. Tranquilizou-se quando viu que a mensagem era de Taylor.

Assim que ativou o conteúdo da mensagem, apareceu uma indicação para que fossem colocados os óculos tridimensionais. Ao obedecer, Gabriel passou a ver como se estivesse em uma sala cheia de robôs, e logo à sua frente, estava presente um único homem, que começou a dizer:

– Você está acessando a vigésima quinta amostra tecnológica CAD. Qual seu nível de conhecimento de nossos produtos?

Ao lado de Gabriel, apareceu um painel indicando as opções: “veterano”, “intermediário”, “iniciante”.

– Iniciante! – disse o cientista.

– Nesse formato de apresentação, todos os acontecimentos e regras serão sempre detalhados para seu melhor entendimento – explicou o apresentador.

A apresentação continuou:

– O que deseja ver?

Surgiram as opções no telão: “demonstração de armas”, “torneio mortal de robôs”, “personalize seu robô”.

– Torneio mortal de robôs!

– Neste campeonato, como o próprio nome indica, a luta prossegue até a completa destruição de um dos adversários. Escolha uma modalidade! – Dessa vez, as opções foram: “luta à mão livre”, “luta com espadas”, “campeonato animália” e “destruição total”.

– Mão livre!

Foi como se Gabriel fosse teletransportado para outro ambiente, uma espécie de ginásio. O apresentador, que continuava à sua frente, começou a explicar:

– Nessa modalidade, os robôs possuem uma rígida padronização em sua linha de montagem. As regras visam estabelecer uma proximidade com a fisiologia humana. Esse padrão nos permite analisar com mais atenção a tecnologia da inteligência artificial, já que, estruturalmente, existe grande similaridade entre os combatentes. Os materiais permitidos na construção são estabelecidos para cada parte do corpo, sendo que os locais de maior fragilidade na anatomia humana possuirão materiais com baixa resistência, o que facilita os danos, não permitindo que as batalhas se prolonguem demais. Caso se interesse por fazer uma aquisição, a durabilidade física e os armamentos de seu robô só serão limitados pelo investimento que estará disposto a fazer. Lembrando que, como toda a tecnologia apresentada esta à venda, cada equipe mantém a mesma cor para todas as modalidades durante o campeonato, facilitando a diferenciação entre elas. Deseja iniciar a primeira luta?

– Não! Vamos direto para a luta final desta modalidade!

Os combatentes apareceram no campo de batalha e o interlocutor complementou:

– Os robôs possuem sensores por todo o corpo, possibilitando acompanhar o ritmo em que cada um é danificado pelo painel principal. Tais dados servem apenas como uma estimativa, já que, a qualquer momento, um único golpe pode ser decisivo.

Ao terminar a explicação, o apresentador desapareceu, mas sua voz permaneceu narrando a luta. Um dos robôs utilizava como cor predominante o azul e o outro, o amarelo. Eles eram bastante parecidos devido à padronização, mas, ainda assim, eram claras as diferenças de cada *design*.

– O combatente azul pertence à equipe July, que... – começou a explicar o apresentador.

– Pule as apresentações! – ordenou Gabriel.

Imediatamente, iniciou-se a contagem regressiva de cinco segundos. Ao final, os dois robôs começaram a se digladiar, com movimentos magníficos. Gabriel já estava habituado a assistir a campeonatos lícitos similares, mas o fato de a tecnologia apresentada estar à venda tornou tudo mais interessante.

Conforme os robôs lutavam, era perceptível a forma com que seus corpos iam sendo danificados. Soco após soco, era possível acompanhar, com precisão razoável, o nível de deterioração de cada um dos lutadores e a diferença de suas técnicas.

A luta seguia homogênea até que, em um momento, o robô azul, utilizando 100% de sua potência de força, acertou um magnífico soco na cabeça de seu adversário, que foi lançado para trás. Aproveitando a circunstância, esse robô se

moveu com uma grande impulsão para acertar novamente seu oponente, que estava caído de costas no chão. A grande surpresa foi o rápido movimento que o robô amarelo fez, dando um chute de baixo para cima que acertou um pouco acima das pernas do robô azul. A potência do chute gerou um enorme barulho, proveniente do forte impacto no corpo metálico, que foi lançado para cima.

Por um momento, parecia que o robô amarelo havia obtido vantagem com o ataque, mas, em segundos, o robô azul, suspenso no ar, inclinou-se de forma a conseguir acertar mais um forte soco no mesmo lugar, já danificado, da cabeça do seu adversário. Ambos rolaram pelo chão.

Todo o ataque foi extremamente rápido. Ao final, o robô amarelo estava com um pequeno estrago em um de seus olhos, mas, pelo telão, era possível acompanhar que o real estrago em seu sistema era extremamente grande. Já o robô azul tinha um grande amassado na região em que levou o chute, porém, a indicação era de que nada primordial estava danificado, estando ele com grande vantagem em seu sistema energético.

O robô amarelo, apesar de mais danificado, levantou-se primeiro e iniciou o novo ataque. Após se impulsionar em direção ao seu adversário, deu um soco, que foi contido pelo oponente. Ele tentou reagir com a outra mão, que também foi contida. O robô azul, que segurava com suas mãos as de seu adversário, impulsionou seus pés para cima, recolhendo as coxas junto à barriga, de forma que, em milésimos de segundos, alcançou a altura da cabeça do robô amarelo. Nesse momento, esticou seus pés, dando um chute com tamanha violência que lançou longe a cabeça de seu competidor. O telão indicou, imediatamente, a destruição total do robô amarelo.

Ao final, uma reprise dos principais golpes da luta começou a passar, enquanto o locutor fazia os últimos comentários. Ele apareceu novamente à frente de Gabriel, mas antes que pudesse dizer algo, o cientista falou:

– Passe para a luta final da modalidade com espadas.

– Esses robôs seguem o mesmo padrão de criação anterior. O diferencial é o uso de espadas a *laser*, extremamente letais, que aumentam ainda mais o dinamismo da batalha. Nesta modalidade, cada criador desenvolve três robôs que lutarão consecutivamente até que todos os combatentes de uma das equipes estejam inviabilizados. O número maior de lutadores visa minimizar o aumento do fator sorte, que tende a crescer como consequência do maior poder de destruição.

Após o comentário, o locutor desapareceu e surgiram dois robôs acima do campo. A equipe que utilizava a cor amarela estava na final mais uma vez e, dessa vez, era tida como grande favorita. Sua adversária era a equipe que vinha com o vermelho como cor predominante. Em volta do campo de batalha também havia uma grupo de robôs responsáveis por realizarem a limpeza entre as lutas, já que esta modalidade gerava muitos destroços.

Iniciou-se a nova contagem regressiva de cinco segundos no telão principal. Ao final, os dois robôs começaram a batalhar, cada um com duas espadas. A superioridade do robô amarelo ficou clara imediatamente. Após um minuto de luta, seu adversário já estava com diversos cortes pelo corpo, indicando um elevado grau de deterioração, enquanto ele se mantinha quase intacto. Logo, o robô amarelo desferiu um ataque ainda mais audacioso, decepando o braço de seu adversário. Por sorte, o combatente vermelho chutou a espada, que caía juntamente com sua própria mão, ainda pendurada, de forma que acabou lançando-a na cabeça do combatente amarelo, que foi completamente destruído.

Os robôs da limpeza rapidamente fizeram seu trabalho. Logo em seguida, o segundo robô amarelo subiu no campo e a luta recomeçou. Bastaram alguns segundos para que seu adversário, com o corpo já bem danificado e sem um dos braços, fosse cortado em vários pedaços, sem chance de defesa.

Após uma nova limpeza, o segundo robô vermelho assumiu a luta, que se seguiu muito parecida com a dos dois primeiros combatentes. Mais uma vez, o lutador amarelo decepou o braço de seu adversário, mas, desta vez, com um rápido e potente golpe, cortou o robô vermelho ao meio, não dando tempo para qualquer reação.

O terceiro representante da equipe vermelha assumiu a luta. Ele também começou mal, mas acertou um golpe na altura do peito do robô amarelo que o limitou, tornando a batalha mais equilibrada. Os dois combatentes foram causando danos mútuos de menores proporções, até chegarem a um nível tão elevado de deterioração a ponto de o telão indicar que, a qualquer momento, qualquer um deles poderia deixar de funcionar. O combatente amarelo pisou em falso por causa da perna comprometida. Não teve tempo nem de cair, pois, antes disso, foi cortado em diversos pedaços.

O terceiro robô amarelo entrou na batalha e, sem perder tempo, atacou seu adversário, que não tinha nenhuma condição de resistir: o combatente vermelho foi despedaçado em uma rápida sequência de golpes.

Quando foi iniciar a reapresentação dos principais momentos, Gabriel ordenou:

– Cancelar *replay*! O que é o campeonato animália?

– Nessa classe, as únicas exigências na construção são a quantidade de diferentes materiais que podem ser utilizados, o peso máximo e mínimo de cada robô, e armas. O *design* permanece completamente livre. Com a percepção de que características da fisiologia de animais eram frequentemente utilizadas dentro dessa categoria, foi adotada a denominação animália. São proibidas armas de fogo e *laser*, o que obriga os combatentes a partirem para a luta corporal...

– Quero assistir à final! – disse Gabriel, interrompendo a explicação.

– Ativando final do campeonato animália.

Logo apareceram, no campo de batalha, dois robôs. Um deles lembrava um pequeno dinossauro com uma grossa cauda, que ia afinando até terminar pontiaguda; porém, seus braços eram grandes como os de um gorila, sendo perceptível a estratégia de proporcionar grande força. Predominava nele a cor amarela, indicando que pertencia à mesma equipe que chegou às finais das outras modalidades. O outro robô lembrava uma aranha, com uma estrutura central retangular suspensa por seis ganchos completamente articuláveis. À primeira vista, parecia até mesmo desengonçado. Sua cor predominante era o prata.

Ao início da luta, o robô em forma de aranha ativou um sistema de propulsão abaixo de sua carcaça retangular, o que lhe permitiu suspender as seis pernas na direção horizontal. Em seguida, começou a girar em uma velocidade violenta, tornando-se uma grande serra, que literalmente voou em direção ao seu adversário, a mais ou menos um metro e meio do chão. O robô dinossauro se esquivou com um salto, alcançando mais ou menos dois metros de altura em relação ao chão. Fora do alcance, ele aproveitou para contra-atacar seu adversário: cravou a ponta de sua cauda com extrema força em cima da parte central da estrutura de seu combatente, enquanto este passava por debaixo dele. Em milésimos de segundos, o robô em formato de aranha reagiu, tentando cravar suas seis garras no robô dinossauro. Duas delas foram bloqueadas, mas as outras quatro penetraram o corpo metálico de seu oponente. Suas pontas agiam como furadeiras, não diferente do que estava fazendo a cauda do robô dinossauro, com ainda mais violência. Nesse momento, ambos caíram no chão. Houve um emaranhamento entre os corpos, numa constante mutilação. A luta prosseguiu nesse abraço mortal até que ambos pararam de funcionar quase que simultaneamente, deixando a batalha sem vencedor.

– Partir para o final do campeonato de destruição total! – ordenou Gabriel de imediato, sem esperar nenhum comentário.

O local da luta foi transferido para um deserto cheio de colinas. Gabriel se via como se estivesse flutuando no ar. Junto dele estava o locutor, que começou a dizer:

– Nessa classe, os únicos padrões estabelecidos são o peso máximo de cada participante e a quantidade e potência máxima das bombas permitidas. Aproveite a luta.

Após o comentário, o locutor novamente desapareceu. Surgiram, sobrevoando o deserto, dois robôs maiores do que os das lutas anteriores, e de formatos bem diferenciados: pareciam mais naves do que qualquer outra coisa. A cor predominante de um era roxa, e de outro, preta.

Após um sinal sonoro, iniciou-se um incrível festival de tiros e raios *laser* que cortavam o céu. Logo vieram também as primeiras explosões. Ambos atacavam com bombas e tiros que perseguiram o adversário, mas ambos tinham

mecanismos para escapar dos disparos.

Era difícil acompanhar os acontecimentos. Gabriel via tudo como se estivesse sempre se movendo em alta velocidade. Assustou-se quando um dos combatentes veio em sua direção, numa velocidade extraordinária, e o atravessou como se ele fosse um fantasma. Não existiam batalhas similares nos campeonatos lícitos, mas os filmes de ação tridimensionais sempre tentavam assustar o público com cenas parecidas. Ele nunca se assustava, porém, desta vez, estava tão concentrado que quase caiu da cadeira na qual estava sentado.

Tudo à volta dos robôs ia explodindo. Montes eram derrubados, crateras eram abertas. Finalmente, o robô roxo atacou com aquela que era a bomba mais poderosa permitida, mas não conseguiu acertar seu competidor. Após a explosão, ambos foram encobertos pelas chamas e pela fumaça. O robô negro, utilizando mecanismos para que não fosse detectado, aproveitou para tentar se aproximar de seu adversário em meio à fumaça e aos destroços. Quando o robô roxo percebeu sua proximidade, já era tarde: seu corpo foi partido ao meio por um forte raio *laser*. Para finalizar seu ataque, o robô negro liberou sua bomba mais potente e se afastou. Em alguns segundos, a nova explosão fez o perdedor evaporar.

Depois de terminar de assistir aos jogos, Gabriel disse:

- Gostaria de adquirir um robô personalizado!
- Qual equipe?
- A amarela!
- Equipe Sandres! Conectando-se com um vendedor...

Davi X Otach

Otach chegou em casa para o almoço, sentou-se no sofá e ligou a televisão. Durante o intervalo, retirou seu computador do bolso e começou a fuçar na Internet. Não demorou para que, em uma das páginas, o *link* denominado “pena de morte” chamasse sua atenção. Ele leu o texto e, logo em seguida, chamou:

– Davi! Venha aqui um minutinho.

O menino se aproximou timidamente. Depois da surra, ele não tinha mais falado com o pai, pelo menos nada além de não e sim, e outras palavras soltas para responder a qualquer pergunta de Otach. O advogado era totalmente desinteressado no filho, tanto que nem notou a modificação no relacionamento entre eles.

– Anteontem, discutimos sobre pena de morte. Eu te disse que seria um favor a Deus mandar bandidos para o inferno. Lembra? – disse Otach.

– Sim! – respondeu Davi, com expressão de quem estava surpreso e assustado.

– Achei um texto bem interessante. Já o encaminhei para sua página pessoal. Leia-o, vai te ajudar a amadurecer um pouco. O contexto deixa bem claro que eu estava errado, pois não é um favor para Deus que exerçamos a pena de morte, mas sim uma obrigação. A pena de morte é a lei divina imposta aos homens!

– Será que não existem distorções no que leu? A Internet está repleta de textos que pegam frases soltas da bíblia e, dentro de contextos enganosos, distorcem completamente o significado – disse o garoto, com uma expressão indefinida.

– Espere aí, deixe-me ler para você – disse o advogado, que reacessou o *link* em seu computador. – Está escrito em Levítico, capítulo 24, versículo 17: “Quem matar alguém, será morto”; em Êxodo, capítulo 21, versículo 12: “O que ferir um homem querendo matá-lo, seja punido de morte”; em Êxodo novamente, capítulo 21, versículo 16: “Aquele que tiver roubado, e o tiver vendido, ou se este for encontrado em suas mãos, será morto”. Essas passagens são claras e diretas, não tem como entender errado, ou como inventar um falso contexto! É de fácil compreensão até mesmo para você!

– Essas leis continuaram válidas a partir do Novo Testamento? – perguntou Davi, demonstrando interesse na continuação da conversa.

– Mas é claro que sim! Aqui há também algumas passagens que deixam claro o posicionamento de Jesus sobre esse assunto. Por exemplo, está escrito em João, capítulo 19, versículos 10 e 11, que Pilatos disse a Cristo, enquanto o julgava: “Não me respondes? Não sabes que tenho poder para te soltar, e também para te

crucificar?”, e Jesus respondeu: “Tu não terias poder nenhum sobre mim, se não te fosse dado do Alto”. Talvez você seja muito criança para conseguir interpretar corretamente, mas aqui fica bem claro que o poder das autoridades estatais de julgar e até mesmo de condenar à morte vem de Deus. O próprio Jesus confirma isso, mesmo ele sendo o prisioneiro em julgamento!

– Não entendi muito bem. Há mais exemplos?

– Deixe-me ver algo fácil de ser compreendido... Lembra-se do ladrão que estava sendo crucificado junto com Cristo e que se converteu?

– Sim!

– Deve se lembrar, então, de que ele disse, em Lucas, capítulo 23, versículos 40 e 41, ao outro ladrão que ofendia a Jesus: “Nem tu temes a Deus estando no mesmo suplício? Nós estamos na verdade justamente recebendo o castigo que merecem as nossas ações, mas este não fez mal nenhum”.

– Lembro, sim!

– Com essas palavras, o próprio bandido defendeu a pena de morte. Ele confirmou que seu castigo era adequado para seus atos. Ouvindo isto, Jesus respondeu que, naquele mesmo dia, ele estaria no paraíso. Veja que o perdão foi concedido porque o ladrão aceitou sua culpa e sua pena, o que demonstrou consciência e arrependimento condizentes com as leis de Deus!

Davi fez cara de quem continuava sem entender, então Otach continuou:

– Espere, vou dar outro exemplo mais fácil. Lembra-se de quando Pedro cortou a orelha de um dos guardas que tentava prender Jesus? – perguntou Otach.

– Sim!

– O que foi que Jesus disse a ele, na ocasião?

– Para guardar a espada!

– Mais ou menos isso. Deixe-me ler exatamente o que está escrito: “Embainha tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão”. Se quiser conferir, isso está escrito em Mateus, capítulo 26, versículo 52. Dentro do contexto bíblico, fica bem claro que Pedro foi repreendido por Cristo por estar agindo contra a lei! Jesus deixa explícito que aqueles que usam a espada contra os que estão agindo dentro da lei, devem então ser combatidos e mortos pela força da espada. Na bíblia, não existe tolerância para insubordinação às leis. É por isso que Cristo se entregou para os guardas sem tentar fugir ou lutar. Depois, como já li para você, ele confirma, em meio ao seu julgamento, que o poder de Pilatos é legitimado por Deus.

Após guardar seu computador, Otach complementou:

– Outro detalhe importante é que Jesus não disse que a espada é feia, que faz dodói e que deveria ser jogada fora; pelo contrário, ele pediu apenas para Pedro guardá-la, isso porque o apóstolo a estava utilizando no momento errado. Mas ele

poderia, sim, utilizá-la em momentos legítimos, contra quem estivesse agindo fora da lei.

– Que esquisito!

– O que é esquisito?

– Você utilizou, para defender a pena de morte, exatamente os momentos em que Jesus foi preso sem motivos, que foi julgado injustamente e que foi condenado e morto em meio a humilhações, mesmo sem cometer nenhum pecado. Sua defesa da pena de morte está contida exatamente em acontecimentos que demonstram o completo fracasso em sua execução. Para mim, isso é bem esquisito!

– Tem razão – disse Otach, friamente. – Talvez Deus tenha feito isso justamente para ensinar que nem mesmo um erro invalida a importância e a legitimidade da lei.

– Não foi “um” erro, foi “o” erro: a pena de morte condenou exatamente o único homem que nunca pecou. E também não foi um erro no sentido numérico, pois foram incontáveis condenações a fiéis de Deus, incluindo nessa lista a maioria dos apóstolos.

– Se quer entender melhor, então pesquise! Só o que eu quero, neste momento, é mostrar a você a clara defesa da pena de morte contida na Bíblia para que não fique falando besteiras por aí. Vai acabar conseguindo me envergonhar se continuar falando asneiras para as pessoas à sua volta.

– Eu não vejo nada tão claro assim!

– O que não entendeu? – perguntou Otach, já impaciente.

– Quanto ao “bom” ladrão, ele foi salvo porque teve fé em Cristo! Deixou de lado sua própria dor, frente à morte eminente, para defender o Nazareno. Certamente, ele só teve essa atitude por ter chegado, através da fé, ao verdadeiro arrependimento...

– Ou seja, a consciência de que merecia a morte – complementou Otach.

– Sem dúvidas, isso está incluído. Ele merecia e tinha consciência de que merecia a pena de morte. Essa consciência, com certeza, fazia parte primordial da fé que gerou seu arrependimento. Mas foi esse arrependimento que o salvou, e não a defesa da pena em si. Inclusive porque, ao mesmo tempo em que aceitava seu castigo, ele atestava também a falha da lei que condenou Cristo! Este fato inviabiliza qualquer interpretação que tente utilizar essa passagem para defender a aplicação da pena. Pense bem: até um bandido condenado sabia da inocência de Jesus!

– O abobadinho! Foi o próprio Cristo quem confirmou a legitimidade do poder de Pilatos em julgar. Infelizmente, erros fazem parte de julgamentos; caso contrário, todo juiz iria para o inferno simplesmente por exercer o cargo. O mundo não é tão simples quanto parece.

– O poder de Pilatos era legítimo, mas a forma como o qual ele estava sendo exercido não era! Em João, capítulo 18, a Bíblia deixa claro que Pilatos sabia da inocência do Nazareno. Leia lá! Ainda assim, ele permitiu a crucificação. Você, inclusive, citou o que está escrito no versículo 10, em que Jesus disse a Pilatos: “Tu não terias poder nenhum sobre mim, se não te fosse dado do Alto”. O que esse seu textinho esqueceu de citar é que, ao final, ele conclui este versículo dizendo: “Por isso, quem me entregou a ti tem pecado maior”. Esta parte, convenientemente esquecida pelo seu texto, deixa bem claro que Cristo não eximiu Pilatos de sua culpa: ele tem sua parcela de pecado, pois, mesmo sendo um julgador legalmente nomeado, cedeu à pressão e condenou alguém que sabia ser inocente, cometendo uma atrocidade irreparável, ainda que o pecado maior seja atribuído aos próprios judeus, que foram quem prenderam Cristo e pressionaram para que ele fosse morto!

– Tá bom! Tá bom! Então, vamos acabar com todos os tribunais para que nenhum inocente seja condenado! O mundo vai ficar tão melhor assim! Não acha? – disse Otach, já bem nervoso.

– A questão não é acabar com o poder judiciário, mas, sim, impor limites.

– Você não tem a menor ideia do que está falando! – disse Otach.

O advogado pegou seu computador novamente e complementou:

– Tá, vamos lá, minha última tentativa. Está escrito em Mateus, capítulo 10, versículo 34, que Jesus disse o seguinte: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas a espada”. Será que esse comentário esclarece as suas dúvidas?

– Novamente, sua citação incompleta distorce o sentido das palavras do grande Rei!

Davi retirou seu computador do bolso e imediatamente procurou pela referida passagem. Ao encontrá-la, leu o trecho:

– Cristo falou foi o seguinte: “Não julgueis que vim trazer a paz à terra. Vim trazer não a paz, mas a espada. Eu vim trazer a divisão entre o filho e o pai, entre a filha e a mãe, entre a nora e a sogra, e os inimigos do homem serão as pessoas de sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim, não é digno de mim. Quem ama seu filho mais que a mim, não é digno de mim. Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. Aquele que tentar salvar a sua vida, perdê-la-á. Aquele que a perder, por minha causa, reencontrá-la-á”.

– Não mudou em nada o significado.

– É claro que muda: está claro que a espada que Cristo trouxe não é a forjada em metal, mas a espada constante em suas palavras. A humanidade está e estará até o fim dos tempos em uma guerra de fé, que vai dividir até mesmo uma única casa ao meio, separando os que escolheram crer e os que escolheram não crer. Eis então a divisão entre pais e filhos, noras e sogras! Para compreender melhor

essa guerra, é importante prestar atenção em outra passagem.

Após mais alguns cliques rápidos em seu computador, Davi complementou:

– Em Efésios, capítulo 6, versículo 11, Jesus nos alerta: “Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Pois não é contra homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”. Vou ler também...

– Espere aí! – exclamou Otach, interrompendo Davi. – Acredita na inspiração divina dos livros do Novo Testamento atribuídos a Paulo?

– Claro!

– Pois bem! Tente argumentar contra a passagem de Paulo descrita em Romanos capítulo 13, versículo 4: “Visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal”. E agora? Quero ver você tentar negar que essa espada que está sendo citada é a forjada em metal, com o objetivo de ser banhada no sangue dos transgressores da lei! Ou acha que tem alguma distorção aqui também?

– Desta vez, não há distorção nenhuma. A mensagem é claríssima! Não é sem motivo que as autoridades carregam suas armas, pois têm o papel de fazer a justiça e a ordem prevalecer, utilizando a força que for necessária. Porém, o objetivo principal de quem exerce essa força deve ser, sempre que possível, levar o transgressor a um julgamento e a uma punição justa, o que não precisa necessariamente incluir a pena de morte! Vou ler o que está escrito em Mateus...

– Já chega!

– Só me deixe explicar...

– Não! Quero assistir ao jornal! Já vi que só vou perder tempo com você!

Assim que a conversa entre pai e filho começou, todos os cientistas receberam um alerta de Maria e imediatamente passaram a assistir à conversa. Esdras também a assistiu e, ao final, convocou todos para uma reunião *online* imediata. Os cientistas clicaram no *link* disponibilizado, e então, após colocarem os óculos tridimensionais, passaram a se verem em uma sala de reuniões, sentados à volta de uma mesa redonda, branca. Em menos de três minutos, todos já estavam plugados.

Hiroto foi o último cientista a acessar. Ele cumprimentou a todos, olhou em direção a Gabriel, e comentou:

– Acho que seu plano falhou!

– Realmente, fiquei decepcionado com Otach. Ele não soube utilizar de forma

adequada os argumentos disponibilizados. Eu não esperava um posicionamento tão fajuto de um advogado. Ainda assim, não foi um completo fracasso...

– Depende do ponto de vista – disse Abéli. – Se pretendia provar que o garoto é um alienado, então falhou, sim. Por outro lado, foi muito interessante vê-lo se expressando. Ele argumenta incrivelmente bem!

– O fato é que a Bíblia é um livro falho, cheio de contradições e de brechas para dupla interpretação. Existe a possibilidade tanto de defender, como de repudiar a pena de morte. Eu sabia disso! Só o que eu não esperava era que Davi já conhecesse a Bíblia o suficiente para defender suas ideias com coerência. De qualquer forma, considero a indução uma vitória, pois, finalmente, constatamos a alta capacidade argumentativa e lógica de Davi, capacidade essa que todos sabem que eu previ desde seu nascimento. Mais uma vez, eu estava certo!

– O que estava querendo provar era a confusão de pensamento e delírios – ressaltou Abéli.

– Eu não queria: ainda quero! Espero comprovar a confusão de pensamentos e os delírios agregados a essa inteligência. Até porque é exatamente isso que sempre previ que aconteceria! Não se lembra?

– Ele não deu nenhum sinal de confusão de pensamentos e muito menos de delírios. – comentou Abéli.

– Acredito que foi porque não conseguimos tirá-lo do sério o suficiente. Desta vez, ele não reagiu com emoção, de forma que não desencadeou os sintomas de sua doença. Nem por isso descarto minhas teorias!

– O engraçado é que estamos esperando confusão de pensamentos, sendo que nunca vi uma criança debatendo um assunto com tanta lucidez. – complementou Abéli. – Na verdade, dificilmente vejo adultos fazendo isso.

– Está exagerando! Só o que ele fez foi utilizar as possibilidades de dupla interpretação da Bíblia com falácias que deve ter lido em algum lugar...

– Não acho que seja apenas isso. – disse Abéli, interrompendo seu colega. – É uma pena que Otach não o tenha deixado falar livremente, pois acredito que ele não teria dado margens para dupla interpretação sobre a questão da pena de morte!

– Não percebe o quanto é ridículo o que acabou de dizer? – perguntou Gabriel.

– Não – retrucou Abéli, tranquilamente.

– Por acaso está pensando que ele é o filho de Deus? O dono absoluto da verdade, que vai trazer todas as respostas para nós?

– É claro que não! Sabe disso!

– Mas você acabou de falar como se acreditasse na legitimidade de tudo o que ele falou, e até do que não falou. – Gabriel continuou atacando, em um tom agressivo: – Suas palavras soaram como a de alguém dominada por credices cegas, prontinha para acreditar em tudo o que o menino dissesse.

– Eu concordo com o que Davi disse, e até com o que não disse, porque li a Bíblia e já tinha uma interpretação bem parecida à dele relacionada ao tema.

– Então, temos uma religiosa na equipe? – perguntou Hiroto.

– Sim! Inclusive, Gabriel já sabia disso, e acredito que ele me atacou com acusações sem pé nem cabeça só para mudar o foco da conversa para o meu lado. Como sempre, ele tenta manipular tudo e a todos.

– O foco da conversa só mudou porque você me interrompeu! Eu não tenho nenhum motivo para querer mudar o direcionamento da conversa. Como já disse, não provei o que queria, mas valeu a pena, até mesmo porque os efeitos da indução ainda podem surgir.

– Como assim? – perguntou Esdras.

– Quem sabe amanhã ele acorde achando que falou com anjos ou algo parecido! O importante agora é mantermos certa constância em fazê-lo conversar sobre esse assunto, pois quanto mais Davi mergulhar seus pensamentos nessas discussões, mais potencializaremos a chance de que ele apresente as alucinações em algum momento, que não precisa ser necessariamente durante as discussões.

– Essa sua ideia é bem oportuna, já que pretende realizar a segunda indução, que deixou pré-programada em Otach – cutucou Abéli.

– É claro que pretendo, mas não é por isso que estou fazendo este comentário. Isso representa aquilo em que realmente acredito! Inclusive, esta nova indução tem um potencial ainda maior de provocar Davi. Vai ser bem mais difícil argumentar, até porque, desta vez, não existirão argumentos lógicos para contestar os dados que Otach apresentará.

– Se tinha um material superior ao contexto de pena de morte, por que não o utilizou primeiro? – perguntou Hiroto.

– A primeira discussão que ocorreu naturalmente entre pai e filho envolvia o assunto pena de morte, então, por lógica, era a melhor escolha, já que o primeiro acontecimento servia como gatilho para que eu interligasse a leitura do meu texto com a vontade de discutir o assunto com Davi. Também porque eu sabia que o assunto pena de morte não inviabilizaria a ativação da segunda indução referente aos erros bíblicos; pelo contrário, isso até ajudaria. Mas o oposto não seria possível, pois, depois de Otach defender que a Bíblia corresponde a um livro falho, cheio de possibilidades de dupla interpretação, aí, já não faria mais sentido discutir se a Bíblia condena ou aprova a pena.

– E também porque não tem certeza se Otach vai aderir à ideia desta segunda indução! – disse Esdras. – Ele pode muito bem discordar do contexto!

– Exatamente! – respondeu Gabriel. – O contexto de pena de morte, eu tinha certeza que ele concordava. Já ao texto agnóstico, não há como saber se ele vai aderir. É uma escolha dele, que, se aceitar, tenderá para uma forte vontade de

discutir o assunto com Davi. É apenas uma aposta minha que isso vá acontecer!

– Quanto a isso, não precisa continuar se explicando. Sei que segui uma ordem racional. Também não vejo motivos para não utilizarmos a segunda parte da indução – disse Esdras. – O que quero é que este projeto ande, e isso não vai acontecer se não fizermos Davi começar a falar e expor suas ideias.

– E vai andar! Se tudo der certo, a nova conversa já ocorrerá no almoço de amanhã, pois ainda hoje prepararei o novo contexto a ser inserido na Internet – disse Gabriel. – Vou, inclusive, reavivar o assunto de hoje, pois quero aproveitar para explorar a contradição relacionada à pena de morte que Davi apresentou.

– Que contradição? – perguntou Abéli imediatamente.

– Ele não foi tão lúcido quanto você interpretou devido à cegueira de sua fé. Se tivesse ouvido a conversa de forma imparcial, poderia ter percebido que, antontem, Davi defendeu a idiota ideia de que Deus poderia ter salvo o bandido que fugia da polícia, sendo que hoje Ele mesmo demonstrou ter conhecimento de que, na Bíblia, a polícia representa de forma legítima o poder do próprio Deus, com o dever de combater as transgressões da lei com a força que for necessária! Por que Deus salvaria um transgressor que estava desafiando a força policial, que é aprovada por ele próprio?

– Isso não é necessariamente uma contradição! – retrucou Abéli.

– Como não é? Por que não explica isso a todos nós?

– Só quem pode explicar isso é Davi! Não sei o que ele pensou. Ainda assim, baseado em sua desenvoltura, acho que, se ele tivesse uma oportunidade, explicaria com um argumento lógico um ponto de convergência entre as duas citações.

– Não existe ponto de convergência possível! Eu acho que...

– Crianças, não briguem! – disse Esdras, interrompendo Gabriel, que estava praticamente gritando. – Vamos dar um jeito de o menino falar mais sobre o assunto, aí descobriremos se ele se contradisse ou não. Ficarmos discutindo sobre isso agora não vai levar a nada, pois tudo não passará de meras hipóteses. Alguém tem algo diferente que queira debater?

– Eu tenho! – prontificou-se Abéli. – Realizei uma pesquisa junto ao banco de dados de Maria e obtive um resultado interessante.

– Não acredito que vai ter coragem de falar sobre isso! – falou Gabriel. – Eu já apontei a grave falha de sua pesquisa.

– Posso falar? – insistiu Abéli.

– É claro que pode! – disse Jamal. – Independente de estar certa ou errada, todos temos o direito de conhecer qualquer informação relativa ao projeto. Aliás, que história é essa de ficarem discutindo informações só entre vocês? Somos uma equipe, lembram?

– Por coincidência, ele me encontrou aqui no laboratório, ontem, quando eu

estava realizando minhas pesquisas, e então acabei comentando isso com ele antecipadamente – disse Abéli. – Mas minha intenção sempre foi dividir as informações com todos, assim que nos reunissemos novamente.

– Então fale! – disse Esdras.

– Eu pes...

– Espere só um momento! – atalhou Esdras. – Já volto!

Nesse instante, ele desapareceu da sala virtual.

– Do que trata essa sua pesquisa? – perguntou Hiroto.

– Vamos esperar Esdras retonar! – advertiu Jamal.

– Calma! Só perguntei qual é o assunto.

– Mesmo assim, vamos esperar.

– Peço desculpas – disse Esdras, após reaparecer. – Tenho um assunto emergencial para resolver. Quanto a você, Gabriel, até agora demonstra manter o controle de seus atos. Vamos esperar para ver o que conseguirá com a efetivação da segunda parte de sua indução. E quanto à sua pesquisa, Abéli, mande-a a todos nós por escrito. Assim, cada um poderá obter suas próprias conclusões. Inclua também as refutações que Gabriel te apresentou.

– Certo! Farei isso! – disse Abéli.

– Discutiremos o assunto em nossa próxima reunião, que, a princípio, fica marcada para o instante seguinte à nova conversa entre Davi e Otach.

Gabriel passou o resto do dia trancado em seu apartamento, elaborando o novo texto a ser inserido na Internet. Já eram dez horas da noite quando sua atenção foi quebrada pela inteligência artificial do prédio que entrou em contato com a mensagem:

– A senhorita Abéli deseja visitá-lo.

– Deixe que ela suba! – respondeu ele, que foi esperá-la na porta de entrada de seu apartamento, bem em frente ao elevador.

– Espero que não tenha vindo aqui só para brigar comigo – disse Gabriel, em tom de brincadeira, assim que o elevador se abriu.

– Não! – disse ela, com uma expressão triste e preocupada.

– Entre! Vamos conversar.

– Não é preciso. Só vim pedir um favor.

– Se estiver ao meu alcance!

Ela abaixou os olhos, mantendo-se alguns segundos em silêncio.

– O que está acontecendo? – perguntou Gabriel, que passou a manter uma entonação séria, indicando interesse e preocupação.

- Não sei como dizer!
- Não precisa escolher palavras. Ainda somos amigos, não é mesmo?
- Depois de hoje, é meio difícil dizer que somos amigos. E o pior é que a tendência é piorar.
- Não precisa ser assim.
- Mas é assim que vai ser. É esta certeza que dificulta ainda mais que eu encontre as palavras certas!

Após suspirar, ela complementou:

- Tenho consciência de que vou parecer contraditória e que você vai mudar seu conceito em relação a mim de estúpida para louca.
- Não acho você estúpida. Só acho...
- Não tente se explicar, só vai piorar ainda mais. Vou falar logo, antes que eu perca a coragem. Mas, primeiro, quero que me prometa que o que eu te disser agora vai ficar apenas entre nós!
- Prometo! Porém, a questão é: se não me considera nem ao menos como um amigo, como pode confiar no que eu digo?

- Eu sei que está aqui por princípios, ainda que eles sejam bem deturpados, em minha opinião! Sei que seu interesse é buscar a verdade. Então, dentro do grupo, confiar em você é a melhor opção que tenho.

- Pois bem: eu garanto que está certa quanto a minhas motivações neste projeto! Apesar de, claro, não concordar que sejam deturpadas! Também garanto, com toda a minha sinceridade, que, mesmo que nos tornemos os piores inimigos, o que me disser agora vai morrer comigo, a não ser que seja alguma informação que eu pudesse descobrir por minha própria conta.

- Não há nada a ser descoberto, é algo pessoal! É que... tipo...

Ela se embaralhou toda, parou de falar por um segundo e então recomeçou:

- Tá, vamos lá: nesses últimos dias, um grande aperto vem tomando conta do meu coração. Eu sinto que algo de ruim está prestes a acontecer!
- Sabe que eu não acredito nesse tipo de coisa.
- Não precisa acreditar em nada. Apenas me prometa que, se algum dia eu te mandar qualquer material, por mais que esteja me odiando ou que considere o conteúdo uma besteira, ainda assim, vai ler tudo com muita atenção...

- Abélli, acho que...

- Faça a promessa ou negue meu pedido, se quiser, mas não tente dizer mais nada além disso!

Uma lágrima rolou na face da cientista. Gabriel se aproximou e pegou em uma de suas mãos.

- Eu prometo! – disse ele.
- Obrigada! – respondeu ela.

Mais uma vez, o olhar de ambos indicou, de forma translúcida, o forte afeto que eles mantinham um pelo outro, ainda que tentassem, ao máximo, reprimir esse sentimento. Por impulso, Gabriel passou uma de suas mãos no cabelo de Abéli, mas ela reagiu, afastando-se.

– Muito obrigado por me ouvir! – disse ela.

A cientista deu um passo para trás e rapidamente se encaminhou em direção ao elevador.

– Até mais! – despediu-se ela.

– Até mais! – respondeu ele, sem saber como reagir.

Gabriel permaneceu imóvel até a porta do elevador se fechar completamente. Ele entrou, fechou a porta de seu apartamento e começou a refletir sobre a estranha conversa que tiveram. Estava arrependido por ter deixado a conversa acabar de forma tão prematura. Menos de três minutos depois, a inteligência artificial alertou:

– O senhor tem uma nova visita.

– Deixe-a entrar! – respondeu ele, imediatamente, com um sorriso no rosto, achando que Abéli havia retornado.

A inteligência artificial, percebendo o equívoco, complementou:

– Trata-se da uma entrega.

– Permita que subam!

Gabriel foi recebê-los na porta. Eram dois robôs carregando caixas que continham as partes do robô clandestino que ele havia comprado.

Após retirar o material contido nas caixas, os entregadores fizeram uma pré-montagem, e então o robô começou a se desdobrar por conta própria em meio a encaixes e desencaixes rápidos e precisos. A montagem foi concluída em poucos minutos. Ao final, os entregadores fizeram alguns testes e foram embora.

Gabriel foi dormir tarde e acordou cedo. Ligou para Abéli às oito da manhã para pedir que ela disponibilizasse o novo texto na Internet. Sua intenção era comentar sobre a visita dela no dia anterior, mas acabou não conseguindo.

Desta vez, ninguém esperou o aviso de Maria: no horário que habitualmente Otach chegava em casa, todos os cientistas começaram a monitorá-lo.

Exatamente como no dia anterior, Otach chegou, sentou-se no sofá, ligou a televisão e, no intervalo do jornal, começou a fuçar na Internet. O advogado logo visualizou o *link* intitulado “contradições bíblicas”. O *link* estava na mesma página em que, no dia anterior, ele havia lido sobre a pena de morte.

Otach acessou o texto, leu-o e, para a decepção de todos os cientistas, desligou o computador. Ele permaneceu assistindo ao jornal. A única diferença em seu

comportamento é que, às vezes, desviava o olhar para o nada, indicando claramente que estava pensativo.

O advogado sentiu algo estranho, passou a mão no rosto e viu que seu nariz estava sangrando. Ele levantou a cabeça para evitar que pingos de sangue caíssem ao chão e foi ao banheiro. A coagulação natural associada à ação dos nanorrobôs fez com que o sangue se estancasse em poucos instantes. Bastou, então, lavar-se, pois não havia mais sangramento.

Ao retornar à sala, Otach ligou novamente seu computador e chamou:

– Davi! Pode vir aqui um minuto?

Após o garoto se aproximar, um pouco menos retraído que no dia anterior, o advogado disse:

– Não acredito que vou te dar mais corda com relação a este assunto, mas estou muito curioso para ver o que vai me responder. No mesmo *site* que encontrei aquele texto de ontem, foi postado um novo texto relacionado à fé cristã intitulado “contradições bíblicas”. Sabia que os estudiosos calculam que a Bíblia contenha mais de duas mil contradições?

– E há muitos estudiosos que diziam que o mundo acabaria no ano passado, lembra? Tem muito doutor por aí que adora falar asneiras!

– Você é uma comédia! – disse o advogado, rindo.

– Está bem! Vou para o meu quarto!

– Vai fugir?

– Fugir do quê?

– Da nossa conversa.

– Você fala o que quer e depois não deixa que eu explique meu ponto de vista. Isso, para mim, não é conversa.

– Pois bem, prometo que vou ter paciência!

– Que bom! Então vamos lá: leia algumas dessas contradições para mim.

– Em relação ao nosso assunto de ontem: Em Levítico, capítulo 20, versículo 10, está escrito que o homem que adulterar com a mulher de outro, certamente morrerá o adúltero e a adúltera. Em contrapartida, em João, capítulo 8, versículo 7, o próprio Jesus salvou uma adúltera que estava prestes a ser apedrejada. Ação bastante contraditória, não é?

– Talvez seja porque a nova aliança com Cristo tenha trazido mudanças!

– Eu sabia que iria dizer isso de novo. O problema é que está registrado em Mateus, capítulo 5, versículo 17, que Jesus disse: “Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir”. Como ele pode fazer essa afirmação, e depois aniquilar diversas leis, incluindo a pena de morte? Será que Cristo era como os políticos modernos que não cumprem as promessas de campanha? Essa mesma ação contraditória é encontrada em outras personalidades bíblicas. Por exemplo, Moisés escreveu os famosos dez

mandamentos, por ordem divina, incluindo o mandamento “não matarás”, mas, depois, ele próprio estabeleceu, novamente por ordem divina, a pena de morte. O que acha disso?

– Leia mais alguma coisa. Quero ter uma visão mais ampla em relação a essas supostas contradições.

– Tem uma aqui que é bem forte. Está escrito em Tiago, capítulo 1, versículo 13, “Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus. Pois Deus não pode ser tentado pelo mal, e Ele a ninguém tenta”. Que bonito, não é? Seria se não achássemos passagens na Bíblia que provam que isso é mais uma mentira. Por exemplo: Gênesis, no capítulo 22, versículo 1, diz que Deus provou a Abraão, dizendo-lhe: “Abraão, toma o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto”. Como podemos ver, o Deus que não tenta a ninguém tentou a Abraão, pedindo cruelmente que matasse seu único filho. Isso é perverso, não é mesmo?

Após uma pequena pausa em busca de novos exemplos, Otach comentou:

– Opa! Esta é boa. Quantas vezes você acha que Pedro negou Cristo?

– Três!

– Mateus, no capítulo 26, versículos 74 e 75, fala que foram “três” vezes, antes de o galo cantar “uma” vez; Marcos, no capítulo 14, versículo 72, diz que foi “três” vezes, antes de o galo cantar “duas” vezes; já em João, capítulo 18, versículo 27, está escrito que foi “duas” vezes antes de o galo cantar “uma” vez. É uma lambança sem tamanho! A Bíblia está repleta de erros como este.

– Acho que já é o suficiente. Estou pronto para responder!

– Estou ouvindo.

– Quando Moisés escreveu, inspirado por Deus, os dez mandamentos, um deles era “não matarás”. Essa lei foi criada para todo o seu povo seguir, e é válida até hoje para qualquer cristão. Mas, para as pessoas que transgrediam as leis, foi necessário estabelecer punições, dentre elas, a pena de morte. Não existe contradição: não matar era a lei a ser seguida, mas, para quem transgredia as leis, a punição poderia ser até mesmo a morte.

Davi ligou seu computador de bolso e, com grande agilidade, encontrou a passagem que desejava citar.

– A antiga lei está bem resumida em Êxodo, capítulo 21, versículo 24: dar vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé...

– A pena foi ou não mantida? E se não foi, como explica o fato de Jesus ter dito que não destruiria as leis dos profetas?

– Jesus não veio para destruir as leis dos profetas, pois, como a própria Bíblia afirma: Deus não erra, não muda, não se arrepende e não quebra as alianças. Assim sendo, suas leis são perfeitas e valem para sempre. Como o próprio Jesus afirmou em Mateus, capítulo 5, versículo 18: “Pois em verdade vos digo: passará

o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da lei”.

– Então, a pena de morte não poderia ser abolida! – disse Otach, já irritado.

– A questão é que Deus não muda, mas o homem, sim. Somos sempre nós que erramos e quebramos as alianças com o pai, e mergulhamos em pecado, de forma que Cristo veio exatamente para formar uma nova aliança.

– Presta atenção no que está falando: primeiro, diz que as leis não mudam, e depois, confirma que Cristo trouxe uma nova aliança, o que significa mudanças. Você não tem a menor ideia do que está falando. Não para de se contradizer!

– Tenha um pouco de paciência.

– Estou ouvindo!

– Deus agiu de uma forma bem direta, através de Moisés, durante a caminhada em busca da terra prometida. Aquela sociedade foi, de certa forma, limpa de grande parte de seu pecado. Foi nesse contexto que as leis foram escritas. Pense que aquele povo passou a viver em meio a uma sociedade completamente dogmática: todos acreditavam no mesmo Deus e conheciam suas leis, já que nasciam e cresciam em meio à palavra do Senhor! Ainda assim, mesmo depois de tal purificação, sempre houve aqueles que se desviavam, o que, nesse caso, obviamente era uma escolha totalmente consciente, inclusive em relação à pena prevista a seus pecados.

Após tomar fôlego, Davi complementou rapidamente:

– Já ouviu aquela frase que diz ser necessário retirar as frutas podres do cesto...?

– ... antes que contaminem os outros frutos! – complementou Otach.

– O ser humano não é diferente: uma “alma podre” é capaz de contaminar e corromper a outras. É por isso, por amor aos seus fiéis e aos filhos de seus fiéis, que Deus instituiu a pena de morte para os pecados com maior poder de corrupção perante a sociedade. A morte de um único adúltero, por exemplo, poderia salvar milhares de pessoas.

– Aí não dá, né! – disse Otach, após uma risada estrepitosa. – Assim já é demais. Vamos deixar em paz quem gosta de dar suas puladinhas de cerca e nos concentrarmos em punir pecados da estirpe dos assassinatos que já vai ficar bom demais.

– Acredita nisso por não ter o pensamento enraizado nos ensinamentos de Deus. Em sua perspectiva existencial, o que mais valoriza é esta vida e os bens materiais que ela proporciona, mas não percebe que a lei de Deus tem como foco a salvação da alma. Nesse caminho, pecados que parecem banais, pois à primeira vista não fazem mal a ninguém, são, na verdade, os que mais têm o poder de corromper a sociedade.

– Eu estava preocupado achando que você era um bobinho alienado, do tipo que achava que tudo tem que ser perdoado, como se a vida fosse uma mar de

rosas. E agora fala como um fanático, daqueles que acham que um beijo pode fazer o mundo explodir. Seus exageros são preocupantes!

– Os pecados sexuais afetam o que há de mais sagrado na sociedade planejada por Deus para resistir ao mal: a família. É por isso que a Bíblia atribui a esses pecados punições rigorosas, inclusive a morte para a maior parte dos casos.

– Minha paciência não é tão grande! Não aguento ouvir mais nem um minuto dessas suas fantasias. Se quiser continuar a conversa, foque nas contradições bíblicas. Foi isso que prometi ouvir.

– Só complementando: qualquer cristão que ache a pena de morte algo abominável, está abominando a Deus, em que diz acreditar, pois é um fato inegável que foi Ele, através de suas leis, que instituiu tal pena. O objetivo era, como já expliquei, manter a sociedade sadia.

– Mas e o amor ao próximo? – perguntou Otach, em tom de deboche.

– O que é o verdadeiro amor: proteger os imprudentes ou proteger os inocentes das ações dos imprudentes? Pense nas crianças, as maiores prejudicadas, pois podem já crescerem contaminadas com os pecados deste mundo. Até chegarem à vida adulta, qual a chance de autodefesa?

– Ah! Então, você mudou de opinião? Agora está defendendo a pena de morte!

– Não mudei nada! Minha opinião sempre foi a mesma. O problema é que a corrupção se alastrou e dominou a sociedade. Os líderes, que tinham a função de ensinar e exercer as leis de Deus, ficaram cegos pelo pecado e passaram a disseminá-lo.

Davi começou a pesquisar em seu computador e, em seguida, leu:

– Como a Bíblia diz sobre eles, em Mateus, capítulo 23, versículos 27 e 28: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão. Assim também vós: por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade”.

– Não tenho tempo para ficar ouvindo você ler metade da Bíblia!

– Isso é importante!

– Eu nem sei quem são esses escribas e fariseus! – replicou Otach.

O advogado franziu as sobrancelhas, imaginando que Davi também não sabia, e então perguntou:

– E você, sabe?

– Homens que exerciam exatamente a propagação da palavra divina. Escriba se refere aos chamados doutores e mestres: eram aqueles que se diziam especializados no estudo e na explicação da lei de Deus. E os fariseus eram um grupo religioso que tinham o objetivo de trazer o povo de volta a uma submissão

à palavra das escrituras sagradas: eram considerados como os servos mais espirituais e devotos.

– Então eles eram, dentre o povo, aqueles que mais tentavam defender a lei divina!

– Mas acabaram se preocupando muito mais em parecerem grandiosos e justos aos olhos dos homens do que aos olhos de Deus. Observavam ao extremo minúcias da lei voltadas à aparência. Um bom exemplo foi quando se escandalizaram ao ver Jesus comer sem lavar as mãos, o que, de acordo com eles, transgredia a tradição dos antigos. É claro que Jesus não deixou barato e respondeu à altura.

– O que Jesus respondeu?

– Posso ler?

– Leia! Vou abrir uma exceção.

– Mateus, capítulo 15, versículos 7 a 11: “Hipócritas! É bem de vós que fala o profeta Isaías: Este povo somente me honra com os lábios; seu coração, porém, está longe de mim. Vão é o culto que me prestam, porque ensinam preceitos que só vêm dos homens. Depois Jesus chamou a multidão e disse: Ouve e compreendei. Não é aquilo que entra pela boca que mancha o homem, mas aquilo que sai dele. Eis o que mancha o homem”. E mais adiante, nos versículos 15 a 19: “Tomando então a palavra, Pedro disse: Explica-nos esta parábola. Jesus respondeu: Sois também vós de tão pouca compreensão? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca vai ao ventre e depois é lançado num lugar secreto? Ao contrário, aquilo que sai da boca provém do coração, e é isso o que mancha o homem. Porque é do coração que provêm os maus pensamentos, os homicídios, os adúlteros, as impurezas, os furtos, os falsos testemunhos, as calúnias”.

– Tá...

– É por esse tipo de atitude, visando apenas à aparência, que Jesus fez o comentário que está registrado em Mateus, capítulo 23, versículo 24: “Guias cegos! Filtrais um mosquito e engolis um camelo”.

– OK! – disse Otach, após um sutil sorriso. – Mas, já chega! Sua última chance para explicar as contradições!

– É que há tanta coisa que eu queria te dizer...! – disse Davi, com um olhar inocente.

– Limite-se às contradições, OK? – insistiu Otach.

– Mas vou precisar ler para explicar! Prometo que vou ser direto e sucinto!

– Vá em frente, leia logo!

– Vejamos por onde começo... Já comentei que o uso da lei foi deturpado! Um ótimo exemplo é quando, em diversas passagens, Jesus comenta que os santos, sábios e doutores inspirados por Deus foram perseguidos e mortos ao longo das gerações. Inclusive, ele previu que também teria o mesmo destino. O

pior é que todo esse sangue inocente era derramado por injustos que diziam exercer exatamente a justiça divina! Esta deformidade da lei a complicava de tal forma que Jesus fez a seguinte afirmação, em Mateus, capítulo 23, versículo 13: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Vós fechais aos homens o Reino dos céus. Vós mesmos não entrais e nem deixais que entrem os que querem entrar”. – Após ler, Davi complementou: – Eis então que surge a transformação com a nova aliança!

Davi começou a pesquisar e ler passagem após passagem:

– A Bíblia fala por si só! Vejamos como se forma a nova aliança: Gálatas, capítulo 3, versículo 10: “Os que são da observância da Lei estão sob maldição, pois está escrito: Maldito quem não praticar permanentemente todas as prescrições do livro da Lei”. Gálatas, capítulo 3, versículo 13: “Cristo nos resgatou da maldição da lei...”. Efésios, capítulo 2, versículo 15: “Aboliu, na Sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças...”. Colossenses, capítulo 2, versículos 16 e 17: “Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados, que são sombras das coisas vindouras; mas o corpo é de Cristo”. Romanos, capítulo 10, versículo 4: “Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê”.

– Voltamos ao mesmo ponto: então a lei foi abolida? – perguntou Otach, impaciente. – Responda de uma vez!

– Nunca! É por isso que ler passagens bíblicas fora do contexto é tão perigoso! Veja o que a Bíblia fala sobre o papel da lei na nova aliança com Cristo: Primeira Epístola a Timóteo, capítulo 1, versículo 8: “Sabemos, porém, que a Lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo...”. Romanos, capítulo 7, versículo 12: “Por conseguinte, a Lei é santa, e o mandamento, santo, e justo e bom”. Romanos novamente, capítulo 3, versículo 31: “Anulamos, pois, a Lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a Lei!”

– Em um momento, a Bíblia condena a lei, chama-a de maldição e afirma sua anulação através de Cristo. Em outro, chama-a de santa e a reafirma!

– Eu me arrepio a cada vez que utiliza, novamente, a palavra anulação. Significa que ainda não compreendeu a unicidade que existe entre tudo o que provém de Deus! Entenda: a maldição não é a lei em si, mas, sim, nosso posicionamento frente a ela. A própria Bíblia explica a função da lei e como ela cumpriu seu papel. Vejamos: Gálatas capítulo 3, versículos 24 a 26: “Assim, a Lei foi como um educador que nos conduziu até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Mas, uma vez inaugurado o regime da fé, já não estamos na dependência desse educador. Com efeito, vós todos sois filhos de Deus pela fé no Cristo Jesus”. Hebreus, capítulo 8, versículo 6: “Agora, porém, Cristo recebeu um ministério superior. Ele é o mediador de uma aliança bem melhor, baseada em promessas melhores”. Hebreus, capítulo 9, versículo 15: “Ele é mediador do novo testamento. Pela sua morte, expiou os pecados cometidos no decorrer do

primeiro testamento, para que os eleitos recebam a herança eterna que lhes foi prometida”.

Davi tomou mais fôlego e complementou:

– Agora, preste atenção: já li diversas passagens que indicam o fim da lei por nossa falha em exercê-la, mas também já li diversas passagens que reafirmam a importância da lei. Da mesma forma, já li que a própria Bíblia afirma que passará o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da lei; em contrapartida, li que não estamos mais abaixo de suas ordenanças, pois foi formada uma nova aliança com Jesus.

– Contradições! Contradições! E mais contradições!

– Não! Para entendermos, temos que olhar no cerne dessas quatro afirmações, e poderemos perceber um ponto de fusão entre todas elas! O que aconteceu foi que a lei se tornou parte da fé: não temos mais que realizar as cerimônias para purificação e expiação de nossos pecados porque Cristo foi o sacrifício permanente, como está escrito em Hebreus, capítulo 10, versículo 10: “Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus”. Também nos livramos das hipocrisias impostas pelos escribas, fariseus e todos os que cometiam as piores atrocidades, distorcendo as escrituras sagradas. Agora, ainda que seus princípios vigorem eternamente, a lei transformada em fé já não condena mais a ninguém nesta vida, nem a justos e nem a injustos, mas, com certeza, seremos todos cobrados no julgamento divino, em que não haverá nem erros, nem injustiças e muito menos distorções.

Davi, após mais uma pausa para recuperar o fôlego, continuou:

– Eis, então, uma universalização das leis dos judeus, que passou a ser difundida, através da fé, a todos, judeus e pagãos, que escolheram crer em Cristo, como está escrito em Efésios, capítulo 2, versículo 15: “Jesus, na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz”.

– E quanto ao fato de o próprio Cristo ter dito que não veio para trazer a paz, mas, sim, a espada?

– A paz que citei se refere aos que escolheram acreditar, que, independente de suas origens, tornaram-se um único povo. A espada que você menciona é aquela divisão que já expliquei ontem: refere-se à divisão que ocorreu até mesmo dentro de uma única casa entre os que creram e os que não creram. Essa espada dividiu até mesmo pais e filhos que passaram a lutar em uma batalha de fé. Não existe contradição entre as duas afirmações!

– Pelo que estou vendo, podemos dizer que foi abolido apenas o caráter normativo das leis. É isso? Espera aí, deixe-me pensar como eu te explico o que o caráter normativo...

– Está falando da exequibilidade das regras e punições estabelecidas para as mais adversas situações?

– Exato!

– Realmente, podemos resumir desta forma: o que foi abolido foi o caráter normativo!

– Então, agora temos que aceitar pacificamente todas as transgressões? Afinal, como está me afirmando, não existem mais punições vigentes!

– Como diz a Bíblia: “A vingança será de Deus”. Espere aí, deixe-me encontrar a passagem que faz essa afirmação, pois ela vale a pena ser citada.

Rapidamente, Davi a encontrou e citou:

– Romanos, capítulo 12, versículos 17 a 19: “A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas dignas, perante todos os homens. Se for possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens. Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira de Deus, porque está escrito: Minha é a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor”.

– Sua afirmação é ridícula! É impossível existir uma sociedade sem existir um poder normativo!

– Sei disso! – complementou Davi, antecipando-se à afirmação de seu pai. E então continuou:

– A lei de Deus se universalizou pela fé, mas é claro que cada sociedade vai manter seus normativos próprios. A Bíblia nos ensina isso de forma grandiosa.

Davi, mais rápido que de todas as outras vezes, encontrou a passagem que desejava citar:

– Primeira Epístola de Pedro, capítulo 2, versículos 13 e 14: “Por causa do Senhor, sujeitem-se a toda autoridade constituída entre os homens; seja ao rei, como autoridade suprema, seja aos governantes, como por Ele enviados para punir os que praticam o mal e honrar os que praticam o bem”.

– Mas e se as leis dos homens forem opostas aos preceitos de Deus?

– Daí temos que observar outra passagem. – Mais uma rápida busca, e Davi leu: – Atos dos Apóstolos, capítulo 5, versículo 19: “É preciso obedecer a Deus antes que aos homens”.

– OK!

– Quanto às leis, concluo que nenhuma vírgula foi destruída. Ela foi transportada para o patamar da fé, mas é tão imensamente importante que só podemos compreender Cristo com plenitude após ler o Velho Testamento!

– Como assim?

– Muitos podem construir uma imagem compassiva demais de Cristo ao se prenderem unicamente ao Novo Testamento!

– E não é?

– Não! Jesus Cristo e Deus possuem a mesma identidade. Só o que mudou foi

o foco: no Velho Testamento, com uma sociedade sadia, a aliança implicava em proteger os inocentes do pecado, ou seja, retirar o fruto podre para salvar os demais. Trata-se de um ato direcionado à proteção dos inocentes! Mas, com a contaminação do pecado alastrada em todos os níveis da sociedade, a única solução passou a ser blindar os cristãos fiéis com a fé na justiça divina, que implica em um posicionamento cristão mais brando, voltado à proteção da alma! Agora o foco é escolher e retirar uma a uma as boas frutas que estão dentro de um cesto irremediavelmente corrompido e sujo, que, no final, será jogado ao fogo juntamente com as frutas podres.

Após uma rápida pausa, Davi complementou:

– Devemos compreender que Deus possui toda a bondade que pudemos ver de forma mais cristalina em Cristo, da mesma forma que Jesus possui toda a autoridade de pai e fome por justiça, que vimos melhor diretamente em Deus, por meio do Velho Testamento. É somente conhecendo as antigas leis que compreenderemos com plenitude o caminho de paz que Jesus nos apontou, da mesma forma que só podemos compreender mais profundamente os objetivos das leis ao aprendermos os ensinamentos de Cristo! Cada vírgula, tanto do Novo como do Velho Testamento, é importante.

– Ao que me parece, o Velho Testamento ficou menos importante!

– Claro que não! Por exemplo, posso citar a pena de morte estipulada para quem tivesse atos sexuais com animais. Hoje em dia, ninguém vai ser morto por fazer isso, mas conhecer a pena que era imposta nos serve como alerta incalculavelmente importante para compreendermos o tamanho do mal que está escondido em um ato que parece não ter importância. Sem o alerta da Bíblia, a maior parte das pessoas poderia achar que se trata de um ato inofensivo para com a alma. Como pode ver, cada detalhe é de importância única!

– Apesar de ser nojento, qual o mal para Deus ao praticar atos sexuais com animais?

– A questão da saúde. Deus prezava isso em suas leis. E também a questão da família: como já disse, qualquer ato sexual distorcido se torna fonte de corrupção!

– Chega disso! Seu tempo está acabando. Fale da adúltera que Jesus salvou. Você tem um minuto para isso!

– Quando ele salvou a adúltera do apedrejamento, de forma alguma insinuou que a pena não era legítima, mesmo porque, até aquele momento, essa era a punição vigente. Ele não proibiu que a lei fosse aplicada: apenas fez com que aquele povo percebesse o quão estavam sendo hipócritas, pois eram transgressores das leis que eles próprios estavam se achando dignos de aplicar, de modo que a aplicavam de forma ilegítima. Porém, não podemos deixar de notar que Jesus a salvou, mas jamais aprovou o que aquela mulher fez, tanto que suas

últimas palavras para ela foram “Vá e não peque mais”, pois se ela não se arrependesse e escolhesse continuar nesse caminho, ainda que livre da justiça praticada pelos homens, ela encontraria a condenação do julgamento divino, do qual ninguém escapa.

– OK.

– Só concluindo: a pena de morte era para a proteção dos inocentes, mas, dentro de uma sociedade corrompida de todas as formas possíveis, uma execução manchada pela hipocrisia não iria fazer nenhuma diferença para aquela sociedade, porém, para a adúltera, fez toda a diferença ter mais uma chance de mudar!

– Tem mais um minuto para falar sobre as contradições relacionadas a quantas vezes Pedro negou Cristo!

– Saber quantas vezes Pedro negou Cristo antes que o galo cantasse é algo de importância secular.

– Como assim, de importância secular? Um texto supostamente inspirado por Deus não pode ter erros de nenhuma forma!

– O texto tem inspiração divina, mas foi escrito por homens. Deus certamente guiou o coração de cada um dos escritores, mas não escreveu por eles: é natural que, em qualquer fato narrado por mais de uma testemunha, ocorram pequenas divergências, principalmente em detalhes, ainda mais se tratando de um acontecimento tão tenso e tumultuado como a noite da prisão de Cristo. Leve em consideração também que os especialistas acreditam que os testemunhos foram escritos um bom tempo depois dos acontecimentos, de forma que isso também facilita pequenos esquecimentos, o que não influencia em nada o foco principal do relato, que foi o fato de Pedro negar Cristo depois de ter sido avisado que faria isso!

Após tomar fôlego afoitamente, para aproveitar o tempo, Davi complementou, de forma acelerada:

– Essas pequenas divergências são, inclusive, importantes para comprovarmos que a Bíblia não é uma história fictícia. Na análise dos textos, fica claro que foram relatos reais de pessoas que não combinaram nada, sendo que cada um imprimiu sua perspectiva pessoal de Cristo: eis que surgem as pequenas divergências! Inclusive, o diferente foco que cada evangelho apresenta em relação a Cristo nos permite conhecê-lo melhor, pois, com a união das diferentes perspectivas, podemos criar uma visão tridimensional do Nazareno.

– Hein?

– Digamos que temos uma foto de Cristo tirada de frente. Obviamente, a foto nos mostra como ele era, mas nossa perspectiva melhora se também tivermos outra foto tirada lateralmente para observar! Com a segunda foto, podemos ter novos detalhes: de repente, descobrimos que o nariz era maior, ou menor do que

parecia na foto frontal, e podemos ver detalhes da orelha e do cabelo que nem sequer apareciam na primeira foto. Assim também é cada um dos quatro evangelhos: mudando a perspectiva, há fatos que parecem sutilmente diferentes, e também vamos encontrar relatos únicos em cada um dos testemunhos, referente a fatos que os outros nem sequer se lembraram de relatar...

– OK, seu tempo acabou. Agora, tem só mais um minuto para falar sobre Deus ter tentado Abraão!

– Independente de quantas vezes Pedro negou Cristo antes que o galo cantasse, aprendemos muitas lições grandiosas com esse acontecimento:

– Ei! Já disse que seu tempo para falar sobre isso acabou!

– Mas o que estou dizendo faz parte da resposta relacionada a Cristo tentar Abraão!

– Então, continue!

– Quando Cristo avisou a Pedro que Ele o negaria, o apóstolo repudiou veementemente essa ideia: disse que morreria, se preciso, mas não o abandonaria. É certo que ele acreditava, com todas as suas forças, que era assim que agiria. Esse acontecimento ensina que Deus nos conhece mais do que nós mesmos, e que sabe muito mais do que podemos imaginar, até mesmo sobre o que ainda não aconteceu. Nesse contexto, fica óbvio que nosso grande Pai também sabia o que aconteceria quando pediu para Abraão que sacrificasse seu filho!

– Se ele sabia o resultado, para que pediu que Abraão fizesse isso?

– Primeiro, é preciso explicar o seguinte princípio: como você mesmo leu, a Bíblia afirma que Deus não tenta ninguém, e certamente ele não tentou a Abraão, mas apenas o testou!

– E qual a diferença?

– Existe grande diferença: tentar é buscar fazer com que alguém cometa um pecado ou faça o mal. Como está escrito na oração ensinada pelo próprio Cristo, o “Pai Nosso”, rezamos para que Deus não nos deixe cair em tentação, pois quem tenta com nossas vidas é Satanás. Já Deus é nosso protetor, nosso porto seguro. O que o grande Pai fez com Abraão foi “testar” sua fidelidade, ainda que não pretendesse deixar que ele concretizasse tal feito.

– Que seja! Seu tempo já está acabando: explica logo por que Deus fez isso, mesmo sabendo qual seria o resultado!

– Como já vimos com Pedro, uma coisa é acreditarmos em nossas convicções, outra é mantê-las em situações drásticas. Só vivenciando é que poderemos conhecer nossas reações, pensamentos e sentimentos interpolados à fé, e então sentir sua verdadeira profundidade. Podemos dizer, então, que Deus sabia verdadeiramente como Abraão reagiria, mas só a vivência poderia proporcionar a Abraão a solidificação máxima de sua fé, e também a confiança

máxima em Deus, até mesmo quando os caminhos indicados parecessem tortuosos.

– E o que foi que Pedro aprendeu ao fracassar?

– Aprendeu a se conhecer melhor! Ele se desesperou e se arrependeu da fuga quando percebeu que foi fraco, e se tornou muito mais forte! Podemos perceber isso...

– Chega! Já entendi!

– Só quero dizer que...

– Já chega! Mais uma vez, vou te lembrar que prometi ouvir sobre as contradições. E cumpri! Agora, chega!

– OK.

– Está satisfeito?

– Satisfeito, não! – disse Davi, que complementou: – Mas estou conformado!

Otch deu um pequeno sorriso, e então complementou:

– Ótimo, pois seu tempo, com certeza, acabou! Até que você não é tão bobinho quanto eu pensava. Se deixar o fanatismo de lado, quem sabe um dia vai dar um bom advogado!

Davi não tinha em mente ser advogado, mas ficou feliz, pois um comentário como esse era o mais próximo de um elogio que seu pai costumava chegar.

Revolta de Otach

Assim que pai e filho pararam de conversar, Gabriel começou a vasculhar sua mente em busca de se antecipar a qualquer pergunta ou afirmação que pudesse ser feita relacionada à conversa. Mas não havia mais tempo: como combinado, logo veio a convocação para a nova reunião online.

Mergulhado em seus pensamentos, ele ignorou a primeira chamada. Porém, não tardou para um novo alerta ser emitido por sua inteligência artificial. Desta vez, ele pegou seus óculos tridimensionais e acessou o *link*.

– Bem vindo! – disse Esdras. – Está satisfeito com o resultado de sua nova indução?

– Sim e não. Desta vez, nosso menino pôde se expressar mais livremente. Isso foi muito bom, mas, novamente, eu esperava que Otach fosse mais ativo. Ele não foi nada desafiador!

– É claro! Você o induziu a defender um contexto de repúdio à crença cristã contra a vontade dele – disse Abéli. – Andei estudando sobre as técnicas de indução. Obviamente, não encontrei nada muito concreto, já que a tecnologia que supostamente utilizou nem sequer existe. De qualquer forma, todo o material teórico que encontrei aponta que não seria possível realizar a indução de ações contra a vontade do paciente. Pela reação de Otach, ao que me pareceu, você fez o que não devia...

– Está certíssima! – respondeu Esdras. – A reação dele de distração após ler o texto e o sangramento no nariz foram indícios de que ele não concordava com o que foi pré-induzido a defender. Hemorragias são comuns quando ocorre choque de interesses entre as ações induzidas e o livre arbítrio.

– Poderia ter ocorrido algum outro tipo de complicação? – ela perguntou.

– Não seja tão cínica. Sabe que sim! – respondeu Gabriel. – Mas sabe também que estávamos preparados...

– A inteligência artificial indicou que o procedimento era seguro... – disse Jamal, constrangido por ter participado do procedimento.

– Isso porque Gabriel certamente informou a ela que Otach apresentava concordância com o contexto da indução! As estatísticas geradas pela inteligência artificial baseiam-se na análise direta do paciente somada às informações que damos a ela!

– Se ele fez isso, então, escondeu de mim! Jamais teria concordado se soubesse disso! – afirmou Jamal.

– Eu não indiquei que ele concordava, mas que suas ações indicavam concordância!

– E por que não me contou isso? – esbravejou Jamal.

– Agora não adianta se alterar! – respondeu Esdras. – Só quero que me explique, Gabriel, em que momento as ações dele indicaram concordância!

– Ele é um advogadozinho corrupto, um mentiroso compulsivo, adúltero. É um dos seres humanos mais egoístas que já conheci. Jamais se interessou por qualquer assunto ligado à religião. Para mim, isso é indício mais do que o suficiente para acreditar que ele se dizia cristão apenas por conveniência, ou costume! Não imaginei que repudiaria a ideia de a Bíblia ser um livro falho a ponto de entrar em colapso com a pré-indução dessa ideia.

– Nós dois sabemos que você só deveria ter pré-induzido a vontade de discutir o assunto com o filho, jogando as informações do texto no subconsciente dele de forma muito sutil, apenas para que tivesse uma impressão de familiaridade – disse Esdras.

– Foi isso que ele me disse que fez! – emendou Jamal.

– É isso que fiz! – retrucou Gabriel.

– A indução tinha que ser de grau um, já que não sabia se ele concordava com a ideia! Você utilizou grau três, no mínimo!

– Exatamente! Utilizei grau três! Mas já expliquei o que me fez acreditar que não haveria problemas!

– Uma simples suposição! – cutucou Hiroto.

– Não é só suposição. Já expliquei que ele dava todos os indícios de não acreditar realmente na Bíblia. É ridículo que acredite, levando a vida que leva. O ser humano é mesmo patético: alguém como ele deveria torcer para Deus não existir, para não ter que prestar contas. É repulsivo como os seres humanos adoram se fazer de cegos para o que são!

– Você não me explicou nada sobre essa história de graus! – praticamente gritou Jamal, que tremia de raiva.

– Eu te falei que faria a indução de forma sutil. Nível três ainda é bem sutil! – respondeu Gabriel.

– É muita cara de pau!... – Jamal exclamou, cinicamente.

– Nunca deveriam ter impedido as gravações. – disse Esdras, interrompendo Jamal em tom de voz também elevado. Depois complementou: – Se não tivessem feito isso, eu teria percebido o erro!

– Seja como for, estão exagerando! – retrucou Gabriel. – Não coloquei o projeto em risco nem por um segundo! Errei, sim, mas foi em um grau leve. Dificilmente ele apresentaria algum sintoma grave, e mesmo que apresentasse, como já disse, todos sabem que estamos preparados para impedi-lo de fazer qualquer besteira. Mesmo agora, acho que valeu a pena ter realizado o procedimento.

– Também acho que valeu a pena. Na verdade, não tenho nenhuma dúvida

disso! – disse Esdras. – O que não muda o fato de que a indução poderia ter sido feita de forma mais segura!

– Se fosse feita de forma mais segura, talvez não tivesse havido discussão nenhuma! – defendeu-se Gabriel.

– Ainda existe algum risco? – perguntou Abéli.

– Não muito! – respondeu Esdras.

– Quase nenhum – complementou Gabriel.

– O ponto crítico já passou. Então, já chega de falar sobre isso. Vamos falar de nossos acertos, começando pela pesquisa da senhorita Abéli. Li seu relatório e achei muito interessante! – disse o empresário, olhando para ela. – A senhorita merece ser parabenizada pela descoberta!

Após uma pequena pausa, Esdras complementou:

– É certo que o contra-argumento de que o menino poderia ter simplesmente falado sobre o que não sabia e descoberto por acaso o adultério de seu pai realmente tira parte da credibilidade dos resultados obtidos, pois corresponde a uma explicação lógica diante do grande índice de infidelidade, o que dá a uma acusação aleatória grande probabilidade de acerto. Ainda assim, isso não diminui a importância de termos percebido que Davi realmente não entrou em contato com informações sobre a amante, ainda mais depois do próprio Otach ter afirmado, sob o efeito da droga da verdade, que nosso menino parece conseguir ouvir seus pensamentos!

– Não se esqueça também de que a Bíblia relata que Jesus conhecia e às vezes até respondia aos pensamentos das pessoas à sua volta, o que reafirma ainda mais a importância da descoberta de Abéli – complementou Jamal.

– Isto não é assim tão raro quanto vocês pensam: às vezes, eu também posso ouvir pensamentos. – disse Gabriel. – E eu posso provar!

– Então prove! – provocou Esdras.

– Neste exato momento, Abéli está me achando um cínico, Esdras está achando tudo engraçado, Jamal não para de perder tempo me odiando pelo meu erro. Só Hiroto escapou, não estou conseguindo ler nada neste momento!

– O pior é que acertou, achei engraçado! – disse Esdras, que começou a rir. – E pela cara da Abéli, ela realmente te achou um cínico!

Após mais um sorriso, Esdras complementou:

– Tá, fala sério! Aonde quer chegar?

– Qualquer um com uma capacidade lógica aguçada é capaz de se antecipar a acontecimentos, prever probabilidades ou ter ideia do que as pessoas à sua volta devem estar pensando, dentro de um determinado contexto. É provável que Davi ache que pode ler pensamentos. Existem videntes que dizem prever o futuro; inclusive, muitos deles acertam a grande maioria de suas previsões. E muitos bruxos parecem falar coisas de que não poderiam saber, supostamente por

interferência de uma alma. Quantas vezes vi minha avó fazendo isso. E o pior é que as pessoas acreditam! Para mim, a única coisa inexplicável nesses acontecimentos é o absurdo fato das pessoas acreditarem.

– Já cansamos de ouvir isso! – disse Jamal. – Não estou dizendo que você está errado, mas não podemos descartar nenhuma hipótese. Então, respeite quando apresentamos ideias contrárias às suas.

– Aceitar milagres como uma hipótese é algo incabível para mim!

– Quem falou em milagre? – perguntou Jamal. – Eu não estou pensando em nenhum milagre, mas, sim, em alguma capacidade desconhecida, decorrente desse diferente arranjo do sistema neural. Uma capacidade estritamente física!

Maria interrompeu a reunião, dizendo:

– Alerta: Otach está percorrendo um trajeto que parece estar direcionado ao endereço do laboratório!

– Eu o induzi a retornar em busca de explicações caso apresentasse um elevado estresse em relação a Davi! – disse Gabriel.

– Maria, se ele for ao laboratório, proceda à sua apreensão, exatamente como fez da outra vez – ordenou Esdras. – Avise-nos quando ele chegar à guarita externa.

– Tenho uma ótima ideia! – disse Gabriel.

– Nem perca seu tempo. – retrucou Esdras. – Desta vez, eu sei exatamente o que faremos.

– O quê?

– Pretendo incluir mais um cientista no projeto...

– Só pode estar brincando! – retrucou Gabriel.

– Não estou. Quero que um psicólogo de minha confiança analise o menino. Ele não vai saber nada sobre os objetivos de nosso projeto, não tem por que se preocupar. A única coisa que você vai fazer é induzir em Otach uma nova memória, fazendo com que ele passe a acreditar que o filho apresentou ideias confusas sobre religião que o fizeram vir atrás de ajuda, e que nós ficamos de arranjar um psicólogo por conta da MIF para analisá-lo.

– Não precisamos disso! – afirmou Gabriel.

– Precisamos, sim! – rebateu Abélii. – Suas induções obtiveram resultados interessantes, mas limitados.

– Muito limitados! – reforçou Esdras. – Alguém aí sabe dizer se, no final das contas, Davi é contra ou a favor da pena de morte?

Após um breve silêncio, Esdras complementou:

– Vamos lá, falem! Abélii, o que achou?

– Entendi que ele é contra! As passagens que Davi leu deixaram claro que nossa corrupção impede a execução da pena! Tal poder leva governos corruptos a se tornarem os próprios repressores da sociedade. Isso, inclusive, se prova na

história humana após Cristo: toda sociedade que executou, pra valer, a pena de morte, trocou a violência suburbana pela repressão governamental!

– Jamal, o que achou? – perguntou Esdras.

– Compreendi que, de acordo com ele, a lei de Deus foi toda elevada ao patamar da fé, mas que, como sociedade, somos livres para criar nosso próprio poder normativo de acordo com as circunstâncias. Então, não vejo por que somos impedidos de utilizar a pena de morte como controle se conseguirmos nos organizar para isso!

– Eu entendi o mesmo! – emendou Esdras. – Na minha interpretação, as passagens citadas deixam claro que a função original da pena de morte, que era a preservação da alma, perdeu o sentido, juntamente com o alastramento da corrupção, mas, nem por isso, vi qualquer impedimento ou proibição direta para que executemos a pena como um normativo dos homens para organizar este mundo e preservar a vida terrena.

Após uma rápida pausa, ele perguntou:

– E você, Hiroto, como entendeu?

– A verdade é que fiquei indeciso entre as duas argumentações já apresentadas! Inicialmente me pareceu, com a explicação dele, estar claro que a nova aliança foi formada exatamente por causa da corrupção irremediável da sociedade, o que indica que as leis, e em especial a pena de morte, sempre acabariam sendo aplicadas de forma distorcida. Fato que podemos comprovar em todas as ditaduras, com maior ou menor intensidade. Porém, como já foi dito, também ficou uma abertura para interpretarmos que somos totalmente livres para criar nossos códigos normativos, buscando estabelecer a ordem na sociedade. O que nos dá margem para dizer que, apesar da pena de morte com foco no objetivo divino de preservação da alma ter sido eliminada, somos livres para estabelecer a pena com foco no controle da marginalização.

– Gabriel, quer falar? – perguntou Esdras.

– E vai fazer alguma diferença?

– Na verdade, não! Já comprovei que precisamos achar uma forma de deixar Davi falar livremente. Com o psicólogo, poderemos saber o que Davi realmente pensa da pena de morte, e muito mais.

– O melhor de tudo é que ele vai analisá-lo sem nenhum tipo de conceito pré-estabelecido. Isso, nós não conseguimos fazer! – disse Abéli.

– Também não gosto da ideia de incluir um novo cientista – disse Jamal, – mas se ele não vai saber nada sobre a origem do garoto, acredito que pode ser realmente interessante. De certa forma, não é diferente de outros serviços que já terceirizamos antes.

– Exatamente! – afirmou Gabriel. – Terceirizamos a autópsia das crianças mortas, depois terceirizamos o serviço de novas clonagens correspondentes à

amostra genética de Davi, e foi tudo uma perda de tempo. Não precisamos de mais nenhuma interferência. Nossa equipe é mais do que capaz de levar o projeto adiante!

– Já chega! Isso não é uma votação! Minha decisão já está tomada!

– Quem é o psicólogo? – perguntou Jamal.

– O nome dele é Dante de Marco. Detém certa fama em seu meio. Acredito que Gabriel deva conhecê-lo!

– Já ouvi alguma coisa sobre ele! – respondeu Gabriel, em tom de desinteresse.

– Já que está tão desinteressado em Dante, vamos voltar a falar sobre Davi! Como a ideia da indução foi sua, me diga: o que mais aprendemos com a discussão entre pai e filho?

– Posso falar? – perguntou Abéli, rapidamente.

– É claro! – retrucou Esdras.

– Ontem, Gabriel e eu estávamos discutindo sobre Davi ter ou não se contradito. Deixamos a questão em aberto. Hoje, pudemos comprovar a coerência argumentativa apurada de Davi. Em muitos momentos, parecia estar se contradizendo, mas, como Otach permitiu que ele falasse, no fim, chegou a um ponto convergência de seus argumentos, ainda que, certamente, tivesse muito mais a falar!

– E então, Gabriel, concorda? – perguntou Esdras.

– Neste primeiro momento, não discordo!

– E o que mais aprendemos? – perguntou Esdras.

– Eu fiquei impressionado com a memória dele – disse Hiroto. – Davi sabia de cor o local de todas as passagens que desejou citar. Isso é muito complexo!

– Quase tão impressionante quanto a capacidade argumentativa dele! – retrucou Jamal.

– Ai, eu não concordo! – protestou Abéli. – Apesar de a memória apurada ter sido o fato que mais me surpreendeu hoje, o que mais me encanta é, de longe, a capacidade argumentativa, até mesmo pela similaridade entre a personalidade dele e a de Cristo na mesma idade – disse Abéli.

– Que similaridade? – perguntou Hiroto.

– A Bíblia relata que, aos doze anos de idade, Jesus sumiu por três dias, e depois foi encontrado no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. A Bíblia relata, ainda, que todos os que o ouviam estavam maravilhados com a sabedoria de suas respostas. Exatamente como nós estamos agora ao analisarmos a desenvoltura de Davi.

– Eu não me lembro de ter ouvido falar sobre Cristo ensinando para doutores em sua infância – disse Hiroto. – Onde está escrito isso?

– Espere. Vou encontrar! – disse Abéli, que começou a mexer em seu

computador pessoal. – Tenha um pouco de paciência, pois não tenho nem a mesma memória e nem a desenvoltura que Davi possui para utilizar a Bíblia.

Após um minuto de espera, Gabriel comentou:

– Não precisa disso!

– Eu quero saber! – exigiu Hiroto. – Deixe que ela encontre a passagem!

– Calma, acho que já estou perto! – disse Abéli.

Em mais alguns segundos, ela finalmente encontrou:

– A citação está em Lucas, capítulo 2, versículo 46. Quer que eu leia?

Maria interrompeu a conversa, dizendo:

– Otach está se aproximando da guarita externa!

– Deixe que ele entre. – disse Esdras. – Vamos acompanhar o aprisionamento!

Tudo aconteceu de forma muito parecida com o que ocorreu no dia anterior: o advogado foi tranquilamente até o estacionamento, desceu do carro, foi até a porta da recepção e, quando esta se abriu, ele foi dopado, sem ter tempo para dizer uma única palavra. Ao final, Esdras ordenou que o levassem para a sala de operações de número um, e então disse:

– Você entendeu, né, Gabriel? Quero que o faça acreditar que veio ao laboratório atrás de ajuda médica por achar que Davi está tendo ideias perturbadas sobre religião e que ficamos de ligar assim que escolhêssemos um psicólogo apropriado para o tratamento. – O empresário complementou em tom irônico: – Não se esqueça de induzir que será tudo de graça. Isso vai ajudar!

– Certamente, irá – concordou Hiroto. – É muito mais fácil induzir um homem como ele a negar Deus do que a gastar dinheiro que não seja diretamente em benefício próprio.

– Jamal irá acompanhá-lo novamente – disse Esdras. – Mas, desta vez, nem pense em interromper o monitoramento de Maria.

– Só estava zelando pelos segredos tecnológicos! Não sabia qual poderia ser a sua reação ao saber que revelei a existência da tecnologia para todo este grupo e ainda permiti que um deles me acompanhasse – defendeu-se Gabriel.

– Não se faça de bobo! Este é um grupo de confiança e um ambiente seguro, além de que não é possível aprender praticamente nada apenas assistindo ao procedimento. Já te aviso que, se eu descobrir que induziu em Otach mais do que contou, ou que tenha feito qualquer outro tipo de procedimento em segredo, pode ter certeza de que terá sérios problemas!

– Que exagero! O que eu poderia ter feito com o advogado?

– Quero continuar essa conversa em particular. Faremos o seguinte: Jamal não vai precisar acompanhá-lo na indução porque eu mesmo farei isso, aí aproveitaremos para conversar e garantirei que não vá tentar nada.

– Por mim, tudo bem! – disse Gabriel. – Não pretendo fazer nada além do que me pediu!

– Ficarei esperando você chegar ao laboratório. Realizaremos o procedimento imediatamente! Algo mais a ser discutido?

– Precisamos pedir a Maria que simule uma ligação de Otach desmarcando todo o serviço do dia e deixando o aviso de que provavelmente vá se atrasar, como foi feito da última vez – lembrou Abélii.

– Muito bem lembrado, cuide disso! Algo mais?

Todos permaneceram em silêncio.

– Então, nossa reunião termina por aqui. Logo entrarei em contato com todos para marcarmos um novo encontro. Estou esperando por você, Gabriel!

Assim que se desconectou da reunião, Esdras ordenou à inteligência artificial de seu escritório:

– Lisa, conecte-se com Dante de Marco.

– Aguarde um segundo... Conectado.

– Boa tarde!

– Boa tarde! – respondeu Esdras. – Tenho um trabalho para você.

– E qual é?

– Gostaria que fizesse o acompanhamento de um garoto em quem tenho grande interesse pessoal.

– O que o garoto tem?

– Caberá a você descobrir! Existe uma equipe que já o acompanha. Eles se encarregarão de passar o resto das informações pertinentes.

– Certo! Estou com meu tempo todo tomado, mas darei um jeito de encaixá-lo.

– Não é tão simples assim: o menino mora em outro continente.

– Não acha mais cômodo contratar um psicólogo mais próximo a ele?

– Quero que seja você!

– Tudo bem, fico até lisonjeado. Se o menino tiver disponibilidade para viajar, podemos ter encontros semanais.

– Na verdade, eu gostaria que você se mudasse temporariamente para a cidade onde ele vive. Não se preocupe, é por pouco tempo.

– O quê?! Impossível!

– Esse garoto tem algo de especial. Vai valer a pena!

– Agradeço pela oportunidade, mas convoque outro psicólogo. Infelizmente, é impossível para mim.

– É em você que confio para analisá-lo. Façamos um acordo: eu dobro permanentemente o salário que você recebe da MIF, e pago por dois meses de

serviço o equivalente ao que você mesmo calcular que equivalha a seu ano de salário não vinculado à MIF.

– Não é somente uma questão de dinheiro!

– Só estou te pedindo dois meses. Marcaremos dois encontros por semana, o que vai totalizar dezesseis encontros. Acho que vai ser o suficiente!

– Não é assim que funciona. Você é psicólogo, sabe muito bem disso.

– Não quero que o trate, só quero que o analise!

– Se isso é assim tão importante para você, eu me comprometo em viajar uma vez por semana, e saiba que isso será um grande sacrifício para mim.

– Não é suficiente! Quero exclusividade!

– Tem ideia do que está me pedindo?

– Uma ajuda!

– Está me pedindo para que eu pare minha vida!

– É por um bom motivo! Entenda isso como um favor pessoal que estou lhe pedindo!

– É um favor bastante complicado, não acha?

– Vamos fazer assim: vá por um mês. Serão apenas oito encontros. Depois, se eu achar necessário, arranjo outro psicólogo!

– Continua muito complicado!

– Considere como férias, até porque vai ter muito tempo para descansar. Minha única exigência é que fique por perto. Quero que fique focado nesse paciente durante o período em que estiver lá!

– Por que faz tanta questão que seja eu?

– Porque sou louco! Acho que será o melhor para o trabalho, e não aceito nada menos que o melhor!

– Pode me dar um tempo para pensar?

– Aceite agora! Mantenho para esse único mês a oferta de dobrar permanentemente seu salário da MIF e pagar um prêmio equivalente à soma total do que ganha em um ano de serviço, além de cobrir todos seus custos durante a viagem, é claro!

– Sabe que não é uma questão financeira.

– Claro que sei! É uma questão pessoal. Aceite. Não vou sair do seu pé, sabe disso!

– Tudo bem! – respondeu Dante, com certa relutância. – Estamos de acordo, mas me dê um prazo de pelo menos uns dois meses para que eu me organize.

– É muito tempo! Eu gostaria que partisse o mais rápido possível.

– Vamos acabar com isso de uma vez! Em um mês, estarei pronto para partir.

– Ainda é muito tempo!

– Que porcaria! Assim não dá!

- Eu quero que vá imediatamente!
- Tá, tá! Três dias está bom?
- Já está melhor!
- Nem acredito que estou mesmo aceitando isso. Afinal, para onde estou indo?

Gabriel adentrou a recepção e foi até a sala de operações onde estava Otach. Assim que entrou, viu um robô de pé. O empresário, utilizando os óculos tridimensionais, estava controlando a máquina.

- O que está planejando? – perguntou o robô, com a voz de Esdras.
 - Como assim?
 - Não consigo engolir essa história de desligar o monitoramento para proteger a tecnologia!
 - De novo essa história! E para que mais seria?
 - Até tenho uma suspeita, mas, se não confirmá-la, não vou conseguir esquecer esse acontecimento e vou ficar no seu pé.
 - E qual é a sua suspeita?
 - Se eu falar, você provavelmente irá aproveitar para confirmar só para se livrar de mim. A iniciativa terá que ser sua!
 - Tá! Deve saber que eu conversei com Jamal sobre minha vida particular. Sabe o quanto sou discreto em relação a esse assunto!
 - Sei, sim! Surpreendi-me ao descobrir que tinha contado parte de sua história de vida para ele.
 - A partir disso, não é nada difícil descobrir que o meu verdadeiro objetivo era ter certeza absoluta que ninguém, incluindo meus outros colegas, iria ver a gravação. Jamais deixaria que gravassem uma confissão minha!
 - Por que resolveu contar para Jamal?
 - Achei que poderia ajudar a ganhar a confiança dele!
 - Por sua sorte, eu suspeitava que o motivo fosse exatamente esse! O pior é que você tinha conseguido a confiança dele, mas depois de hoje, prepare-se!
 - É, eu sei!
- Após um breve instante de reflexão, Gabriel perguntou:
- Se já imaginava que o motivo era esse, por que ficava me perguntando diante de meus colegas? É óbvio que eu não iria confessar isso na frente deles!
 - Eu sempre pretendi conversar sobre esse assunto em particular, mas aproveitei para fazer uma pressãozinha!
 - Satisfeito?
 - Ainda não. Falta tirar um sarrinho da sua cara!

- Do que está falando?
- Tentou insinuar para Jamal que ele está aqui só para ser um castigo para você!
- E este não é o objetivo principal?
- Não!
- Tá bom, sei! – disse, em tom de descrença.
- Nunca conheci alguém tão prepotente! – disse Esdras, em meio a risadas.
- É só olhar para o espelho que vai encontrar! – sugeriu Gabriel, com uma expressão de desprezo. – Que tal pararmos com isso e começarmos a trabalhar?
- Vamos lá!
- Só tenho uma exigência a fazer – emendou Gabriel.
- Sem essa! – esquivou-se Esdras.
- Não é nada de mais.
- Então fale logo!
- Quero ser o porta-voz da equipe junto a Dante!

Chegada de Dante

Dante cumpriu o que combinou: ao terceiro dia, já estava hospedado da cidade de Mitiziu. Esdras mobiliou um consultório para que ele trabalhasse. Havia bastante trabalho a fazer, já que vários dos seus pacientes resolveram manter a consulta a distância, e outros preferiram atravessar o continente para realizar consultas presenciais. Além disso, surgiram inúmeros convites para que ele proferisse palestras nas universidades da região.

Dante manteve o atendimento a boa parte de seus pacientes, mas deixou claro que haveria a possibilidade de desmarcá-las, pois, em novas conversas, informou a Esdras que iria continuar trabalhando, prometendo, porém, que manteria sua agenda totalmente flexível para encaixar as consultas de Davi no horário que fosse necessário. O empresário não se opôs às consultas porque sabia que a adaptação de Dante seria crucial para convencê-lo a ficar mais tempo quando as consultas combinadas terminassem. Esdras não tinha nenhuma intenção de deixá-lo ir embora após apenas um mês, e o fato de Dante ter sido o primeiro a quebrar o acordo inicial seria muito importante para persuadi-lo a ficar por mais tempo.

Na manhã seguinte, o psicólogo foi conhecer seu novo consultório. Ele mantinha uma secretária humana, algo raro depois da evolução da inteligência artificial. Ela havia se hospedado na cidade um dia antes, e já trabalhava normalmente.

– Bom dia, doutor – cumprimentou a secretária.

– Bom dia, Paola. Como está minha agenda?

– O Fábio acabou de desmarcar a consulta.

– Quem vem depois?

– O Jorge. A consulta vai ser *online*, mas está marcada apenas para daqui a duas horas. Quer que eu tente antecipá-la?

– Não! Nem perca tempo, ele é muito sistemático. Mesmo que esteja disponível, não vai querer aceitar.

– Há poucos minutos, recebi uma ligação de um homem chamado Gabriel. Ele queria conversar sobre a consulta solicitada por Esdras.

– Contate-o e passe a ligação para a minha sala.

– OK.

Dante entrou em seu consultório, sentou-se e aguardou. Logo a imagem de Gabriel apareceu diante de seus olhos.

– Bom dia – disse Gabriel. – Sou o responsável por Davi, o menino que veio analisar.

- Tenho muitas perguntas. Posso começar?
- Acho melhor marcarmos um horário para conversarmos pessoalmente.
- Para mim, agora seria um ótimo horário.
- Estou muito ocupado. Hoje não será possível.
- Podemos utilizar o período da noite.
- Não acho conveniente, é melhor deixarmos para amanhã.
- Amanhã tenho disponibilidade até as nove da manhã e depois estarei livre após as três da tarde. Fique à vontade para escolher o melhor horário.
- Na verdade, os horários que está me disponibilizando não são nada bons para mim – disse Gabriel. – Eu só tenho disponibilidade para as dez e meia da manhã. Esdras disse que estaria totalmente disponível!
- Prometi adaptar meus horários para atender o tal menino, e farei isso. Mas a sua intransigência de horários é ridícula. – recriminou Dante.
- É o horário que tenho disponível. Se não quiser aceitar, então...
- Que seja! – disse Dante, demonstrando seu completo desapontamento. – Vou desmarcar meus compromissos para atendê-lo. Está feliz? Vamos acabar logo com isso!
- Ótimo. Até amanhã!
- Tem meu endereço?
- Tenho, sim!
- Ficarei aguardando você chegar.

Gabriel entrou em contato com Otach. Apesar da relutância de Sofia em aceitar o atendimento psicológico para o filho, a consulta foi marcada para o dia seguinte, às cinco e meia da tarde, após o final das atividades escolares.

No dia seguinte, às nove e meia da manhã, Gabriel ligou para o consultório de Dante desmarcando o encontro, dizendo que surgiu um compromisso inadiável. Ele informou Dante sobre a consulta de Davi para as cinco e meia da tarde, conforme o combinado com os pais, e remarcou seu encontro para as quatro e meia.

Dante ficou furioso por ter cancelado seus atendimentos da manhã desnecessariamente. Mais furioso ainda ficou ao saber que só teria uma hora para conversar com Gabriel, não lhe restando nenhum tempo para se preparar adequadamente antes de atender Davi. Mal sabia ele que seu estresse estava apenas começando: Gabriel não apareceu no horário marcado, e só entrou em contato às cinco e quinze.

- Boa tarde – disse Gabriel, tranquilamente.
- Que palhaçada é essa? – perguntou o psicólogo, furiosamente – Será que eu

tenho cara de palhaço?

– Desculpe-me. Tive um imprevisto para resolver.

– O que te faz achar que o seu tempo é mais importante que o meu?

– Calma! Temos tempo mais do que o suficiente para conversarmos agora.

– O menino já está lá fora esperando o horário dele. Que tempo acha que temos?

– Dez minutos são mais do que suficientes para que eu fale tudo o que precisa saber.

– Só pode estar brincando!

– O nome dele é Davi. Tem onze anos. Andou apresentando um grande interesse por religião: já leu a Bíblia inteira uma vez, e o Novo Testamento por duas vezes. Esteve discutindo com o pai sobre questões relacionadas a temas bíblicos. Debate sobre o assunto com bastante fervor. O problema é que isso está beirando a obsessão!

Após uma pequena pausa, Gabriel continuou:

– Já falei o que é importante! Só tem mais uma coisa que precisa saber: a família de Davi foi orientada a dizer que você é um amigo do pai dele, e que, quando vocês se encontraram por acaso, o pai comentou sobre o interesse que ele tem por religião, e então você se ofereceu para conversar.

– Como assim? – perguntou Dante, chegando ao ápice de seu estresse.

– É simples! Davi acha que você é um amigo do pai dele...

– Eu entendi o que fez, o que não entendi foi como pôde fazer uma estupidez dessas sem pedir minha opinião! Acha que estou aqui disposto a brincar?

– Não é nada de mais!

– Me recuso a continuar dessa forma!

– Pois bem, se não quer continuar, informarei a Esdras.

– Eu mesmo pretendo fazer isso!

Dante desconectou. Pediu para que sua secretária ligasse imediatamente para Esdras, mas o empresário não atendeu.

O psicólogo esmurrou sua mesa, remoendo a curta conversa com Gabriel. Ligou para sua secretária com a sinalização para que ela o atendesse pelo auricular, evitando que Davi e Sofia, que aguardavam na recepção, escutassem a conversa.

– Dispense-o! Diga que surgiu uma urgência ou qualquer outra coisa! – disse o psicólogo.

– Certo – respondeu Paola.

– Ei, espere... – reconsiderou Dante. Após um suspiro, continuou: – Quer saber? Vou atendê-lo do jeito que der. Já que isso é uma palhaçada, vou entrar no jogo para poder ir embora logo daqui. Peça para a mãe entrar primeiro.

– Certo.

– Mas, antes, digite para mim o nome dela e o que mais souber sobre ela e o filho. Não sei nada sobre eles!

Como o solicitado, Paola digitou as informações e depois pediu para que Sofia entrasse sozinha.

– Boa tarde. Você deve ser a Sofia. Eu sou Dante.

Ele se levantou e esticou a mão para cumprimentá-la. Depois, complementou:

– Prazer em conhecê-la.

– Iguamente – respondeu ela.

– Sente-se – disse Dante, que se esforçava para não deixar transparecer sua fúria.

– Com licença – disse ela, enquanto puxava a cadeira.

– Não vamos nos estender muito para não deixar Davi desconfortável.

– Ótimo, estava preocupada com isso.

– Gostaria que, rapidamente, me falasse um pouquinho sobre ele.

– Meu filho é um garoto maravilhoso! É muito comportado, obediente e carinhoso. Para falar a verdade, não entendo por que o pai dele insistiu para que eu o trouxesse para fazer terapia. O pai insiste que Davi está obcecado e que fica falando coisas confusas sobre religião.

– Que tipo de coisa?

– Eu não sei de nada. Nessa última semana, não almocei em casa porque estava organizando uma semana acadêmica na faculdade em que trabalho, mas meu marido me disse que, nesse período, durante o almoço, nosso filho começou a se revelar obcecado e confuso: relatou que ora ele fica querendo perdoar os pecados dos ladrões mostrados na televisão, e que em outros momentos fala como se um simples beijo fosse algo sujo que pudesse matar.

Após uma pequena pausa, ela complementou:

– Davi se interessa muito por religião, lê bastante a Bíblia, mas não acredito que isso seja um problema. Ele começou a ler a Bíblia por iniciativa própria, ao me ver lendo, e eu sempre apoiei a iniciativa, até porque meu filho é bastante amadurecido para a idade. Tanto que eu não consigo nem imaginá-lo falando as coisas que meu marido afirma que ele disse!

– Certo. Meu objetivo inicial é dar a ele abertura para falar sobre o assunto livremente. O que farei, neste primeiro momento, é apenas conhecê-lo melhor. Marcaremos um encontro para conversarmos, sem que ele esteja presente, assim que for oportuno. Só então começaremos a dar algum direcionamento. Isso, se for realmente necessário.

– Entendo.

– Qual é o nome do seu marido?

– Otach.

– Qual a profissão dele?
– Ele é advogado.
– Como é o relacionamento dele com o filho?
– Sinceramente, Otach não dá a atenção que Davi merece. Ele precisa melhorar muito como pai.

– No que acha que ele deveria mudar?
– Brincar mais com Davi, dar atenção às suas atividades escolares... Um pouco de tudo, na verdade. Ele não gasta tempo nem para brigar com nosso filho. Fiquei surpresa ao saber que ele demonstrou preocupação a ponto de tomar a iniciativa de buscar terapia para o nosso pequenino. Com sua desatenção constante, não esperava nunca uma atitude dessas! Acho que esse foi um dos grandes motivos para eu ter aceitado trazê-lo.

– Tem mais algum filho?
– Não. Somos apenas nós três.
– Certo. Melhor pararmos por aqui e deixar que Davi entre.
– Acho o mesmo. Ele é bem tímido.
– Então, vou pedir para que ele entre e, assim que se acomodar, peço que nos apresente e nos deixe a sós.

– Claro.

Dante pediu para sua secretária chamar Davi. Como o combinado, a mãe apresentou o psicólogo ao filho e logo depois saiu.

– Para que estou aqui? – perguntou Davi, assim que sua mãe deixou o consultório.

– Apenas para conversar.
– Vou mudar a pergunta: por que estou aqui? O que foi que fiz?
– Pelo pouco que ouvi, você é bastante interessado em religião...
– A verdade é que você também não sabe! – disse Davi, interrompendo o psicólogo.

– Não sei o quê?

– Não sabe nem por que estou aqui, e nem por que você está aqui comigo!

Sem dar tempo para qualquer resposta, Davi perguntou:

– É cristão?

– Sim, sou!

– Busca conhecer o Deus no qual diz acreditar?

– Busco!

– Busca mesmo?

– Talvez menos do que deveria, mas busco.

– Já leu a Bíblia?

– Parcialmente.

- Qual foi a última coisa que leu?
- Humm... não me recordo agora.
- Então, já faz tempo que não lê nada?
- Realmente, faz!
- Tem certeza de que busca conhecer a Deus?
- De fato, menos do que deveria! Com certeza, preciso melhorar.
- Por que não confessa de uma vez que não busca conhecer a Deus?

- Menino esperto! – exclamou Dante, com um sorriso no rosto, entrando propositalmente na onda de Davi. – Tem razão, fica menos feio confessar de uma vez! Até hoje, eu sinceramente acreditava que minha crença era o suficiente, mas consegui me fazer perceber que eu preciso melhorar muito para poder me dizer cristão.

- É possível se dizer amigo de alguém a quem só ouvimos falar, mas que não conhecemos?

- Acho que não.
- Definitivamente, não! – o menino reforçou.

Após a afirmação, Davi complementou:

- A busca por Deus deve ser constante, da mesma forma que procuramos estar perto de nossos amigos constantemente. A maioria das pessoas acha que o pouco que ouviram falar sobre Deus é o suficiente, mas nunca o buscaram diretamente em sua casa, a Bíblia, para que pudessem realmente conhecê-lo! É só conhecendo a Deus, lendo a Bíblia, que poderemos dizer amá-lo sem hipocrisia!

- Mas... e alguém que não sabe ler?

- É só se aproximar de alguém que sabe, e ouvir a leitura! Encontrar motivos para não buscar a Deus todo mundo consegue. É cômodo e fácil. Você certamente sabe ler, mas aposto que foi muito fácil encontrar outros motivos para não ler a Bíblia. Não é mesmo?

- Tem razão. Mas isso vai mudar. Vou começar a ler a Bíblia hoje mesmo. Isso é uma promessa! Mas, apesar de não buscar a Deus como deveria, eu verdadeiramente sempre tentei ser bom e justo, caminhando de acordo com os ensinamentos bíblicos...

- Será mesmo?
- Como assim?

- Estou aqui como resultado das conversas que tive com meu pai, e, coincidentemente, li para ele uma passagem em que Jesus diz o seguinte: “Este povo se aproxima de mim com a sua boca e me honra com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens”.

Após terminar a citação, Davi complementou:

– A maior parte das pessoas que acreditam em Deus baseadas no que ouviram falar, na verdade, seguem preceitos que vem dos homens. É assustador ver pessoas que se dizem cristãs, discutindo acaloradamente conceitos e ideias que, na verdade, são doutrinas deste mundo contra o que prega a Bíblia. E o pior é que, para fazer isso, muitas vezes utilizam o nome de Jesus e até mesmo citam passagens bíblicas! Por exemplo, boa parte de nossos políticos!

– Realmente!

– Realmente o quê? Está confirmando que isso é verdade no mundo, ou na sua vida?

– Eu estou...

– Calma! Pense bem antes de responder. Quando alguém pede sua opinião sobre o que é certo ou errado, você se preocupa em lembrar, ou então pesquisar o que a Bíblia ensina sobre o assunto, ou simplesmente se baseia nos preceitos que aprendeu neste mundo para responder?

– Humm... acho que às vezes eu respondo por mim mesmo!

– Às vezes ou quase sempre? E o pior é que você não responde por si mesmo: pensa que responde, mas, inconscientemente, todos, independente da capacidade intelectual, vão aderindo às doutrinas que são pregadas neste mundo desde que nascemos. Somos desde sempre reprimidos e induzidos a enxergar em uma direção, e com o tempo, achamos que essa é nossa opinião consciente.

– De que forma somos reprimidos?

– São tantas as formas. Um bom exemplo é o forte preconceito contra conceitos, situação em que, ironicamente, somos diretamente induzidos e indiretamente pressionados a atribuir a conceitos a denominação de preconceito. O golpe de mestre foi vincular isso ao *status* de inteligência e evolução: não manter conceitos, que passam a ser vistos como preconceitos, é sinônimo de ter uma mente aberta dentro de uma visão moderna, sendo que, na verdade, essa tal modernidade pressupõe ideias que são tão velhas quanto a própria humanidade. É incrível como é possível fazer uma gigantesca repressão do pensamento com o pretexto de liberdade e tolerância!

– Isso tudo me parece muito complexo. Dê um exemplo de como isso acontece para que eu entenda melhor – pediu Dante.

– Experimente falar publicamente que você, atendo-se aos conceitos cristãos, acha errada a prática cada vez mais popular de troca de parceiros sexuais por uma noite, pregada por muitos de seus colegas psicólogos como terapia de casal. Certamente, se experimentar falar isso em público, será taxado como preconceituoso e retrógrado. Isso porque a defesa dos conceitos cristãos em relação à sexualidade passou a ser visto como preconceito, sendo que, na verdade, o verdadeiro preconceito ocorre contra o cristão que tenta defender suas crenças. Este, sim, será fulminado e rejeitado, e a pressão é tão grande que

cada vez menos pessoas têm coragem de expor publicamente a crença cristã. Não temos mais o direito de pensar, ou seja: vivemos em meio a uma repressão de pensamentos que é feita com o pretexto de liberdade e tolerância.

– Compreendi! – disse Dante.

– Essa libertinagem toda que é pregada como modernidade, na verdade, é tão velha quanto a própria humanidade. Temos uma ótima evidência disso no Velho Testamento, quando narra que as cidades de Sodoma e Gomorra foram destruídas por Deus com fogo e enxofre descido do céu exatamente por consequência das distorções sexuais de seus habitantes.

– Quem...

– Já chega! – interrompeu Davi. - Se merecer, falaremos sobre isso em outro dia.

– E o que faço para merecer?

– Aprenda sobre o Deus o qual se propôs a conversar comigo! Seja realmente um cristão! Comece refletindo sobre o que isso significa!

Após uma rápida pausa, Davi perguntou:

– Já compreendeu o significado de ser cristão?

– Hoje, você me fez perceber que ser cristão não é apenas de acreditar em Cristo, mas, sim, buscar conhecê-lo e realmente segui-lo – disse Dante, reformulando o que o próprio Davi tinha dito, de forma que sabia que receberia sua aprovação.

– Muito bem, papagaiozinho! Repetir é fácil, agora quero ver você interiorizar isso! – disse Davi.

– Pode ter certeza que vou refletir bastante sobre tudo isso!

– Então, recomendo que comece lendo Tiago, capítulo 2. Ele traz grandes lições sobre o que é ser cristão. Espere aí! – disse o garoto, que pegou seu computador de bolso e então continuou: – Tem um versículo que vale a pena ser citado agora, que deixa bem claro que só crer de forma vazia não significa nada.

Davi pesquisou e rapidamente citou:

– Tiago, capítulo 2, versículo 19: “Você crê que existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios crêem – e tremem!”

– É uma belíssima lição a todo cristão! – afirmou Dante.

Paola havia emitido um alerta. O psicólogo o ignorou por alguns segundos, até que Davi concluisse o que estava falando. Sabendo que ela só interrompia as consultas se fosse algo muito sério, ele aproveitou o fechamento do assunto para atender.

– Só um segundo, Davi. Há um alerta aqui para mim. Deve ser algo importante.

– Pode atender – disse Davi.

Dante utilizou o auricular para que a conversa se mantivesse na privacidade.

– Gabriel está na linha esperando. Ele quer que o atenda imediatamente. Diz que se trata de uma ordem de Esdras – disse Paola, assim que foi atendida.

– Responda que ligarei direto para o chefe dele assim que terminar esta consulta!

– Certo, farei isso.

Após desligar, Dante retomou a conversa:

– Desculpe-me pela interrupção.

– Não interrompeu nada. Eu já tinha concluído o que tinha para dizer. Agora, nossa conversa só vai continuar após me responder a algumas perguntas.

Um sinal indicou uma nova chamada da secretária. Dante ignorou e continuou a conversa:

– Pode perguntar.

– Meu pai me disse que você é amigo dele, que ele te contou sobre as conversas que tivemos e que você se ofereceu para conversar comigo, já que ele não tem muita paciência para isso. Mas isso é mentira, não é mesmo?

– O que acha que é mentira? – perguntou Dante, esquivando-se da resposta.

– Você não é amigo dele, e nem ao menos sabe sobre as conversas que tivemos.

Dante aproveitou que sua secretária insistia em manter o chamado e se esquivou da resposta, dizendo:

– Desculpe interromper novamente, tenho que atender. Deve ter acontecido algo importante para minha secretária continuar insistindo.

Dante atendeu pelo auricular, após Davi ter feito o sinal de positivo com a cabeça.

– Gabriel insiste em conversar com você agora – disse Paola.

Ela escreveu para que Sofia não escutasse: “Ele diz que Esdras deu ordens para que o senhor interrompa a consulta imediatamente”.

– E por que ele mesmo não ligou? – perguntou Dante.

– Gabriel afirma que ele está ocupado, mas vai ligar para você ainda hoje.

– Não vou falar com ele, mas diga que farei o que está pedindo.

– OK.

Assim que desligou, Dante disse:

– Mais uma vez, peço desculpas. Essas interrupções não costumam acontecer. Tenho uma urgência para atender. Infelizmente, teremos que interromper nossa conversa.

– Está mentido de novo! – afirmou Davi.

– Mentido em quê?

– Seria mais fácil perguntar em que momento não mentiu para mim, hoje! Mas nem perca tempo tentando responder. Apenas saiba que em nossa próxima

conversa não vai escapar! Se prepare para responder muitas perguntas.

– Combinado! Responderei todas as suas perguntas – respondeu Dante, aproveitando a oportunidade para se esquivar de falar sobre as mentiras.

– E é bom que tenha mesmo começado a proceder como está escrito em Efésios, capítulo 5, versículo 17.

– O que está escrito?

– Leia! – disse Davi, oferecendo seu computador, que estava conectado na Bíblia.

Dante procurou o trecho e leu:

– “Não vos torneis insensatos, procurai compreender qual a vontade do Senhor”.

Após ler, Dante comentou:

– Pode ter certeza que farei isso!

– E tem mais!

– O que é?

– Vou te dar uma lição de casa: quero que reflita sobre o quanto é tênue a diferenciação do que é um conceito e do que é um preconceito.

– Certo!

Assim que Davi saiu do consultório, Gabriel e os outros cientistas relaxaram. Todos estavam desesperados para interromper a consulta, pois assim que Davi entrou no consultório, Maria deu o alerta de que o monitoramento havia sido cortado. Era mentira que Esdras havia solicitado o encerramento imediato da consulta. Apesar de realmente terem tentado, eles também não conseguiram contato com o empresário. Agora, eles continuavam tentando contato com Esdras para explicar o acontecimento e exigir que as consultas fossem, de alguma forma, gravadas, já que estava óbvio que Dante havia instalado aparelhagens de proteção dentro do consultório.

Ao final da consulta, Dante foi para casa, sentou-se defronte sua escrivaninha, ativou a Bíblia em seu computador e começou a ler. Devorou todo o livro de Mateus e então parou para tomar um café amargo bem forte. Logo depois, leu seguidamente os livros de Marcos, Lucas e metade do livro de João, e só parou porque Esdras finalmente entrou em contato.

– Fiquei o dia todo atrás de você! – disse Dante, reavivando seu nervosismo imediatamente.

– Eu sei. Lamento ter interrompido a consulta. – Disse Esdras, que, a essa altura, já tinha conversado com os cientistas do projeto.

– E eu lamento amargamente ter aceitado este trabalho! – respondeu Dante,

com muita raiva, mas sem muita convicção, pois ele se interessou por Davi e todo enigma que o rondava.

– E por quê?

– Seu funcionário, o Gabriel, é um completo idiota!

Já era meia noite quando Gabriel resolveu ir ao laboratório. Para sua surpresa, encontrou Abélii trabalhando na sala principal.

– Olá, colega – disse ele. – Mudou-se para o laboratório?

– Claro que sim! Minha cama esta lá na minha sala! – disse ela, em tom irônico.

– Não duvido, pois sempre que venho aqui, encontro você trabalhando. Quanta obsessão! O que está fazendo aqui tão tarde?

– Estou com um pouco de insônia!

– Felizmente, não tenho esse tipo de problema.

– Então, o que veio fazer aqui a esta hora?

– Apenas gosto da calmaria noturna para trabalhar. Sempre gostei.

– Será mesmo?

– E por que mais seria?

– Quem sabe, também teve insônia...

– Como já disse, não tenho problemas com isso.

Após um segundo de pausa, Gabriel perguntou:

– O que a fez achar que eu poderia ter insônia?

– Acredito que a chegada de Dante é mais que suficiente para isso.

– Ele está longe de conseguir tirar meu sono!

Abélii fez uma expressão de dúvida.

– Que cara é essa? – perguntou Gabriel.

– Suas atitudes me levam a duvidar de suas palavras.

– Minhas atitudes?

– Tentou irritar o psicólogo.

– Tentei?

– Tentou. Não adianta negar. Eu até sei por que fez isso!

– E por que foi?

– Andei pesquisando informações sobre Dante. Ele tem fama de pavio curto. Aposto que você também sabia disso e tentou irritá-lo na esperança de que ele fosse embora. Que atitude mais infantil e inútil! É óbvio que Esdras iria convencê-lo a ficar, e se não o convencesse, arranjar outro para substituí-lo!

– O que a faz pensar que tentei afugentá-lo? – perguntou Gabriel, com certo

receio, já se preparando para problemas.

– Esdras me contou o que fez. Saiba que ele já deu um jeito de fazer com que Dante fique. É por isso que estou aqui.

– Como assim?

– Esdras me pediu para escrever um relatório sobre as conversas entre pai e filho, incluindo também um pouco sobre a personalidade e a vida de Davi. Após terminar, devo encaminhá-lo diretamente a Dante.

– Mas eu combinei com ele que seria o único a manter contato com Dante!

– Isso já era! Agora, você será o único que não poderá nem ao menos chegar perto dele.

– Que porcaria é essa? Eu não fiz nada! O que foi que ele disse que fiz?

– Pare com isso! Sabe muito bem o que fez!

– Então me diga! – falou Gabriel, demonstrando grande irritação.

– Começou obrigando Dante a desmarcar seus atendimentos por pura pirraça...

– Não foi pirraça!

– E o que foi, então?

– O combinado foi que ele deixaria sua agenda totalmente disponível para atender Davi! Minha intransigência foi para que ele percebesse que exigiremos atenção total...

– Até parece! – disse Abéli, após uma risada que interrompeu seu colega. Em seguida, ela perguntou: – E qual é a desculpa que tem para não ter aparecido na consulta que marcou para esta tarde?

– Eu entrei em contato com ele e repassei todas as informações necessárias!

– Você marcou uma reunião presencial, não apareceu, e só entrou em contato com ele no último momento.

– Atrasei de propósito! Sabe muito bem que meu objetivo sempre foi passar o mínimo de informações. Ele não aceitaria isso, então, agi de forma que ele não tivesse tempo para desmarcar a consulta...

– Esdras conhece você muito bem! – disse a cientista, após interromper Gabriel com mais uma risada.

– Do que está falando?

– Ele me avisou que você teria desculpas para todas as barbaridades que cometeu e que, se eu bobeasse, acabaria até mesmo sendo convencida.

– Já escreveu seu relatório?

– Sim! Mas não tenho permissão para mostrá-lo a você. Porém, vou lhe repassar um relatório, ainda nesta noite, sobre as últimas decisões que Esdras tomou.

– Que decisões?

– As consultas de Dante não serão gravadas. Em vez disso, receberemos um relatório em até vinte e quatro horas após cada encontro.

– Não brinque com coisa séria!

– Sabe que não estou brincando! E tem mais: a partir de hoje, Dante terá total autonomia para realizar seu serviço, sem qualquer interferência nossa. Ele vai entrar diretamente em contato com a família de Davi.

– Que palhaçada!

– E há também uma mensagem que devo passar unicamente a você.

– Então diga!

– Esdras mandou deixar bem claro que essas decisões foram tomadas por sua culpa, e que não é para tentar interferir novamente, a não ser que queira piorar ainda mais a situação que provocou. Como já disse: você está proibido de se aproximar do psicólogo!

Após uma pequena pausa, ela complementou:

– Ainda nesta madrugada, enviarei o relatório formalmente a você e a todos nossos colegas. Temos uma reunião marcada para amanhã, às cinco horas da tarde.

– A reunião será *online*?

– Não! Ele quer que seja presencial.

– De novo com essa frescura! – disse Gabriel, indignado.

– Já que não temos outra opção, tente dar um voto de confiança a Dante. Sinceramente, eu simpatizei com ele. Acredito mesmo que sua participação vai ser importante!

– Simpatizou por quê? Achou ele bonitinho, é?

– Seu nojentto! Eu simpatizei com ele porque já li o primeiro relatório: a conversa foi curta, mas achei bem interessante.

– Por que não recebi esse relatório?

– Também é minha função repassá-lo. Receberá tudo ainda nesta madrugada.

– Passe agora!

– Não! Vai ter que esperar eu mandá-lo a todos.

– Então, ao menos, me diga o que leu de interessante? – perguntou Gabriel, em um tom mais manso, pois percebeu o tamanho da fúria que provocou em Abélii.

– Vai saber quando eu enviá-lo a você. Mas farei isso apenas lá em casa. Você já me fez perder muito tempo aqui! Tchau.

Abélii foi para sua sala recolher seus pertences. Quando ela passava pela sala principal em direção à saída, Gabriel foi atrás.

– Desculpe-me! Eu fui um idiota!

– Mais uma vez! – respondeu ela. – Por que insiste em fazer tão pouco caso de

mim?

Com essas palavras, ela deixou que seus sentimentos se aflorassem além dos limites a que se permitia. Juntou rapidamente suas coisas e começou a ir embora com passos acelerados.

Gabriel continuou seguindo Abéli e, ao alcançá-la, disse em tom de súplica:

– Me perdoe!

Abéli parou, virou-se para Gabriel e disse:

– Diga na minha cara que não conhece meus sentimentos! Diga!

Gabriel se perdeu em si mesmo. Nunca imaginava que teria de enfrentar dessa forma os sentimentos que há tanto tempo tentava esquecer que existiam nela e, talvez ainda mais fortemente, nele próprio. Ele parou de raciocinar, simplesmente a agarrou pela cintura e a beijou.

– Me desculpe! Foi um impulso. Não vai acontecer novamente! – disse ele, que ficou todo desajeitado após o beijo. A cor de sua pele passou de vermelho para um tom quase roxo.

Ela não respondeu nada, apenas começou a andar em direção à saída. Dessa vez, ele ficou estático. Após perdê-la de vista, ele também saiu, viu-a indo embora e falou baixinho:

– Eu também te amo!

Uma lágrima solitária rolou pela face de Gabriel.

Segundo round

A tentativa de Gabriel de afugentar Dante acabou causando o efeito contrário: o psicólogo não apenas ficou na cidade como também resolveu mergulhar de cabeça em sua missão. Apesar de a conversa com Davi ter sido rápida e desajeitada, algo no menino chamou a sua atenção. Livre de qualquer interferência dos cientistas, ele ligou diretamente para Davi.

– Olá! Lamento ter interrompido nossa conversa daquela forma. Gostaria de poder terminá-la. Aceita o convite?

– Convite? Será que tenho mesmo opção?

– Tem, sim! Venha se quiser, e se não quiser, eu mesmo conversarei com seus pais para cessarmos os encontros. Como você não é um paciente, eu gostaria que fosse até a minha casa. Afinal, não se trata de uma consulta, mas, sim, de uma conversa.

– Já começou a ler a Bíblia?

– Já, sim.

– Então, eu aceito. Vou pedir permissão aos meus pais.

– Eu já fiz isso. Não poderia convidá-lo para ir à minha casa sem que eles permitissem.

– Entendo. Quando nos encontraremos?

– Pode ser amanhã depois das suas atividades escolares. O que acha?

– Tá bom! Minhas atividades escolares terminam às cinco.

– Ficarei esperando você a partir desse horário.

– Vou chegar perto das cinco e meia.

– Perfeito!

– Então, está bem.

– Seus pais sabem o meu endereço. Converse com eles. Avise em que horário virá. Caso haja qualquer dúvida, peça para eles me ligarem.

– Combinado!

– Até amanhã.

Assim que encerrou a ligação, Dante ligou para sua secretária:

– Aluguei uma casa!

– Como assim? Por que fez isso? Não vamos ficar aqui por apenas um mês?

– Quero um local com clima familiar para conversar com Davi. Darei a ele o atendimento especial que prometi a Esdras. Inclusive, pretendo desmarcar várias das minhas consultas. Conversaremos mais sobre isso quando eu chegar aí, à tarde.

- Como quiser.
- Vou lhe enviar um e-mail informando o endereço da casa que aluguei. Quero que a mobílie ainda hoje. É possível?
- Sim.
- Excelente!
- Vai querer comprar tudo novo?
- Isso! Tudo novo. Fique à vontade para escolher a mobília. Não quero saber de nada. Minha única exigência é que contrate uma transportadora para trazer minha coleção de livros ainda hoje e que sejam instaladas prateleiras na sala principal para que eles sejam guardados.
- Certo! Farei com que tudo esteja organizado até amanhã.
- Na verdade, não quero que organize os livros. Quero que eles fiquem em caixas. Peça para que sejam embaralhados: não quero que continuem em ordem alfabética.
- Como quiser – respondeu ela, sem fazer perguntas, pois já estava acostumada a pedidos estranhos.
- A sala é bem grande, peço que aproveite o espaço para que as prateleiras fiquem razoavelmente baixas, iniciando a mais ou menos trinta centímetros acima do chão, indo até um metro e meio de altura.
- Anotado!
- Capriche na escolha dos móveis, pois, quando voltarmos para casa, eles serão seus. Escolha coisas boas!
- Nossa! Está falando sério? Muito obrigada! – disse ela, descontroladamente feliz – Não tenho palavras para agradecer!
- Eu é que preciso agradecer pela sua fidelidade e disponibilidade. Muito obrigado por me acompanhar nesta viagem. Este é o meu presente de agradecimento. Mas, como não misturo a vida pessoal com a profissional, mais tarde, temos que discutir um assunto importante.
- O que é? – perguntou ela, assustada.
- O aumento salarial que você merece.

Todos os cientistas se reuniram às cinco da tarde no laboratório, conforme as ordens de Esdras. O empresário se atrasou, o que proporcionou ao grupo a chance de discutir as decisões tomadas: o desgardo era unânime. Somente Abéli mantinha uma posição mais neutra.

Após uma longa discussão, o grupo decidiu que as decisões favorecendo Dante eram incabíveis e não deveriam ser mantidas.

- Este projeto é apenas meu! – disse Esdras, surgindo bem nessa hora. – Não

estou a fim de ouvir reclamações. Todas as decisões que tomei serão mantidas. Não foi para discutir isso que marquei esta reunião.

– Sem chances! – esbravejou Gabriel, completamente descontrolado. – Não existe a menor possibilidade de aceitarmos trabalhar dessa forma!

– Sim, existe! E se não quiser acatar as minhas decisões, fique à vontade para se retirar do projeto – disse Esdras, duramente. – Essa é a minha palavra final.

Com o semblante muito severo e apontando para Gabriel com o dedo indicador, o empresário complementou:

– Você é o culpado! Toda a equipe está pagando por seus atos!

– O que ele fez? – perguntou Jamal.

– Senhorita Sacra, pode responder? – pediu Esdras.

– Gabriel queria ser o responsável por falar com Dante porque queria tentar afugentá-lo!

– E por que não comentou nada sobre isso nos seus relatórios? – perguntou Hiroto.

– Pedi para que ela não relatasse nada – respondeu Esdras. – Eu sabia que Gabriel teria a cara de pau de tentar convencê-los a repudiar minhas decisões, mesmo sendo ele o culpado por eu tê-las tomado. Espero que isto sirva de lição para mostrar que devem ter mais cuidado ao quererem julgar minhas decisões. E que devem ter ainda mais cuidado com o espírito de motim de Gabriel!

– Nossa incompetência é inacreditável! – disse Jamal. – Peço desculpas em nome do grupo. Daqui para frente, aceitarei e farei com que todos aceitem sua liderança sem questionar.

– Estou muito irritado com esta equipe! E mais irritado ainda com você, Jamal, pois sempre foi meu braço direito, e agora, também ousou me desafiar!

– Você está certo – concordou Jamal. – Mereço perder a função que me confiou, mas se me der uma nova chance, prometo que não vou falhar novamente.

Nesse momento, Gabriel virou as costas e saiu sem dizer mais nada.

– Alguém mais quer desistir? – perguntou Esdras.

Após um breve instante, o empresário complementou:

– Percebo que a mais antenada da equipe é Abélli. Só ela está fazendo jus à responsabilidade que assumiu! Começo a pensar que seria uma ótima ideia dar uma nova equipe para ela e eliminar vocês dois – disse Esdras, olhando para Jamal e Hiroto.

Todos permaneceram em silêncio.

– Vou pensar sobre isso com calma – complementou Esdras. – Agora, chega de perder tempo! Vamos começar nossa reunião. Ou será que alguém ainda quer dizer mais alguma coisa?

Novamente, houve silêncio.

– Ótimo! – finalizou Esdras.

Após mais uma breve pausa, o empresário iniciou o assunto da reunião:

– Apesar da primeira consulta de Dante ter sido prematuramente interrompida, começamos muito bem. Pudemos constatar no relatório que as descobertas de Abéli já começaram a ser confirmadas. Quer comentar sobre isso, Abéli?

– É claro! Ficou evidenciado que, por quatro vezes, Davi fez afirmações convictas sobre fatos que desconhecia, e estava certo em todas as ocasiões.

Ela ligou seu computador de bolso e começou a ler e explicar:

– Primeiro, Davi perguntou por que estava ali. O psicólogo respondeu que era para conversar, e Davi retrucou, dizendo: “A verdade é que você não sabe nem por que estou aqui, e nem por que você está aqui comigo!” Quando eu li esse relato, cheguei até a me arrepiar, pois nós sabemos que, verdadeiramente, Dante não sabe o motivo de Davi estar sendo analisado, de forma que, obviamente, também não sabe os motivos de o termos trazido até aqui!

– Dante me fez mil perguntas sobre esse fato, pois achou que até mesmo o menino sabia alguma informação que não tínhamos repassado para ele – complementou Esdras.

– Depois, Davi afirmou ser mentira que seu pai e Dante eram amigos – continuou Abéli.

– É, mas isso, como o próprio Dante afirmou, é uma desconfiança natural: o menino tem idade suficiente para ter o velho preconceito de que só loucos vão ao psicólogo! – disse Hiroto. – Era de se esperar que ele suspeitasse da motivação dos encontros, como também da relação entre o psicólogo e seus pais, até porque ele nunca havia ouvido falar nada sobre Dante durante toda sua vida.

– Mas Davi também afirmou, com convicção, que Dante não sabia nada sobre as conversas que ele teve com o pai. Isso não é uma desconfiança comum, pois, em uma situação normal, obviamente, um pai que fosse em busca de terapia para o filho teria relatado o motivo de encaminhá-lo para a análise. Apesar de Davi ser novo, ele demonstra ter maturidade mais do que suficiente para saber disso.

– Faz sentido – complementou Hiroto.

– E, por último, o garoto afirmou ser mentira que Dante estava interrompendo a consulta por ter uma emergência para atender. Isso também é algo que obviamente seria impossível de ele saber, já que a conversa entre o psicólogo e sua secretária foi realizada por meio de um auricular.

– É possível que tenhamos uma explicação para tudo isso – disse Jamal.

– Então, diga! – pediu Esdras.

– Lendo o relatório, eu tive a impressão de que Davi simplesmente duvidou de tudo o que fosse possível. Dadas as circunstâncias, ele agia como se tudo o que

era dito ou feito fosse uma conspiração contra ele. Reação perfeitamente compreensível frente à situação. O próprio Dante fez uma afirmação nesse sentido.

– Vamos esperar para ver. Felizmente, não precisamos mais ficar especulando nada. Certamente, Dante vai descobrir cada vez mais informações preciosas – ponderou Esdras. – Não tenho dúvidas disso.

– De qualquer forma, vai ser interessante refazer as pesquisas com o mesmo padrão da que Abéli fez em relação à busca de informações sobre a amante de Otach – disse Jamal. – Assim, já saberemos se ele entrou em contato com informações que gerassem suas suspeitas.

– Que tipo de informações? – perguntou Esdras.

– Imagine que Davi tenha ouvido seus pais falando sobre o tratamento psicológico. Isso confirmaria que ele realmente sabe não se tratar apenas de um encontro casual.

– E também explicaria por que Davi sabe que seus pais não são amigos de Dante – complementou Hiroto.

– E, de certa forma, também explicaria por que ele está tão na defensiva, duvidando de tudo! – treplicou Jamal.

– Eu já tinha pensado nisso – disse Abéli – e já fiz a pesquisa: ele não viu e nem ouviu nada! Eu ia comentar isso a seguir.

– Parabéns! – respondeu Esdras. – Novamente, está um passo à frente do resto do grupo. Você me surpreende cada vez mais!

– Muito obrigada! – respondeu Abéli, de forma tímida.

– Alguém quer comentar mais alguma coisa? – perguntou Esdras.

– Gostei da forma com que Dante relatou os acontecimentos, – expôs Hiroto – mas achei ruim o fato de ele não ter feito nenhuma conclusão.

– Ele não vai tecer conclusão nenhuma até que tenha certeza – disse Esdras. – Isso é certo! A boa notícia é que nunca o vi errar um diagnóstico.

– Pesquisei bastante sobre ele – comentou Abéli. – Fiquei impressionada. Tenho certeza de que essas consultas serão de grande valor!

– Falando nisso, tenho uma boa notícia – disse Esdras. – Todos devem ter visto que Dante marcou uma nova consulta com Davi, para amanhã, que será realizada em sua casa.

– Sim – confirmaram Jamal e Hiroto, em uníssono.

Abéli respondeu fazendo sinal de positivo com a cabeça.

– O objetivo dele é conseguir marcar consultas diárias com Davi. Se ele conseguir fazer isso, tenho certeza de que teremos ótimos resultados em questão de dias.

– Excelente! – aprovou Jamal.

– Isso pode ser muito bom para nós, de uma forma inesperada – avaliou

Abélii.

– Como assim? – estranhou Hiroto.

– É possível que ele não tenha o sistema de bloqueio de comunicação nessa casa.

– Nem tinha pensado nisso! – respondeu Esdras. – Se não tiver sistema de bloqueio, conseguiremos gravar tudo sem que ele saiba. Então, o grande dilema de vocês estará resolvido.

– Resolvido e melhorado, pois os relatórios por escrito serão muito úteis para sabermos como está a visão de Dante em relação a Gabriel – complementou Abélii.

– Vejam só! Mais uma vez, Abélii foi a primeira a perceber a importância dos acontecimentos! – Após uma pequena pausa, Esdras complementou: – Tomei uma decisão: a partir de agora, você assumirá o lugar de Gabriel na liderança. Hoje mesmo vou fazer as alterações junto a Maria.

– Obrigada pelo reconhecimento! – ela respondeu.

– Inclusive, estou pensando em rebaixar Jamal e deixá-la como líder única! Isso, se eu não resolver retirar os dois do projeto, como já comentei.

– Fiz por merecer! Aceito qualquer coisa que me designe – falou Jamal, resignado.

– E então, Abélii, o que acha? Devo eliminá-los?

– Acho que eles merecem outra oportunidade, inclusive em relação à liderança de Jamal.

– Pensarei sobre isso mais tarde – disse Esdras. – Alguém tem mais alguma contribuição a fazer?

Todos permaneceram em silêncio.

– Então, nossa reunião termina aqui – complementou o empresário. – Espero que tenham entendido: não me enfrentem novamente, pois, da próxima vez, eu não serei tão benevolente!

Às onze da noite, Gabriel foi surpreendido com a visita de Abélii.

– Vai simplesmente desistir? – perguntou ela, após ser recebida na porta do elevador.

– Eu não poderia ficar lá, você sabe disso! Era impossível que me acovardasse.

– O que você fez não foi um ato de coragem, mas, sim, de orgulho. Um orgulho covarde e nojento. Nem sempre as coisas acontecem como queremos, e o melhor caminho não é simplesmente desistir.

– Não é bem assim! – defendeu-se Gabriel.

– É bem assim, sim. Seu covarde! Está me decepcionando mais uma vez!

– Posso falar?

– Não! Não pode! Eu estou falando! Acha que ganha alguma coisa simplesmente fugindo de tudo que sai de seu controle?

– Eu não estou fugindo, não vou desistir do projeto! Eu quero continuar, e para isso, infelizmente, vou ter que acatar as decisões impostas. Só não poderia abaixar a cabeça e continuar lá naquele momento.

– Como pode ter tanta certeza de que Esdras vai aceitá-lo de volta?

– Nós já conversamos. Está tudo resolvido. Ele sempre soube que eu não ia desistir, e eu sabia que ele não me tiraria do projeto por tão pouco. É claro que ele aproveitou para fazer pressão e colocar todos contra mim. É certo que Jamal vai aumentar o controle sobre meus atos, mas sei que fiz por merecer. Agora, o jeito é batalhar bem para reconquistar meu espaço.

– Ótimo!

Abéli tentava manter a expressão séria, mas deixou escapar um pequeno sorriso inconsciente, que logo tratou de retirar de sua face.

– Obrigado por se preocupar comigo – disse Gabriel, meio sem jeito e com um pequeno sorriso fixo no rosto.

– Minha preocupação não é com você, mas, sim, com o projeto. Reconheço sua importância para o grupo.

– Humm!

– Hoje mesmo, depois que foi embora, discutimos sobre as afirmações que Davi fez, durante a conversa com Dante, quanto a informações que ele não tinha como saber. Estranhamente, vi Jamal e Hiroto fazendo o seu papel de cético: foi como se tentassem suprir o vácuo que sua ausência deixou no grupo.

– Que bom!

– Até mais – disse ela, subitamente.

– Era só isso?

– Sim.

– Então, até mais. Muito obrigado por ter vindo.

Abéli entrou no elevador, que tinha permanecido parado no andar durante toda a conversa.

– Espere! – disse Gabriel, antes que a porta se fechasse.

– Pode falar – disse ela, segurando a porta.

Gabriel demonstrou que não encontrava as palavras que desejava. Abéli saiu do elevador e permaneceu parada.

– Você também é muito importante para o projeto! – disse ele, timidamente.

– Obrigada! Só isso?

– Tem mais uma coisa.

– Então, diga!

– Fiquei muito feliz com a sua visita – disse ele, ainda mais desajeitado.

– E eu fiquei feliz em saber que não vai embora.

Estabeleceu-se o silêncio em meio à troca de olhares que, mais uma vez, revelava todos os sentimentos que eles tentavam esconder, inclusive certa tristeza causada pela tentativa de repúdio a esse sentimento.

– Tem algo mais a me dizer? – perguntou Abéli.

– Acho que não.

– Acha? Como assim?

Ele permaneceu em silêncio por alguns instantes e então complementou:

– Nos veremos muito ainda. Terei bastante tempo para descobrir o que quero dizer a você – disse ele, com um sorriso no rosto.

– Vou esperar sentada para não cansar! – respondeu ela, com uma expressão bem menos amigável. – Tchau! – despediu-se.

Dessa vez, Abéli entrou no elevador e foi embora rapidamente.

Davi chegou à casa de Dante pontualmente às cinco e meia da tarde.

– Olá! Entre – disse o psicólogo, ao avistá-lo.

Assim que o menino entrou, Dante disse:

– Estou organizando meus livros. Importa-se que eu arrume enquanto conversamos?

– Por mim, tudo bem.

Após ver as dezenas de caixas abarrotadas de livros, Davi complementou:

– Nossa! Só vi algo parecido no museu!

– Adoro livros impressos. Acho que a humanidade está perdendo grande parte de sua cultura extinguindo esse formato de livro.

– Mas por que não pede a seu robô que arrume tudo?

– Gosto de arrumar. Aproveito para ler, reler e relembrar o que li.

– Sabe quantos livros tem?

– Exatamente 4.147.

– É um leitor apaixonado ou apenas um colecionador obcecado?

– Com certeza, sou um leitor apaixonado. Já li muito, e pretendo ler muito mais. Um dos melhores conselhos que posso dar a qualquer pessoa é: leia tudo o que puder.

– Minha mãe sempre me incentivou a ler. Ela diz que o conhecimento é o bem mais precioso que um ser humano pode ter.

– Concordo com ela, e acrescento que a importância da leitura vai além do

conhecimento. Ler é uma forma de exercitar o cérebro. Além do conhecimento absorvido, o leitor desenvolve a capacidade de adquirir mais conhecimento com mais facilidade. É por isso que eu aconselho a ler tudo, desde os livros didáticos até romances literários e gibis. Em minha opinião, ler nunca é perda de tempo.

– Me parece um ótimo conselho.

– Gosta de ler?

– Adoro!

– Então, já deu o primeiro passo para conseguir ser o que desejar em seu futuro.

– Que bom!

– O que quer ser quando crescer?

– Não penso nisso. É algo muito distante.

Dante percebeu o grande incômodo que a pergunta gerou em Davi. Então, enquanto pensava em uma forma de dar um novo enfoque para a conversa, ele complementou:

– Foi uma resposta madura. Mais saiba que, independente de suas escolhas futuras, ser um bom leitor vai ajudá-lo.

– Meu futuro é incerto – disse Davi, com a expressão ainda mais fechada.

– Incerto, por quê?

– Não quero falar sobre isso!

O assunto tomou um rumo em que era tentador para Dante explorar um pouco mais. Porém, ele constatou que o estresse de Davi havia aumentado ainda mais, chegando a um ponto que era inconveniente para os objetivos desse primeiro encontro em casa. O psicólogo resolveu diminuir a tensão dirigindo o foco da conversa para si próprio:

– Meu futuro também ficou incerto depois que conheci você. Agora, tenho fome de conhecimento relacionado à Bíblia, e isso já gerou uma vontade de modificar minha forma de viver.

– Sua vida vai mudar muito mais do que você imagina, – disse Davi – pode ter certeza. Muita coisa ainda vai acontecer.

– O que vai acontecer?

– Sua vida vai virar de cabeça para baixo!

– Por quê?

– Você ainda não está pronto para saber, mas, no momento certo, vai descobrir.

Davi deu uma risada e complementou, falando sobre si mesmo:

– Veja só, o paciente começa a revelar sua insanidade! Fique atento, doutor!

– Conhece o meu futuro?

– Acha que sou louco?

- Não! Pelo contrário, você é um garoto muito esperto e interessante!
- Detesto quando mente descaradamente.
- Não é mentira!
- É, sim! Sei que não acreditou em mim. Neste momento, está pensando em que patologia eu me encaixo!

Davi respirou fundo e complementou:

- É melhor mudarmos de assunto agora mesmo ou eu vou querer ir embora!
- Não sei o que vem pela frente, mas estou feliz com a atitude que já tomei – disse Dante, tentando, mais uma vez, diminuir a forte tensão da conversa, conduzindo o enfoque para si próprio. Depois, abordou a questão da leitura da Bíblia, que ele sabia que agradava a Davi:

- Eu já li todo o Novo Testamento, e já comecei o Velho.

- Ótimo! Mas lembre-se de que ler é só o primeiro passo.

Dante percebeu que falar sobre a Bíblia reacendeu imediatamente o brilho nos olhos de Davi, e então se manteve firme na continuação do assunto:

- E qual seria o segundo passo?

- Recorda-se da parábola do semeador?

- Claro que sim! – disse Dante, demonstrando empolgação. – Espere um momento.

Ele se levantou e foi buscar sua Bíblia em versão impressa. Assim que voltou, complementou:

- Vou achá-la!

- Está em Lucas, capítulo 8. Do versículo, não me lembro, mas é logo no começo – disse Davi.

- É isso mesmo! – disse Dante, após encontrar. – Que memória, hein! Muito bacana!

- Leia! – pediu Davi, mais uma vez indicando não querer falar sobre si mesmo.

- “Saiu o semeador a semear a sua semente. E ao semear, parte da semente caiu à beira do caminho; foi pisada, e as aves do céu a comeram. Outra caiu no pedregulho; e, tendo nascido, secou, por falta de umidade. Outra caiu entre os espinhos; cresceram com ela os espinhos, e sufocaram-na. Outra, porém, caiu em terra boa; tendo crescido, produziu fruto cem por um. Logo em seguida Jesus explicou esta parábola dizendo: Eis o que significa esta parábola: a semente é a palavra de Deus. Os que estão à beira do caminho são aqueles que ouvem; mas depois vem o demônio e lhes tira a palavra do coração, para que não creiam nem se salvem. Aqueles que a recebem em solo pedregoso são os ouvintes da palavra de Deus que a acolhem com alegria; mas não têm raiz, porque crêem até certo tempo, e na hora da prova a abandonam. A que caiu entre os espinhos, estes são os que ouvem a palavra, mas prosseguindo o caminho, são

sufocados pelos cuidados, riquezas e prazeres da vida, e assim os seus frutos não amadurecem. A que caiu na terra boa são os que ouvem a palavra com coração reto e bom, retêm-na e dão fruto pela perseverança”.

– A qual tipo de semente acha que sua fé corresponde? – perguntou Davi, assim que a leitura foi encerrada.

– Acho que agora corresponde à semente em terra fértil.

– Como assim, acha? O que falta para que tenha certeza?

– Mais tempo em busca de conhecer e seguir a Deus! Eu tenho convicção total na minha fé renovada, mas achei que seria muita presunção dizer que tenho certeza que minha fé corresponde à semente em terra fértil, sendo que acabei de começar minha caminhada.

– Ótima resposta. Falou assim porque sabia que iria me agradar, mas foi sincero! – disse Davi.

– Que bom que acha isso!

– É isso mesmo que eu queria que compreendesse: para conhecer a essência de sua fé é necessário tempo. A fé é exatamente como uma semente: de nada adianta se empolgar e começar a aguar-la exageradamente. O que importa é que ela esteja em solo fértil, aí então, que seja regada com constância.

Davi respirou e complementou:

– Entenda: a Bíblia é a fonte da água infinita, mas de nada adiantará tentar despejar toda ela em seu coração em uma única semana. É muito bom que leia a Bíblia toda, seja como for, mas fazer isso em uma semana não vai servir para alimentar a sua alma no longo prazo. É preciso de tempo para que sua fé se transforme, amadureça e se solidifique.

– Tem toda razão. Empolguei-me demais para conhecer Deus, e acabei me preocupando mais em adquirir uma grande quantidade de informações do que em absorver a plenitude que essas informações possuem.

– Estou tentando ensinar algo a você, mas será difícil suportar se continuar sendo tão hipócrita!

– Como assim?

– Essa sua empolgação foi para se aproximar de mim, e não de Deus.

– Estou buscando Deus com sinceridade.

– Eu sei que está. Mas também sei que seu exagero foi parte do seu trabalho: analisar-me.

Após uma pequena pausa, Davi complementou:

– Saiba que eu posso ouvir seus pensamentos. Então, pare de ser tão hipócrita!

– Você consegue ler tudo o que eu penso?

– Falaremos sobre isso apenas em nosso próximo encontro. Agora, eu quero que continue sua autoanálise. Você disse acha que sua fé corresponde à semente em terra boa, certo?

– Sim.

– Quero que faça uma reflexão mais cuidadosa. Pense sobre o perfil de ser humano que cada semente da parábola significa e me diga se você pode ou não se encaixar nos perfis!

– Vamos lá: sei que não sou a semente que caiu à beira do caminho, pois essa representa aqueles que não creram em Deus. Eu creio! Sempre mantive minha crença, ainda que de forma banalizada.

– Certo.

– Quanto à semente que caiu em meio aos espinhos, que representa os que foram sufocados pelos cuidados, riquezas e prazeres da vida, acho que posso considerar que minha fé correspondeu a este tipo de semente até a semana passada: não tive tempo para minha fé, já que ocupei todo o meu tempo buscando adquirir conhecimento e reconhecimento em minha profissão. Podemos dizer que a psicologia foi ao mesmo tempo minha riqueza, meu prazer e a minha fonte dos cuidados que monopolizaram meu tempo. Tenho que cuidar para não retornar para esse caminho.

– E quanto às sementes entre as pedras?

– Jesus descreve essas pessoas como quem abandonou a fé na hora da provação. Nunca me enquadrei nesse perfil, pois, apesar de ter deixado minha fé em segundo plano, eu jamais a reneguei.

– Mas será que só não faltou ser provado da forma certa? Se tivesse que escolher entre continuar a ler a Bíblia ou continuar exercendo sua profissão, o que escolheria?

– Complicado! É uma situação difícil até de imaginar, pois acho impossível que minha profissão se oponha à minha fé!

– Deve se lembrar da passagem em que um jovem rico se aproximou de Jesus, disse obedecer aos mandamentos divinos e perguntou o que mais ele deveria fazer para alcançar o reino dos céus. Lembra?

– Sim.

– O que foi que Jesus ordenou a ele?

– Para que ele vendesse tudo o que tinha, doasse o dinheiro aos pobres e o seguisse!

– Com toda a certeza, o jovem jamais imaginou que Cristo poderia pedir algo assim, mas pediu. Lembra-se do que aconteceu?

– O jovem foi embora. Não seguiu a Cristo.

– Exato! Ele se achava religioso, mas não estava pronto para cumprir o maior dos mandamentos! Lembra qual é o maior dos mandamentos, de acordo com Cristo?

– Amar a Deus sobre todas as coisas.

– Amar verdadeiramente a Deus sobre todas as coisas implica em estar

pronto para escolhê-lo imediatamente, em qualquer situação. O fato de você ter achado complicada a minha pergunta já mostra, por si só, a fragilidade de sua fé!

– Tem razão!

– E agora?

– Agora, o quê?

– Estaria pronto para abandonar a psicologia?

– Sim! – respondeu Dante, imediatamente.

– Sim? O que foi que aconteceu nesses últimos minutos que fez com que ganhasse tanta convicção?

– Ao perceber a fragilidade de minha própria fé, eu a renovei imediatamente, de forma que agora eu estaria pronto para dizer que escolheria abandonar a psicologia e o que mais fosse preciso para continuar lendo a Bíblia e conhecendo a Deus.

– Perfeito! Uma das características da verdadeira fé é evoluir quando se depara com sua fraqueza. Mas, tem certeza que é assim mesmo que agiria?

– Eu respondi com sinceridade. Só que eu bem sei que é muito fácil acreditar que reagiremos de uma determinada forma frente a determinada situação, sendo que, ao enfrentar a realidade, poderemos agir de maneira inversa. As pessoas vivem contradizendo o que dizem seguir!

– Às vezes, para o bem e para o mal, o que vale é a intenção. Pelo menos, até que nossos atos comprovem nossas verdadeiras reações.

– É um assunto bastante complexo... – disse Dante pausadamente, apenas para ganhar alguns segundos enquanto pensava em uma forma de não deixar o assunto se esvaír.

– Consegue interligar este nosso assunto com alguma passagem bíblica? – perguntou o psicólogo, aproveitando para manter o assunto e, ao mesmo tempo, tentar explorar um pouco mais a memória de Davi.

– Leia Hebreus, capítulo 11, versículo um.

Dante folheou a Bíblia e logo encontrou a passagem:

– “A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem”.

Após a leitura, o psicólogo complementou:

– Que linda esta passagem! Confesso que a beleza contida nela passou despercebida na leitura que fiz ontem!

– É claro que só alcançamos a solidificação de nossa fé com a constância na busca de Deus. Como foi o caso de Abraão, que foi surpreendido ao receber a ordem de sacrificar seu único filho, e mesmo diante do aterrorizante pedido, teve constância o suficiente para confiar em Deus e obedecê-lo. E se fraquejarmos, como aconteceu com Pedro no momento em que negou a Cristo, com a fé

sincera, encontraremos força para verdadeiramente nos arrepender e nos redimir da forma que for possível. Como eu disse: uma das características da verdadeira fé é evoluir ao se deparar com a própria fraqueza, como fez Pedro. Mas até que nossa fé seja provada, como a Bíblia nos ensinou, ela permanece sendo o firme fundamento das coisas que se esperam.

– Você disse que nossas intenções valem para o bem e para o mal...

– Isso mesmo.

– Acha que maus pensamentos podem nos condenar? – perguntou Dante.

– Esqueceu-se do sermão da montanha?

– Lembro-me dele, sim. Mas não me recordo de nada relacionado a pecar em pensamento.

– Então, leia novamente com mais atenção.

– Lembra-se de onde está o sermão?

– Mateus, capítulo 5.

– Aqui está – disse Dante, após folhear sua Bíblia.

– Posso ver? – pediu Davi.

Após pegar a Bíblia e passar os olhos rapidamente pela página aberta, ele complementou:

– Leia apenas os versículos 27 e 28.

O psicólogo pegou a Bíblia de volta e leu:

– “Todo o que olhar para uma mulher, cobiçando-a, já cometeu adultério com ela em seu coração”.

– Agora, me responda você mesmo: maus pensamentos podem condenar?

– Ao que parece, sim.

– Afinal, nossos pensamentos nada mais são do que a manifestação silenciosa de nossos desejos e cobiças.

– Isso é complicado.

– Por quê?

– Acho que todo mundo vive pecando em pensamento. Eu mesmo, acho que meus pensamentos me condenam.

– De qual pecado acredita que seus pensamentos o tornam réu?

– Vários.

– Mencione um.

– Eu nem sou casado e acho que posso ser considerado um adúltero – disse Dante com sinceridade, mas aproveitando a oportunidade para tocar no assunto infidelidade, já que Abéli tinha relatado a afirmação de Davi sobre o adultério de seu pai.

– Por que acha isso?

– Já desejei em pensamento muitas mulheres, inclusive algumas casadas.

– Existe diferença entre desejar e cobiçar. Entenda: ninguém pode ser condenado por seus desejos, pois estes fazem parte dos instintos da carne, que surgem, em boa parte, independente de nossas vontades.

– Confesso que não entendi muito bem.

– O que caracteriza o pecado não é o desejo em si, independente do quão distorcido ele seja. O pecado só se caracteriza quando passamos a ter cobiça pela consumação desse desejo.

– Acho que entendi – disse Dante, com uma expressão ainda de dúvida.

– Acredita que um homem casado que se sente extremamente atraído por uma nova colega de trabalho, a ponto de pensar nela por metade do dia e sentir calafrios toda vez que fica a sós com ela, pode ser considerado já adúltero por ter esses sentimentos?

– Pelo que entendi, não.

– Exato! Ele não tem culpa por seus desejos, desde que, claro, não fique os alimentado propositadamente. Mesmo depois de tudo o que descrevi, pode ser que esse homem, ainda que esteja rodeado por uma poderosa tentação, continue mantendo suas convicções de ser fiel com a esposa.

– Entendi! Ele sente atração, mas não cobiça a colega. Mesmo sentindo uma forte atração, ele pode ser capaz de negá-la, ainda que tenha uma real oportunidade de consumir seus desejos.

– Isso mesmo! O desejo pode ser inconsciente, mas a cobiça é o desejo consciente de consumação. Dessa forma, o desejo só se torna pecado com a consumação, mas a cobiça já é pecado por si só, até porque só o que falta para a consumação é uma oportunidade.

Após uma pequena pausa, Davi perguntou:

– Ainda acha que é adúltero em pensamento?

– Não. Já senti desejo, mas nunca cobicei uma mulher casada.

Dante complementou rapidamente:

– Mas dá para complicar um pouco mais o seu exemplo e deixar a linha entre cobiçar e desejar mais tênue.

– Como?

– Vamos considerar que o homem que você descreveu tem vontade de consumir seus desejos com a colega, mas tem medo que sua esposa descubra e que seu casamento acabe. Nesse contexto, imaginemos que ele negue uma real oportunidade de concretizar o adultério. Ele é ou não um adúltero?

– Nesse caso, o que acha que vai acontecer se esse homem tiver a oportunidade de trair a esposa tendo a total certeza de que ninguém vai poder descobrir?

– Se é só o medo que o detém, ele vai trair.

– E então? Acha que ele pode ser considerado fiel?

– À primeira vista, não, mas tenho a sensação de que algo não se encaixa.

– Vamos mudar o exemplo. O que acha de um funcionário que tenha vontade de roubar a empresa onde trabalha, e que só não o faz por medo de ser pego e ir para a cadeia. Este homem pode ser considerado honesto?

– Não.

– Mas, e se eu disser a você que ele jamais roubou na vida?

– Continua sendo desonesto. Só está faltando a oportunidade certa.

– Exatamente. Um homem que não rouba por medo, nada mais é do que um ladrão covarde. O mesmo vale para todos os outros pecados.

– Mas no caso da traição, o medo está vinculado ao amor pela esposa. É um pouco diferente.

– Não é, não! Lembra-se de que falei que todos, independentemente da inteligência, vão aderindo aos conceitos deste mundo desde que nascem?

– Claro!

– Você interpretou dessa forma porque seu conceito de amor está deformado. Com certeza, seu conceito não está enraizado nos ensinamentos de Deus. Abra os olhos! Essa distorção é extremamente maligna!

– E o que seria amor em conformidade com o conceito cristão?

– Leia a Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 13, versículo 14 – pediu Davi.

– Não há versículo catorze! – disse Dante, após folhear a Bíblia.

– Veja então se não é o versículo quatro.

– Deve ser isso mesmo – disse Dante, após bater o olho no versículo. – Vamos lá! “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

– Já está bom – disse Davi, interrompendo a leitura. Logo depois, complementou: – Há muito a ser aprendido com essa passagem. Dá para refletir horas e horas sobre ela. Mas, como não temos tanto tempo assim, vamos nos apegar a apenas uma frase que reflete um importante pilar do que é o amor cristão. Você leu para nós que “o amor não busca seus próprios interesses”. Ainda acha que o homem que não trai unicamente por medo de perder a esposa está agindo assim por amor? Pense bem: ele está se preocupando com os interesses da esposa ou com os próprios interesses?

– Visto dessa forma, realmente, não é amor! Mas o que é, então?

– Paixão! Desejo! Posse! Comodidade! Ou inúmeros outros sentimentos que aceitam o egoísmo. O amor não aceita!

Davi deu uma pequena pausa e complementou:

– Entenda: quem não rouba ou não trai por medo, em ambas as situações, está condicionando suas ações unicamente ao seu próprio bem-estar. É uma atitude egoísta, e o egoísmo jamais poderá fazer parte do amor cristão! No caso, a traição não ocorre por medo de perder a esposa, e não por amor a ela, da mesma forma que o roubo não se concretiza por medo de perder a liberdade e não por amor ao próximo. Compreendeu?

– Compreendi. O verdadeiro amor é focado no bem ao próximo, de forma que o egoísmo não pode fazer parte do amor cristão. Gostei!

Após a afirmação, Dante emendou uma pergunta:

– Então, não existe amor à primeira vista?

– Não! O que pode existir é uma atração ou um desejo à primeira vista, com potencial para evoluir para amor. É certo que paixão e desejo podem andar lado a lado com o amor, e até mesmo ser seu ponto de partida; inclusive, é muito importante que um casal mantenha a chama da paixão e do desejo acesa. Mas não podemos confundir esses sentimentos.

– Muito bem! Admito que precisarei repensar meu conceito de amor. – Disse Dante esperando agradecer Davi, e, ao mesmo tempo ele esperava que seu curto comentário rendesse mais explicações por parte do menino. Foi o que aconteceu:

– Vale a pena refletir bastante sobre isso. A deturpação do conceito de amor pregado neste mundo é tão grande que é muito fácil chamar de amor as piores atrocidades aos olhos de Deus e ainda ter toda a proteção da sociedade para cometê-las, mas está cada vez mais difícil exercer o amor cristão. Para isso, é preciso ter muita coragem, pois todo aquele que tenta, acaba sendo desprezado, reprimido e rejeitado.

– Nossa! Confesso que não vejo como isso ocorre. – indagou o psicólogo para continuar evitando que Davi parasse de falar.

– Preste atenção no mundo. Na escola, a menina recatada que quer se guardar para um verdadeiro amor se torna a esquisita, a aloprada! Depois, na faculdade, o menino fiel é visto como tapado! Mais tarde, já inserido no mercado de trabalho, o trabalhador honesto acaba sendo visto como o bobo sonhador, como alguém que incomoda por não entrar nos “esquemas”.

– Realmente!

– Cada vez mais, as pessoas param para ouvir um amigo falando sobre a forma como passou a perna no próximo em uma negociação e levou vantagem, mas se alguém falar sobre Deus por mais de dez minutos, logo passa a ser visto como um fanático insuportável, muitas vezes até mesmo digno de ser afastado da convivência! Somos cada vez mais “treinados” para ter essa repulsa!

– Olha, confesso que há pessoas que realmente sabem irritar tentando falar de Deus forçadamente!

– É obrigação de um cristão aprender e ensinar a palavra divina, mas

realmente não tem como querer empurrar Deus goela abaixo. Ele é grande demais para isso!

Davi deu uma pequena pausa e complementou:

– Temos todo o direito de achar que alguém ou algum grupo não é conveniente para discutir religião. Até porque há grupos que pregam a religião em um contesto absurdo! Mas se você não tem grupo religioso nenhum, não tenta e não quer falar sobre Deus com ninguém, e não o busca por conta própria de forma real e regular, então, ao menos, pare de se dizer cristão! É menos feio!

– Isso me lembra uma passagem bíblica – disse Dante.

– Qual?

– Onde Cristo disse que quem se envergonhar dele e de suas palavras, ele também se envergonhará dessa pessoa no fim dos tempos.

– É! Esse é um aviso muito bem dado, e muito importante. Está em Mateus, capítulo 10, versículo 33. Deste, eu me lembro bem! – disse Davi. – É muito bom para repensarmos nossa atitude quando vemos falar de amores que vão contra os ensinamentos de Deus e já não temos mais coragem de expor e defender o que Deus ensina. Se isso não é se envergonhar das palavras de Deus, o que mais seria? O pior é que, hoje em dia, muitos dos que se dizem cristãos não apenas se envergonham da palavra divina, como também as renegam, aderindo e defendendo com unhas e dentes os preceitos deste mundo!

– Há outro versículo que se encaixa muito bem aqui – disse Dante, começando a procurar a passagem na Bíblia. – É minha vez de contribuir pelo menos com um versículo – complementou, enquanto procurava. – Aqui está!

Logo em seguida, Dante leu:

– Romanos, capítulo 12, versículo dois: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito”.

A conversa fluiu facilmente, mantendo o foco em religião por quase uma hora, e então eles voltaram a falar sobre a coleção de livros. Davi se ofereceu para ajudar na arrumação e, conforme iam organizando os livros, o psicólogo ia contando detalhes sobre o conteúdo de suas obras preferidas, o que rendeu mais uma hora de conversa descontraída.

Davi deveria solicitar que o robô doméstico fosse buscá-lo quando a consulta terminasse. Como demorou muito, sua mãe enviou o robô por conta própria. Só quando este chegou ao portão da casa é que tanto Davi quanto Dante se deram conta de quanto tempo já havia passado.

– Nossa! Eu já deveria estar em casa! – disse Davi.

– Eu vou ligar para seus pais agora mesmo. Devem estar muito preocupados.

– Meu pai não vai se importar, ainda mais porque estou com você. Minha mãe é que é mais preocupada. Não sei como ela não me ligou ainda!

Neste último comentário, pareceu haver um leve tom de cinismo na voz de Davi.

– Seus pais não comentaram sobre a questão das ligações? Aqui dentro, a comunicação com o ambiente externo não funciona, e o pior é que eu falei para eles que poderiam ligar para mim se precisassem, pois eu tenho um sistema especial de comunicação, mas eu me esqueci de ativá-lo.

Dante complementou:

– Espere, vamos falar com sua mãe agora mesmo. Computador, ligar para Sofia

Assim que ela atendeu a ligação, Dante explicou que, acidentalmente, esqueceu-se de ativar a comunicação. Sofia estava brava, mas a metade de sua indignação passou assim que viu um grande sorriso no rosto de seu filho. Davi explicou sobre os livros e mostrou a arrumação que estava fazendo, de forma que sua mãe relaxou ainda mais ao perceber o quanto ele gostou do encontro. Tranquilizada e feliz, Sofia apenas disse que já estava na hora de retornar para casa, e que os dois poderiam continuar a conversa em outro dia.

– E aí, o que achou da minha coleção? – perguntou Dante, assim que encerrou o contato com Sofia.

– Muito interessante!

– Que tal me ajudar?

– Como assim?

– O que acha de trabalhar comigo, com direito a salário e tudo mais?

– Irei gostar muito – respondeu Davi com um sorriso, mas, ao mesmo tempo, um olhar bastante enigmático se estampou em seu rosto. Logo depois, ele complementou: – Vai ser bem produtivo para nós dois.

A sensação de Dante foi a de que Davi sabia que os livros eram apenas um pretexto para realizar encontros diários, mas o psicólogo achou melhor não explorar o assunto. Para encerrar a questão, complementou:

– Mas, antes, vou pedir autorização a seus pais. Se eles aceitarem, nós vamos planejar uma carga horária leve e o que mais for preciso para não atrapalhar seus estudos.

– Quando vamos começar?

– Quando seus pais permitirem.

– Eles vão permitir, sim! Mas não pense que escapou de responder minhas perguntas! Apenas achei interessante adiar um pouco mais esse assunto.

– Responderei o que quiser – afirmou o psicólogo com tranquilidade, pois ele já tinha combinado com Otach e Sofia uma escapatória para todas as possíveis perguntas.

– Não vai ser tão fácil como está pensando – disse Davi.

O robô doméstico efetuou um novo chamado, interrompendo a conversa.

Davi sinalizou pela janela para que ele esperasse.

– Está na hora de ir – comentou o menino.

– Certo. Espero revê-lo em breve. Adorei nossa conversa – disse Dante.

– Por falar em conversa, vai falar com meus pais sobre o trabalho ainda hoje?
– perguntou Davi.

– Não, já é muito tarde para incomodá-los. Amanhã cedo ligarei para eles.

– Então, está bem. Mas vou começar a convencer minha mãe hoje mesmo!

– Tudo bem...

Reviravolta

Os cientistas combinaram de se reunir no laboratório para assistir à nova consulta de Davi. Somente Gabriel informou que não iria comparecer. Todo o grupo já havia sido informado oficialmente de que ele continuaria participando do projeto, e que, pelo menos inicialmente, ele continuaria com poder de comando de liderança, juntamente com Jamal e Abélli, mas, obviamente, ele estava se esquivando de enfrentar o clima pesado desse primeiro momento.

Logo que o garoto adentrou a casa do psicólogo, para a decepção de todos os cientistas, o sinal foi cortado, deixando claro que também haviam protetores lá instalados.

No momento em que a transmissão foi cortada, Gabriel estava sozinho em seu apartamento, esparramado na poltrona como quem espera começar seu programa favorito. Assim que o monitoramento foi interrompido, Gabriel reagiu com um riso leve, que se intensificou rapidamente para uma gargalhada histérica, que, por sua vez, deu lugar a um ato de desespero. Ele começou a passar as mãos freneticamente em sua cabeça, repetindo baixinho: “o que fazer?”, “o que fazer?”. Seus sentimentos continuaram se transformando, levando-o finalmente a um ato de fúria: Gabriel deu um soco na mesinha da sala com tanta força que a quebrou, cortando a mão com os estilhaços. Com a mão cortada, ele acabou por se controlar. Após limpar o sangue, ele foi até a janela de seu apartamento, onde permaneceu pensativo.

Alguns segundos depois, sua inteligência artificial o alertou:

– Você tem uma mensagem de Abélli Sacra.

Ele foi até seu computador e ativou um vídeo gravado pela cientista:

– Olá! – começou dizendo ela na gravação. – Fiquei pensando em como ficaria furioso caso nosso sinal fosse cortado, então resolvi preparar este vídeo para distraí-lo. No momento em que estiver vendo isto, certamente estarei no laboratório com nossos colegas, e vou divulgar para eles o resultado de algumas pesquisas que realizei. Trata-se do mesmo material que está anexo a esta mensagem. Então, estude-o tudo com atenção, pois certamente esse será o tópico da nossa próxima reunião.

– Vamos ao que interessa – continuou Abélli, no vídeo. – Descobri diversos momentos da vida de Davi em que ele fez afirmações sobre informações das quais não sabia, e acertou em todas elas. Esse feito é mais comum do que imaginávamos, não sei como não percebemos antes! Queria poder ver de perto sua expressão ao ler minhas descobertas, porque agora o seu simples acaso não poderá mais explicar a tantos acontecimentos!

Antes de finalizar sua mensagem, Abéli acrescentou:

– Tem mais uma coisa: é possível que Davi seja capaz de perceber nossa presença. Passei por uma situação muito estranha há alguns dias atrás, mas tive todos os motivos para acreditar ter sido apenas coincidência e então ignorei o acontecimento. Porém, a situação se repetiu ontem. Não vou ficar me explicando: assista à gravação e tire suas próprias conclusões. Um grande abraço.

Gabriel começou a estudar todos os dados. Examinou os materiais fornecidos diversas vezes. Assistiu aos dois vídeos onde Davi parecia tê-la visto. O primeiro correspondia ao acontecimento onde o menino olhou para dentro dos próprios olhos e se aproximou do espelho, mas depois ela percebeu que ele supostamente olhava para suas espinhas. O segundo vídeo foi muito parecido: enquanto ela o monitorava utilizando os óculos tridimensionais, ele olhou para o espelho, deu um leve sorriso e piscou para si mesmo, dando a Abéli a impressão de que isso tinha sido feito para ela.

Quanto às pesquisas relacionadas ao fato de Davi ter feito várias afirmações sobre fatos de que não tinha informações concretas, Gabriel ficou muito impressionado, pois, desta vez, ele não conseguia imaginar nenhuma explicação lógica para isso. Mas quanto aos acontecimentos correspondentes às gravações em que Abéli teve a sensação de que Davi a olhava, Gabriel tinha uma explicação na ponta da língua: é extremamente comum que os jovens fiquem brincando e se olhando no espelho, e, conseqüentemente, quem estivesse assistindo a seus atos através dos óculos tridimensionais teria a falsa sensação de que estava sendo visto em todas essas vezes.

Gabriel vasculhava sua mente de forma frenética, tentando entender a situação. Ele negava para si mesmo, mas sentiu um sutil frio na barriga, indicando uma mistura de ansiedade excessiva com um pouquinho de medo.

Quando Davi saiu da casa de Dante, a primeira ideia que Gabriel teve foi a de colocar os óculos tridimensionais e ficar assistindo a tudo diretamente através dos olhos do menino.

Davi entrou no automóvel e começou a voltar para casa. Três minutos bastaram para entediar Gabriel, mas, no instante em que o cientista foi retirar os óculos, Davi olhou para um friso metálico cromado em volta da janela, que refletiu seus olhos e parte do rosto de maneira deformada. Após alguns instantes, Davi desviou o olhar.

Gabriel afirmou para si mesmo que essa era a prova de que o acontecimento é fortuito e comum. Ele concluiu que existem espelhos e materiais reflexivos por todos os lados, e sempre que Davi direcionasse a visão para qualquer um deles, daria aos cientistas, caso estivessem utilizando os óculos tridimensionais, a impressão de que estavam sendo vistos. Fato que certamente deveria ocorrer inúmeras vezes ao dia, resultando em uma alta probabilidade de qualquer

observador passar por essa situação. Gabriel resolveu, então, iniciar uma pesquisa junto a Maria para comprovar isso.

Mesmo tendo um contra-argumento lógico, Gabriel não conseguia parar de pensar nos olhos distorcidos de Davi parecendo vê-lo. O acontecimento gerou um estranho sentimento de aperto em seu coração, aumentando ainda mais o frio na barriga. Desta vez, porém, o sentimento de medo predominava sobre a ansiedade. Gabriel tentou ignorar e renegar o medo que sentiu, mas, exatamente como o amor que sentia por Abéli, quanto mais ele tentava se livrar desse sentimento, mais ele aumentava e tomava conta de seu coração. Ele não conseguia se esquecer do dia em que Abéli veio à sua porta e falou que sentia que algo muito ruim estava prestes a acontecer. Isso apertava ainda mais seu coração.

Davi continuou a viagem tranquilamente. Não deu nenhum sinal de ter percebido algo diferente. Quando chegou em casa, foi imediatamente procurar por sua mãe. Ela estava no escritório, planejando as aulas do dia seguinte.

Sofia, assim que avistou o filho, fez uma enxurrada de perguntas típicas de mãe. Ficou muito feliz ao confirmar a empolgação de Davi, e surpresa quando ele falou sobre a proposta de emprego. Ela respondeu que conversaria com Otach e com Dante e que depois daria uma resposta.

Davi saiu do escritório muito feliz. Ele se dirigia para seu quarto quando, no meio do caminho, passou pela sala onde seu pai estava assistindo ao jornal. Exatamente no momento em que passava, ele ouviu seu pai desfiando as velhas e costumeiras reclamações:

– Só pode ser porque o Diabo ajuda...!

Davi perdeu o sorriso e ficou paralisado. Seu pai o olhou. A troca de olhares durou apenas alguns segundos, e logo após, o menino foi para seu quarto sem dizer uma única palavra.

Otach permaneceu sentado, com um olhar vazio em direção ao nada. Não demorou para que se levantasse e fosse até o quarto de seu filho, que estava deitado na cama chorando e não olhou para seu pai. O advogado fechou a porta, desceu as escadas e saiu de casa rapidamente.

Maria alertou a todos os cientistas quanto ao estranho comportamento de Otach. Imediatamente, Jamal ligou para Gabriel:

– Otach acabou de ter uma reação muito estranha – disse Jamal.

– Já vi! De alguma forma, Davi causou um descontrole emocional nele. É bem provável que ele esteja indo para o laboratório. Minha indução deve ter surtido efeito novamente.

– Até o momento, o caminho que ele está percorrendo é compatível com o do laboratório, mas, mesmo sabendo da indução, acho estranho que esteja vindo aqui a uma hora dessas.

– O descontrole, ao que me parece, foi bem forte. Ele está em uma espécie de surto. Está reagindo por puro impulso, sem nem pensar muito no que está fazendo.

– Eu e nossos outros colegas ainda estamos no laboratório. Permanecemos aqui analisando alguns dados das pesquisas de Abélli. Imagino que saiba do que estou falando, pois ela disse que lhe encaminhou a pesquisa. Mas isto não vem ao caso agora. Estamos esperando você aqui o mais breve possível. Só cuide para não dar de cara com o advogado.

– Certo! O que faremos com Otach?

– Vou apreendê-lo como fizemos das outras duas vezes, e vou começar a tentar entrar em contato com Esdras imediatamente para ver o que faremos depois.

– OK. Já estou a caminho.

Após ter falado com Jamal, Gabriel saiu de seu apartamento às pressas, de forma que chegou à guarita do laboratório antes do advogado. Ele permaneceu observando-o de longe.

Otach estava claramente transtornado. Chegou à recepção e perguntou se havia algum responsável em plantão. O robô da recepção respondeu afirmativamente e deixou que ele entrasse, conforme as ordens de Jamal.

Com ajuda de Maria, Gabriel seguiu Otach com as luzes apagadas, a uma distância segura para que não fosse percebido. Como das outras duas vezes, o advogado chegou ao estacionamento, desceu do carro, foi até a recepção e levou o bote dos robôs assim que a porta se abriu. Só que, desta vez, ele não apagou com o tranquilizante e começou a gritar, ordenando que o soltassem, enquanto tentava se debater.

Quando o advogado começou a se debater, Gabriel já estava muito perto.

– Aplique mais uma dose de tranquilizante – disse ele, ainda em seu carro.

– A dose máxima já foi aplicada – respondeu a inteligência artificial.

Gabriel estacionou às pressas, desceu do carro e, nesse instante, Jamal saiu do laboratório, avistou-o e perguntou:

– Por que ele não apagou?

A essa altura, o advogado estava completamente fora de si. Ele continuava tentando se debater, sendo que deveria estar completamente imobilizado pela forma como era segurado.

– Também não sei – respondeu Gabriel. – Vamos levá-lo para dentro.

– Não quero entrar! – gritou Otach. – Quero saber o que é aquele menino! O que foi que vocês fizeram? Ele entrou na minha cabeça! Ele está na minha cabeça! Tirem ele de mim! Tirem!

– Ele está delirando – disse Gabriel.

– Maria, leve-o para uma das salas de cirurgia e o amarre na maca – ordenou Jamal.

Enquanto os robôs foram carregando o advogado, Jamal perguntou:

– Isso é resultado de sua indução?

– Não tem nada a ver com minhas induções. Deve ser efeito do calmante.

– Como é possível ele não apagar?

– Não faça ideia! Deve ter algo de errado com a droga que foi aplicada.

O clima estava pesado, mas foi no momento em que os robôs passavam com o advogado pela sala principal que o verdadeiro terror teve início: ele começou a se debater ainda mais freneticamente, de uma forma impossível de se conceber, e perdeu completamente a lucidez. Os robôs o imobilizaram no chão, pois ele estava se machucando demais enquanto era carregado.

Otach começou a xingar aleatoriamente. Isso, no entanto, não incomodou a ninguém. O que incomodou foi o momento em que começou a dizer coisas do tipo: “Vocês estão mortos!”, “O diabo quer abraçar a todos!”, “Vocês abriram as portas do inferno!”, “O diabo vem bailar nesta noite!”, “Satanás é uma criança!”

Otach olhou para Gabriel e complementou:

– Eu sei que você também o viu! Mas ele viu você também! Você vai ser o primeiro!

A luz do laboratório começou a oscilar, e, em meio às repentinas quedas de energia, quando a escuridão tomava conta do ambiente, todos tiveram a impressão de ver vultos e ouvir barulhos estranhos, ao mesmo tempo em que um mau cheiro se espalhava pela sala.

Além do acontecimento que todos presenciaram, Gabriel viu e ouviu coisas terríveis direcionadas apenas a ele. O que ouviu, era como se fosse um sussurro em sua orelha com a voz de sua avó, e após ouvi-la, ele teve certeza de vê-la abraçada por algo horrível.

O inexplicável acontecimento terminou de forma tão súbita quanto começou: o mau cheiro, os vultos e ruídos desapareceram no instante em que a luz foi reestabelecida. Simultaneamente, Otach finalmente adormeceu. Um silêncio mórbido tomou conta do ambiente, que parecia tão amedrontador quanto o assombroso acontecimento.

– O que foi que fizemos?! – exclamou Gabriel, aterrorizado. – Temos que matar o menino.

– Você está completamente louco! – retrucou Jamal.

– Ele é o demônio!
– Pare com isso! Controle-se! – insistiu Jamal.
– Maria, eu ordeno que sacrifique Davi! – disse Gabriel, completamente fora de si.

– Poder de comando insuficiente – disse Maria. – É necessário confirmação.
– Cancelar! – gritou Jamal.
– Abélii, aceite! – pediu Gabriel. – A regra diz que basta que os dois líderes concordem para que qualquer decisão seja acatada. Agora você também tem peso de comando de liderança. Se aceitar, eu entendo que a ordem vai ser obedecida!

– Não faça isso! – implorou Jamal.

Abélii não sabia o que deveria fazer. Enquanto ela permanecia estática, Hiroto, que estava um pouco atrás dela, pegou um instrumento de ferro em uma das mesas e acertou a cabeça de Abélii antes mesmo que ela notasse sua intenção. Nesse momento, Gabriel, após um grito desesperado, tentou ir em direção de sua colega, mas Jamal o agarrou. Os dois cientistas rolaram pelo chão em uma luta corporal. Hiroto aproveitou para se aproximar e atacar Gabriel com o instrumento que ainda estava em suas mãos, até que também apagasse.

Pouco mais de uma hora após toda a confusão, Gabriel começou a abrir os olhos. Meio atordoado, ele não conseguia se lembrar ao certo o que havia acontecido. Não conseguia nem sequer reconhecer onde estava. Tentou se mexer e percebeu que estava amarrado. Só então começou a se recordar.

– Não adianta tentar se levantar, você está amarrado – disse Jamal, que estava sentado em uma cadeira fora das vistas de Gabriel.

– Onde estou?

– Não se lembra? – perguntou Jamal, aproximando-se do campo de visão de seu colega. – Olhe para o meu olho roxo, quem sabe isso o ajude a lembrar.

– Há quanto tempo eu estou aqui?

– Há pouco mais de uma hora.

– Peço desculpas! Ontem passei a noite toda sem dormir. Meu estresse foi além do limite.

Após um suspiro, Gabriel complementou:

– Anda, solte-me! Temos muito trabalho a fazer. Eu preciso preparar uma nova lavagem cerebral para Otach, e precisamos descobrir o que foi que aconteceu...

– É estranho! – disse Jamal, interrompendo Gabriel.

– O quê?

– Não sei por que, mas algo dentro de mim gostaria de acreditar em você. Sério mesmo! Tivemos nossas diferenças, mas eu não queria que acabasse assim!

– Assim, como?

– Acha mesmo que seria tudo tão simples depois de tentar matar Davi?

– O que pretende fazer comigo?

– Ainda não sei. Esdras disse que pensaria no que fazer. É ele quem vai decidir seu destino!

– Diz para ele que eu gostaria de trabalhar na indução de Otach, mesmo que seja como prisioneiro, sob a supervisão de Maria.

– Não se preocupe. A primeira decisão tomada por Esdras foi a de convocar alguém para fazer uma lavagem em Otach. Quem sabe, faremos uma em você também! Só que não tenha muitas esperanças, pois Esdras cogita a hipótese de que você tenha inventado alguma forma de proteção para que as lavagens não funcionem em você. Ele sabe o quanto é obcecado e que vive imaginando conspirações. Então, não podemos subestimá-lo. Infelizmente, parece que a única solução segura é a sua morte.

– Que exagero! – disse Gabriel, fingindo não levar a sério.

– A propósito, Abéli já está morta.

Após uma pequena pausa, Jamal continuou a falar:

– Na primeira reunião que tive com nosso chefe, ouvi reclamações e lamentações o tempo todo. Ele gostava muito de Abéli, mas já está se conformando com o fato de que foi necessário. Também teremos que nos resignar com o fato de que sua morte será necessária!

Nesse momento, Gabriel se calou. Desta vez, não teve controle sobre suas lágrimas, que rolavam por sua face livremente. Gabriel sabia que amava Abéli de uma forma que nem mesmo ele podia quantificar, mas, agora, a incalculável dor servia de parâmetro para que entendesse o tamanho do seu amor. Era uma dor de uma intensidade que ele jamais havia sentido, uma dor que achava que seria humanamente impossível de sentir, e ainda mais impossível de suportar.

A inteligência artificial avisou que Esdras havia entrado em contato.

– Com licença, tenho mais o que fazer – disse Jamal, ao receber a convocação.

Jamal se encaminhou para a porta. Quando esta se abriu, Gabriel gritou:

– Colega, eu amo a Deus!

– Eu não acredito que estou ouvindo isso logo de você! Mas, quer saber? Não tenho mais tempo a perder – disse Jamal, saindo.

Logo após, a porta se fechou. Ao chegar à sala principal, Jamal comentou:

– Estava conversando com Gabriel. Ele enlouqueceu de vez. Agora está dizendo que ama a Deus! Dá para acreditar? Logo ele!

– E você? – perguntou Esdras. – Não tem medo do que vivenciou?

– Eu sempre acreditei que o cérebro humano poderia ser capaz de produzir coisas extraordinárias. Eu mesmo já vi curas inexplicáveis. O problema é que passamos a chamar esses acontecimentos de milagres e a atribuí-los a alguma entidade sobrenatural.

Jamal suspirou e complementou:

– Acho que Davi, de alguma forma, consegue ativar essas capacidades de forma mais fácil devido ao seu arranjo neural incomum. Acreditamos, inclusive, que ele pode influenciar outras pessoas a acessarem essas funções tão desconhecidas.

– Nós fizemos uma pesquisa e descobrimos que a única coisa que realmente aconteceu hoje aqui no laboratório foi a oscilação das luzes. Todo o resto: vultos, mau cheiro e ruídos, não foram registrados por Maria. – explicou Hiroto

– E o que acham que isso significa? – perguntou Esdras.

– Acreditamos que o acontecimento foi provocado pela mente de Otach, que, por sua vez, estava influenciado por Davi – complementou Hiroto.

– É como uma reação em cadeia: Davi influenciou Otach, que, por sua vez, com seu descontrole, foi capaz de influenciar a todos os que estavam na sala com sensações irreais! Como já expliquei, a única coisa que aconteceu de fato foi a oscilação da luz, até porque isso pode ser feito por meio de uma força eletromagnética – explicou Jamal.

– A mesma forma de energia com a qual, talvez, um ser humano poderia ser capaz de afetar a outros – complementou Hiroto.

– Tanto que tudo cessou assim que o advogado adormeceu – lembrou Jamal. – Isso fica claramente perceptível nas gravações.

– Até porque, se estivermos errados e o garoto for realmente o Diabo, eu aposto que alguma coisa iria nos impedir de simplesmente matá-lo – disse Hiroto, em tom de brincadeira.

Ninguém achou graça.

– Não é hora de nos deixarmos abalar por misticismos! – finalizou Jamal.

– Certo – respondeu Esdras. – Não acredito no sobrenatural, mas confesso que até eu fiquei mexido com esse acontecimento.

– O último homem do mundo que achava que poderia ser convencido de que existe algo sobrenatural era Gabriel. Acho que o descontrole dele mexeu mais comigo do que o acontecimento em si – desabafou o empresário.

Após uma pequena pausa, Esdras respirou fundo e complementou:

– Ele será uma grande perda para esse projeto. É uma pena!

– Já decidiu o que fazer com ele? – perguntou Hiroto.

– Três cientistas estarão aí logo. Eles ficarão responsáveis por levar Gabriel.

Após alguns segundos de suspensão, o empresário acrescentou:

– É certo que ele não vai mais participar deste projeto, mas ainda não decidi o que farei com ele. Quanto ao advogado, este mesmo grupo de cientistas irá apagar a memória dele e fazer com que acredite que saiu para atender a uma emergência. Esta é uma solução meramente paliativa, pois, frente ao descontrole constante que ele vem sofrendo, acredito que a única solução segura será matá-lo. Não podemos arriscar a segurança de Davi.

– Custe o que sustar! – complementou Jamal.

– O que esse grupo saberá sobre nosso projeto? – perguntou Hiroto.

– Nada...

Ao dizer “eu amo a Deus” em voz alta, Gabriel conseguiu ativar o controle em seu robô. Este fez jus ao que seu programador disse quanto à capacidade de tomar decisões próprias. Ele percebeu que Jamal era um perigo, então esperou que ele fosse para a sala principal e só depois foi até a sala de cirurgia, abriu a porta e libertou Gabriel.

Assim que foi libertado, Gabriel ordenou que o robô passasse pela sala principal em direção à saída e o esperasse na porta. Ninguém notou nada, pois o trânsito de robôs era comum. Ao confirmar que todos estavam bastante concentrados, Gabriel, gatinhando, começou a atravessar a sala principal. Do ângulo em que ele estava, seria muito difícil que o avistassem, mas não impossível. Com muito cuidado, ele conseguiu chegar ao corredor que dava acesso à saída. A partir daí, foi fácil escapar.

Após a fuga, a reunião durou apenas mais nove minutos. Assim que ela terminou, Jamal foi diretamente à sala de cirurgia e gritou imediatamente:

– Gabriel fugiu!

– Como assim, fugiu? – perguntou Hiroto, abismado, correndo até a sala.

– Não faço ideia, seu idiota! Eu é que pergunto: como a bosta desta inteligência artificial não nos alertou? – esbravejou Jamal, completamente descontrolado.

– Maria, diga se Gabriel ainda está dentro do perímetro do laboratório – ordenou Hiroto.

– Não, senhor!

– Maria, como foi que ele saiu? – perguntou Jamal.

– Ela não vai responder. Maria é programada para não nos vigiar – disse Hiroto.

– Mas Gabriel era um prisioneiro!

– Na verdade, não! Esdras ordenou o bloqueio do poder de comando de Gabriel, mas Maria continuou entendendo-o como um cientista do projeto e não

como um prisioneiro.

– Mas como ele conseguiu sair?

– Deveria ser impossível. Ele nunca conseguiria se soltar sozinho, e mesmo que se soltasse, sem nenhum poder de comando, não poderia conseguir abrir as portas. Na pior das hipóteses que eu consigo imaginar, ele poderia se soltar e ficar preso aqui dentro da sala.

– Seu idiota! Se isso seria a pior das hipóteses, por que não o estou vendo aqui dentro? – perguntou Jamal.

– Estou me referindo apenas às possibilidades levando em conta as situações presumíveis!

– Imbecil! Pare de falar e dê um jeito de acessar as gravações!

– Pare de me xingar! Você é que é um babaca! – disse Hiroto, aos berros. – Sabe muito bem que cada um de nós só tem acesso às gravações dos próprios passos dentro do laboratório. Todas as regras ainda continuam valendo, como antes. Nós só poderíamos acessar as gravações dele com mais poder de comando, o que, na atual situação, é impossível sem Esdras. O jeito é o contactarmos e torcermos para que ele não nos mate.

– Morreremos! Pode ter certeza disso! – exclamou Jamal.

Depois, ordenou:

– Maria, contate Esdras.

– Contatando...

– Que cara é essa? – perguntou Esdras, assim que apareceu na imagem tridimensional.

– Gabriel fugiu – disse Hiroto.

– Como assim, fugiu? Vocês não podem ser tão incompetentes assim! – esbravejou o empresário. – Como foi que ele escapou?

– Não temos acesso às gravações! – afirmou Jamal.

– Maria, ative as gravações da saída de Gabriel – ordenou o empresário.

Logo em seguida, todos viram o robô entrar no laboratório, soltar o cientista e ambos fugirem sorratamente.

– Alguém pode me explicar como ele conseguiu reprogramar um robô? – perguntou o empresário.

– Ele recebeu permissão de Jamal para retirar aquele robô do laboratório, então eu o re programei – disse Hiroto, em tom de arrependimento.

Logo depois, complementou:

– Droga! Sabia que iria sobrar para mim! Que decisão mais estúpida!

– E como eu não fiquei sabendo de uma coisa dessas? Alguém pode me explicar?

Ninguém ousou responder nada. Então, o empresário complementou:

– E agora? O que farei com vocês? Depois disso, Gabriel, com certeza, morrerá! Talvez seja uma ótima ideia arrancar suas cabeças incompetentes também!

Novamente, ninguém respondeu nada. O empresário ordenou:

– Maria, estou destituindo Jamal e Hiroto de seus cargos. Que fique bem claro: eles são prisioneiros! Não deixe que saiam daqui, de jeito nenhum!

– Entendido.

– Quero que os mantenha apreendidos no interior do laboratório, sem nenhum tipo de comunicação com o ambiente externo.

– Como desejar.

Esdras desconectou e ordenou para sua inteligência artificial:

– Entrar em contato com o comandante do batalhão de missões especiais da cidade Mitiziu.

– Conectando-se...

– Boa noite. O que deseja, chefe? – perguntou o comandante, que estremeceu quando viu o empresário.

– Tenho um trabalho para vocês.

Esdras explicou rapidamente a situação. Imediatamente, os passos de Gabriel foram rastreados via imagem de satélite. Descobriram que ele havia acabado de chegar ao seu apartamento. Nem três minutos após o rastreamento, os nove primeiros robôs de combate chegaram ao prédio.

Os robôs tinham passe livre em qualquer parte das cidades pertencentes a Esdras. Três deles desceram até a recepção, mas o sistema de programação do prédio não permitiu que nenhum deles subisse pelos elevadores, o que não foi problema, pois os robôs permaneceram de guarda enquanto, simultaneamente, os outros seis foram sobrevoando em direção às janelas do prédio do cientista e atacaram imediatamente.

Gabriel estava apagando seus rastros para poder fugir o mais rápido possível. Quando ele ouviu o estrondoso barulho do ataque em suas janelas blindadas, correu para fora do apartamento em direção ao elevador. Enquanto isso, o robô reprogramado do laboratório se preparou para contra-atacar os invasores que, certamente, conseguiriam entrar.

Do lado de fora de sua casa, nos segundos em que aguardava o elevador, o cientista pôde ouvir o barulho causado pela batalha já dentro de seu apartamento. Os ruídos duraram poucos segundos, o que significava que os invasores já haviam derrotado seu robô e estavam vasculhando seu apartamento.

Aqueles segundos de silêncio até a chegada do elevador pareceu uma eternidade para Gabriel. Ele teve o tão famoso momento em que a vida toda passa diante dos olhos em um instante, o que lhe proporcionou um forte sentimento de arrependimento. Não das decisões que tomou nessa noite, mas,

sim, das decisões que tomou durante todos os outros dias de sua vida. Ele tinha plena consciência de que seria morto se a porta do seu apartamento se abrisse antes da do elevador se fechar, e achava que era isso mesmo que ia acontecer, mas não aconteceu. Por sorte, destino ou interferência divina, ele pôde ver a porta do seu apartamento começar a se abrir pela última fresta do elevador, que se fechava. O ângulo em que o elevador ficava em relação à porta não possibilitou que os robôs o vissem.

Logo que todo o apartamento terminou de ser vasculhado, Esdras, que permanecia assistindo ao ataque, entrou em contato com o comandante:

– Onde ele está?

– De alguma forma, escapou do apartamento.

– Como isso é possível? Será que estou cercado de incompetentes por todos os lados?

– O prédio possui um sistema feito para quem quer extrema privacidade e segurança. Isso dificulta o trabalho – explicou o comandante. – E Gabriel providenciou proteções extras. Normalmente, não precisaríamos sequer invadir para saber se o suspeito estava ou não em determinado local, pois temos diversos sensores para localização e reconhecimento, mas cada parede de seu apartamento possui camadas inibidoras de sinais. Nunca vi algo parecido em um apartamento de um civil comum!

O comandante continuou explicando:

– Para dificultar ainda mais, o prédio não possui sistema de câmeras internas. Até mesmo os elevadores são programados para não gravar imagens: eles somente identificam os usuários, permitindo que cada um suba apenas a seu próprio apartamento. Para outra pessoa conseguir acesso, é preciso permissão prévia de um dos moradores. Dessa forma, nós tivemos que realizar o ataque unicamente via aérea, pois, para quebrarmos a programação dos elevadores, demoraria alguns minutos, de forma que seria inútil reprogramá-los, já que não havia motivos para esperar.

– Não quero justificativas! – disse Esdras. – Quero que descubra onde ele está!

– Sabemos que Gabriel não saiu de seu apartamento utilizando veículos aéreos, de forma que, ou ele escapou a pé, ou teve permissão para ir até outro apartamento, já que não existem escadarias nesse prédio.

– Então, para saber onde ele foi, basta analisar o registro dos elevadores! – disse Esdras.

– Já estamos providenciando isso, mas cada morador pode escolher que suas movimentações não sejam registradas. Este é o tipo de prédio perfeito para amantes de luxo e negociações ilícitas. O objetivo de sua projeção é deixar o menor rastro possível! É certo que essa fuga já era planejada, o que me faz

presumir que esse apartamento estará programado para não fazer nenhum registro.

– Vocês conseguem ver se ele tem permissão para ir a outro apartamento?

– Com certeza, também conseguiremos essa informação em poucos minutos, mas, se ele for esperto, é certo que já deve ter excluído essa permissão logo após ter utilizado os elevadores. De qualquer forma, não existe a menor chance de que ele escape. É só uma questão de tempo para o encontrarmos.

– Então, me diga: como pretende localizá-lo?

Esdras ficou satisfeito com a explicação que ouviu. Ainda assim, como é extremamente detalhista, ele teria mais uma infinidade de perguntas a fazer. A sorte do comandante foi que Maria entrou em contato, informando a chegada dos médicos que realizariam a indução em Otach.

Esdras ligou para o laboratório e informou a Jamal e Hiroto:

– Meus funcionários já chegaram! Deixarei que entrem e trabalhem no advogado. Enquanto isso, preparem-se: outra equipe será mandada até aí. Vocês serão transferidos para outro local imediatamente.

– Vai nos matar? – perguntou Hiroto.

– Está surdo? Acabei de dizer que vão ser transferidos para outro local, o que significa que, pelo menos neste momento, não pretendo matá-los. Depois de eliminar Gabriel, vou decidir com calma o que fazer. Só o que sei é que, neste instante, o local onde estão não é mais seguro. Nunca se sabe o que aquele filho da mãe do Gabriel pode ter feito aí dentro para conseguir os acessos ou as gravações!

A morte

Após Gabriel ter escapado por muito pouco de seus perseguidores, subiu para seu outro apartamento, onde tudo estava sempre preparado para uma possível fuga. Ele apagou sua permissão de acesso ao apartamento para que não fosse rastreado, ativou a destruição de todos os arquivos pessoais junto à inteligência artificial do apartamento e, temendo que pudesse não sobreviver à fuga, estabeleceu a primeira missão ao robô clandestino que havia adquirido e se encontrava nesse apartamento. Assim, Gabriel ordenou:

– Desça pelo elevador, saia do condomínio e permaneça caminhando pela cidade por meia hora. Não fique parado em nenhum local para não chamar a atenção, e se eu não entrar em contato até o término dessa meia hora, vá até a casa de Davi e o extermine.

– Ordem confirmada.

Gabriel esperou que seu robô, que ainda tinha permissão para utilizar o elevador, descesse e só depois entrou em seu carro e acessou o elevador externo exclusivo para veículos, onde seu carro estava cadastrado.

Gabriel começou a tremer. Ele esperava que seu plano para despistar Esdras desse algum tempo de vantagem, já que dificultaria o rastreamento por satélite e câmeras. Porém, agora que sabia que o haviam rastreado antes que deixasse o prédio, começou a perceber o quanto seu plano era inútil, pois começou a imaginar que provavelmente todos os veículos de todos os prédios que tentassem sair seriam vistoriados. Ele conhecia Esdras mais do que o suficiente para saber que ele tinha poder para ordenar isso.

Gabriel nunca teve medo da morte, mas agora essa possibilidade era aterrorizante. Frente a uma nova perspectiva de existir Deus e o Diabo, ele não estava com medo de ser condenado ao inferno. Seu medo era o de ter trazido o inferno para a terra e não sobreviver para tentar evitar que isso se concretizasse.

Assim que o elevador de veículos se abriu, o cientista viu que não havia nenhum policiamento. Não havia sequer sinal dos robôs que invadiram seu prédio.

Gabriel resolveu não arriscar prolongar a viagem sem entrar em contato com seu amigo mais poderoso e influente depois de Esdras.

– Computador, ligar para Taylor

– Conectando-se...

– Olá, Gabriel. Como anda?

– Estou com problemas.

– O que está acontecendo?

- Esdras está tentando me matar.
- Dirija-se imediatamente à minha propriedade. Sabe onde fica?
- Sim. Já me passou o endereço em nossa última conversa.
- Explique-me direito o que está se passando.
- Esdras acabou de mandar uma equipe em minha casa para me matar. Minha sorte é que eu estava planejando uma fuga há bastante tempo.
- O que planejou?
- Meu prédio é um daqueles que proporciona total privacidade.
- Sim, conheço esse tipo de sistema: sem câmeras, sem registros... e por aí vai.
- Dei um jeito de conseguir acesso a um apartamento desvinculado do meu nome com um carro na garagem. Usei essa propriedade para conseguir despistar meus perseguidores. Logo depois, apaguei todos os registros que indicavam meu acesso a esse apartamento.

Gabriel suspirou e complementou:

- Acho que estou seguro. Ao menos, consegui sair facilmente do prédio.
- Não se engane, não está seguro. Você está vivo por muita sorte e, ao menor erro, essa sorte acaba.
- Muito animador saber disso!
- Seus perseguidores fazem parte de uma equipe de extermínio altamente qualificada, mas também extremamente discreta. Pode ter certeza de que eles continuam guardando seu prédio e apartamento e que, também, mesmo sem serem vistos, estão seguindo todos os carros que entrarem e saírem de lá. Nada passa despercebido por eles.
- Isso significa que estou sendo seguido nesse exato momento?
- Exatamente! Pode ter certeza disso! E assim que sair da cidade, seu veículo provavelmente se tornará o principal suspeito. O pior é que, quando chegar à minha propriedade, e eles descobrirem que ela me pertence, a suspeita aumentará ainda mais e certamente eles iniciarão um cerco ferrenho à propriedade.
- Então, por que estou indo para lá?
- Tenho um plano. Vai ter que confiar em mim.
- O que evita que eles me parem no meio do caminho?
- Como já disse, a equipe, além de qualificada, é discreta. A princípio, eles deixarão todos os carros terem livre movimentação, pois seu condomínio possui apenas pessoas ricas e de alto *status* social. Eles não farão nada até terem certeza de que você está mesmo presente. Em compensação, saiba que, neste momento, um verdadeiro exército está se organizando para encontrar você. E mais: o exército vai crescer a cada minuto que passar.
- E até onde vai essa brincadeira de pega-pega?

– Não vai muito longe, pode ter certeza. Se bem conheço seu ex-chefe, logo você será incriminado, e quando essa busca se tornar oficial, eles passarão a agir de forma mais agressiva. Ai será fim de jogo!

– Você está fazendo eu me sentir, digamos assim, morto.

– Vou dar um jeito para que isso não aconteça. A você, só cabe chegar até minha casa o mais rápido possível. Só não exagere na velocidade para não aumentar ainda mais as suspeitas.

– Tudo bem. Estou andando dentro do limite. Já solicitei uma rota de alta *performance*. Se tudo der certo, estarei na sua casa em apenas quinze minutos.

– Imagino que seu veículo possui algum sistema anti-reconhecimento; caso contrário, já estaria morto.

– Certíssimo! Eu instalei um...

– Não precisa se explicar. Vamos logo para o que interessa: quando chegar à minha casa, entre diretamente na garagem. Darei ordens para que ela permaneça aberta. Por motivos óbvios, nem pense em sequer abrir o vidro até que a fechem completamente.

– Certo.

A viagem seguiu como o esperado: Gabriel conseguiu autorização para uma rota de alta *performance* e chegou à propriedade de Taylor no tempo estimado. Ele logo avistou a sinalização indicando a garagem. Assim que as portas se fecharam, um funcionário veio recepcioná-lo.

– Olá! Sou Eloir. Queira se apressar, senhor. Preciso que me acompanhe rapidamente.

– Para quê?

– Agora não há tempo para perguntas – Eloir respondeu, secamente.

– Gabriel foi levado até um pequeno laboratório, onde foi colocado em uma máquina capaz de escanear cada detalhe de seu corpo. Como médico, ele conhecia o aparelho, mas não conseguia entender o propósito de seu uso nessas circunstâncias. Ainda assim, não perguntou mais nada.

Enquanto o cientista era analisado, completou-se o período definido para que seu robô assassinasse Davi. Durante a meia hora estipulada, o robô exterminador ficou vagando pela cidade, encaminhando-se, aos poucos, em direção à casa do menino, de forma que chegou bem na frente da propriedade exatamente no final do tempo estabelecido. Ele não perdeu tempo: analisou tudo à sua volta e, logo após constatar que ninguém o observava, saltou por cima do portão da casa. Porém, o robô sequer chegou inteiro ao chão: nove tiros simultâneos o despedaçaram ainda no ar. Seus pedaços foram recolhidos apressadamente. O

rápido ataque foi discreto, de modo que ninguém presente na casa percebeu.

Gabriel, sem a menor ideia do resultado do ataque que ordenou, continuava dentro do aparelho. Ele não poderia se mexer, de forma que não sabia que horas eram. Imaginando que já havia dado o tempo, começou a se consumir de curiosidade, tentando imaginar o que poderia ter acontecido.

Quatro minutos após o fracasso do ataque, um alarme soou. Loir rapidamente apareceu, desligou a máquina e disse:

– Venha comigo. Rápido!

O grande homem segurou o cientista pelo braço e ambos foram até um cômodo, onde se abriu uma estreita escadaria que dava para o subsolo, que, por sua vez, dava acesso a um elevador. Ambos desceram por ele muitos metros abaixo do solo. Lá embaixo, havia uma pequena casa antibombas. Ao chegar à nada agradável sala, Gabriel quebrou o silêncio e perguntou:

– O que está acontecendo?

– Com certeza, você fez alguma coisa que não deveria. Ainda não se iniciou a busca oficial por você, mas já estão nos atacando. De alguma forma, eles já sabem, com certeza absoluta, que está aqui.

– Estamos seguros?

– Provavelmente, não. Tudo dependerá do tempo que nossas defesas suportarem. Derrotaremos facilmente os primeiros robôs, mas assim que começarmos a contra-atacar, Esdras ordenará que mais robôs venham para a batalha. Certamente, uma verdadeira guerra se formará lá fora e, inevitavelmente, perderemos.

Houve um estrondo e as luzes da sala antibomba se apagaram. Gabriel fez novas perguntas, mas Loir simplesmente parou de responder.

Inicialmente, a defesa da propriedade foi facilmente mantida, pois o número de robôs defensores era grandemente superior, além de estarem em posições privilegiadas. Mas, como Eloir previu, os robôs de ataque passaram a manter um posicionamento mais defensivo, apenas esperando novos combatentes para engrossar a batalha. Não demorou muito para que a força de defesa e ataque se tornassem equivalentes, momento em que a batalha chegou ao seu auge. Um verdadeiro espetáculo de tiros e explosões se formou.

A equivalência entre defesa e ataque foi curta, pois, enquanto os robôs de defesa eram destruídos, a força invasora continuava a aumentar rapidamente.

Eloir desligou um computador especial, impossível de ser rastreado, que estava utilizando para monitorar o ambiente externo. Nesse momento, ele olhou para Gabriel e comentou:

– Estamos em uma situação crítica. De uma forma ou de outra, você deverá estar morto em poucos minutos.

Sorratamente, Eloir aplicou uma injeção em Gabriel.

– O que está fazendo? – perguntou o cientista, que imediatamente começou a ver tudo escurecer.

– Matando você...

Gabriel apagou.

Lá fora, a defesa continuava a sucumbir rapidamente. Finalmente, os primeiros invasores adentraram a grande casa. A batalha já se estendia há 27 minutos quando ocorreu uma forte explosão dentro da casa principal. Logo depois, surgiu a primeira notícia da suposta morte de Gabriel. Não era possível ter certeza, pois seu corpo havia sido feito em pedaços com uma das explosões.

Esdras ordenou que a batalha fosse mantida até que o último robô de defesa estivesse inativo. Ele ficou furioso, pois havia determinado que não fossem utilizadas bombas de alta potência dentro da casa principal, exatamente para evitar que o corpo de Gabriel fosse dissipado. O general que orquestrou o ataque afirmou que a explosão fatal foi causada pela própria força de defesa da propriedade.

Bastaram mais sete minutos para que não houvesse mais nenhum robô de defesa ativo. Exames genéticos foram feitos nos restos mortais encontrados, e cada pedaço de maior proporção foi minuciosamente analisado. Finalmente, a notícia se tornou oficial: Gabriel estava morto.

Taylor ligou para Esdras:

– O que pensa que está fazendo atacando dessa forma minha propriedade?

– Você acolheu um assassino de meu interesse.

– Se ele era um assassino, bastava ter me avisado e eu o teria entregado sem todo esse estrago.

– Você me conhece, sabe que esse não é meu estilo.

– Eu o conheço, sim. Primeiro ataca, depois conversa.

– Veja pelo lado bom. Eu, ao menos, converso!

– É muita insolência para um único homem!

– Não sou tão insolente assim. Inclusive, estou aberto para entrarmos em acordo.

– Que acordo? Você já destruiu minha propriedade inteira!

– Vamos resolver esse assunto amigavelmente. Deixe essa batalha apenas entre nós. Não quero a mídia ou a polícia investigando o assunto. Em troca, eu cobrirei todos seus custos, com certa sobra, para que reconstrua sua propriedade e não o acusarei de dar cobertura a um assassino.

– Até onde sei, ele não estava sendo acusado de nada.

– Está, sim. Apenas não oficializamos a busca ainda, mas, logo você saberá de

mais detalhes. Seja esperto, não entre em uma briga que não é sua!

– Pois bem, retire imediatamente seus robôs de minha propriedade e eu aceito o acordo.

– Concordo. Mas antes de sair, vou fazer uma limpeza.

– Nada disso! Saia agora!

– Não sairei antes de levar o que me pertence!

– OK! – disse Taylor – Já ordenei que robôs de outra propriedade minha se encaminhassem até o local da batalha. Eles já devem estar próximos. Eles acompanharão seus robôs nessa sua limpeza. Tem permissão para retirar apenas destroços dos seus, mas não permitirei que leve nada que me pertença.

– Combinado! Darei permissão para que seus robôs se aproximem amigavelmente. – Respondeu Esdras

– Que ridículo! Vai dar permissão para que meus robôs se aproximem da minha própria casa? Não acha que tinha que ser o contrário? Eu é que tenho que permitir que seus robôs permaneçam lá!

– Que casa? O que tinha lá parecia mais uma grande fortaleza. Você mantinha mais de seiscentos robôs de alta tecnologia equipados com um pesado armamento, além das unidades estratégicas de defesa de alta *performance*. Para que tudo isso? Sabia que é proibida a formação de exércitos particulares?

– Por coincidência, esta propriedade era a unidade de armazenamento de meus robôs-segurança. Eles eram periodicamente direcionados para um conjunto de três países. Aproveitei essas propriedades de armazenamento para montar locais de alta segurança para minha estadia. Quanto ao número tão elevado de robôs, pode investigar e vai ver que era tudo legal: eles foram remanejados diretamente de minha fábrica há pouco tempo, e logo seriam realocados. Tudo está devidamente registrado.

– Vou investigar.

– Que palhaçada! Está me acusando de formação de exército, sendo que acabou com todo o meu sistema de defesa em menos de uma hora?!

– Sabe que meu caso é diferente. Eu mesmo faço o policiamento de minhas cidades. E foi necessário realocar toda a força de segurança de quatro das cidades que defendo para investigar sua propriedade.

– Investigar? Eu chamo o que fez de assassinato! A sorte é que eu não mantinha humanos nesta propriedade ou eles teriam morrido juntamente com Gabriel.

– E a culpa seria sua por resistir à força policial.

– Você não tinha um mandado. Nem ao menos pediu permissão para entrar. Não me venha com essa de força policial!

– É claro que pedi permissão! – afirmou Esdras, cinicamente.

– É muita ousadia afirmar isso na minha frente!

– Tenho muito trabalho a fazer. Logo que computar o valor dos estragos, fique à vontade para me mandar a conta.

– Pode ter certeza que farei isso!

– Mais uma coisa: para que eu não tenha que incriminá-lo por obstrução à justiça, formação de exército e outras coisas mais, eu simularei a morte que ocorreu em sua propriedade em outro lugar. É bom que você saiba disso para não dar nenhuma furada.

– Por mim, tanto faz... Mas, da próxima vez, fale comigo. Não é necessário tanto estrago por um único homem!

– Sabe que, se cruzar o meu caminho, é assim que vou continuar agindo...

Esdras entrou em contato com a equipe que realizava a lavagem cerebral em Otach.

– Como está indo a indução?

– Já está perto do fim. Mais meia hora e ele irá para casa. A esposa já ligou várias vezes atrás dele. Então, faremos com que o paciente acredite que viu as ligações, mas não pôde atendê-las.

– Ótimo!

Logo depois, o empresário entrou em contato com Jamal e Hiroto:

– Já limpei a cagada de vocês. Gabriel está morto.

– Ele escolheu este caminho! – afirmou Jamal com um suave tristeza

– Este laboratório ainda vai ser transferido? – perguntou Hiroto.

– Sim. É melhor não continuar utilizando este local. Não há como saber o que Gabriel pode ter feito ou falado antes que o pegássemos.

– E quanto aos clones do subterrâneo? – perguntou Jamal

– Não há motivos para mantê-los. Chegou a hora de descartamos todo o peso desnecessário para protegermos Davi. O mais seguro é descartá-los e desmontar o abrigo.

– Quer que eu faça isso agora? – perguntou Jamal.

– Esqueceu que foi destituído de seu cargo? – cutucou Esdras.

– Realmente! Perdoe-me!

– Vou dar uma chance a vocês dois. Apesar de terem sido absolutamente incompetentes, ao menos me obedeceram e permaneceram do meu lado em todas as ocasiões. De qualquer forma, hoje eu estou mais preocupado com a parte superior do laboratório. Se Gabriel implantou algo que represente algum tipo de perigo, é aí que vai estar. É por isso que pretendo desmontar tudo aí em cima ainda hoje. Remontaremos toda uma nova estrutura que servirá de cenário em caso de alguma possível investigação.

– Mas, no caso de ocorrer uma investigação, como evitar que eles investiguem a parte subterrânea?

– Isso, pode deixar comigo. A verdade é que, se eu não quisesse, ninguém investigaria nada. Mas é sempre bom não parecer intransigente demais. Além do mais, amanhã mesmo já podemos aproveitar a calmaria da noite para esvaziar a parte subterrânea. Não haverá tempo para imprevistos!

Gabriel acordou sobre uma maca. Ele viu a imagem de Taylor logo à sua frente.

– Bom dia! Saiba que você está morto! – disse Taylor, que estava refletido em uma imagem tridimensional.

– Como assim? – perguntou Gabriel.

– Explodiram você em mil pedacinhos!

Neste momento, Eloir riu. Só então Gabriel viu que ele estava ao lado.

– Até agora não consigo acreditar que tudo deu certo – disse Eloir.

– Pode acreditar, meu fiel amigo – ratificou Taylor. – Depois de tanto tempo planejando, quase nos ferramos.

– Podem me explicar o que aconteceu? E que história é essa de “tanto tempo planejando”?

– Calma! Já vamos explicar tudo – disse Taylor.

Gabriel olhou para Eloir e falou:

– Este seu brutamente se negou a falar comigo, e depois me dopou como se eu fosse um prisioneiro!

– Desculpe-me. Pedi a ele que não falasse nada. Eu mesmo queria lhe dar as respostas no momento certo. Quanto ao fato de ter dopado você, após colocar você na maca, ele se dopou também. A substância aplicada era importante para que ficassem completamente imóveis, diminuindo o risco de serem detectados.

– Ele podia ter ao menos dito que me doparia para nossa segurança. O pior é que, além de não explicar nada, após aplicar a injeção em mim, ele falou que estava me matando. Achei que tinha aplicado veneno!

– Sua estupidez quase matou vocês dois – censurou Taylor. – Mereceu levar um susto. Se alguém deve desculpas, é você!

– O que fiz de errado?

– Tentou assassinar alguém protegido por Esdras utilizando um único robô. Era óbvio que o menino iria estar fortemente protegido. E, da próxima vez, pense muito bem antes de atacar algo pertencente à MIF, pois, se fracassar como fracassou, seu ataque certamente se voltará contra você. Foi a partir da memória do seu robô que rastreamos seus passos. Isso possibilitou que antecipassem o

ataque. Sua burrice quase botou tudo a perder.

– Até onde eu sei, deveria ser impossível retirar alguma informação à força da memória de um robô como aquele.

– Nunca subestime Esdras!

– Como sabe do meu ataque?

– Nunca me subestime também!

– Já sei: o robô que me venderam era monitorado. Eu realmente sou um imbecil! Isso também era óbvio que eu deveria ter investigado!

– Não tenho por que negar. É isso mesmo!

– O robô que pedi para reprogramar também foi monitorado?

– Aquele, não. Seria muito arriscado tentar enviar ou receber informações por meio dele.

Após uma pequena pausa, Taylor complementou:

– Quanto a isso, você também levou muita sorte. O programador que o visitou era nada menos que o chefe de meu setor de desenvolvimento tecnológico de robótica. Não se esqueça de que sou o maior concorrente de Esdras nessa área. A tecnologia daquele robô é extremamente complexa. É quase certo que qualquer outro programador não teria tido coragem de mexer nele, e se mexesse, provavelmente teria se dado mal.

– Você ainda não me explicou a tal história de estar se preparando há bastante tempo.

– Quando meu programador me informou qual era o robô que estava querendo reprogramar, percebi que havia grandes chances de você se meter em confusão. Resolvi, então, clonar você. Minha ideia foi fazer um daqueles clones inconscientes já em tamanho adulto para simular sua morte, caso fosse necessário.

– E de onde arranjou uma amostra genética minha?

– Colho amostras genéticas de todas as pessoas que considero relevantes. Guardo uma amostra sua há muito tempo.

– Você é mais louco do que Esdras!

– Muito obrigado!

– Isso não foi um elogio.

– Não se esqueça de que foi esta minha loucura que salvou a sua vida, e, na verdade, o que eu fiz não foi nenhuma novidade. Eu mantenho esse mesmo planejamento para socorrer, se necessário, centenas dos meus agentes e cientistas que realizam tarefas de risco. É comum que eu inclua pessoas de meu interesse nesse sistema sem que elas saibam disso e deixe um corpo pré-preparado o mais perto que eu conseguir dessa pessoa.

Após franzir as sobrancelhas, Taylor complementou:

– Incluí você nesse sistema porque me gerou lucros. Mereceu o investimento

em sua proteção.

– E como foi que gerei lucros a você?

– O robô que meu engenheiro reprogramou para você possuía grandes segredos tecnológicos.

– Então, recapitulando: foi gerado um clone adulto com o meu DNA, mas, para forjar a minha morte, era necessário reproduzir os mínimos detalhes da minha estrutura física nesse corpo. É por isso que estavam me escaneando!

– Exato! Precisávamos incluir no clone todas suas imperfeições físicas; caso contrário, a fraude acabaria sendo descoberta.

– Mas o tempo para a replicação dos detalhes foi insuficiente, de forma que tiveram que explodir o clone para que tivessem maior chance de enganar aos legistas – continuou Gabriel.

– Isso mesmo. Se a explosão não ficasse convincente, eles não iam parar de procurá-lo e, certamente, acabariam encontrando.

– Então, estou morto! – disse Gabriel. – E agora?

– Agora, pode ir embora e se virar, ou pode trabalhar para mim.

– Para que tipo de serviço quer me contratar?

– Pretendo que seja um dos meus mais importantes cientistas. Poderá escolher o que quer fazer. Sei que vai valer a pena.

– Frente às opções que tenho, parece-me um ótimo emprego – brincou Gabriel. – Quando começo?

– Assim que for literalmente transformado em uma nova pessoa, tanto civilmente quanto fisicamente. Você precisa de uma nova vida.

– Isso não me parece nada agradável – disse Gabriel.

Logo após um segundo de reflexão, ele perguntou:

– Que horas são?

– Seis horas da tarde.

– Nossa!

– Como eu não sabia o tempo que poderia ser necessário mantê-los dopados, Eloir colocou um soro com calmante em você e nele próprio. Eu interrompi o processo assim que tive certeza de que estavam seguros.

– Minha morte já foi divulgada publicamente?

– Sim.

– E o que exatamente foi divulgado?

– Que você supostamente assassinou uma colega chamada Abéli e morreu tentando fugir. Os jornais informaram que, em meio à tentativa de fuga, você perdeu o controle em uma manobra arriscada e sofreu um acidente que destruiu seu corpo.

Depois do comentário, Gabriel ficou em silêncio. Falar o nome de Abéli era

como perfurar seu coração. Ele fez muita força para não demonstrar o que estava sentindo, e então perguntou:

– O que sabe sobre meu antigo trabalho?

– Não muito. Você mandou o robô que eu monitorava para o apartamento de cima, sendo que não costumava ir muito para lá! Só o que sei é que seu trabalho consistia em analisar um garoto chamado Davi. O mesmo que tentou matar.

Taylor voltou a franzir as sobrancelhas e complementou:

– Ainda não consegui descobrir o que exatamente esse menino tem de especial. Tudo o que sei foi o que ouvi no dia em que sua colega Abéli o visitou.

– E o que foi que ouviu?

– Que se deu mal ao tentar afugentar um psicólogo famoso, chamado Dante, que veio para a cidade com o objetivo de analisar esse menino. Pelos comentários daquela noite, ficou evidente que vocês estão suspeitando que Davi, de alguma forma, costuma demonstrar conhecer informações de que não tinha como saber. O que isso significa?

– Que ele estava falando sobre algo de que não sabia, ou seja, estava inventando!

– Não acredito que seja tão simples assim!

– E o que acha que é, então?

– Eu esperava que me contasse. Mas, pelo que estou vendo, terei que descobrir por minha conta.

– Eu quero matar Davi por uma questão pessoal. A não ser que queira me ajudar a matá-lo, peça que fique longe.

– Não estou a fim de matar alguém sem nem saber o porquê e, com certeza, também não estou a fim de entrar em guerra com Esdras. Por outro lado, eu quero muito saber o que esse menino significa. Não vou desistir até conseguir.

– Não é preciso se esforçar. Como já disse, existem questões pessoais envolvidas neste caso. Dê-me uma semana para pôr as ideias no lugar e eu mesmo conto a você.

– Isso é uma promessa?

– Não! É apenas altamente provável. Se eu fosse você, esperaria, pois, frente a essa possibilidade, não vale a pena o risco de investigar. Se Esdras desconfiar, sei que a situação não vai ser nada boa.

– Acho que podemos entrar em um acordo. – propôs Teylor

– Diga.

– Fiz uma pequena investigação dos acontecimentos de ontem. Não quero dar falsas esperanças, mas, estranhamente, não consegui ver o corpo de Abéli.

– Acha que ela pode estar viva?

– Não acho nada. Só não tenho certeza se ela está mesmo morta. Quer que eu continue investigando?

- Sabe que sim.
- Só que tem um problema: eu não pretendia mais continuar investigando, pois, como você mesmo acabou de dizer, investigar qualquer coisa relacionada a Esdras pode ser perigoso.
- Pois bem. Eu prometo que, se investigar, no final de uma semana, eu contarei a você tudo sobre Davi.
- O que tinha em mente é que me contasse agora.
- Não abro mão de uma semana para pôr minhas ideias no lugar. Ou aceite este prazo, ou se vire sozinho para investigar Davi, e eu darei um jeito de investigar a morte de Abéli por minha conta.
- Você não deve se aproximar de Esdras. Se ele descobrir que está vivo, terei sérios problemas.
- Então, aceite o acordo. Aí nós dois evitaremos riscos.
- Certo!

Decisões

Na perturbada noite que se passou, Otach chegou satisfeito em casa, acreditando que havia acabado de fechar um lucrativo acordo. Desta vez, Esdras pediu para que seus cientistas induzissem em Otach informações sobre um caso real. Fizeram-no acreditar que passara a noite discutindo o assunto com diretores da MIF. Como as informações passadas correspondiam a um caso real, Otach verdadeiramente começaria a formular a defesa da causa. Porém, Esdras sabia que ele não a defenderia de fato, pois pretendia matá-lo muito antes que terminasse a análise dos documentos fornecidos.

Quando o advogado chegou em casa, encontrou sua esposa furiosa por ele ter saído sem dizer nada e nem ao menos ter atendido as ligações. Otach tentou se explicar, mas não havia nada que pudesse dizer que convencesse Sofia da impossibilidade de ter falado com ela rapidamente antes de sair. Enquanto ele tentava acalmá-la, Davi veio de seu quarto tranquilamente.

– O que está fazendo acordado ainda? – perguntou Sofia, assim que o viu. – Já para a cama!

– Não consigo mais dormir. Quero saber se vou poder trabalhar na casa de Dante.

– De que ele está falando? – perguntou Otach.

– Eu recebi um convite de Dante para trabalhar em sua biblioteca pessoal. Posso?

– Mocinho, eu já disse que vou conversar com seu pai e com Dante e que depois decidiremos o que fazer. Não adianta querer apressar as coisas – censurou Sofia.

– Por que, então, não falam sobre isso agora?

– Vamos conversar. Prometo que amanhã, no horário de almoço, já teremos decidido isso, mas só se você for para a cama agora! – retrucou a mãe.

– Tudo bem.

– Quer que eu leve um leite morninho para ajudá-lo a dormir?

– Quero.

– Vá para a cama, que eu já levo o seu leitinho.

No dia seguinte, Sofia finalmente voltou a almoçar em casa, pois havia finalizado suas responsabilidades com a faculdade onde trabalhava. Ela veio para casa feliz, pois tinha uma notícia que sabia que agradaria a seu filho

– Já decidiu? Vou poder trabalhar? – perguntou Davi, imediatamente após vê-la.

– Vai, sim – Sofia respondeu, toda sorridente.

– Oba!

– Mas, se suas notas baixarem, vamos ter que rever o assunto.

– Não se preocupe, mamãe, sei que minhas notas vão até melhorar. Quando poderei começar?

– Quando quiser. Mas sua carga horária vai ser de, no máximo, uma hora e meia por dia. Não permito que fique lá nem um minuto a mais.

– Está bem.

– Se for se atrasar um único minuto que seja, quero que me ligue, e se começar a se atrasar demais, eu corto suas asinhas!

– Posso ir lá hoje?

– Isso é com você e com Dante. Ligue para ele.

– Tudo bem.

Davi deu um beijo na mãe e foi alegremente para o seu quarto. Imediatamente, ligou para o psicólogo.

– Olá! Meus pais permitiram que eu trabalhe aí com você.

– Já estou sabendo. Que bom!

– Vou começar quando?

– Por mim, pode ser hoje mesmo.

– Então, está bem. Vejo você logo após a aula, novamente? – perguntou Davi.

– Isso mesmo – respondeu Dante.

Às cinco em ponto, Davi chegou à casa de Dante.

– Entre – disse o psicólogo. – Daqui em diante, não precisa me chamar para entrar. Você recebeu acesso livre à minha casa.

– Obrigado.

Davi surpreendeu Dante ao comentar prontamente:

– Hoje, temos algo para discutir, lembra?

– Sim. Você iria me falar de sua capacidade de ler pensamentos – disse Dante, sabendo que, na verdade, Davi estava se referindo às perguntas que ele se comprometera em responder. Porém, aproveitou a oportunidade para lembrar que Davi também tinha dito que explicaria suas supostas capacidades. A expectativa de Dante era de que o assunto engrenasse imediatamente.

– Ler não é exatamente a palavra certa. É mais complexo que isso.

– Como assim?

– Digamos que eu seja capaz de sentir pensamentos, principalmente intenções, o que me leva a saber quando alguém está mentindo para mim.

– Que interessante! Dê um exemplo para que eu entenda melhor.

– Dar um exemplo é bem simples: sei que, agora mesmo, está mentindo, pois tenta demonstrar acreditar no que eu estou falando, mas a verdade é que não consegue acreditar em mim.

– Não é uma questão de não acreditar.

– Então, qual é a questão?

– Compreender o que se passa. Não é nada fácil compreender uma capacidade especial como a sua.

– Agora você falou uma verdade relativa.

– Não estou entendendo...

– A minha capacidade vai além de perceber se alguém está falando a verdade ou mentindo. Se eu me concentrar, além de identificar quando alguém está mentindo, eu posso sentir qual é a verdade por trás da mentira.

Deixando transparecer uma expressão enigmática, Davi prosseguiu:

– Eu sei que normalmente classificaria o que estou falando como algo a ser analisado terapeuticamente, pois já cansou de tratar doentes mentais que acreditam ter tais capacidades. Mas, no meu caso, algo o está incomodando. O que o incomoda?

– Olha, eu não sei o que é...

– Eu sei o que é! Você não acredita em mim, mas também não duvida completamente. Só não entendo por quê.

– Não acredito totalmente porque preciso conhecê-lo melhor – disse Dante, tentando disfarçar sua incredulidade.

– Não é isso! Ou melhor, sei que é mais que apenas isso!

– Fale mais sobre seu dom – disse Dante, tentando se esquivar das negativas de Davi, que eram sempre acompanhadas de perguntas. – Quero compreendê-lo melhor.

– Sei que jamais se interessou por um paciente da mesma forma que está se interessando por mim. Por quê? O que tenho de especial? Não adianta querer fugir de minhas perguntas!

– Porque nunca conheci alguém com dons parecidos com os seus.

– O que eu sou? – Davi perguntou subitamente.

– Você é...

– Pode parar! – interrompeu Davi.

– Por quê?

– Porque você vai falar besteira. Você também não sabe o que sou – disse Davi, deixando algumas lágrimas rolarem pela sua face. – Sei que se assustou

com minha pergunta, e sei que, com meus relatos, acabou de duvidar um pouco menos de meus dons.

De fato, Dante se assustou, pois, devido às circunstâncias em que foi convidado a analisar o menino, ele achava que se tratava de algum tipo de experiência. Dante realmente começou a duvidar um pouco menos das supostas capacidades e, por um segundo, não sabia o que dizer.

O silêncio foi quebrado por Davi, que complementou:

– Tem mais: eu tenho outras capacidades incomuns. Tenho muito para contar sobre mim mesmo, mas, antes disso, terá que cumprir sua promessa de responder as minhas perguntas.

– Tudo bem – disse Dante. – Pode perguntar.

Dante tentou demonstrar segurança, mas não estava nada confortável frente à situação.

– Eu farei diversas perguntas comprometedoras a você. Lembre-se de que, se mentir, e meus dons forem mesmo verdadeiros, eu saberei, aí então perderei a confiança em você. Não revelarei a você mais nada sobre mim e me recusarei a voltar aqui.

Davi riu e acrescentou:

– Mas você tem outra opção.

– Qual?

– Podemos adiar a continuação desta conversa. Darei tempo para que pense em tudo o que ouviu agora, mas, em compensação, eu só voltarei a falar sobre meus dons depois que responder minhas perguntas.

Dante refletiu que realmente precisava de tempo para pensar. Ele concluiu que já tinha ouvido o suficiente sobre os dons para esse primeiro momento, e que o ideal agora era aprofundar a relação.

– Então, acho que será interessante deixar esse assunto para depois – decidiu Dante. – Enquanto isso, podemos nos conhecer melhor.

– Que conversa confusa e perigosa, não é mesmo? – provocou Davi.

– Por que perigosa?

– Vai dizer que não pensou no tamanho do vexame que vai ser se acabar se dando conta de que um garotinho conseguiu te manipular?!

Gabriel foi levado para um grande hospital, onde passou o dia fazendo exames. O último e mais demorado foi um escaneamento completo de seu corpo, que durou duas horas. Ao sair, encontrou uma mulher à sua espera:

– Olá. Meu nome é Florence. Sou eu que me responsabilizarei por sua cirurgia. Tenho uma boa notícia: a bateria de exames acabou. Vamos operá-lo

ainda hoje.

– Ótimo! Gostaria de saber um pouco mais sobre o funcionamento de toda a intervenção cirúrgica.

– Basicamente, serão formadas duas equipes. Uma delas cuidará apenas de sua cabeça, especialmente da face, onde sofrerá uma modificação estética total. A outra equipe trabalhará simultaneamente na transformação de seu corpo. Vim aqui exatamente para convidá-lo a escolher seu novo rosto agora mesmo.

– Não!

– Não, o quê?

– Não tenho interesse.

– Não tem interesse em quê?

– Em escolher minha aparência. Faça como acharem melhor.

– É a primeira vez que realizo essa operação sem que o paciente queira opinar – disse a médica, surpresa. – Fico até aliviada, pois muitos me incomodam de forma insuportável por não se decidirem. A escolha, obviamente, não é totalmente livre, já que temos padrões de reestruturação que precisam ser seguidos.

– Imagino o tamanho da encrenca!

– Existem vantagens em sua decisão de não participar da escolha de sua nova aparência: a inteligência artificial poderá planejar sua nova face unicamente através de cálculos matemáticos, buscando a forma mais eficiente de modificar sua aparência. Esse cálculo tem a função de garantir uma transformação total, tornando impossível que alguém relacione seu novo rosto com o antigo, ao mesmo tempo em que é feito o número mais reduzido possível de intervenções em sua estrutura óssea.

– Perfeito!

– Você não parece estar muito preocupado com isso, mas um dos parâmetros utilizados no cálculo é a estética, buscando atender aos padrões de beleza.

Com uma expressão de indignação, a médica engatou uma pergunta:

– Não vai querer nem ao menos ver como ficará sua aparência antes que a cirurgia seja realizada?

– Não! Eu verei tudo quando estiver pronto. Só o que quero é saber mais sobre o procedimento cirúrgico. Isso, sim, me interessa!

– A estrutura óssea e muscular de seu corpo será remodelada sutilmente e sua gordura será redistribuída. Quanto à sua pele, cada marca que possa ter será apagada. Em seguida, outras marcas sutis serão criadas aleatoriamente.

– Certo! E o que mais?

– Modificaremos também as suas digitais, o padrão de sua íris, e até mesmo alguns pontos específicos do seu DNA: algo bem pontual, mas distinto o suficiente para que não o reconheçam por análise genética. Depois disso, formularemos

uma nova identidade com base nesses novos padrões, mas essa parte já não é comigo.

– OK.

– E quanto ao seu novo nome, quer escolher?

– Preciso escolher agora?

– Escolha antes de entrar na sala de cirurgia, pois, assim que acabar o procedimento, enviarei os dados para que formulem sua documentação.

– A que horas será minha cirurgia?

– Daqui a duas horas, talvez menos. Basta terminarmos os preparativos.

– Quanto tempo dura todo o procedimento?

– Acredito que finalizaremos a cirurgia em menos de três horas.

– Gostaria de poder conhecer melhor todo o procedimento cirúrgico. Para falar a verdade, não estou nada satisfeito com suas explicações superficiais.

– Pode ficar tranquilo, não há com o que se preocupar – assegurou a cirurgiã.

– Não é preocupação, mas, sim, interesse profissional. Também sou médico.

– Por que não falou logo de uma vez? Eu deveria ter imaginado que era médico. Médicos são maus pacientes. Fiquei sabendo que tiveram dificuldade em realizar alguns dos exames em você.

– Não é bem assim!

– Venha, vamos conhecer a sala cirúrgica. Lá explicarei a você o procedimento de forma um pouco mais aprofundada.

Ambos saíram juntos. A cirurgiã exigiu que Gabriel enfaixasse o rosto, pois, mesmo dentro de um hospital controlado por Taylor, havia risco de algum robô interligado ao sistema de Esdras reconhecê-lo.

Os dois caminharam em meio a um mundaréu de corredores, que formavam um labirinto cheio de portas, e logo chegaram até o corredor principal, onde robôs, médicos, cientistas e muitos outros profissionais caminhavam de um lado para outro. Gabriel e Florence continuaram caminhando até adentrarem outro corredor de menor movimento, de acesso restrito, e após mais alguns bons passos, eles finalmente entraram em uma das salas de esterilização, que, por sua vez, dava acesso à sala cirúrgica.

O local era grande, cheio de máquinas de diferentes tamanhos e formas. No centro, havia uma cama para o paciente, e sobre ela, fixados no teto, desciam dois conglomerados, cada qual com um sistema individual de luzes e vinte braços robóticos finos e extremamente maleáveis, que possuíam em suas extremidades os chamados dedos, em quantidades, tamanhos e formas variadas. Cada braço agia como unidades independentes, com diferentes funções, sendo que cada dedo correspondia a algum instrumento cirúrgico.

A estrutura era familiar para Gabriel, pois seguia, em grande parte, padrões mundiais.

Florence começou a explicar:

– Como pode ver, é apenas uma estrutura comum, contendo duas unidades de ação. Cada uma delas será controlada por uma equipe diferente e eu orquestrarei tudo. Cada equipe será formada por um médico e dois enfermeiros.

Ela ordenou à inteligência artificial:

– Ativar vídeo demonstrativo OP731, parte um.

– Ativado – respondeu a inteligência.

Com a imagem do vídeo sendo refletida à sua frente, Florence começou a explicar:

– Este programa, eu o criei para minhas palestras. Ele está ativado para reconhecer e demonstrar o que eu falar sobre a técnica de redefinição de faces. Então, diga-me, o que tem curiosidade de saber?

– Tudo! Explique como se eu estivesse presente em uma de suas palestras.

– Na maior parte do tempo, os braços robóticos ministrarão microtúbulos comuns de ação, raios *laser* de precisão, microssugadores e pinças ósseas. O primeiro grupo cuidará apenas de sua face. Sua musculatura facial será desprendida com radiação Tepla e, logo após, inflaremos tudo para ter acesso aos seus ossos, que serão recortados com raios *laser* de alta precisão. Cada fragmento permanecerá pinçado, e a limpeza interna será garantida pelos microssugadores. Após todos os recortes necessários, as pinças vão afastar sutilmente seus ossos um dos outros, o que possibilitará aos raios *laser* redesenhá-los conforme o planejamento prévio para a formulação de sua nova face. A segunda etapa consiste na reconstrução: seus ossos serão realocados no local correto para a formação da nova fisionomia e serão selados com uma substância que se calcifica imediatamente, mantendo as características idênticas ao osso natural. A perfeição dessa substância é incrível. Sem uma análise invasiva, será impossível perceber a reconstrução. Depois redefiniremos sua estrutura muscular do rosto, e por fim apagaremos as marcas e pintas de sua pele e criaremos novas, já que ninguém é perfeito. Também modificaremos o padrão de sua íris.

A cirurgiã fez uma breve pausa, dando tempo para que Gabriel fizesse perguntas caso tivesse alguma dúvida. Como ele parecia estar entendendo tudo, ela prosseguiu:

– A segunda equipe realizará simultaneamente uma modelagem de seu corpo. Eles remodelarão sua musculatura e farão a redistribuição da gordura. Serão acrescentados três centímetros em cada canela, para mudar sutilmente até mesmo a sua altura. Depois, eles apagarão todas as marcas de seu corpo e incluirão novas. E, ao final, vão modificar suas digitais. Finalizada a etapa cirúrgica, promoveremos uma sutil modificação gênica através da aplicação de substâncias químicas em sua corrente sanguínea.

Em meio à arrumação, Dante levantou um livro e disse:

– Os livros deste autor são muito bons. Vale a pena ler.

– Sobre o que ele escreve?

– Ele é bem eclético: escreveu principalmente sobre administração, filosofia e psicologia. Cada livro teve um enfoque diferente.

– Bacana!

– Ele era muito criativo – falou Dante e, com uma expressão reflexiva, comentou: – Inclusive, você tem algumas características em comum com ele.

– Qual, por exemplo?

– Ele tinha uma visão de mundo diferenciada desde novinho, como você.

– Qual é o nome dele?

– Dalton Cavalheri.

– Fale-me um pouco mais sobre ele.

– Ele nasceu em uma família muito humilde. Vivia em um local muito pobre, onde quase todo o trabalho era feito manualmente.

– Isso foi antes do começo da inteligência artificial?

– A tecnologia estava apenas em seu início.

– Entendi.

– Naqueles tempos, adquirir conhecimento era bem mais difícil. Dalton foi analfabeto até os vinte anos.

– Nossa! Que ruim!

– De fato. Mas, ainda assim, aos treze anos, ele já dizia coisas que chamavam a atenção de muita gente.

– Que tipo de coisas?

– Conceitos filosóficos sobre o mundo e a vida.

– Se ele chamava tanta atenção, como ninguém o ajudou a, pelo menos, estudar?

– Um senhor de classe média se impressionou tanto ao ouvi-lo falando que ofereceu, mesmo sem ter tantas condições assim, uma mesada razoável para a família, tendo como única exigência que o menino não precisasse mais trabalhar e fosse à escola.

– Que legal!

Após repensar, Davi retificou:

– Ou melhor, não é tão legal assim, pois já me disse que ele continuou analfabeto até a vida adulta. Como foi que isso aconteceu?

– O pai negou a ajuda. Ele não foi nada amigável com a oferta.

– E por quê?

– Ele não compreendia as ideias do filho. Achava que tudo não passava de besteiras.

Dante fez uma pequena pausa e, tentando induzir Davi a falar sobre seu pai, acrescentou:

– Infelizmente, muitas vezes, os pais não compreendem os filhos.

Dante jogou o comentário no ar e se calou, esperando que Davi fosse fispado pelo assunto. Após três segundos de silêncio, Davi comentou:

– Não vou falar sobre meu pai. Cuidado com o que pensa! Esqueceu-se de que eu posso ler pensamentos?

– Eu realmente pensei em seu pai, pois sei que ele não tem muita paciência para discutir assuntos de religião – disse Dante se esquivando

– Você continua com a expectativa de que o assunto ainda vingue. Isso não vai acontecer! Continue falando sobre Dalton. Se a única exigência do homem que tentou ajudá-lo era a de que ele estudasse, por que o pai negou a ajuda?

– O pai achava que o tal homem estava se aproveitando da inocência de seu filho para se aproximar e tirar vantagem da família de alguma forma.

– Como assim? Você me disse que a única exigência era a escola!

– Sim. Mas na cabeça do pai de Dalton, o dinheiro oferecido era apenas um pretexto utilizado para se aproximar da família.

– Nossa! Que estupidez!

– Não é bem assim. Ele vivia em um lugar repleto de golpistas e aproveitadores. Estava mais do que acostumado a ver oportunidades aparentemente maravilhosas que, no final, não passavam de pesadelos.

– Os famosos contos do vigário...

– Isso mesmo! Ele se acostumou a duvidar de tudo e de todos. Quanto mais generosa parecesse uma oferta, mais ele duvidaria das intenções.

– E como Dalton reagiu em relação à decisão do pai?

– Ele não teve chances de opinar. Não era assim que as coisas funcionavam.

– E como funcionavam?

– Ele apanhou até prometer que não falaria mais “besteiras” para os outros.

– Que injustiça! E ele parou de filosofar?

– Sim. Pelo menos até crescer.

– Que triste!

– Mas, apesar desse acontecimento, o próprio Dalton relata que foi muito feliz em sua infância e juventude.

– Continue contando o que aconteceu com Dalton – insistiu Davi.

– Aos vinte anos, ele trabalhava como pedreiro durante o dia e, à noite, dedicava-se a atividades da igreja que frequentava. Ele se tornou uma figura polêmica em sua comunidade por lutar com unhas e dentes para convencer os

pais a mandarem suas crianças para a escola. O mais incrível é que, mesmo sendo analfabeto, ele passou a dar aulas gratuitas de reforço em matemática dentro de uma sala cedida pela igreja.

– Mas como ele aprendeu matemática?

– Aprendeu o básico com o pai, pois isso era necessário para os pequenos negócios que faziam. Com o tempo, ele foi se aprimorando. Apesar de não saber ler, se alguém lesse um problema matemático em voz alta uma única vez, ele era capaz de resolvê-lo. Ele até mesmo fazia cálculos cuja complexidade exigia conhecimentos adquiridos em todo o ensino médio. E sabia explicar muito bem!

– Que interessante!

– Isso fez com que uma jovem professora que participava da igreja se interessasse em conhecê-lo. Ela ficou impressionada com a inteligência dele e se dispôs a ensiná-lo a ler e escrever.

– Não consigo me conformar que tenha demorado tanto para isso acontecer!

– Realmente, passou-se muito tempo antes que ele tivesse a oportunidade de aprender, mas aprendeu rápido quando teve oportunidade. Ele passou a devorar um livro atrás do outro, até que, pouco mais de um ano após começar a ler, resolveu escrever o seu próprio livro. Dalton jamais parou de desenvolver sua visão de mundo, de forma que tinha muitas ideias afiadas na mente, prontinhas para serem despejadas no papel. Demorou um ano e meio para que terminasse de escrever seu primeiro livro.

– E sobre o que ele escreveu?

– Ele tentou integrar filosofia e administração, com um foco impressionante. Simplesmente genial!

– Só de ouvir você falando, dá vontade de ler esse livro.

– Vale a pena! O livro é tão bom que ficou mundialmente conhecido em pouquíssimo tempo após ser publicado.

– Interessante! Como foi que ele conseguiu publicar?

– Além do talento, ele teve uma sorte extraordinária. Dalton começou a namorar a professora que o ensinou a ler. Ela corrigiu o livro e, reconhecendo o grande potencial de Dalton, decidiu repassar a obra a um de seus antigos professores, que ficou impressionado com a obra e a reencaminhou para o diretor da faculdade onde trabalhava. O diretor, um homem de grande credibilidade, indicou o livro para uma grande editora, que resolveu publicá-lo.

– É muita sorte mesmo!

– Mas nem tudo foi assim tão simples. Inicialmente, houve uma grande discórdia entre os chefes da editora. Eles concordaram que o material era de boa qualidade, porém, um deles dizia ser impossível publicar um livro com foco no mercado acadêmico que tivesse sido escrito por alguém sem nenhuma escolaridade.

- O que importa é a qualidade!
- O problema é que eles achavam que a maioria das pessoas poderiam não pensar dessa forma.
- E o que fizeram?
- Chamaram Dalton para conhecê-lo pessoalmente. Após um dia inteiro de conversa, resolveram investir no livro.
- E deu certo!
- Muito mais certo do que o esperado! A mídia ficou interessadíssima na história de vida de Dalton, de forma que a propaganda acabou sendo feita em larga escala, gratuitamente, pois ele foi convidado para inúmeros programas e reportagens. Assim, a fama, o reconhecimento e a riqueza foram conquistados muito rapidamente.
- E o que aconteceu depois?
- Dalton continuou escrevendo e estudando com afinco. Ele fez os testes para conseguir se formar no ensino médio, e então fez duas faculdades simultâneas, uma em Administração e outra em Psicologia.
- Legal!
- Legal mesmo! Nos nove anos seguintes, após conquistar a fama, ele publicou mais seis livros. Todos são grandes preciosidades! Este aqui foi o último deles e, em minha opinião, foi a obra-prima do autor.
- Também trata de administração integrada à filosofia?
- Não, este trata puramente de psicologia. É tão bom que ainda hoje é uma referência mundial entre os psicólogos.
- Você comentou que esse livro foi o último, certo?
- Sim.
- E, pelo que entendi, ele foi escrito apenas nove anos após a fama, correto?
- Exatamente.
- O que significa que, de acordo com o que compreendi de sua história, ele deveria ter em torno de 32 ou 33 anos.
- Foi mais ou menos isso.
- E por que ele parou de escrever?
- Ele morreu prematuramente aos 37 anos.
- Ele morreu de quê?
- Caiu da janela de um prédio.
- Mas, dos 32 aos 37 anos, ele simplesmente não escreveu mais nada? - Perguntou Davi
- Não.
- Por quê? Conte direito essa história!
- Infelizmente, ele acabou aderindo a diversos vícios, o que o levou a parar de

criar prematuramente.

Após suspirar, Dante complementou:

– A parte interessante da história já acabou. O resto não vale a pena.

– Agora, eu quero saber! – insistiu Davi.

– Depois de alguns anos de fama, ele começou a festejar e beber. Acabou adquirindo muitos vícios, que, infelizmente, atrapalharam muito a carreira dele.

– Sinto que quis me esconder alguma coisa. Não adianta me esconder nada, porque eu vou procurar a história na Internet!

Dante se surpreendeu com o comentário, pois ele realmente havia evitado falar sobre as traições na vida de Dalton.

– Não estou escondendo nada. Encurtei a explicação por não existir nada interessante no resto da história de Dalton.

– Conte-me como foi que ele entrou no mundo das drogas. Mas conte direito! Eu vou procurar a história de Dalton na Internet e não vou ficar contente se descobrir que não me contou tudo!

– Ele se casou com a professora que o ensinou a ler. O nome dela era Cláudia. Ela o manteve na linha por cinco anos, mas, no sexto, que correspondia ao último ano dos cursos universitários que ele estava fazendo, ele conheceu uma belíssima mulher, que o levou a frequentar festas e a beber...

– Hum! Já até imagino: ele traiu Cláudia com essa mulher!

– Sim.

Dante observou o quanto esse assunto mexia com Davi. Após a afirmativa, ficou em silêncio para ver como o menino reagiria.

– Péssimo! – comentou Davi.

Após olhar para baixo, Davi perguntou:

– Cláudia descobriu a traição?

– Sim.

– Como foi que ela descobriu?

– Isso eu não lembro.

– Sabe, sim. Ela o pegou na cama com a amante!

Mais uma vez, Dante foi surpreendido, pois ele sabia que era isso mesmo que tinha acontecido.

– Eles se separaram? – perguntou Davi.

– Sim.

– E depois?

– Depois, ele ficou com a mulher com a qual traiu a esposa, mas, três anos depois, foi a vez dele de surpreender essa mulher com outro.

– Não me surpreendo nem um pouco!

– Para ele, esse foi o começo do fim. Dalton abandonou essa mulher e

começou a participar de festas e adquirir vícios com o mesmo fervor que tinha antes para estudar e escrever.

– Mas continuou escrevendo?

– Continuou. Mesmo já em total decadência, ele ainda escreveu este que, para mim, é o mais genial de seus livros. É estranho como até mesmo as piores coisas podem gerar algo belo e grandioso: foi a dor da traição e a decadência que levou Dalton a perceber e observar coisas que serviram de inspiração para que escrevesse este último livro.

– Mas isso o destruiu! – afirmou Davi

– Totalmente. Ele começou a se envolver cada vez mais em escândalos. Teve problemas principalmente com drogas e mulheres. Ao terminar o último livro, ele também já estava totalmente acabado. A partir disso, não escreveu mais nada.

– Essa é a cópia perfeita da história de tantos famosos de todas as gerações!

– Exatamente. – concordou Dante

– E quanto à sua morte? Como foi que ele caiu do prédio?

– Dizem que estava bêbado, possivelmente drogado, dentro de um quarto de hotel com quatro mulheres que havia acabado de conhecer e, no meio da bagunça, caiu do vigésimo andar. A investigação foi concluída como acidente, mas alguns dizem que ele se matou, e outros afirmam que ele foi assassinado.

– De uma forma ou de outra, foi ele que se matou.

– Não entendi...

– Mesmo que tenha sido um acidente, ou que tenha sido assassinato, ele já estava indo por conta própria rumo à destruição.

– Isso é verdade!

Após uma pequena pausa, Dante emendou:

– É uma pena! Ele era um homem diferenciado, capaz de ver muito longe. Poderia ter contribuído muito mais para a humanidade. Perdemos prematuramente um grande gênio.

– Gênio?

– Sim!

– Tem certeza?

– Tenho.

– Pense bem: quanto mais permitiram que ele enxergasse longe, mais ele deixou, por conta própria, de ver onde seus pés o levavam. Ele caminhou espontaneamente em direção à escuridão, até estar completamente cego e sem rumo – expôs Davi, mostrando-se indignado. – O que há de genial nisso?

– É complicado. O ser humano é altamente capaz de ser inteligente e tolo ao mesmo tempo.

– Será mesmo? Ou será que, mais uma vez, seus conceitos de mundo estão deformados?

– Como assim?

– Eu é que pergunto: o que é inteligência para você?

– É difícil de definir.

– Não vai aprender nunca?

– O quê?

– Quando eu lhe perguntei o que é inteligência, você novamente não tentou lembrar e muito menos pensou em pesquisar o que a Bíblia ensina. Tudo o que veio em sua mente foram os preceitos deste mundo!

– Tem razão!

– Pegue a sua Bíblia.

Dante se levantou e logo voltou com a Bíblia na mão.

– Consegue lembrar o que a Bíblia lhe ensinou sobre inteligência? – perguntou Davi.

– A verdade é que agora não me vem nada à mente com relação ao assunto.

– Então, comece aprendendo o que não é inteligência. Procure em Coríntios 1, capítulo 3.

Assim que Dante encontrou o capítulo, Davi perguntou:

– Posso ver?

Após uma rápida olhada, ele acrescentou:

– Leia o versículo 19.

– “Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois diz a Escritura: ele apanhará os sábios na sua própria astúcia.” – leu Dante.

– Aplicando este ensinamento à história de Dalton, podemos perceber bem a insanidade da sabedoria dos homens: vencer na vida o levou a ser derrotado pela vida. Consegue compreender a diferença entre vencer “na” vida e vencer “a” vida?

– Vencer na vida certamente significa conseguir um espaço confortável em meio à sociedade, e vencer a vida...

– Trata-se de conquistar a si mesmo. Independente do que se tenha ou de onde esteja – complementou Davi, ao ver que Dante não encontrava as palavras.

Em seguida, Davi começou a explicar:

– Dalton venceu na vida, pois se tornou rico...

– ... mas, aos poucos, isto o fez pobre de espírito e de amor – emendou Dante.

– Ele ganhou fama e reconhecimento: subiu ao topo entre os homens...

– ... e caiu no mais profundo abismo de sua própria existência – Dante acrescentou mais uma vez.

– E os prazeres que ele encontrou? – perguntou Davi.

– Iscas das armadilhas da vida que o aprisionaram!

– Ele se tornou um imortal entre os homens...

Desta vez, o próprio Davi se calou, já esperando que Dante completasse. Após um segundo de reflexão, Dante arrematou:

– Mas provavelmente perdeu a alma.

– Exato! Eis aqui a grandiosíssima lição ensinada em Marcos, capítulo 8, versículo 36. Pode ler?

Depois de pesquisar, Dante leu:

– “Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vem a perder-se a si mesmo e se causa a sua própria ruína?”.

Depois de ler o trecho, Davi perguntou em tom de brincadeira:

– Você complementou com perfeição tudo o que eu estava pensando. Acaso também sabe ler mentes?

– Não – respondeu Dante, rindo.

– Que bom! Isso significa que compreendeu.

Houve um segundo de silêncio. Então, Dante, na tentativa de evitar que o assunto se esvasse, emendou a pergunta:

– Acha que os conceitos de vencer “na” vida e vencer “a” vida são opostos? Será que conquistar a um deles significa necessariamente renunciar ao outro?

– Claro que não! São conceitos independentes que, inclusive, podem perfeitamente andar lado a lado, mas o pavoroso ego humano tende a fazer com que os dois conceitos pareçam completamente incompatíveis.

– De que forma fazemos com que isso aconteça?

– Seguindo a grande sabedoria deste mundo.

– Não entendi.

– Eu comentei que Dalton caminhou espontaneamente para a escuridão. Por que ele fez isto?

– Não sei. Por quê?

– Porque até mesmo ele, que parecia ter uma visão tão revolucionária e genial, acabou aderindo aos conceitos deste mundo. Lembra-se de que eu lhe falei que isso acontece independente da capacidade intelectual?

– Lembro-me disso, sim. Só tenho uma dúvida.

– Qual?

– Imagino que, quando você fala dos conceitos deste mundo, esteja se referindo a conceitos do Diabo. É isso mesmo?

– Exato. Pense bem: se ainda acha que Dalton era genial, então é bom não se esquecer de que o Diabo é avassaladoramente mais inteligente que qualquer homem. Ele adora inventar significados para tudo, e os disponibiliza para que possamos aderir a eles livremente. Tais significados são aparentemente sábios,

belos e inofensivos. O problema é que, um após o outro, vão causando pequenas mudanças no caminho de nossas vidas. Entretanto, a soma deles nos leva, aos poucos, para a contramão da sensatez, e, como Dalton, são muitos os que, por contra própria, viajam velozmente em direção à autodestruição. Compreendeu?

– Não muito. Que significados são esses que o Diabo inventa?

– Qualquer um, começando pelos mais fundamentais. Já lhe falei um pouco sobre o envenenamento de nossa compreensão do que é o amor e sobre a distorção no entendimento do que é conceito e do que é preconceito. Acabamos de discutir rapidamente sobre o que é vencer na vida e sobre o que realmente é inteligência. Quando eu disse qualquer um, é qualquer um mesmo!

– Dê-me um exemplo de algo sobre o qual não falamos ainda – pediu Dante.

– O que é liberdade? E o que é felicidade? Preste atenção e vai ver que Dalton morreu principalmente por não observar o que a Bíblia tem a dizer sobre esses dois fundamentos.

– Eu concordo, mas sei que muitas pessoas responderiam à sua afirmação dizendo que a Bíblia é de difícil compreensão e que deixa espaço para muitas dúvidas e dupla interpretação.

– Muitas pessoas repetem isto irracionalmente, como se fossem meros papagaios treinados. Fazem isto como justificativa para a inércia frente à própria fé, seguindo cegamente mais um ensinamento que provém deste mundo: o de que ninguém é capaz de compreender a Bíblia. Esta é a justificativa na ponta da língua de muita gente para não tentar conhecer a Deus!

– Mas, e para aqueles que tentam ler a Bíblia e encontram dificuldades?

– Ai já é outra história. Renegar o conhecimento para a própria comodidade é uma atitude desprezível para alguém que se diz cristão, mas buscar a Deus e se deparar com dúvidas é perfeitamente normal. Eu diria até que é inevitável!

– E o que fazer frente a essa dificuldade?

– Me dê exemplos de suas dificuldades!

– Bem... agora não me lembro de nada.

– Eu espero até que lembre.

Dante ficou alguns segundos em silêncio, buscando algo em sua memória.

– Não consigo entender por que a Bíblia é tão obscura ao descrever a criação do mundo – disse Dante, mas logo em seguida, com uma expressão de desaprovção, emendou: – Sei que este foi um péssimo exemplo, mas não me veio nada de concreto à mente.

– É um ótimo exemplo – afirmou Davi. – Primeiramente, eu gostaria de alertar que as pessoas falam como se Deus tivesse que nos convencer a acreditar nele, quando, na verdade, somos nós que devemos demonstrar que merecemos participar do seu reino.

– É verdade, mas...

– Calma! Não terminei. Sobre a origem do mundo, o que tenho a dizer é que, se Deus tivesse o intuito de nos dar uma explicação científica, não teria escrito sobre isso em apenas algumas páginas da Bíblia, mas, sim, em longos compêndios que somente poderiam figurar na mais vasta das bibliotecas. O criador tem o objetivo de nos ensinar o caminho da salvação. Quanto à ciência, cabe a nós a desvendarmos. Essa é nossa tarefa!

– Mas a igreja já tentou impedir a ciência... – disse Dante querendo testar as reações de Davi

– Quem tentou impedir a ciência foi a estupidez dos homens. Nada na Bíblia subsidia isso. Da mesma forma, foi o homem que utilizou a ciência que provém de Deus para criar diversas abominações. A culpa é só dos homens, que deformam a perfeita ciência divina.

– Desculpe-me. Sei que falei besteira. Sei que não é porque alguém cometeu atrocidades supostamente em nome de Deus que devemos nos afastar dele, e que, da mesma forma, não vamos renegar a ciência por causa das besteiras dos homens. Também compreendo que a Bíblia não tem função científica, mas, às vezes, não consigo deixar de pensar que, mesmo em poucas páginas, seria bacana se nosso Pai tivesse dado uma pista mais palpável cientificamente.

– Eu já o alertei de que o Diabo é mais inteligente que qualquer homem. Porém, Deus é mais inteligente que qualquer Anjo ou Demônio. Então, devemos partir do princípio de que todas as decisões de Deus têm propósitos perfeitos, ainda que não consigamos enxergar isso com nossa inteligência limitada.

– E qual seria o propósito de escrever sobre a criação do mundo de uma forma tão misteriosa?

– Como eu vou saber? Não sou Deus!

Após uma risadinha, Davi agregou:

– Uma mera suposição é a de que, talvez, o objetivo divino tenha sido exatamente dizer a verdade sem que qualquer pessoa, de qualquer geração, fosse capaz de compreender a interligação científica, ao mesmo tempo em que pessoas de todas as gerações pudessem aprender grandes lições com os misteriosos relatos.

– Consegue imaginar um possível motivo para que esse fosse o objetivo?

– Não sei. Talvez porque Ele fizesse questão de não deixar informações científicas para que todas as gerações fossem guiadas apenas pela fé. Pense bem: se conseguíssemos comprovar a existência de Deus, ou se Ele aparecesse, seriam muitos os que se manteriam fiéis apenas por interesse na vida eterna. Já neste mundo, da forma que está, é somente por meio do amor e da pureza que alguém se manterá fiel a Deus. Nenhuma máscara subsistirá às seduções deste mundo.

– Faz sentido: esse pensamento explicaria por que a Bíblia, em nenhum

momento, trata de ciência de forma direta. Por outro lado, nossa ciência até é capaz de apontar para o esplendor da perfeição infinita, que podemos considerar ser o reflexo do criador, mas que não deixa nenhum vestígio que prove sua existência ou interferência direta na formação de tudo, e, inclusive, aponta para um ciclo autossustentável, em cujo bojo podemos escolher abandonar a crença em Deus.

– Exato! Não sei se este foi o motivo de Deus, mas independente de saber qual foi sua motivação, eu confio em sua inteligência infinita. É muito importante compreender que, para alguém que diz acreditar na Bíblia, não é nenhuma vergonha ter dúvidas. O vergonhoso é duvidar dela e, conseqüentemente, de Deus.

– Mas, e quanto às inúmeras divergências de interpretação entre as igrejas e até mesmo dentro de cada uma delas?

– É certo que existem entendimentos profundos de difícil alcance, interpretações complexas, mas a base necessária para nossa salvação é cristalina, pois a Bíblia foi escrita para os humildes. Aqueles que buscam conhecimento com humildade, não procurando entendimentos cômodos para os próprios interesses, herdarão o reino de Deus.

Mais uma vez, o assunto começou a se esvaír e, rapidamente, Dante retomou o assunto para evitar que ele findasse:

– Eu gostaria que falasse um pouco sobre algum entendimento fundamental que aprendeu com a Bíblia.

– Qual?

– Qualquer um!

– Escolha.

– Fale o que aprendeu sobre liberdade com a Bíblia.

– Aprendi que liberdade não é a ausência de regras, mas a ausência da vontade de quebrá-las.

– A Bíblia ensina isso?

– A Bíblia diz que somos livres, não é mesmo?

– Sim.

– Mas ela nos impõe regras!

– Correto.

– E como é possível ser verdadeiramente livre aprisionado a incontáveis regras? – perguntou Davi.

– Somos livres para escolher se queremos ou não segui-las! – respondeu Dante. – Ninguém é obrigado!

– É verdade, mas se não seguirmos as regras de Deus, não participaremos de seu reino. Dessa forma, alguém poderia dizer a você que Deus não aceita que sejamos verdadeiramente livres, pois, se fizermos isso, acabaremos condenados!

E aí, o que você responderia?

– Que eu precisaria pesquisar para poder responder.

– Ótimo! Resposta madura. Ficou óbvio que você não sabe o que responder, mas, por outro lado, também está claro que acreditou que a Bíblia seria capaz de te dar a resposta.

– E você, teria alguma resposta?

– Dessa vez, não vou falar sobre o que está escrito. Vou fazer diferente: vou falar sobre reflexões que devemos fazer. Criticar é sempre fácil; o difícil é buscar a compreensão.

– Pode ser.

– Primeiramente, eu diria que devemos compreender que as leis de Deus, frente a essa questão, não são diferentes das leis dos homens. Só existe liberdade em uma sociedade se houver limites, caso contrário, reprimiremos uns aos outros.

– Mas existe bastante diferença.

– Claro que sim! As leis de Deus são muito mais profundas: elas estão focadas no respeito a Deus, ao próximo e a si próprio. Somente elas são capazes de realmente garantir nossa liberdade.

– Como assim?

– Deus quer que sejamos livres, mas ele conhece as armadilhas deste mundo que são capazes de nos aprisionar. Então, criou regras que servem como bússola para não sermos enganados. Conclui-se, então, que as leis não são nossa prisão, mas a garantia de nosso livramento.

– Compreendo. Se Dalton tivesse seguido as regras da Bíblia, ele não teria trocado sua esposa por uma ilusão, nem teria se drogado ou se entregado a orgias e festas descontroladas que o levaram à escravidão de seu corpo e de sua mente.

– Exato! O mal, em sua astúcia, canta no ouvido dos sábios: você é inteligente, é autossuficiente, pode decidir livremente o que deve ou não fazer, o que pensar e por onde deve ou não andar. E então, com o pretexto de liberdade, nos convida a comer o queijo da ratoeira. Como fez Dalton!

– Gostei! Alguém realmente livre precisa respeitar os limites que protegem a própria liberdade. É isso que as leis de Deus significam – complementou Dante.

– Perceba que, para exercer a liberdade de forma segura e plena, só é necessário confiança, fé e fidelidade ao que Deus ensina. Não é preciso nenhuma filosofia genial, ou então que fiquemos fazendo interpretações mirabolantes, incluindo esta que estamos fazendo agora. Nós não precisamos compreender a fundo a motivação de todos os fundamentos e decisões de Deus, só precisamos confiar que Deus sabe o que faz e tem razões perfeitas para tudo o que nos exige.

– Começo realmente a compreender... – afirmou Dante, bastante pensativo.

– O quê?

– O que significa dizer que a Bíblia foi construída para os humildes de coração.

– E o que significa?

– Que nossa salvação requer muito mais fé do que astúcia.

– “Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois diz a Escritura: ele apanhará os sábios na sua própria astúcia.” – citou novamente Davi.

Logo após, o menino emendou:

– Já está na minha hora. Se eu me atrasar, minha mãe vai ficar muito brava.

– Só tenho mais uma perguntinha: você já afirmou acreditar que vencer “na” vida e vencer “a” vida não são conceitos obrigatoriamente opostos.

– Certo.

– Mas a Bíblia parece nos ensinar o contrário.

– Em que momento?

– Espere...

Dante começou a folhear a Bíblia rapidamente.

– O que está procurando? – perguntou Davi.

– Jesus pregou que a riqueza deste mundo e a salvação são incompatíveis.

– O que está procurando está em Lucas, capítulo 16, versículos 13 a 15.

– É bem esse o trecho a que me refiro – disse Dante, ao constatar que era isso mesmo que buscava.

– Então, leia.

– “Nenhum servo pode servir a dois senhores: ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de aderir a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro.”

– Acha que isso significa que não podemos ser ricos? – perguntou Davi.

– A princípio, foi o que entendi – respondeu Dante.

– Pense nisso nesta noite – recomendou Davi. – Amanhã, discutiremos o assunto.

– Amanhã é sábado... – comentou Dante.

– Eu pretendo dizer para minha mãe que estou gostando muito de vir aqui. Acho que ela vai deixar que eu venha por uma horinha. Se me permitir, é claro!

– Claro que sim! Vai ser um prazer.

– Com certeza, ela vai ligar para você. Convença-a!

Jamal e Hiroto trabalharam freneticamente durante todo o dia para pôr o novo

laboratório em ordem. Ao entardecer, começaram a planejar a tarefa mais macabra de suas vidas: esvaziar o subsolo do antigo laboratório. À uma hora da madrugada, os robôs que faziam o papel dos adultos dentro do laboratório começaram a passar de quarto em quarto acordando todos os clones. Todos, meninos e meninas, foram reunidos no maior dos refeitórios. E, sonolentas, sem entender o que acontecia, foram se sentando tão ordenadamente quanto possível para crianças dessa idade.

Os dois cientistas estavam claramente incomodados com a missão que teriam de realizar, mas Jamal não pestanejou e deu a ordem:

- Maria, elimine todos os clones do refeitório.
- Ordem negada. Confirmação necessária.
- Execute! – complementou Hiroto.
- É necessário confirmação de Esdras – informou Maria.

– O quê?! – estranhou Jamal, olhando para Hiroto. – Maria não foi reprogramada para obedecer apenas a nós dois?

– Sim – respondeu Hiroto, – mas o chefe me alertou que vinculou somente a ele algumas decisões de alta relevância.

– Eu compreendi que ficariam vinculadas a ele apenas as ordens que fossem relacionadas à vida de Davi, o que não é o caso.

– Eu compreendi da mesma forma, mas não estranho o equívoco. A hierarquia de todos os projetos costuma ser cuidadosamente planejada, mas, neste projeto, a liderança é alterada a todo o momento através de simples ordens verbais de Esdras, o que dá espaço a falhas de interpretação.

- E agora? – perguntou Jamal. – Já está muito tarde para incomodar Esdras.
- Espere. Deixe-me ver se encontro alguma alternativa.

Logo após o comentário, Hiroto perguntou:

- Maria, por que não obedeceu à ordem?
- É necessário confirmação de Esdras.
- Qual é a fundamentação para negá-la?
- Decisões que atingem a massa devem ser confirmadas por ele.

Após um segundo de reflexão, Hiroto perguntou:

- Podemos eliminar os clones individualmente?
- Com a concordância de ambos, sim. Somente Davi permanece sob proteção extraordinária. Qualquer tentativa de prejudicá-lo deve ser entendida como motim, e o autor da ordem será imediatamente destituído de suas atribuições e aprisionado.

Jamal olhou para Hiroto e decidiu:

– Se podemos eliminar os clones um a um, vamos em frente! Pegue a lista de nome dos meninos, que eu pegarei a das meninas.

Hiroto acessou a lista, mas a perturbação dele aumentou ainda mais. Ele perguntou:

– Não é melhor mandarmos todos para a cama e matá-los enquanto estiverem dormindo?

– Falta meia hora para a equipe de limpeza chegar. Não dá tempo!

– Vamos ao menos mandá-los para o quarto. Eles não vão perceber a morte dos colegas se estiverem cada um em suas camas no escuro.

– Mas, em compensação, vamos aumentar o trabalho da equipe de limpeza. É muito mais fácil retirar todos os corpos do refeitório.

– De uma forma ou de outra, eles vão estar todos mortos dentro de alguns minutos. Não vai fazer diferença nenhuma para eles!

– Tem razão. Vamos lá! – respondeu Hiroto.

– Eu também não gosto do que estamos fazendo, mas temos que pensar que demos a oportunidade para que eles vivessem bem pelo tempo que foi possível, e que infelizmente não podemos mais mantê-los. A segurança de Davi requer sacrifícios.

– Certo. Comece você – pediu Hiroto.

Quando o primeiro clone desabou sobre a mesa, iniciou-se uma enorme confusão, que aumentava à medida que cada novo corpo caía sem vida. Assistindo à confusão, os cientistas prosseguiram até que finalmente todos estivessem mortos.

Não tardou para que a equipe de limpeza chegasse, retirasse todos os corpos e robôs. Ao final dessa primeira etapa, Jamal e Hiroto foram para suas casas, enquanto uma segunda equipe começou a desmontar toda a estrutura do subsolo imediatamente.

Hiroto não conseguiu dormir nessa noite. Jamal dormiu, mas teve pesadelos a noite toda.

Longo dia

Gabriel tentou abrir os olhos, mas não conseguiu enxergar nada de concreto. Ele teve a sensação de ainda estar no subsolo com Eloir. Tentou olhar à sua volta, mas a escuridão era total e, em instantes, perdeu a consciência. Voltando a acordar, Gabriel pensou ter visto Jamal à sua frente, o que lhe gerou a terrível sensação de ainda ser prisioneiro no laboratório, mas sem que pudesse esboçar qualquer reação, tornou a apagar. Ao recuperar a consciência pela terceira vez, Gabriel continuava sem enxergar nada, mas escutou a voz suave de sua médica e, então, finalmente se lembrou de que estava no hospital. Também se deu conta de que não conseguia enxergar por estar com os olhos vendados. Beirando o delírio, ele respondeu a algumas perguntas e, mais uma vez, voltou a adormecer. Na quarta vez em que acordou, Gabriel já estava em um quarto confortável, não tinha mais vendas nos olhos e sua consciência finalmente se normalizou.

– Olá. Está se sentindo bem? – perguntou a enfermeira que o acompanhava.

– Dor de cabeça – disse ele, com uma voz tão diferente da sua antes da cirurgia que ele chegou a se assustar.

A enfermeira aplicou uma medicação no soro e disse:

– Pronto. Já vai passar.

Gabriel colocou as pontas dos dedos suavemente em sua face e percebeu que estava todo enfaixado.

– Não mexa aí! – ordenou a enfermeira.

– Cadê a doutora?

– Ela vem mais tarde, só depois de terminarmos seu tratamento intensivo de recuperação.

– Que horas são?

– Oito e vinte da manhã. Vou aplicar uma dose extra de nanorrobôs para acelerar a sua recuperação. Se sentir algum mal-estar, me avise.

– Espere aí! Que nanorrobôs são esses? Qual a sua classe e a bioativação?

– Quem definiu isso foi a doutora Florence, não se preocupe – disse a enfermeira, aplicando a dose.

– Eu tenho meus direitos de paciente! – esbravejou Gabriel.

– Eu só sigo ordens. Se quiser, reclame para Florence.

Gabriel não sentiu nenhum mal-estar, mas causou uma bela dor de cabeça na enfermeira que o acompanhava. Florence chegou ao meio dia, duas horas antes do planejado, pois metade do hospital já tinha ligado para ela reclamando de Gabriel.

– Boa tarde – disse Florence, após entrar no quarto.

– Que demora! – reclamou Gabriel.

– De nada adiantaria eu ter vindo mais cedo, pois seu tratamento ainda não estaria concluído. Na verdade, o ideal é que ficasse aqui pelo menos mais umas duas horas. Antecipei-me porque ninguém está suportando você!

– Já posso ir?

– Vamos ver! – respondeu Florence. – Enfermeira, retire o soro e pode sair.

– Com o maior prazer! – disse a enfermeira, que não tardou a ir embora.

– Mexa os dedos do pé! – ordenou Florence.

A médica foi realizando um exame clínico após o outro.

– Abra e feche as mãos! Segure meu braço! Aperte com força!...

Florence escaneou o rosto e os tornozelos de Gabriel e, enquanto ela analisava os dados em seu computador, o cientista não se conteve e pediu:

– Posso ver?

– Não! Trate de se portar como paciente. Já causou muitos problemas hoje.

Alguns minutos depois, ela concluiu:

– OK. Tudo certo.

– Já estou liberado?

– Como médico, sabe muito bem que não pode retirar a máscara de proteção de seu rosto, não é mesmo?

– Claro que sei!

– Ótimo! Não seja teimoso e deixe-a aí por dois dias. Entendido?

– Tá! Tá! Estou liberado ou não?

– Está, sim. Inclusive, há uma mulher o aguardando lá fora.

– Deve ser minha carona – brincou Gabriel.

– Com certeza.

Florence pegou uma bolsa, aproximou-se de Gabriel e disse:

– Leve esta bolsa. Aí estão todos os remédios que precisa tomar, com seus respectivos horários anotados.

Ela franziu as sobrancelhas e o repreendeu:

– Não ouse querer substituí-los sem falar comigo!

– Tudo bem.

– E não saia ao sol sem utilizar óculos escuros, pelo menos até o fim do mês!

– Certo. Mais alguma coisa?

– Quero que agende uma consulta para a semana que vem. Não importa que esteja se sentindo bem, ou que ache que pode se analisar sozinho. É para voltar!

– Voltarei.

– Caso tenha alguma reação, ligue para mim. Não se automedique! Também não deve fazer esforço físico demais até que eu lhe dê alta definitiva.

– Eu sei!

– Sei que sabe, mas não custa reforçar. Falando nisso, devo lembrá-lo de que não pode ingerir bebida alcoólica e que deve descansar bastante.

– Está me irritando!

– Só estou fazendo meu trabalho.

– Muito obrigado. Fez um ótimo trabalho.

Florence deu uma risadinha.

– O que foi? – perguntou Gabriel.

– Se tivesse visto seu novo rosto, não sei se diria que fiz um bom trabalho. Espere só para ver sua feiura, aí vai mudar de ideia.

– Confio em seu bom trabalho.

Após um aperto de mãos, ambos se encaminharam para a porta de saída.

Assim que Gabriel chegou à recepção, uma mulher veio se apresentar:

– Boa tarde, senhor Manoel. Eu me chamo Rayssa. Fui encarregada de levá-lo para casa.

Gabriel ficou desorientado ao ouvir seu novo nome. Foi ele mesmo quem o escolheu, mas, nesse momento, soou de forma estranha para ele.

– Tudo bem, senhor Manoel?

– Sim. Só tenho que me acostumar com meu novo nome. Escolhi Manoel por ter sonoridade parecida à de Gabriel e, assim, poderia ser mais fácil me acostumar a ele, mas, agora, ouvindo, é bem estranho!

– Já cuidei de outras pessoas na mesma situação. Todos estranham, mas normalmente se acostumam rápido. Quanto mais ouvir seu novo nome, melhor. Tem alguma pergunta que queira fazer, senhor Manoel Alves?

– Credo! Não gostei muito do Alves. Dá para trocar? – disse ele, em tom de brincadeira.

– É um belo sobrenome. Foi escolhido por ser simples. Vai se acostumar a ele.

– Bem, agora deu até medo de ver como vai ser meu rosto.

– Por quê? Acaso não o escolheu?

– Não.

– Corajoso!

Após a resposta, Gabriel deu um sorriso amarelo e perguntou:

– Para onde vou?

– Para sua casa! Vamos andando enquanto eu explico.

– Quero falar com Taylor o mais rápido possível.

– Não se preocupe. Assim que chegar à sua casa, ele entrará em contato.

– Ótimo!

No caminho, Gabriel sanou todas as suas dúvidas e ainda houve bastante tempo para pensar. Ele assumiu para si mesmo definitivamente: agora ele era

Manoel!

Manoel “nasceu” com direito a ter fisionomia, documentos e até mesmo uma história de vida própria. Taylor inventou uma promissora carreira para ele; inclusive, estava supostamente sendo promovido. Além disso, sua nova residência seria em um condomínio na cidade italiana de Catânia.

Rayssa mostrou toda a casa. O local era bellissimo. Manoel via tudo com certa simpatia e, ao mesmo tempo, com um terrível sentimento de melancolia.

Assim que Rayssa foi embora, Manoel foi ao banheiro. Ele parou à frente do espelho, olhou para seu rosto coberto pela máscara protetora e mergulhou em um inexplicável sentimento de vazio, que se materializou em um sentimento de dor. Ele saiu do banheiro e deitou na cama. Então, subitamente, o vazio de sua mente foi preenchido por lembranças de Abéli, o que apertou ainda mais seu coração.

– “Será que ela está mesmo morta?” – perguntava-se em pensamento. – “Não! Ela não pode estar morta!” – afirmava para si mesmo.

Manoel voltou a si quando o vozeirão de locutor da inteligência artificial da casa o alertou de uma ligação de Taylor.

– Olá, Manoel, o que achou de sua nova casa? – perguntou o empresário, assim que foi atendido.

– Tristemente bela – respondeu Manoel, sem pensar.

– É tão ruim assim? Achei que iria gostar!

– Gostei, mas não me sinto em casa.

– Vai se acostumar.

– Tem notícias de minha colega? – perguntou Manoel subitamente, incomodado pela dor que sentia.

– Calma! Estamos investigando.

– Investigue mais rápido. Eu o recompensarei.

– Com o quê?

– Nada de promessas. Apenas saiba que saberei ser grato se demonstrar celeridade.

– Tudo bem. Vou ver o que é possível fazer.

– Mudando de assunto: eu esqueci meu computador pessoal na sua casa... – começou a dizer Manoel.

– Obviamente, foi destruído. Não sobrou quase nada inteiro lá dentro – respondeu Taylor imediatamente.

– Eu tenho um e-mail com acesso vinculado apenas a esse computador. Pode me arranjar alguém bom o suficiente para me ajudar a recuperar as informações?

– Não deve tentar acessar nada relacionado à sua antiga vida. Pode ser muito perigoso.

– Eu sei. É por isso que estou pedindo ajuda.

– Até mesmo com ajuda profissional pode ser perigoso. Esqueça isso, que é melhor para você!

– É muito importante. Não há tanto risco, pois se trata de um e-mail especial, que copiava e centralizava todas as mensagens de meus outros e-mails. Ele é um sistema que acredito ser bem seguro. Eu utilizava alguns mecanismos de segurança antirreconhecimento digital...

– O que há de tão importante nesse e-mail que valha o risco?

– É particular. Se não me ajudar, mais cedo ou mais tarde, vou tentar recuperar os acessos por minha conta.

– Não é assim que a coisa funciona! Você quer me pôr em risco o tempo todo! Isso não é nada bom! – disse Taylor, demonstrando grande indignação. – Não é assim que a coisa funciona!

– Arranje alguém de sua confiança para me ajudar. Se não for seguro, não levarei adiante o procedimento. E, depois, pode descontar a despesa do meu salário. Tem que entender que, antes de esquecer minha outra vida, tenho que terminar de enterrá-la! Vai ter que ser paciente!

– OK. Vou mandar alguém aí para ver isso, mas, se houver riscos, espero que realmente desista!

– Desistirei.

Após uma rápida pausa, Manoel falou:

– Tem mais uma coisa.

– O que é? – perguntou Taylor, mostrando-se impaciente.

– Falando em salário, eu preciso de um adiantamento.

– Vou depositar alguma coisa em sua conta.

– Peça que seja rápido, pois amanhã já vou começar a procurar uma nova casa para alugar. Vou precisar de dinheiro para resolver isso.

– Fique aí, seu chato! Deixe de ser ingrato! Essa casa, de certa forma, é um presente. Não vou cobrar aluguel, e a mobília é sua.

– Não gosto de morar em condomínios.

– Ao menos, teste viver aí! Escolhi esse condomínio por ele ser especial. Vai proporcionar a você melhor qualidade de vida e oportunidades profissionais. Claro que não fiz isso por gentileza: seu bem-estar pessoal me interessa, já que pessoas satisfeitas são mais produtivas.

– O que este condomínio tem de especial?

– Sua vizinhança é composta por pessoas de altíssimo nível intelectual. Eu sou o dono de todas as casas. Ninguém aí paga aluguel, pois são todos meus funcionários. Faço questão de bancar os custos para mantê-los reunidos. Essa proximidade costuma render bons frutos profissionais.

– Já morei em um lugar assim e odiei. Foi o local onde conheci as pessoas

mais detestáveis da minha vida!

– Eu copiei de Esdras esse modelo de condomínio, mas aperfeiçoei bastante o padrão de convivência. Explore antes de criticar! Todos aí obedecem a regras que garantem privacidade.

– Que tipo de regras?

– A principal regra é não se intrometer na vida alheia. O lema do condomínio é a discricção total, de forma que aquilo que diz respeito à vida de um novo membro deve se limitar ao espaço social do condomínio, ou seja, tudo o que fez ou fizer fora daí, ou mesmo no interior de sua casa, ninguém vai nem ao menos perguntar. O resto, convido-o a conhecer por conta própria!

– Certo. Vou ficar aqui, pelo menos por alguns dias. Ainda assim, preciso de um adiantamento.

– OK. Isso não é problema.

– Afinal, quanto vou ganhar?

– Antes de saber quanto vai ganhar, precisamos descobrir o que vai fazer.

– Me dê alguns dias para eu me adaptar.

– É claro – respondeu Taylor. – Considere-se em licença saúde.

– E quanto ao adiantamento, dá para depositar ainda hoje?

– Tá!

– Quanto?

– Não se preocupe, depositarei um valor considerável.

– Obrigado.

– Espero que saiba recompensar toda essa mordomia.

– Sabe que vou valer a pena.

– Vou pedir para que alguém o visite ainda hoje para ver se é possível recuperar seus dados. Ou melhor: tem um ótimo engenheiro de comunicações que mora aí no condomínio. Vou ver se ele pode passar aí imediatamente.

– Perfeito!

Com a permissão de Sofia e a anuência de Dante, Davi foi à casa do psicólogo mais cedo do que nos dias de meio de semana: chegou às quatro horas com a promessa de que às cinco voltaria para casa.

– Olá – disse o psicólogo, ao avistar Davi chegando.

Davi entrou e, após cumprimentar Dante, prontamente perguntou:

– E então? Encontrou alguma solução para sua dúvida sobre os conceitos de “vencer a vida” e “vencer na vida” serem ou não obrigatoriamente opostos?

– Sim, mas não me sinto satisfeito.

– Por quê? – perguntou Davi.

– Parece que falta algo a ser compreendido – disse Dante, com sinceridade, mas, ao mesmo tempo, respondeu dessa forma porque sabia que estimularia Davi a dar explicações.

– Qual é seu entendimento até aqui?

– Partindo do versículo que já tínhamos comentado, em que Jesus diz que “nenhum servo pode servir a dois senhores: ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de aderir a um e desprezar o outro”, e depois acrescenta: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro”, eu encontrei como complementação a famosa passagem de Mateus, capítulo 19, versículos 23 e 24, onde Jesus diz aos seus discípulos: “Em verdade vos declaro: é difícil para um rico entrar no Reino dos céus! Eu vos repito: é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus.”

– E o que foi que concluiu?

– Minha conclusão está escrita com perfeição em outro versículo da Bíblia. Na Primeira Carta a Timóteo, capítulo 6, versículos 9 e 10, o apóstolo Paulo diz o seguinte: “Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas aqueles que ambicionam tornar-se ricos caem nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos, que precipitam os homens no abismo da ruína e da perdição. Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. Acossados pela cobiça, alguns se desviaram da fé e se enredaram em muitas aflições”

– E então?

– E então o quê?

– O que concluiu?

– Minha conclusão é exatamente o que está escrito nessa passagem que acabei de ler: “aqueles que ambicionam tornar-se ricos caem nas armadilhas do demônio...”

– E o que isso significa?

– Me parece que as riquezas deste mundo são incompatíveis com o caminho de Deus.

– Errado! Está certo ao compreender que a Bíblia é translúcida ao nos mostrar os terríveis males do amor ao dinheiro, mas sua conclusão está incompleta, o que faz ter uma visão limitada e, de certa forma, errada!

– Não vejo como isso seja possível – afirmou Dante, satisfeito por perceber que tinha conseguido fazer com que Davi começasse a se expressar.

– Você compreendeu que a Bíblia condena o amor pelas riquezas deste mundo e, a partir disso, fechou a mente e procurou outros versículos que comprovassem a sua interpretação. Ao focar em provar o que você acreditou ser a verdade,

tornou-se cego para perceber a real amplitude do que a Bíblia ensina. Lembra da parábola dos talentos?

– Sim.

– Então, conte-a.

– Espere.

Dante pegou sua Bíblia e começou a folheá-la.

– Não quero que você leia! – disse Davi.

– Por que não?

– Além de ser fácil de lembrar, essa parábola é muito importante. Quero que a conte com suas próprias palavras, da forma que lembrar. Isso vai ajudá-lo a fixá-la.

– Tudo bem – disse o psicólogo, fechando a Bíblia. – Resumidamente, conta a história de um senhor que, ao se ausentar, deixou a seus servos quantidades de dinheiro. Quando ele voltou, um dos servos que havia ganhado cinco talentos os havia multiplicado e devolveu dez talentos; outro, que havia ganhado dois talentos, multiplicou-os e devolveu quatro. O senhor disse a esses dois que eles haviam sido bons e que, agora que tinham sido fiéis no pouco, a eles seria confiado o muito. Mas, para o último dos servos, que havia ganhado apenas um único talento e o enterrou até que seu mestre voltasse, tendo então devolvido apenas o que havia ganhado, foi-lhe dito que ele era ruim e preguiçoso, e, logo em seguida, foi expulso do Reino do Senhor.

– Jesus falou que o Reino dos Céus se compara a essa parábola. Como a compreendeu? Quem são os personagens?

– Interpreto que o senhor da parábola representa Deus, os servos somos nós, e os talentos, acredito que sejam nossos dons.

– E qual é a lição da parábola?

– Nos ensina que temos que utilizar nossos dons para evoluirmos e sermos produtivos.

– Certíssimo! Mas, se tudo o que temos é dom de Deus, será que isso não inclui conquistar riquezas?

– Não acho que os talentos tenham uma conotação financeira. Ser produtivo não implica necessariamente em enriquecer.

– Gêneses, nos capítulos 37 a 50, relata a história de um homem chamado José, que foi vendido como escravo para o Egito, mas ele tinha um grande dom: tudo em que ele trabalhava se tornava próspero. Utilizando esse dom, ele acabou se tornando o segundo homem mais rico e importante do Egito, com a explícita bênção de Deus

– É, lembro-me desta história, apesar de ainda não ter começado a ler o Velho Testamento, pois estou relendo o Novo.

– O Novo Testamento, sem dúvidas, é o melhor pontapé para a busca a Deus.

Faz bem em ler e reler todo ele, mas é somente conhecendo a Bíblia em sua totalidade que poderemos solidificar os nossos conceitos. Leia o que está escrito em Eclesiastes, capítulo 3, versículo 13.

Dante procurou e leu:

– “Comer, beber e gozar do fruto de seu trabalho é um dom de Deus”.

– E então? Nossas riquezas e capacidades de gerar riquezas são ou não dons de Deus?

– Algo ainda não se encaixa. Há uma certa contradição... – comentou Dante, esperando induzir Davi a continuar explicando.

– Não há contradição. Nossa missão neste mundo é evoluir de todas as formas possíveis: nas ciências, nas finanças, nas relações pessoais...

– Então, por que a Bíblia possui mensagens tão contundentes de condenação aos ricos?

– Vamos chegar a esta resposta, mas, primeiro, quero que me responda o seguinte: acha justa essa missão de evoluir, frente às diferenças de oportunidades que este mundo fornece? Será que as pessoas possuem as mesmas condições para evoluir?

– É justo, pois a parábola deixa claro que cada um será cobrado proporcionalmente ao que ganhou de Deus. Nossas oportunidades são diferentes, mas a cobrança também será individualizada.

– Isso mesmo! Quem ganha menos, deve menos, o que não elimina a possibilidade de sermos grandiosos com pequenos atos. Falta de grandes oportunidades não é desculpa para a inércia frente à fé. Por outro lado, quem ganhou muito de Deus não tem o direito de achar que não deve nada a ninguém. Deve, sim! Eis aqui um iluminado ensinamento que nos mostra que jamais devemos nos comparar ao próximo, pois duas pessoas que viverem exatamente da mesma forma podem ser cobradas pelo Pai de forma diferente.

– Entendo: somente Deus sabe o que deu e o que esperava de cada um de nós.

– É bom lembrar também que devemos estar atentos para o fato de que os pesos e medidas que agradam aos olhos de Deus costumam ser completamente diferentes daqueles que os homens apreciam. Um ótimo exemplo dessa diferença está na passagem que descreve Jesus em uma sinagoga observando as doações que eram feitas. Lembra-se dessa passagem?

– Sim.

– Então, conte-a.

– É relatado que Jesus sentou-se na frente do cofre do templo e começou a observar as doações que o povo fazia. Dentre esses doadores, alguns depositaram grandes quantias. Até que chegou uma pobre viúva, que doou uma quantidade de dinheiro considerada insignificante. Jesus chamou seus discípulos e explicou-lhes que essa senhora tinha doado mais do que todos, pois todos lançaram do que tinha

de sobra, mas ela deu tudo o que tinha para seu próprio sustento.

– A pureza contida no ato silencioso e sem pretensões dessa mulher corresponde a um magnífico exemplo de grandeza e bondade – disse Davi. – Para mim, esse acontecimento representa uma das maiores demonstrações de amor a Deus contidas na Bíblia!

– Realmente, é um belíssimo ensinamento para todos nós!

– Agora, antes de voltarmos a falar sobre a parábola dos talentos, gostaria que relembresse também a parábola dos vinhateiros, pois, de certa forma, elas se complementam. Lembra-se dessa parábola?

– Sim, mas não o suficiente para relatá-la sem ler.

– Então, leia – consentiu Davi.

Dante, agora com bastante desenvoltura com a Bíblia, encontrou a parábola rapidamente e leu:

– “Um homem plantou uma vinha, arrendou-a a vinhateiros e ausentou-se por muito tempo para uma terra estranha. No tempo da colheita, enviou um servo aos vinhateiros para que lhe dessem do produto da vinha. Estes o feriram e o reenviaram de mãos vazias. Tornou a enviar outro servo; eles feriram também a este, ultrajaram-no e despediram-no sem coisa alguma. Tornou a enviar um terceiro; feriram também este e expulsaram-no. Disse então o senhor da vinha: Que farei? Mandarei meu filho amado; talvez o respeitem. Vendo-o, porém, os vinhateiros discorriam entre si e diziam: Este é o herdeiro; matemo-lo, para que se torne nossa a herança. E lançaram-no fora da vinha e mataram-no. Que lhes fará, pois, o dono da vinha? Virá e exterminará estes vinhateiros e dará a vinha a outros.”

– Ótimo. Como interpreta essa passagem? – perguntou Davi.

– O dono da vinha é Deus, a vinha é o mundo, os vinhateiros são os ricos e poderosos que comandam este mundo, os servos seriam os profetas, e o filho do senhor da vinha é o próprio Jesus.

– Perfeito! Agora, veja que, na parábola dos talentos, o servo que não multiplicou os talentos é considerado ruim. Então, como acha que serão vistos aqueles que se acham os donos do mundo, os tais vinhateiros, que utilizam os dons que ganharam de Deus contra o próprio Deus?

– Serão considerados muito ruins – disse Dante, calando-se de propósito logo em seguida para induzir Davi a comentar.

– Este é o grande mal do amor ao dinheiro: a sensação de se sentir dono e de ter poder faz com que nos tornemos gananciosos e egoístas. O ego inflado nos leva a cometer terríveis abominações para manter e aumentar nossas riquezas a qualquer custo, e nesse caminho, são muitos os que passam a utilizar seus dons contra Deus. É por isso que este mundo é como é. Como disse Pedro: a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro.

– Então, mais uma vez, estamos confirmando a condenação a riquezas?

– Calma! Agora vamos começar a conciliar tudo o que lemos. Para isso, quero que leia São Lucas, capítulo 12, versículos 42 a 46.

Dante leu:

– “Qual é o administrador sábio e fiel que o senhor estabelecerá sobre os seus operários para lhes dar a seu tempo a sua medida de trigo? Feliz daquele servo que o senhor achar procedendo assim, quando vier. Em verdade vos digo: confiar-lhe-á todos os seus bens. Mas, se o tal administrador imaginar consigo: Meu senhor tardará a vir, e começar a espancar os servos e as servas, a comer, a beber e a embriagar-se. O senhor daquele servo virá no dia em que não o esperar e na hora em que ele não pensar, e o despedirá e o mandará ao destino dos infiéis.”

– Essa passagem deixa claro que a existência de lideranças faz parte da sociedade. A Bíblia certamente não nega ou condena isso, até porque é impossível que este mundo fosse regido de outra forma. Concorda?

– Claro!

– Então, se é necessária a existência de lideranças, também é obvio que essas pessoas vão acumular riquezas e ter poder. Certo?

– Correto.

– Se é assim, é obvio que acumular riquezas não pode ser condenável por si só! Essa passagem nos comprova isso ao dizer que os administradores fiéis a Deus herdarão a vida eterna. Também já confirmamos isso ao relembrar a história de José, que se tornou o segundo homem mais rico e poderoso do Egito, com toda a bênção de Deus.

– Sim. Inclusive, o próprio José foi um ótimo exemplo do que é ser um administrador sábio e fiel como este versículo de Lucas cita. Lembro que, com sua administração, ele salvou o povo de dentro e de fora do Egito nos tempos de fome – comentou Dante. – Agora compreendo a diferença!

– O que compreendeu? – perguntou Davi.

Dante se colocou em uma situação em que não queria estar, pois sempre desviava o foco da conversa de si para deixar Davi se expressar e tecer as conclusões, mas, ao mesmo tempo, tinha adquirido real interesse na conversa, de tal forma que, por um segundo, esqueceu o foco da análise. Ele ficou em silêncio por um segundo em busca de uma solução para não fazer a conclusão, mas Davi complementou:

– Não adianta mais tentar fugir das respostas! Não ouse tentar se esquivar e deixar para que eu responda, pois vou ficar muito decepcionado!

Dante se surpreendeu com o comentário e resolveu que o melhor caminho era responder com sinceridade:

– Hoje, no início de nossa conversa, eu disse ter entendido que as riquezas são

condenadas na Bíblia, mas, quando eu afirmo isso, eu sempre estava me lembrando de uma passagem que me mostra, exatamente como você me alertou, que há algo de errado em minha interpretação, ou ao menos algo faltante em meu entendimento.

– Que passagem é essa? – perguntou Davi.

– Primeira Carta a Timóteo, capítulo 6, versículos 17 a 19.

Dante encontrou o trecho na Bíblia e leu:

– “Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos. Que façam o bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis. Que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna”.

– Não me lembrava dessa passagem – disse Davi. – Ela também deixa claro que é possível obter riquezas e ser cristão!

– Exatamente! Agora compreendi que não existe contradição em afirmar isso, pois ficou claro para mim que o objetivo de nossas vidas realmente é evoluir em tudo: nas ciências, nas relações interpessoais e até mesmo em riqueza, mas é preciso que nossa motivação em todas as situações seja a glorificação a Deus. Como cristãos, temos que saber que nada nos pertence, que tudo é dom de Deus, e que devemos prestar contas a ele. Nosso papel é agir como administradores honestos, justos e bondosos.

– Exato! Um verdadeiro cristão jamais mergulhará na soberba dos ricos, pois eles sabem que são apenas administradores dos bens de Deus. Já para aqueles que se sentem ricos e amam o dinheiro, vale a severa repreensão da Bíblia, que deixa bem claro o quão perverso é esse amor, que é completamente incompatível com o caminho até Deus.

– Entendo. Por amor a Deus, podemos e devemos acumular e redistribuir riquezas, mas quem tem amor ao dinheiro já não será mais capaz de servir a Deus, pois quer para si próprio o que é dom divino.

– Relembrando que, quanto mais oportunidades ganhamos, mais devemos a Deus. De forma alguma algum cristão cheio de posses pode achar que a esmolinha que dá de vez em quando é suficiente. É preciso muito mais dedicação do que isso para poder se dizer um administrador de Deus. É importante alertar também que essa esmolinha a que me refiro não se mede em valores aos olhos dos homens, mas, sim, aos olhos de Deus: há ricos que doam quantidades consideradas imensas em valores pelos homens, mas que não passam de trocados aos olhos de Deus frente ao que essas pessoas são capazes de produzir, em termos absolutos. É por isso que um milhão doado por um bilionário pode ser considerado um “trocadinho” em comparação com um centésimo desse valor,

se doado por alguém de poucas posses. Nunca podemos nos esquecer de que a medida de Deus é individual, ou seja, diferente para cada um!

– Mas um bom administrador também pode usufruir do que conquistou, certo?

– Claro que sim! Todo trabalhador tem o direito de usufruir do fruto de seu trabalho. Devemos atentar, porém, para o fato de que viver com conforto é uma coisa, desperdiçar e esbanjar é outra completamente diferente.

– Como saber quais são os limites?

– Os limites estão mais relacionados ao caráter do que à questão monetária propriamente dita. Por isso, a melhor forma de diferenciar não é observando como se gasta o dinheiro, mas, sim, como e por que se vive!

– Mas uma coisa não está diretamente vinculada à outra? Quer dizer, ter esse caráter cristão não implica em gastar com sabedoria?

– Sim, mas não é porque um administrador fiel a Deus fez algo que pareça extravagante que ele vai ser condenado. Entende?

– Acho que sim – disse Dante, induzindo Davi a se explicar.

– Um exemplo: imagine um rico que tenha comprado um carro extremamente caro para se engrandecer aos olhos de seus vizinhos e da sociedade. Isso não é muito nobre, certo?

– Aos olhos de Deus, certamente não.

– Um dos melhores termômetros para medir o tamanho do amor ao dinheiro é exatamente observando a necessidade que um ser humano tem de se engrandecer aos olhos do próximo.

Davi fez uma pequena pausa e continuou falando:

– Mas, agora, imagine que um administrador fiel a Deus, muito bem-sucedido, tenha resolvido gastar exatamente o mesmo valor do carro do rico para comprar um veículo de última tecnologia, focado na ampla segurança que o automóvel vai proporcionar à sua família, além do conforto, é claro! Digamos que esse valor seja exorbitante para a maior parte da sociedade, mas corresponde a um valor ínfimo perto de tudo o que esse homem fez por amor a Deus. Neste caso, acha a atitude dele condenável?

– Com certeza, não!

– Mais um exemplo: acha que alguém que contrate dez empregados para cuidar de uma casa esteja esbanjando?

– No mínimo, é exagerado.

– Mas ele está distribuindo renda para dez famílias. Se essa pessoa pode manter isso facilmente, que bom! Ruim de verdade seria se ele deixasse de contratar esses dez funcionários e gastasse o equivalente ao salário de dez anos de todos eles em uma festinha fútil.

– Realmente. E olha que isso acontece corriqueiramente!

– É claro que se alguém mantém dez funcionários apenas para se

engrandecer aos olhos dos homens, então, ainda que implique em redistribuição da renda, não haverá nenhuma honra perante Deus. Agora, entende que não se trata exatamente de valores, mas, sim, da consciência por detrás de cada gasto? – perguntou Davi.

– Sim.

Após a resposta, houve um segundo de silêncio. Então, Dante percebeu que estava na hora de responder de forma mais concreta para demonstrar seu entendimento e, ao mesmo tempo, incentivar Davi a continuar explicando:

– Um administrador de Deus vive para Deus e pensa nele em todas as decisões. Já um homem rico vive para si mesmo e, além de esbanjar para se sentir altivo e para se engrandecer aos olhos da sociedade, a maioria não se importa em massacrar seus subordinados e explorar toda a sociedade da forma que for possível.

– Exatamente – ratificou Davi, com empolgação. – Podemos concluir assim: os homens que enriquecem de forma ilícita ou imoral são como os vinhateiros que usurparam o que é de Deus e se voltaram contra ele, matando seus servos e até mesmo seu filho. Já os homens que enriquecem licitamente, mas vivem para si, são como alguém na parábola dos talentos que ganhou muitos “talentos”, mas não produziu nada para Deus, apenas buscou a própria comodidade com o que não lhe pertencia. Esses também não cumpriram seus papéis perante o Senhor: pecaram pela inércia, e encontrarão sua perdição em seu egoísmo. Em ambos os casos, essas pessoas correspondem às que escolheram amar e servir ao dinheiro, e são elas, direta e indiretamente, as mantenedoras de toda a desigualdade e injustiça deste mundo. Mas aqueles que tinham capacidade de enriquecer, e enriqueceram glorificando a Deus, e se tornaram administradores sábios e fiéis, preconizando um mundo melhor e mais justo, esses, sim, cumpriram suas missões. Eles descobrirão que o que tiveram aqui, na verdade, não significava nada, pois a verdadeira riqueza lhes será entregue na próxima vida.

Davi retomou o fôlego e continuou:

– Mas, sempre que alguém discutir este assunto, é muito importante não se esquecer de que essa possibilidade de sermos administradores de Deus é linda na teoria, mas nada agradável na realidade. A verdade é que o dinheiro seduz a grande maioria das pessoas que o possuem. É por isso que este mundo é tão injusto! Caso contrário, obviamente, não seria assim. É por isso também que o apóstolo Paulo nos alerta de que não devemos viver ambicionando ser ricos, e que a Bíblia nos adverte tão categoricamente sobre os males desse amor nada cristão!

Poucos minutos após a conversa com Taylor, como o prometido, um

engenheiro de comunicações chegou à casa de Manoel. Os dois trabalharam duro para tentar recuperar os dados. O engenheiro tomava todas as precauções possíveis para manter a segurança. Ele era muito veloz e metódico: entre pequenas pausas para morder a pizza e tomar refrigerante, trabalhava com uma concentração impressionante.

Após várias horas de trabalho, Manoel, sem ter como ajudar, permaneceu deitado no sofá, remoendo tudo o que havia acontecido em sua vida, e tentava assimilar o que estava por vir.

“O que ele é?”, pensou Manoel ao se lembrar de Davi. Ele não parava de repisar o assunto. Nesse momento, uma música começou a soar.

– O que é isso? – perguntou o engenheiro, surpreso.

– Isso é o aviso que indica que você conseguiu – disse Manoel.

– Ainda não. Acabei de conseguir recuperar o acesso ao seu e-mail. Foi por isso que perguntei o que era a música, pois ela soou no exato instante em que eu consegui entrar, mas existem programas no próprio e-mail que estão bloqueando todos os arquivos. Trata-se de codificações vinculadas a um labirinto de dados muito bem desenvolvido. Não vai ser fácil desativá-las.

– O amigo que me ajudou a criar este e-mail criou o labirinto. Ele me explicou que somente meu computador pessoal estaria programado para acessar este e-mail, mas que, caso alguma coisa acontecesse com meu computador antes que eu pudesse transferir o poder de acesso para outro aparelho, um programador de grande qualidade seria capaz de recuperar meus arquivos se eu fornecesse minha senha e os outros dados que passei a você.

– Para que ele instalou estes programas de bloqueio?

– Para que o programador que estivesse me ajudando não tivesse acesso aos meus dados antes de mim! Na hora em que sai para comprar nossas pizzas, eu comprei este computador e fiz o que esse meu amigo me ensinou: enviei um e-mail para mim mesmo com uma senha especial.

– Já sei: agora que consegui acessar seu e-mail, ativei esses programas de defesa, que têm a função de bloquear o meu acesso, ao mesmo tempo em que transfere a autorização de acesso para esse seu novo computador.

– Em seguida, todos os dados desse meu e-mail antigo serão apagados, o que significa que seu serviço terminou.

– Beleza! – disse o engenheiro, que não conseguia disfarçar uma expressão de desapontamento.

Manoel se divertia em pensamento imaginando que Taylor teria pedido para o engenheiro fazer uma cópia das informações.

– Meus parabéns! Saliento que meu amigo avisou que, mesmo com as senhas e outros dados, teria que ser um alguém muito bom para conseguir entrar no e-mail. Cumpriu sua missão. Muito obrigado – disse Manoel.

– Qualquer dúvida, é só me ligar.

Assim que o engenheiro foi embora, Manoel também saiu, pois suspeitava de que sua casa estivesse toda grampeada. Sentou-se em um dos bancos de uma praça vazia da cidade e acessou seus dados.

Quando a cópia dos arquivos foi concluída, Manoel levou um grande susto, pois havia recebido uma mensagem de Abéli com data posterior à sua suposta morte. Ao ver isso, estremeceu dos pés à cabeça, reavivando a esperança de vê-la viva novamente. A mensagem vinha em um vídeo. Ele olhou para os lados para ter certeza de que não havia ninguém por perto e o acessou, mantendo o volume bem baixo:

– “Olá, amor de minha vida. Sempre quis dizer isso a você!”

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– “É uma pena que fomos imaturos demais para vivermos esse amor!”

Ela se calou por um segundo, passou as mãos nos olhos, limpando as lágrimas, e então voltou a falar:

– “Você deve estar tentando entender de onde veio essa mensagem. Lembre-se do dia em que estive em sua casa e fiz com que promettesse que assistiria a qualquer coisa que eu mandasse por e-mail? É nessa mesma noite que estou fazendo esta gravação. Programei a mensagem para ser enviada caso eu fique sem acessar a Internet por mais de vinte e quatro horas, e se isto acontecer, é porque, como eu previ, algo realmente me aconteceu”.

Com uma voz trêmula, ela complementou:

– “Imagino que... neste caso... eu estarei morta.”

Ela olhou para baixo e deixou transparecer em sua expressão o nervosismo que estava sentido. Respirou fundo e confessou:

– “Estou muito assustada. Tenho muito medo das consequências do que fizemos!”

Ela fez mais uma pequena pausa e acrescentou:

– “Sabe o que realmente significa se arrepender? Agora eu sei: arrependimento é uma dor que se materializa corroendo a consciência. No meu caso, essa dor é acompanhada por um sentimento de vergonha que me proporciona uma sensação de vazio no estômago e na alma. É uma sensação impossível de explicar, mas algo me diz que saberá exatamente do que estou falando, mais cedo ou mais tarde.”

Com uma expressão pensativa, mais uma vez, ela respirou fundo e tornou a falar:

– “Eu sinto muito medo da morte. Deve ser porque sei que tive uma vida vazia e participei de muita coisa ruim em nome da ciência. Eu me arrependo disso, e parte do arrependimento implica em consciência frente aos erros. Essa consciência me faz sentir que não mereço perdão, principalmente por ter

aceitado participar desse projeto!”

Ela parou de falar para tentar controlar a vontade de chorar. Após respirar fundo, continuou:

– “Felizmente, a Bíblia ensina que todos os que se arrependerem verdadeiramente de seus pecados serão salvos. Acho que ainda existe esperança para nós, mesmo depois da abominação que cometemos.”

Abélli sorriu suavemente e continuou a falar:

– “Acho que essa nossa abominação vai custar minha vida, e é por aqui, nesta cidade, que sinto a morte me rondando. Mas eu não posso ir embora, pois sinto que ficar faz parte do meu arrependimento. Creio que é aqui que poderei ser útil!”

Após mais um pequeno sorriso, ela confessou:

– “A vida sabe ser sarcástica: não tem ideia do quanto é difícil dizer que sinto o perigo, ou sinto que tenho algo para fazer aqui, pois vi, durante toda a minha infância, minha mãe, que era alcoólatra e descontrolada, dizendo que sentia um chamado especial de Deus.”

Ela franziu as sobrancelhas, comentando:

– “Deve estar surpreso. Nunca contei a você essa parte da minha vida. Mas, agora, acho importante que saiba que eu também tive problemas familiares e, como você, eu vivi perto de gente com fé distorcida. É por isso que nos tornamos tão ócos! O engraçado é que nós dois tentamos nos livrar do mal que assombrou as nossas vidas, mas o caminho que escolhemos foi abraçar esse mesmo mal em um formato diferente.”

Abélli voltou a franzir as sobrancelhas e declarou:

– “Minha mãe se achava esperta por ter um suposto contato especial com Deus. Já eu, achei que estava sendo esperta ao renegar Deus porque conseguia enxergar como a fé da minha mãe era desequilibrada, e foi assim que eu trouxe o desequilíbrio para minha vida.”

Ela deu uma risadinha e prosseguiu:

– “A falta de fé, ‘eu’, é filha da fé distorcida, ‘minha mãe’. Mantendo esse ciclo, como seria a neta? Talvez fosse a fé na própria distorção deste mundo. Hoje, eu vejo que, se eu tivesse uma filha, ela acabaria pagando por meus erros, exatamente como eu pago pelos da minha mãe, e você, pelas barbaridades de sua avó. É por isso que Deus preza tanto o equilíbrio da família, pois, destruindo a família, perdemos o equilíbrio para a vida. Se a sociedade seguisse o que Ele nos ensinou, nós dois não teríamos passado pelo que passamos. E o pior é que, depois de crescermos, renegamos esse Deus maravilhoso e sábio e passamos a combatê-lo, contribuindo direta e indiretamente para que outras famílias tivessem a fé desmontada.”

Balançando a cabeça, Abélli lamentou:

– “Quantos erros! Não gosto de imaginar que não vou viver o suficiente para buscar conhecer a Deus profundamente, pois agora vejo um horizonte, uma luz que eu gostaria de experimentar de forma mais plena. Por outro lado, se eu morrer, valeu a pena! Valeu, porque eu fiquei aqui para tentar servir a Deus.”

Abéli sorriu e comentou:

– “Sabe de uma coisa? Meu medo passou. Chega de falar, vou fazer alguma coisa boa do meu dia, e aproveitar para conhecer um pouco mais a Deus. Antes de encerrar esta gravação, eu preciso implorar a você para repensar suas atitudes. Se eu realmente morri, espero que esta mensagem sirva como prova de que existem coisas que não podemos explicar, como o meu pressentimento. Espero que faça as pazes com Deus. Peça desculpas a Ele! Acredito que Ele irá nos perdoar. Peça perdão por tê-lo culpado pelas maldades dos homens, por ter virado as costas a Ele, que lhe deu tantos dons grandiosos, e, principalmente, peça desculpas por tê-lo combatido.”

Após um suspiro desolado, ela prosseguiu:

– “Como eu já disse, com meu arrependimento, eu senti uma dor do tamanho do mundo, e acho que você vai acabar sentindo o mesmo, mas eu espero que também descubra a luz de nosso Criador, que fornece uma paz inexplicável. É estranho como agora eu consigo sentir prazer até no ato de respirar.”

Voltando a sorrir, Abéli finalizou:

– “Tudo nesta vida é tão precioso e perfeito! É uma pena que desaprendemos a apreciar cada gota de chuva e raio de sol que ganhamos em nosso dia a dia. Hoje, nem toda a tecnologia do mundo pode me proporcionar prazer equivalente ao de sentir o vento batendo em meu rosto na sacada do meu apartamento. Espero que viva o suficiente para perceber isso! Que Deus nos perdoe e nos abençoe. Adeus!”

Manoel começou a chorar, pois, além de ter sido balançado pela mensagem de Abéli, algo dava a ele a certeza de que ela realmente estava morta.

Ao chegar em casa, ele foi diretamente ao banheiro. Um pavor o consumiu ao olhar para o espelho. Manoel começou a retirar a máscara sem pensar no que fazia. Ao final, ele apreciou seu novo rosto. Era um belíssimo rosto, porém estranho: ele nem sequer conseguia se imaginar dentro dele! Manoel começou a rir e chorar ao mesmo tempo, em um ato de desespero, pois descobriu que não se conhecia mais, nem por fora e nem por dentro. Ele chorou muito mais do que riu, e continuou chorando por boa parte da madrugada. Manoel chorou nessa semana muito mais do que tinha chorado em sua vida toda até aquele momento.

Em meio à arrumação, Davi pegou um livro em suas mãos e comentou:

- Pelo que vejo, tem alguns livros horríveis em sua coleção.
- Que livro é esse?
- “Caminho do amanhecer”. Foi escrito por aquele homem que se diz missionário chamado Isan Backy.
- E o que lhe desagrada tanto?
- Esse homem me dá arrepios!
- Por quê?
- Minha mãe tem uma amiga que é fanática por ele. Depois de ouvir essa mulher falando alguns absurdos, resolvi assistir a missas da igreja desse homem, que o canal 742 passa vinte quatro horas por dia. Fiquei enojado com o que vi, e olha que eu era bem pequeno!
- Pequeno quanto?
- Eu devia ter uns nove anos. Lembro-me de que, naquela situação, após assistir a uma missa, resolvi entender o que significava ser um missionário. Pedi para que a inteligência artificial pesquisasse. Ela me respondeu que missionário significava pregador de missões. Isto não me ajudou muito, mas outro significado que me ofereceu foi “propagandista”. Essa palavra, sim, chamou a minha atenção, pois concluí o óbvio: que um propagandista é quem faz propagandas. Ao menos, propaganda, eu sabia o que significava. Mesmo assim, pedi para que a inteligência artificial pesquisasse o significado. Dentre as diversas definições que ela encontrou, teve uma que se encaixou perfeitamente à visão que eu tinha desse missionário. Nunca vou me esquecer!
- E que significado foi esse?
- Propaganda: arte cujo objetivo é divulgar e aumentar a venda de certos produtos. Naquela ocasião, eu compreendi perfeitamente que a palavra ‘missionário’ fazia alusão à pregação religiosa, mas achei interessante como, coincidentemente, a palavra pode tomar um significado completamente diferente, representando a verdadeira ação de muitos desses homens: propagandistas que não passam de vendedores inescrupulosos!
- Não posso negar que eu já ouvi pregações belíssimas desse pastor – provocou o psicólogo.
- Sei que ouviu. Um bom vendedor precisa conhecer o produto que vende. Ele não criaria o patrimônio que tem se não fosse muito bom em divulgar o seu produto.
- Então, concorda que ele ensina a palavra de Deus?
- Sim. De uma forma geral, ensina muito bem!
- Nesse caso, ele não está fazendo algo bom?
- A palavra divina é alimento para nossa alma, certo?
- Sim.
- Ele oferece esse alimento a seus fiéis com fartura, mas o problema é que

acrescenta uma pitadinha sutil de veneno, que tem a função de tornar a pregação mais lucrativa. Esse pingo de veneno contamina todo o alimento, e o que era para ser a fonte de vida, pode tornar-se a causa da morte.

– Como assim? – perguntou Dante, já acostumado ao fato de que esta simples pergunta rendia muitas explicações.

– Com a desculpa de prosperidade, eles vendem a promessa de riqueza para aqueles que doam para sua igreja. Obviamente, isso deforma completamente a fé desses seguidores.

O comentário foi bem mais curto do que Dante esperava. Ouve um segundo de silêncio, e Dante, enquanto pensava em uma forma de manter a conversa, disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça em relação ao assunto:

– Essa tentativa de “vender Deus” já foi bem pior. Os historiadores afirmam que a igreja já chegou ao cúmulo de vender terrenos no céu.

– Chocante!

– Realmente!

– Acho que não entendeu. Vender terreno no céu realmente é um absurdo, mas quando eu disse que é chocante, estava me referindo à sua falta de visão sobre o assunto.

– Por quê?

– O que as novas igrejas fazem é muito pior do que vender terrenos no céu! Elas descobriram que vender promessas de conquistas na terra é extremamente mais lucrativo. O céu tornou-se apenas um brinde para quem compra as bênçãos da terra. Esses pastores são homens muito mais especializados nas artes de vendas e conseguem atingir muito mais pessoas com uma mensagem ainda mais perigosa.

Após o tropeço em sua afirmação, Dante sentiu que precisava demonstrar que compreendia a gravidade do assunto, e então comentou:

– É verdade! Eles agem como se Deus orquestrasse um consórcio milagroso, em que tudo o que é doado volta em bens materiais muitas vezes multiplicados. Certamente, foi estúpido não perceber que é algo muito mais perigoso, pois é tão irreal quanto, mas com um poder de convencimento muito maior exatamente por envolver a ambição humana pela busca de bens materiais. E o fato de parecer, à primeira vista, menos repulsivo que vender terrenos no céu torna essa distorção ainda mais perigosa!

– O que é um consórcio? – perguntou Davi.

– É um tipo de compra em que várias pessoas vão pagando parcelas para adquirir um produto. E como todos pagam, é possível ir adiantando a compra para algumas pessoas por sorteio.

Dante se enrolou na resposta, mas Davi não só a compreendeu como também a aprovou:

– É isso mesmo! Muito boa a sua comparação! Eles vendem a promessa de riqueza exatamente como se fosse um consórcio milagroso, e a maior parte dos devotos passa a fazer doações esperando de volta unicamente uma quantidade muito maior da que doou. Lembro-me de que, quando assisti ao programa do missionário, no final, apareceu a propaganda desse consórcio: era um filminho sobre uma mulher que estava na pior, mas ela foi para a igreja e fez uma doação, e logo conseguiu dinheiro para pagar o que devia. Então ela doou o triplo do valor de antes e, quando menos percebeu, já estava comprando um carro. Como gratidão, ela passou a doar dez vezes mais e, no final, estava em uma mansão luxuosa. O marido vagabundo já havia se tornado um *lord* e os filhos dela eram os mais prósperos do mundo todo.

Dante citou, sem ler:

– Novamente, vale o aviso do apóstolo Paulo: aqueles que ambicionam tornarem-se ricos caem nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos, que precipitam os homens ao abismo da ruína e da perdição. Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro.

– Faz bem em decorar essa passagem – disse Davi, demonstrando aprovação.
– Outra que precisa ser citada agora, e que também merece ser decorada, está na Segunda Carta de Pedro, capítulo 2, versículos 1 a 3.

Dante encontrou a passagem e leu:

– “E também houve entre o povo falsos profetas, também entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão heresias de perdição de forma encoberta e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição. E muitos seguirão as suas dissoluções, e por causa deles será blasfemado o caminho da verdade. E por avareza farão de vós negócio com palavras fingidas; a condenação dos quais já de largo tempo não tarda e a sua destruição não dormita.”

Davi repetiu:

– E por avareza farão de vós “negócio” – repetiu ele, com ainda mais ênfase nessa parte – com palavras fingidas! Isso merece destaque!

Após uma pequena pausa, Davi complementou:

– Será que Maria, a mãe de Deus, não tinha fé? Pois ela teve uma vida muito humilde, não conquistou riquezas! Inclusive, se prosperidade significasse riqueza, então poderíamos dizer que Jesus deixou sua própria mãe desamparada, e, nesse entendimento, ele próprio e seus discípulos não prosperaram!

– Concordo plenamente.

Dante se calou, pois viu que Davi tinha mais a dizer. Como o previsto, o menino disparou a falar:

– Ganhamos talentos natos antes mesmo de fazermos por merecê-los ou não. Graças a Deus, pois isso significa que somos livres, e é por causa dessa liberdade

que um ateu, um corrupto ou qualquer outro que se esforce terá a possibilidade de realizar conquistas à frente de um cristão que, em vez de se dedicar, ficou rezando e esperando que as oportunidades lhe caíssem do céu! É certo que nosso Pai ilumina seus fiéis, para que eles busquem os caminhos certos e encontrem formas de explorar seus talentos, mas, para isso, é preciso que estejamos andando com nossos próprios pés, pois esta é nossa missão. Deus não vai carregar ninguém no colo, ao menos não enquanto for possível que percorramos o caminho com nossas próprias pernas! Ele não nos oferece atalhos, não retira as pedras do caminho e não vende consórcios milagrosos; no entanto, nos dá forças para enfrentarmos o caminho difícil, paciência e sabedoria para enfrentarmos os obstáculos, e força de vontade para que alcancemos nossos objetivos.

Davi parou por um momento, como se estivesse esperando que as palavras penetrassem lentamente no coração de Dante. Em seguida, continuou falando:

– Quer encontrar atalhos para as conquistas? Então se esqueça de Deus e aja como aqueles que são capazes de vender a própria mãe para chegarem aonde querem. Essas pessoas possuem uma probabilidade muito maior de enriquecer, pois não possuem escrúpulos em agarrar as oportunidades, independente do que tenham que fazer. Muitos desses vão ganhar, em um único mês, ou até em um dia, o que a grande maioria dos fiéis de Deus não vão ganhar na vida toda. Isso é justo? Sim, pois tudo o que fazemos terá consequências ou recompensas. Os bens deste mundo não são nada perto do que há de vir como herança para os justos! Neste mundo, Deus jamais prometeu caminhos fáceis!

Dante folheou a Bíblia e citou:

– João, capítulo 16, versículo 33: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.”

– Isso mesmo! Eis um ótimo exemplo de que Deus jamais prometeu vida fácil. Pelo contrário: Ele deixa claro que encontraremos aflições neste mundo. Ser cristão sempre foi sinônimo de escolher o caminho mais longo, sem atalhos. Prosperar para os apóstolos foi simplesmente não morrer nas mãos de seus perseguidores enquanto eles cumpriam suas missões em nome de Deus. Praticamente todos morreram de formas cruéis, nas mãos dos inimigos de Deus, mas assim se sucedeu para a glória de Deus.

Dante procurou um trecho na Bíblia e leu:

– Mateus, capítulo 16, versículos 25 a 27: “Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me. Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.”

Davi apreciou a leitura com expressão de quem ouvia a mais bela música. Ao final, deu um sorriso e finalizou:

– Isso, sim, é viver para Deus! É muito triste ouvir essas pregações modernas

que induzem as pessoas a acharem que ser cristão é ganhar riquezas de graça e dar umas esmolinhas como pagamento!

Davi olhou para o relógio e comentou:

– Já está na hora de eu ir embora.

– Que pena! Estou gostando muito de nossa conversa.

– Prepare-se – disse Davi, com um tom sereno, porém misterioso.

– Para quê?

– Nosso tempo está acabando. Muita coisa vai acontecer nos próximos dias.

– Que tipo de coisa?

– Isso você vai descobrir vivendo! Mas fique atento, pois, na segunda-feira, vai ver o primeiro sinal de tudo o que está por vir. Na hora em que isso acontecer, você vai entender e se lembrar de mim. Só lhe peço um favor.

– Qual?

– Sei que está me analisando, não tente negar, ou melhor, não diga nada. Apenas escute: é muito importante que não fale a ninguém desse sinal sobre o qual estou alertando. Se falar, perderei a confiança que tenho em você. Promete que não vai comentar nada?

– Prometo!

– Que bom! Sei que foi sincero.

Na noite de sábado para domingo, Jamal voltou a ter pesadelos que pareciam intermináveis. No meio da madrugada, ele acordou todo suado e foi ao banheiro. Lá, teve a impressão de ver Davi no reflexo do espelho.

– Trouxa! – falou para si mesmo. – Cagão!

Tomou um calmante e voltou para a cama. Os pesadelos continuaram de forma ainda pior, algo que beirava o delírio. Ele parou de sonhar com os meninos do laboratório e agora sonhava apenas com Davi o aterrorizando de diversas formas.

Calmaria e tempestade

Domingo foi dia de calmaria. Há quem diga que a calmaria precede a tempestade. Dante pensou nisso durante a tarde ensolarada e monótona, que parecia não ter fim. Vira-e-mexe, ele voltava a pensar no tal sinal prometido por Davi. O que mais o angustiava era não conseguir se convencer completamente de que se tratava apenas de loucura.

Manoel passou o dia em sua casa tentando se recompor. Ele foi profundamente tocado pela mensagem de Abéli e, para sua própria surpresa, sentiu vontade de conhecer o caminho que ela descreveu. Gabriel era cético, mas Manoel ainda não sabia o que era e decidiu descobrir. Pegou a Bíblia e mergulhou em suas páginas.

Jamal saiu à noite com a intenção de beber muito e voltar para casa em condições apenas de desmaiar em sua cama. No entanto, seu plano de se desligar do mundo não deu certo. Ele acordou no meio da noite e percebeu a presença de alguém em seu quarto, fora do foco de sua visão. Porém, sempre que tentava fixar seus olhos no local, o vulto desaparecia e aparecia em outro lugar. A reação do cientista foi tentar se levantar, mas ele simplesmente não conseguiu e continuou desesperadamente tentando fixar seus olhos nos lugares em que achava perceber o vulto, até que finalmente viu Davi bem ao seu lado, rindo. O cientista acordou com o seu próprio grito. Após o grande susto, ele não teve mais coragem de dormir. Tomou um estimulante e passou o resto da noite vendo televisão.

Na segunda-feira, Dante chegou ao seu escritório pronto para mais um dia de trabalho. Como o rotineiro, Paola repassou o cronograma de atendimentos do dia. Em seguida, ela comentou:

– Tem uma coisa que queria ter mostrado a você já na sexta passada, mas me esqueci!

– O que é?

– Eu li uma reportagem em um desses *sites* jornalísticos locais que falava sobre um médico que morreu em uma perseguição policial. Acho que é aquele cientista que deveria lhe dar informações sobre Davi, não veio e depois ficou te ligando no meio da primeira consulta. O nome dele era Gabriel, não é mesmo?

– Sim. Mas o que foi que ele fez? Por que o estavam perseguindo?

– Ele assassinou uma colega de trabalho.

- Lembra-se do *site* em que leu a matéria?
- Sim. Inclusive, salvei uma cópia dela. Quer que eu lhe envie o texto?
- Claro!

Dante leu a reportagem e imediatamente se lembrou do sinal prometido por Davi. O psicólogo estremeceu dos pés à cabeça. O *site* era protegido contra cópias, de forma que a secretaria só conseguiu salvar a matéria transformando tudo o que havia em sua tela em uma imagem, como se fosse uma foto. Assim, além da matéria, todas as informações que estavam nas bordas do *site* foram incluídas na foto. Em um dos cantos, havia *links* para outras matérias do mesmo dia. Uma delas, intitulada “Guerra de Titãs”, chamou a atenção do psicólogo. Ele entrou na Internet e começou a buscar a matéria. Ao realizar uma busca através da data, Dante encontrou rapidamente todas as matérias que apareciam descritas na imagem salva por Paola, exceto exatamente a matéria da tal guerra, o que aumentou ainda mais a sua curiosidade. Após insistir na busca e não encontrar o texto, ele resolveu entrar em contato com o jornal pelo número disponível no próprio *site*:

- Jornal Mitiziu Real, o que deseja? – perguntou o atendente.
- Gostaria da cópia de uma matéria.
- Todas as reportagens dos últimos três anos estão disponíveis *online*, basta utilizar nosso sistema de busca...

– Mas há uma matéria de sexta passada...

O contato foi interrompido. Dante tentou ligar de novo:

- Olá. A ligação caiu! – comentou Dante.
- A matéria que deseja foi apagada por ser falsa – disse o atendente, que se mostrava inquieto.

Dante percebeu facilmente a presença de nervosismo e medo no homem.

- Mesmo sendo falsa, pode me repassar uma cópia? – pediu Dante.
- E para que quer uma matéria falsa? De qualquer forma, eu já a apaguei, não a tenho mais.
- Mas será que...?

– Olha, não quero ser mal-educado, mas estou muito ocupado. Peço desculpas por não poder te ajudar. Tenha um bom dia.

Mais uma vez, o contato foi cortado. Ficou óbvio que o atendente tinha desligado intencionalmente nas duas vezes.

O sumiço da matéria e a reação do homem fizeram Dante ficar ainda mais intrigado. Estava óbvio que algo de muito errado tinha acontecido com a equipe que acompanhava Davi, e o ocorrido o levava a acreditar que a reportagem apagada poderia ter informações importantes para que ele desvendasse o que estava acontecendo.

Dante desmarcou seus atendimentos do dia, pois ele só conseguia pensar em

investigar o que tinha acontecido. Resolveu ir até o local indicado como endereço do jornal. Era uma casa humilde. Logo que ele chegou à porta, ouviu um grito:

– Vá embora! Já deixei bem claro que não quero que me incomode!

Dante reconheceu a voz. Tratava-se do mesmo homem que tinha lhe atendido em sua ligação.

– Tenho uma oferta.

– Não estou interessado! – disse o homem, que veio até a porta.

– Tem certeza? Eu pago muito bem.

O homem se aproximou, enfurecido. Por um momento, Dante teve medo de ser agredido.

– Eu já falei para ir embora! Estou perdendo a paciência!

– Pago cinco mil por informações.

– Quer mesmo apanhar?

– Pago dez... não, pago quinze mil!

– É sua última chance de sair sem confusão!

Dante percebeu que o homem cumpriria a ameaça e achou melhor ir embora. Sua ansiedade foi triplicada, pois, para aquele homem não aceitar o dinheiro, tendo em vista a situação em que vive, ou ele foi muito bem pago para tirar a matéria do ar, ou foi ameaçado de forma bastante contundente se não o fizesse. O psicólogo passou a ter quase certeza de que ali havia envolvimento de Esdras, de forma que ele concluiu que provavelmente se tratava das duas situações: aquele homem devia ter sido bem pago e convincentemente ameaçado. É certo que ele nãoalaria mais nada sobre o assunto, até porque, provavelmente, temia estar sendo testado.

Dante foi para sua casa e começou a fuçar no *site* do jornal. Ele percebeu que havia pessoas que liam e deixavam comentários em quase todas as matérias, e então começou a mandar mensagens pessoais para esses leitores, perguntando se eles tinham lido a reportagem de seu interesse.

Manoel saiu cedo de casa. Voltou acompanhado da equipe de uma empresa de segurança para fazer uma vistoria e instalar aparelhos de proteção. Ele já imaginava que encontrariam escutas, mas se surpreendeu com a quantidade delas.

Enquanto a equipe trabalhava em sua casa, Manoel foi até um médico, com o objetivo de investigar seu próprio corpo. Ele descobriu que havia um minúsculo gravador em seu tímpano, e nanorrobôs em sua corrente sanguínea que poderiam ter a função de rastreamento.

O procedimento cirúrgico para a remoção do gravador foi rápido. Em

seguida, ele passou uma hora recebendo soro com nanorrobôs programados para eliminar aqueles outros que tinham a função de rastreamento.

Era meio-dia. Dante já tinha cansado de procurar por alguma reportagem ou postagem amadora que falasse sobre a tal guerra. Era difícil algum acontecimento capaz de chamar a atenção em massa não acabar se espalhando na Internet rapidamente, mas nada foi encontrado. Apesar de procurar com empenho, Dante já imaginava que não acharia nada, pois, como ele acreditava que Esdras estava envolvido, já esperava que o empresário tivesse dado um jeito de “limpar” a notícia antes que ela se espalhasse descontroladamente.

O psicólogo estava almoçando quando uma das pessoas para as quais tinha mandado uma mensagem perguntando sobre a reportagem respondeu:

– Olá. Eu li a matéria.

Dante imediatamente solicitou contato, e um menino, aparentemente de uns 18 anos, de estilo roqueiro, prontamente aceitou e apareceu à sua frente:

– Boa tarde. Meu nome é Dante.

– E aí! Eu sou Felipe. O que quer saber sobre a reportagem?

– O que ela dizia?

– Qual seu interesse nela?

– Gosto de ler reportagens locais, e vi que esta foi a única em muitos anos que foi apagada no próprio *site* do jornal. Achei estranho e fiquei curioso.

– O bicho pegou! A reportagem foi retirada porque tem gente grande por trás disso!

– Mas qual era o conteúdo da reportagem?

– Era uma gravação amadora de uma verdadeira guerra entre robôs dentro de uma propriedade particular, em um sítio. No começo, achei que não passava de uma montagem igual a tantas outras que o povo gosta de espalhar pela Internet, mas esta ficou *online* apenas algumas horas, e, quando percebi que a retiraram, desconfiei de que fosse verdade e fui lá onde a reportagem dizia que tudo aconteceu. E o pior é que o lugar está mesmo destruído. Não tive coragem de chegar muito perto, mas deu pra ver os destroços!

– Onde fica esse local?

– Fica perto aqui da cidade de Batitali, onde moro.

– É da região de Mitiziu?

– Fica ao lado. O jornal onde leu sobre a batalha só divulga notícias da região.

– Sou novo na cidade, não conheço Batitali.

– Beleza, então! – disse o menino, demonstrando que pretendia encerrar a conversa.

– Estou a fim de desvendar essa história. Vou dar uma fuçada pessoalmente nessa propriedade onde ocorreu a batalha, e depois conto a você o que eu porventura descobrir – disse Dante, sabendo que provavelmente faria o menino se empolgar em ajudá-lo.

– Ai, sim! Espere aí, que vou montar um arquivo com as coordenadas geográficas da propriedade.

O menino começou a mexer em seu computador e, em poucos minutos, encaminhou o arquivo.

– Pronto! Só não fique dando bobeira por lá. Minha cidade é pequena: todo mundo conhece todo mundo, e todos aqui sabem que aquela propriedade pertence a Taylor Rudas. Sabe de quem estou falando, né?

– Claro!

– Imagine só que briga de gigantes! Os boatos são de que o ataque foi coordenado pessoalmente por Esdras. Já pensou? O homem mais poderoso do mundo detonando uma propriedade de um de seus maiores concorrentes? Eu é que não quero irritar nenhum deles!

– É bom saber! Com certeza, também não quero irritar nenhum deles. Preciso ir agora. Se eu passar lá, entro em contato.

– Caso você se ferrar, nem pense em falar que fui eu que passei as coordenadas!

– Pode ficar tranquilo. Muito obrigado!

– Beleza!

Dante desconectou e começou a pensar no que fazer. Saber que Taylor estava envolvido era mais um indício inegável de que algo grande estava acontecendo.

– O que ele é? – foi a vez de o psicólogo começar a se fazer essa pergunta. Agora, frente ao que considerava a consolidação do aviso do menino, ele começou a duvidar cada vez menos de seus misteriosos dons.

Dante resolveu realmente ir até o local da batalha. Não tinha a menor ideia do quanto adiantaria ir lá, mas queria ver o local com os próprios olhos. O psicólogo se aproximou da propriedade e começou a observá-la de uma distância razoável, através de um binóculo que comprou no meio do caminho. Não havia mais nenhum sinal que pudesse indicar uma batalha. Tudo o que tinha lá era uma quantidade enorme de robôs operários construindo algo que, certamente, não era uma casa comum.

– Alto!

Ao ouvir a ordem, Dante se virou para trás e avistou um robô.

– Está preso! – complementou o robô.

– Por quê?

– Invasão de propriedade e espionagem industrial.

– Que invasão? Estou fora...

– Fora dos muros da sede, mas dentro da propriedade. Havia indicações proibindo a entrada...

– Eu não vi nada! Vou-me embora! – Dante ensaiou passos em direção ao carro.

– Se insistir, terei que imobilizá-lo, senhor. A polícia já foi acionada!

– Eu não sou ladrão ou algo do gênero, muito menos espião!

– Então, o que está fazendo aqui? – disse o robô, com outra voz, deixando claro que agora se tratava da transmissão de um ser humano.

– Com quem estou falando? – perguntou Dante.

– Não importa! Responda! E é bom falar bem rápido, se quer ter alguma esperança de não ser preso, porque a polícia já está a caminho!

– Ouvi dizer que houve uma batalha aqui. Me falaram que tudo tinha sido gravado e que os vídeos sumiram da Internet. Tenho um fraco por conspirações. Eu estava passando pela região e resolvi ver o local de perto.

– Você já é o quarto idiota que é apreendido!

– Mas não fiz nada que justifique minha prisão!

– Identifique-se espontaneamente e deixaremos que vá embora.

O robô esticou a mão.

– Toque na palma e escanearmos suas digitais – disse o homem que falava através do robô.

Dante obedeceu à ordem. Suas digitais foram escaneadas e ele foi identificado imediatamente.

– Pode ir, senhor Dante de Marco. Saiba que investigaremos sua invasão. Esperamos que não retorne a nenhuma de nossas propriedades sem autorização! – disse o homem que controlava o robô.

Taylor ligou para Manoel assim que foi avisado de que seu monitoramento tinha sido descoberto e desinstalado.

– Achou mesmo que eu não ia descobrir suas escutas? – perguntou Manoel, assim que atendeu a ligação.

– Não imaginei que fosse descobrir tão rápido! Meu objetivo era tirar tudo de sua casa antes que descobrisse.

– Não tinha esse direito!

– Você ameaçou, mais de uma vez, tomar atitudes que poderiam me colocar em perigo. Eu tinha que ficar de olho em suas ações, pelo menos nestes primeiros dias! Assim que eu conseguisse constatar sua estabilidade emocional, pretendia retirar as escutas!

– Monitorar minha casa é ridículo e revoltante, mas colocar um gravador em

meu tímpano e nanorrobôs de rastreamento em meu sangue é imperdoável!

– Também era para ser temporário. Se demonstrasse estabilidade, eu mandaria que tirassem tudo em seu próximo exame de rotina, na semana que vem. Não adiantaria cuidar de você apenas em sua casa.

– Agora tenho que pensar.

– Pensar em quê?

– Em como vou cobrar isso de você.

– Acho que me deve bastante por eu ter salvado sua vida. Considere engolir isso como um desconto de parte dessa dívida que tem comigo!

– Não te devo nada, pois, como me confessou, já gerei muito lucro a você com o robô da MIF, com o qual pode roubar tecnologia, de forma que já paguei pelo que investiu em minha segurança. E sei que não me mantém salvo por bondade. Tem interesse nos meus conhecimentos científicos. Sabe que conheço muitos segredos tecnológicos.

– Mas o risco ao qual está me submetendo já não está valendo o lucro potencial. Até agora, só obtive promessas e exigências de sua parte. Quero algo mais palpável que isso. Já tenho informações sobre Abélii, e também tenho informações sobre Dante, o psicólogo que veio para analisar o menino Davi, que podem te interessar, mas vou querer algo em troca.

– Já combinamos que, em troca, ao final de uma semana, falarei sobre Davi.

– Isso não é mais o suficiente, até porque prometi te dar informações sobre Abélii, mas não sobre Dante.

– Está quebrando nosso acordo!

– De forma alguma! Se quiser, quando me contar sobre Davi, contarei sobre Abélii. Este era nosso acordo! Quanto a informações sobre Dante, teremos que negociar.

– O que quer? – perguntou Manoel, que não conseguiu disfarçar seu grande interesse.

– Me diz você o que pode me oferecer.

– Me conte o que sabe e hoje mesmo lhe enviarei por escrito alguma informação tecnológica valiosa.

– O quê?

– Vamos lá, confie em mim. Vai valer a pena. Se achar que o pagamento não foi suficiente, me cobre mais tarde! Garanto que a informação será de grande valor.

– Aceito sua proposta, mas ainda fica me devendo explicações sobre Davi. Não se esqueça que seu prazo de uma semana acaba na sexta-feira.

– Combinado!

– Quanto ao psicólogo, ele foi pego agora há pouco bisbilhotando a minha propriedade, onde você se refugiou.

– O que ele fazia lá? – perguntou Manoel, meio surpreso com a informação.

– Não sei. Logicamente, ele mentiu para meu funcionário. Disse ser apenas um curioso, que tinha lido no jornal sobre uma batalha de robôs e resolveu ir lá ver de perto. Obviamente, não é isso!

– Não consigo imaginar nenhuma explicação lógica para ele ter aparecido lá – disse Manoel. – Não vejo nenhum meio pelo qual ele pudesse desconfiar do que aconteceu comigo.

– Bem, a informação é essa. Quanto a Abélli, consegui analisar seu corpo. Infelizmente, não há dúvidas. Ela está mesmo morta!

– Tudo bem – respondeu Manoel, com pesar.

Ele já esperava por essa confirmação após ter visto o vídeo feito por ela, mas, ainda assim, a informação foi devastadora para ele.

– E quanto à informação tecnológica?

– Eu a enviarei logo. Depois, continuamos nossa conversa. Agora, preciso de um tempo – disse Manoel, claramente abalado.

– OK. Até mais tarde... – disse Taylor, vendo que não existia nenhuma condição de continuar a conversa naquele momento.

Após o grande susto, Dante passou o resto do dia em casa estudando sobre Davi, revendo as gravações e tentando entender o que estava acontecendo. Às cinco e quarenta da tarde, Davi chegou, e só nesse exato momento o psicólogo interrompeu seus estudos.

– Boa tarde – disse Davi, que, conforme a permissão prévia de Dante, entrou sem chamá-lo.

– Boa tarde – respondeu o psicólogo, disfarçando a ansiedade.

– Está assustado? – perguntou Davi.

A pergunta fez gelar o coração do psicólogo.

– Não – respondeu Dante, sem deixar transparecer seu desconforto com a pergunta. Em seguida, ele investigou, em tom tranquilo: – Por que a pergunta?

– Porque devia!

– Devia o quê? – Dante questionou, um tanto confuso.

– Devia estar assustado.

A resposta fez o psicólogo se arrepiar. Antes que Dante pudesse responder, Davi emendou:

– Está pronto para responder as minhas perguntas?

– Estou – respondeu Dante, com a convicção de quem estava decidido a explorar e desvendar os mistérios em torno de Davi ainda nessa tarde.

O menino riu e complementou:

– Não se preocupe, não há nada que você possa me dizer que me interesse! Só tenho uma pergunta: percebeu o sinal sobre o qual lhe avisei?

– Acho que sim.

– E qual foi?

– Foi você que me disse que eu receberia um sinal. Não sabe o que é?

– É sua vez de responder!

– A morte de um homem.

– Ele não morreu – disse Davi.

– Como sabe?

– Não sei.

– Como assim?

– Eu apenas respondi por impulso. Podemos dizer que foi uma inspiração, ou, se preferir, considere isso como um ato de loucura. Foi exatamente assim que previ sobre o sinal que receberia.

– Como funciona essa inspiração?

– Veio na minha cabeça e falei. Vou dar um exemplo: pense em uma fruta.

– Pensei.

– Seu pensamento foi aleatório. Escolheu a fruta sem nenhuma lógica premeditada. Certo?

– Sim!

– Foi assim que me veio à mente a ideia de que o homem que você achou estar morto, na verdade, não está! Foi uma simples reação ao andamento de nossa conversa, da mesma forma que, por simples reação, quando pedi para pensar em uma fruta, você pensou em manga!

Dante estremeceu. Ele realmente tinha pensado em manga.

– Agora, acredita em mim? – perguntou Davi.

– Sim! – exclamou Dante, que, na verdade, sentia extrema necessidade de confirmar a capacidade apresentada: – E em que estou pensando agora? – perguntou o psicólogo.

– No nome Gabriel. Este é o homem que achou que estava morto, certo?

– Sim!

– Mas, tipo... é algo tão abstrato que eu só sei que acertei porque você está confirmando.

– Quando percebeu que tinha esse dom?

– Já deve fazer um ano que comecei a notar que eu percebia a intenção das pessoas a ponto de imaginar até mesmo o que elas pensavam. Com o tempo, pude ir confirmando, por meio dos atos das pessoas, que minhas percepções estavam corretas. Eu tive certeza de que não era apenas loucura minha quando

percebi que acertei sobre a amante do meu pai.

Davi olhou para o lado, fez uma expressão estranha e comentou:

– Há algo muito importante que eu preciso lhe dizer.

– Diga.

– Com a concretização do sinal prometido, começo a confirmar também que eu sou capaz de perceber acontecimentos e não apenas captar pensamentos.

– O que mais previu?

– É exatamente isto que preciso lhe dizer: sinto que você está correndo um grande risco de morte.

– Por quê? De que forma? – Dante não conseguiu disfarçar o susto.

– Não sei. Só sei que meu pai e Gabriel, que você achou estar morto, correm o mesmo risco!

Após breve pausa, Davi comentou:

– Eu sempre soube que estava me analisando, que às vezes se fazia de bobo proposadamente e que falava pouco, apenas me induzindo a falar bastante, para poder me analisar. Mesmo assim, eu falei o que pensava porque eu queria que me analisasse. Algo sempre me fez acreditar que isso poderia ser importante. Agora, acho que a importância está exatamente em te fazer acreditar em mim e tentar evitar que morra, mas, para isso, precisaremos de ajuda.

– Ajuda de quem?

– Gabriel vai procurá-lo. Veja o que podem aprender um com o outro, e depois o traga para falar comigo. Mas não pode escrever sobre nada disso no relatório que precisa fazer sobre mim hoje. Só o que tenho certeza é que o risco de morte de vocês está relacionado a mim e às pessoas que estão, de alguma forma, vinculadas a mim.

– De quem está falando?

– Sabe de quem estou falando! Quem o trouxe até mim. Sei que esse Gabriel era um deles, de forma que sabe muito sobre mim. Insisto que, se ele realmente aparecer, descubra tudo o que puder sobre o que está acontecendo e, depois, traga-o para falar comigo. Agora, vou para casa.

– Calma, vamos conversar...

– Também estou com medo, e se eu ficar aqui, você vai me sufocar. Tenho um trabalho da escola para fazer. Vou utilizar isso como justificativa para voltar mais cedo para casa, mas amanhã nos veremos...

Esdras convocou uma nova reunião com Hiroto e Jamal.

– Tudo foi perfeitamente resolvido e limpo. Não teremos mais dor de cabeça com o que ficou para trás. Agora, precisamos começar a planejar o que vem

pela frente – disse o empresário, referindo-se ao antigo laboratório e tudo o que nele havia.

– Estou gostando muito dos relatórios de Dante – disse Jamal. – Mas, no começo, tive a impressão de que descobriríamos algo palpável rapidamente. Agora, já não tenho mais essa sensação. A qualidade do último relatório caiu, no sentido de que deixou de trazer informações novas.

– Realmente – afirmou Esdras. – Ainda acredito que Dante encontrará respostas, mas começo a pensar que está na hora de voltarmos a participar dos acontecimentos!

– De que forma? – perguntou Hiroto.

– Eu pago vocês para pensarem nisso, então, pensem! – retrucou Esdras.

– Tínhamos comentado sobre a possibilidade de matar Otach, já que ele se tornou um grande risco, com seu constante descontrole. Se realmente fizermos isso, além de resolvemos definitivamente o nosso maior risco atual, com certeza, vamos provocar reações emocionais em Davi – disse Hiroto.

– Jamal, o que acha? – perguntou Esdras.

– Já tivemos que ir muito longe para proteger Davi...

– Acho que agora temos a obrigação de ir até o fim para garantir sua segurança – completou Hiroto, de forma que suas palavras ficaram como sendo a opinião de Jamal, mas a verdade é que Jamal estava assustado e iria dizer para esperarem alguns dias.

Esdras concluiu:

– É muito bom ver que tenho uma equipe decidida a fazer o que for preciso. Está decidido: amanhã, Otach morre!

Depois do comentário, Jamal já não teve mais coragem para expor sua ideia contrária à execução.

Após uma longa pesquisa, Jamal começou a se automedicar com antidepressivos que, conforme acreditava, cessariam seus pesadelos. Ainda assim, ele procurou uma antiga namorada, pois não estava disposto a dormir sozinho nessa noite. Reatou o namoro com ela e decidiu dormir em sua casa. Antes de adormecer, tomou um sedativo, que deveria garantir uma noite sem sonhos; porém, os pesadelos, inexplicavelmente, continuaram, e de forma ainda pior. Ele sonhou a noite toda que era agredido continuamente por Davi. O menino tinha uma força descomunal e o atacava de diversas formas, não permitindo nenhuma defesa. Toda vez que Jamal chegava perto de ser morto, ele acordava, ou ao menos achava que acordava, pois já se dava conta que estava imerso em um novo pesadelo, e as agressões recomeçavam.

Quando Jamal realmente acordou, já estava amanhecendo. Ele acordou emitindo um forte grito, que assustou sua namorada. Ela relatou que também teve pesadelos a noite toda, mas que não conseguia se lembrar do que sonhou. Só o que se recordava era que seus sonhos tinham a ver com crianças sendo maltratadas. O relato deixou Jamal desconcertado.

Na tarde de terça-feira, Sofia ligou para Dante:

- Preciso da sua ajuda – disse ela, aos prantos.
- O que aconteceu? – perguntou o psicólogo, ao ver que ela estava completamente desorientada.
- Meu marido morreu.
- Morreu como?
- Caiu da janela do escritório dele. Não dá para entender! Eu não entendo!
- Como posso ajudá-la?
- Meu filho gosta muito do senhor. Gostaria que fosse ao velório, se possível...
- É claro que sim! Conte comigo para o que precisar. Ele já sabe?
- Não! Está no colégio. Vou buscá-lo agora. Ai, meu Deus, não sei como vou contar para ele...
- Se quiser, posso ir junto...

Sofia estava indecisa. Inicialmente, rejeitou a sugestão de que Dante a acompanhasse, mas voltou atrás e aceitou a oferta. Ela ligou para o colégio, informou sobre o acontecimento, avisou que estava a caminho e que o psicólogo também iria para lá. Dante chegou primeiro, pois Sofia se atrasou atendendo ligações de parentes e amigos que descobriam a tragédia e queriam informações.

- Boa tarde – cumprimentou a diretora. – Vou levá-lo para a sala de espera até que Sofia chegue.
- Muito obrigado.
- Deus do Céu, que tragédia! – comentou a diretora.

Dante respondeu a esse e a outros comentários da diretora, mas ele não conseguia prestar muita atenção nela, pois sua mente estava concentrada no aviso de Davi de que sua vida estava em risco. A morte de Otach tornava tudo ainda mais assustador. “Será que sou o próximo?”, pensou ele. “O que fazer?”

A diretora, percebendo a desatenção do psicólogo, resolveu deixá-lo sozinho na sala de espera. Antes de sair, porém, ela ativou, em uma das paredes da sala, a exibição da aula que estava ocorrendo na sala de Davi.

Apesar de a tecnologia permitir que os alunos aprendessem em casa com qualidade insuspeitável, as aulas presenciais eram obrigatórias na MIF. A maior

justificativa estava ligada à necessidade de aprender a socializar. Experiências ruins ao longo do tempo mostraram que a convivência era um aprendizado indispensável. A grande diferença em relação ao ensino primitivo é que não era tolerado o desrespeito aos colegas e, principalmente, aos professores. O sistema era rígido: durante as aulas, com o alto nível de monitoramento, não havia como burlar os exames obtendo informações de qualquer fonte não autorizada. Copiar as questões dos colegas, por exemplo, se tornou algo impensável para os alunos. Também não havia como deixar os trabalhos e atividades em grupo por conta dos colegas.

A avaliação dos alunos passou a ir muito além de resultados materializados em notas: todas as ações e reações dos alunos em grupo eram minuciosamente analisadas. Cada turma continha apenas quinze alunos, e a qualidade das aulas era controlada de perto pelos pais. A sala de espera servia para que qualquer um deles acompanhasse as aulas, em qualquer momento que desejasse.

Dante tentou controlar seus sentimentos e começou a assistir à aula. A professora estava expondo sobre os setores tradicionais da economia: o primário, correspondente à agricultura, à pecuária e ao extrativismo; o secundário, correspondente à indústria; e o terciário, correspondente ao comércio e à prestação de serviços. A todo o momento, a professora solicitava a participação dos alunos, que interagiam conforme o esperado.

O foco de Dante, no entanto, era a reação de Davi. O menino se tornava cada vez mais misterioso aos seus olhos. Em certos momentos, parecia ter conhecimento ilimitado sobre tudo o que estava acontecendo à sua volta, mas, agora, permanecia na sala tranquilamente, como se nem imaginasse o que estava se passando no mundo lá fora. Dante se perguntou: “Será que ele sabe?”

A professora dava continuidade à aula. Ao final de sua exposição sobre os setores da economia, a professora acrescentou:

– Por último, surgiu o conceito de setor zero, correspondente a um papel fundamental do setor industrial. Este conceito surgiu após o reconhecimento de que a indústria salvou a humanidade de uma grande crise durante a Revolução Biorrobótica, pois a população aumentava rapidamente e não haveria como alimentar o mundo sem que a tecnologia permitisse uma maior produção. Foi nesse momento que a nossa grande MIF começou a alertar o mundo de que precisaríamos de novas políticas para incentivar o desenvolvimento tecnológico. Ela conduziu esse desenvolvimento e se tornou a líder dentre essas empresas. Hoje em dia, é incabível imaginar o setor primário funcionando sem os ganhos fornecidos pelo setor zero e toda a sua tecnologia.

Após a explicação tendenciosa, a professora comentou:

– Vamos assistir a um vídeo sobre este assunto. Prestem atenção, que vou fazer uma pergunta para cada um.

Dante não havia estudado nas escolas da empresa. Ele conseguiu entrar para o seletor grupo no início de sua vida profissional, mas já tinha ouvido diversas vezes as críticas sobre a idolatria que a empresa incutia nos alunos de suas escolas. Só não imaginava que presenciaria isso sendo feito de forma tão explícita, ainda mais em se tratando de alunos tão jovens. Ele também já tinha ouvido falar em experiências assombrosas feitas pela empresa e, frente aos fatos, passou a acreditar que poderia estar diante de uma delas: Davi.

Sofia chegou para realizar a terrível missão de falar com seu filho. Dante, ainda que estivesse bastante sensibilizado, tinha o intuito de analisar as reações de Davi com um olhar clínico. Quando o menino saiu da sala de aula, antes que lhe contassem do acidente, sua expressão deu todos os indícios de surpresa sincera que foi acompanhada por lágrimas, deixando claro que, nesse momento, ele já sabia o que tinha acontecido. Sofia contou tudo e Davi reagiu chorando inconsolável.

Nesse momento, o psicólogo baixou a guarda. Ele se lembrou do dia anterior, em que o menino havia dito que também estava com medo. Pensou em toda a pressão que Davi estava sofrendo e concluiu para si mesmo: seja lá o que tenham feito, ele é apenas uma criança inocente!

À noite, Jamal tomou um estimulante, decidido a não dormir, e começou a estudar sobre distúrbios do sono. Mas, em um determinado momento, achou ter visto um vulto. A casa do cientista era toda monitorada por câmeras, de modo que ele resolveu conferir as imagens para ter certeza de que era apenas coisa de sua cabeça. Porém, para sua surpresa, o vulto foi filmado. Quando Jamal assistiu à gravação, ele se levantou assustado, mas algo o derrubou no chão e começou a agredi-lo. Era Davi que o atacava, exatamente como em seus sonhos. Quando ele já estava muito machucado, simplesmente acordou em sua cama, ou, novamente, achou que acordou. O terror recomeçou: sempre quando ele achava ter acordado, o pesadelo reiniciava.

Mais uma vez, o cientista só acordou de verdade quando já estava amanhecendo. Todo suado, ele deu um pulo da cama e correu conferir as gravações de sua casa. Tudo o que estava filmado era que ele trabalhou até estar muito cansado, então simplesmente se levantou e foi para a cama, onde permaneceu a noite inteira se revirando e ofegando.

Turbidez

O enterro ocorreu às três horas da tarde de quarta-feira. Uma tarde tão nublada quanto o semblante de Davi, que se mantinha calado, apagado, chorava discretamente e evitava conversas. Dante tentou se aproximar, mas o menino não deu espaço.

Ao final, quando o psicólogo foi se despedir, Davi perguntou:

– Posso ir à sua casa amanhã?

– É claro que pode! Amanhã vou ficar em casa o dia todo. Pode aparecer na hora em que quiser. Estarei esperando por você.

– Então, está bem.

– Obrigado por tudo! – disse Sofia, que deu um pequeno sorriso de agradecimento.

– Não tem por que agradecer! – tranquilizou Dante.

O psicólogo olhou para Davi e se despediu, dizendo:

– Até amanhã.

– Até...

Manoel, incomodado com a notícia de que Dante tinha ido até a propriedade onde ele havia se refugiado, resolveu ir até a casa do psicólogo:

– Boa tarde – disse Manoel, ao ser atendido pelo interfone digital.

– Boa tarde. O que deseja? – interpelou Dante.

– Tem um minuto para conversar?

– Sobre o quê? – retrucou Dante.

– Você invadiu uma propriedade particular nesta segunda. Fui mandado para colher informações a seu respeito. Meu trabalho é verificar se realmente foi apenas um mal-entendido. Posso entrar?

– Hoje tive um dia difícil, e amanhã provavelmente não vai ser nada melhor. Marque um horário em meu consultório para a semana que vem, aí eu o atenderei...

– Não sou da cidade, quero ir embora. Prometo que serei breve.

– Peça que se retire! – disse Dante, impositivo.

– Você estava procurando por alguém? – perguntou Manoel, para ver qual seria a reação do psicólogo.

– Não! Por que a pergunta? – replicou Dante, sem dar nenhum sinal de

nervosismo, apesar de ter se assustado com a pergunta.

– Porque eu poderia ter respostas. Estava ou não estava?

Dante ficou muito tentado a confirmar, pois era certo que esse homem estava falando sobre Gabriel, e, tendo em vista o aviso de Davi de que o cientista estava vivo e que viria procurá-lo, o psicólogo começou a imaginar que este seria o meio pelo qual o encontro ocorreria. Mas, ao mesmo tempo, ele também se lembrou do aviso de Davi de que sua vida estava em perigo, e o homem à sua porta poderia ser parte desse perigo.

– Já disse que não! – insistiu o psicólogo.

– Tem certeza?

Dante percebeu na voz do homem uma entonação irônica que julgou reconhecer, e então perguntou, na tentativa de explorar um pouco mais sua hipótese:

– Acha que eu poderia estar procurando por quem?

– Um cientista.

O psicólogo tinha a capacidade de perceber e gravar cada detalhe da expressão corporal das pessoas, como também características de suas personalidades e padrões em suas falas. Nenhum detalhe passava despercebido por ele. Assim, detectando os sinais naquele homem, Dante estava cada vez mais convencido de que estava falando com o próprio “Gabriel”. Para tentar confirmar sua suspeita, ele continuou puxando assunto:

– Qual é o seu nome?

– Eu me chamo Manoel.

– O que você é, senhor Manoel? Qual é exatamente o seu trabalho?

– Apenas um investigador de Taylor Rudas. Trabalho em sua equipe de segurança.

A forma como Manoel levantou as sobrancelhas, acompanhada por um leve riso, aumentou ainda mais a suspeita de Dante.

– Você é o homem que eu estava procurando! – disse Dante, subitamente, com a expectativa de que causaria uma reação perceptível caso suas suspeitas estivessem corretas.

Manoel deixou transparecer o susto com a afirmação e o psicólogo notou imediatamente. Agora, praticamente não restavam mais dúvidas.

– Do que está falando? – tentou disfarçar o cientista.

– Entre, vamos conversar. Aperte o botão do interfone e o portão vai se abrir.

Dante mentiu: não era necessário apertar o botão. Manoel estranhou o pedido, mas obedeceu. Dante pediu isso apenas para que pudesse ver, na imagem, as mãos de Manoel. Elas apresentavam um tremor que, mesmo leve, delatava seu nervosismo. Após confirmar mais esse sinal, o psicólogo abriu o portão com total certeza de que era “Gabriel” quem estava ali. E ele sabia que o cientista estava,

no mínimo, tão assustado quanto ele próprio com a situação. Saber disso lhe dava certa vantagem, pois ele planejava se mostrar confiante e agressivo para intimidar seu visitante.

Um dos robôs de Dante abriu a porta, e o outro permaneceu ao seu lado para garantir sua segurança. Assim que o cientista adentrou a sala, o psicólogo falou:

– Uma de minhas melhores capacidades profissionais é perceber sinais nas ações e reações das pessoas. Sei que você é Gabriel!

– Eu vim para falar sobre Gabriel, mas ele está morto! – afirmou o cientista, sem saber como deveria reagir.

– Não morreu, e é você! Saiba que Davi já tinha previsto que estava vivo e que viria até mim. Isso me ajudou a reconhecê-lo.

– Previsto?

– Sim.

– Ele nem me conhece! – resolveu confessar Manoel.

– Ele sabe sobre você através de mim.

– O quê?

– Eu explicarei assim que me disser o que ele é!

– Acho que não...

– Não tente negar ou negociar! Deve se lembrar que já gastou toda a paciência que eu poderia ter com você! – esbravejou Dante. – Se não me responder imediatamente, vou pedir para que se retire, e, caso se negue, meus robôs mostrarão a saída e chamarão a polícia. Acho que não quer chamar atenção, não é mesmo?

Dante foi bastante enfático e impositivo o suficiente para deixar Manoel completamente acuado. O cientista, sem tempo para pensar, resolveu mergulhar de cabeça nessa perigosa conversa e respondeu:

– Ele é uma aberração!

– Que tipo de aberração?

– O clone de Jesus Cristo!

– Impossível!

– Eu também achei que seria.

– Não brinque comigo! – disse Dante, furioso.

– Não estou brincando. A prova está na sua frente: é só pensar nas capacidades de Cristo que a Bíblia relata e nas que o menino tem!

Dante começou a andar pela sala. Estava completamente atordoado.

– É cientificamente impossível! – repetiu o psicólogo.

– Não é. E o pior é que eu acredito que exista algo de muito ruim nele!

– Por quê?

– Isso é bem complicado de explicar. Eu vi algo nele! E eu vi o que estava

nele dentro do pai dele em uma situação em que algo assombroso aconteceu.

– Algo assombroso?

– Acho que o pai dele estava possuído pela coisa que vive nele. Essa coisa falou comigo, utilizou a voz de minha avó... é complicado de explicar! – disse Manoel.

– Coisa que vive nele? Como assim?

– Não sei. Talvez um demônio, ou talvez o demônio seja ele próprio. Não faço a menor ideia!

Dante acreditou em Manoel, pois viu todos os traços que indicavam sinceridade e um alto estresse enquanto o cientista tentava se explicar.

– Só o que tenho certeza é que Davi não é mau – respondeu o psicólogo.

– Ele pode estar manipulando você! Se o menino for um demônio, com certeza sabe manipular!

Esse comentário fez Dante se lembrar imediatamente do aviso do próprio Davi de que o Diabo é mais inteligente que qualquer homem, e que sabe melhor que ninguém disseminar o mal disfarçando-o de algo bom. O psicólogo constatou, para si mesmo, que Davi foi o único ser humano com o qual sua capacidade analítica foi grandemente anulada, o que mostrava a inteligência do menino, que realmente seria capaz de estar manipulando e brincando com ele o tempo todo.

– O senhor é religioso? – perguntou Manoel.

– Sim.

– Então me diga: se tem fé, o que poderia ter nascido do clone de Cristo? Com certeza, este não é o filho de Deus!

– Sem dúvidas, não é! Mas ele também não é mau – insistiu Dante, mesmo após ter duvidado disso por um segundo.

– Ele só pode ser algo abominável!

– É certo que vocês cometeram uma grande abominação, mas ele não tem culpa dos seus pecados. Um filho bastardo não deveria ser gerado, mas a criança não tem culpa, o pecado é unicamente de quem a gerou...

Manoel ficou chocado ao ouvir o comentário. Ele se lembrou imediatamente de que Abéli tinha feito a mesma comparação.

– O que foi? – perguntou Dante, ao perceber o choque.

– Eu conheci alguém que fez exatamente essa mesma comparação ao discutir este mesmo assunto. Qual é a chance de isso acontecer? – disse Manoel, recompondo-se. – Essa mesma pessoa começou a perceber que havia algo ruim rondando-a, algo que está relacionado a Davi. O resultado é que ela chegou a absurdo de prever a própria morte, e foi o que aconteceu!

– Está falando da colega que você foi acusado de matar?

– Exatamente! Mas não a matei!

- E como ela morreu?
 - Outro colega a matou.
 - E por que acusaram você?
 - Porque eu quis interromper o projeto envolvendo Davi.
 - De qualquer forma, você mesmo está confirmando que Davi não teve nada a ver com a morte dela.
 - De alguma forma, teve. Acredite! Algo está manipulando todos nós!
 - Imagino que saiba que o pai dele morreu – comentou o psicólogo.
 - Sim.
 - Davi previu esse risco. Ele também previu que o mesmo risco ronda a nós dois, e afirmou que o perigo está relacionado às pessoas por trás dele, ou seja, os seus colegas. Suspeito de que foram eles que provocaram a misteriosa morte de Otach.
 - Pode ter certeza que sim!
 - Como tem tanta certeza?
 - Isso é uma longa história, não vem ao caso agora. Mas garanto que foram eles!
 - Os homens que viviam ao seu lado mataram sua colega, e agora mataram o pai de Davi. E, ao que parece, são eles que representam risco para a minha e a sua vida. Então, tudo indica que o perigo vem sempre deles e não de Davi. Quanto ao menino, só vi bondade nele. Saiba que ele está buscando uma forma de nos ajudar.
 - O que o faz acreditar nisso?
 - Ele alertou que precisamos aprender tudo o que for possível um com o outro, pois podemos nos ajudar, e afirmou que depois quer falar com você...
 - Falando em ajuda, se ele sabia que Otach estava em perigo, por que não tentou alguma coisa para ajudar o próprio pai?
 - E o que ele poderia fazer?
 - Apenas pedir para que não matassem seu pai. Se ele sabe tanto, é certo que deve saber que os cientistas por trás dele tinham como um dos objetivos tentar provocar reações emocionais nele.
 - Que absurdo! – exclamou Dante.
 - Dessa forma, se o garoto revelasse seus dons e pedisse pela vida do pai, certamente seria atendido, já que, com certeza, seria objetivo do grupo tentar ganhar a confiança dele. E também, obviamente, não seria interessante acompanhar o crescimento do menino com ele sabendo que os cientistas tinham assassinado seu pai. Este fato seria sempre um risco para o projeto.
- Dante não tinha pensado nisso. Ele conhecia a inteligência do menino mais do que o suficiente para saber que, se ele realmente sabe que é monitorado, saberia que poderia ter influenciado na decisão dos cientistas apenas conversando.

Após refletir por alguns segundos, Dante, cheio de dúvidas e sem saber por onde começar, tentou se livrar de uma das mais banais delas:

– Por acaso ele tem a aparência idêntica à de Cristo?

– Não! Nós modificamos vários de seus traços físicos durante seu desenvolvimento em laboratório, como, por exemplo, a cor dos olhos.

– Para que fizeram isso?...

A discussão entre o cientista e o psicólogo continuou por horas. Cada um foi cedendo um pouco de informação, de forma que, aos poucos, conversaram sobre cada detalhe do que sabiam sobre o Davi.

Jamal começou a achar que via Davi em todos os lugares, sempre de relance, durante o dia todo, mas quando fixava sua visão onde pensava tê-lo visto, não havia nada ali; ou, então, via pessoas que não se pareciam em nada com o menino.

Ele começou a achar que tinha surtado devido ao estresse. Nenhum remédio de efeito imediato tinha feito qualquer diferença em seu estado. Então, ele tentava manter o autocontrole enquanto esperava que os remédios mais promissores, porém de efeito demorado, comessem a agir em seu organismo.

Nesta noite, Jamal iria testar um sedativo muito mais forte do que aquele que utilizou na noite em que dormiu com sua namorada. Mesmo assim, ele continuava não querendo passar a noite sozinho, e mais uma vez foi até a casa da namorada, mas, surpreendentemente, ela o mandou embora. Ao insistir para conversar, sua ex-namorada afirmou que não conseguia mais ter paz desde que o tinha visto pela última vez, e, por isso, não queria mais vê-lo.

O cientista não sabia o que fazer. Ele ficou tão desconcertado que resolveu mudar completamente seus planos. Como não pretendia tomar sedativo sem ter alguém por perto, resolveu então tomar estimulantes e ir ao barzinho perto de sua casa a fim de passar a noite toda lá, acordado, em meio a outras pessoas.

A noite foi entediante, pois, como Jamal estava tomando remédios para tentar controlar o que achava ser um surto e estimulantes, ele não podia beber álcool. No meio da madrugada, o cientista pensou ter visto o vulto de Davi mais uma vez, e, de tão perplexo, já não se assustou: sua reação foi apenas ignorá-lo. De repente, Jamal sentiu mãos que o agarraram pelo pescoço e o jogaram ao chão. Ele começou a ser atacado violentamente diante de todos. Por um lado, seu terror foi ainda maior; por outro, existia até mesmo certo alívio, pois, desta vez, existiam testemunhas.

Jamal acordou. Estava em sua cama, todo suado. Ele não podia acreditar que estava em sua casa! Sua reação foi correr e assistir às gravações, e o que viu foi

ele mesmo abrindo a porta, entrando, trancando e indo diretamente para sua cama às cinco horas da madrugada.

Manoel dormiu na casa de Dante com o objetivo de encontrar Davi no dia seguinte. Durante a noite, teve dificuldades para dormir, pensando no encontro. Logo ele, que, em sua vida adulta, nunca teve medo de nada, agora se deparava com o receio de encarar um pequeno menino!

Às três horas da tarde, Davi ligou para Dante e avisou que iria à sua casa. Após desligar, o psicólogo olhou para Manoel e falou:

– É o seguinte: você tem um perfil agressivo e, por isso, pende a refutar e contra-atacar com veemência os argumentos contrários às suas ideias, tendendo a falar bastante. Isso, somado à sua inteligência e capacidade de convencer, resulta em uma grande habilidade de conduzir o andamento das conversas das quais participa.

– Obrigado – disse Manoel, sem a menor ideia do que deveria responder.

– Mas você não deve fazer isso hoje, ou então este encontro pode acabar sendo uma perda de tempo. É preciso que fale menos e escute mais se quiser ter a oportunidade real de analisar e aprender alguma coisa sobre Davi...

Os dois conversaram sobre o assunto até que o menino chegasse. Dante foi recepcioná-lo imediatamente. Ao entrarem na sala, o psicólogo fez as apresentações:

– Este é Gabriel.

– Não, este é Manoel! – disse Davi.

– Como sabe meu nome? – perguntou o cientista.

– Já sabe que posso “sentir” seus pensamentos. E é assim que sei que agora é Manoel. Saiba que o que realmente o diferencia de Gabriel não é o nome, mas, sim, a fé!

Manoel se sentiu atacado: sua fé era algo tão impensado em sua vida que ele não sabia como reagir quando se deparava com ela. Como reação, ele se rendeu ao seu antigo instinto de contra-atacar imediatamente:

– Se é capaz de prever tantas coisas, por que não ajudou seu próprio pai?

– Eu queria! Também senti que algo de ruim se aproximava dele, mas não fui capaz de descobrir como mudar! – disse Davi, que fez uma expressão de choro, mas reprimiu seu pranto.

– Mudar o quê? O destino? Acaso somos marionetes com um caminho pré-definido? – perguntou Manoel, que falava num tom agressivo, mas, por outro lado, ele percebeu sua própria estupidez ao falar sobre Otach tão secamente e fez essas perguntas exatamente para desviar o foco da conversa do pai falecido.

– Com certeza, não!

– Como não? Você nem sequer me conhecia e previu que eu viria procurar Dante, e eu vim! Também previu a morte de seu pai, e ele morreu! Ao que parece, eu e Dante somos os próximos.

– Não é assim.

– Então, como é?

– Não sei como tudo funciona. Só o que sei é o que está na Bíblia.

– E o que está na Bíblia?

– Se quer saber, pegue-a!

– Não temos tempo para isso...

Dante interferiu pela primeira vez:

– Manoel, se quer mesmo entender alguma coisa, precisa aprender a ouvir. Se agir desta forma, não vamos chegar a lugar nenhum – comentou o psicólogo, para fazer o cientista lembrar a conversa que tiveram.

– OK! Vou ser mais paciente.

– Acredita em Deus? – perguntou Davi.

– Digamos que sim.

– Mas era ateu até esses dias atrás, não é mesmo?

– Não sabe a resposta? – indagou cinicamente Manoel.

– Sei! Mas perguntar faz você pensar!

Dante lançou um olhar de reprovação para Manoel.

– Sim, eu era – respondeu o cientista, tentando se controlar.

– E como compreendia que era traçado nosso destino antes de acreditar em Deus? – perguntou Davi.

– Não acreditava em destino.

– E no que acreditava?

– Para mim, tudo fazia parte do que podemos chamar de sorte em seu sentido casual. Mera probabilidade matemática das coisas acontecerem dentro de uma determinada realidade.

– E essa probabilidade pode ser calculada?

– Conhecendo as variáveis, é claro que sim!

– Me dê um exemplo.

Manoel pensou em falar sobre o jogo de xadrez, mas refletiu que Davi poderia ter dificuldades de entender a analogia.

– Não se preocupe – afirmou Davi. – Não precisa escolher palavras!

Manoel constatou que Davi tinha compreendido sua dúvida em fazer ou não a analogia. Ele já estava convencido de que Davi poderia “sentir” seus pensamentos, mas comprovar que isso estava de fato acontecendo era muito desconcertante para ele. Ainda assim, continuou a conversa como se nada tivesse

acontecido:

– Se uma pessoa comum jogar xadrez com um grande profissional, ela vai perder, pois, mesmo essa pessoa sendo livre para se movimentar no tabuleiro da forma que quiser, o profissional é capaz de prever as possibilidades e acontecimentos muito à frente dela, de forma que mesmo antes do jogo começar, o amador estará fadado a ser derrotado. Não existe destino, mas a capacidade superior do profissional faz com que só exista um resultado possível.

– Isso significa que a sorte foi anulada? – perguntou Davi.

– Não, pelo contrário. Se considerar essa sorte como uma probabilidade matemática, ela não foi anulada, mas sim garantida por uma capacidade muito superior, de forma que o final se torna totalmente previsível. Digamos que a sorte está canalizada em uma única direção possível.

– Em minha opinião, com base na Bíblia, é exatamente assim que o mundo funciona. Sua visão cética da vida descreve perfeitamente a realidade que eu enxergo na perspectiva divina, porém, com um enfoque diferente.

– Não compreendi.

– De acordo com você, existe uma lógica no que chamamos de sorte, a qual pode ser calculada ou ao menos mensurada de forma menos concreta. Um ótimo exemplo é um psicólogo: por meio da lógica e do seu conhecimento científico, ele é capaz de mensurar, com grande probabilidade de acerto, a escolha que um paciente vai fazer diante de determinada situação, mesmo que esse paciente afirme e até mesmo acredite que vá fazer algo completamente diferente. Compreende?

– Sim. As pessoas podem ser previsíveis, mesmo contra o que elas mesmas afirmam.

– Então, se o homem, em sua cegueira, é capaz de antecipar coisas que não aconteceram utilizando a lógica, imagine então o que a inteligência superior de Deus é capaz de antever! Pense que Ele sabe tudo sobre todos, incluindo até mesmo o que cada pessoa não sabe sobre si própria. Consegue imaginar a profundidade disso?

Após alguns segundos de pausa, Davi complementou:

– Quem joga xadrez com um grande mestre não é uma marionete. A liberdade de se movimentar e fazer escolhas é real, mas, ainda assim, não há nada que se possa fazer que já não esteja previsto, certo?

– Sim!

– Deus possui inteligência e conhecimento ilimitado no jogo da vida, de forma que não podemos “vencer” sua inteligência, pois não há nada que possamos fazer que já não esteja previsto por ela. Mesmo assim, o futuro não aconteceu: somos livres para escolhermos como reagiremos. A nossa sorte é que não jogamos contra essa inteligência, mas, sim, somos convidados a caminhar em direção a

ela. Todos os caminhos podem ser previstos, mas somos nós que vamos escolher ir ou não na direção certa que essa inteligência superior nos convida a seguir.

– Pelo que está me dizendo, apesar do futuro não ter acontecido, Deus já sabe quem vai ou não se salvar, certo?

– Quem sou eu para tentar compreender até que ponto uma inteligência tão grande é capaz de prever o que está por vir! Só o que sei é o que está na Bíblia, e, ao que parece, existe margem para surpresas.

– O que, na Bíblia, faz você pensar isso?

– Encontre Lucas, capítulo 5.

Manoel deu a Bíblia para Dante, que a abriu timidamente e procurou o capítulo. Davi se aproximou, olhou, e disse:

– Leia o versículo 15.

– “Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”.

– Como pode ver, é possível o pecador se arrepender, e se existe motivo para comemoração é porque nem está tudo pré-definido. Eu acredito que Deus conheça todas as probabilidades e possibilidades que cada ser humano tem de se salvar. Dessa forma, não acho que existam surpresas no seu sentido amplo. Para mim, a surpresa acontece quando temos grande probabilidade de permanecermos em pecado, mas escolhemos o caminho da salvação que nosso grande Pai já sabia que poderíamos tomar, ainda que tudo indicasse que essa chance seria pequenina. Entende?

– Deus manipula nossas vidas? – perguntou Manoel.

– Não! Ele apenas nos chama, dando oportunidades para que enxerguemos o caminho certo, mas somos nós que vamos escolher ouvi-lo ou não!

Em seguida, o próprio Davi citou, sem ler:

– Mateus, no capítulo 22, versículo 14, diz que “muitos são os chamados, e poucos os escolhidos”. O que, obviamente, significa que somos livres para não querer ouvir, e que, na maior parte das vezes, escolhemos não ouvir o chamado de Deus.

– Mas, na briga que teve com seu pai, você insinuou que Deus poderia agir de uma forma direta para salvar um bandido.

O comentário tinha por motivação implícita ver como Davi reagiria ao ouvir que Manoel sabia da briga que ele teve com o pai. O menino manifestou uma sutil expressão de surpresa, mas respondeu sem fazer nenhum questionamento a respeito do assunto.

– Sim!

– Essa afirmação gera dois questionamentos. Primeiro, isso implicaria que Deus não age apenas através de chamados, mas também influencia ativamente

em nossos caminhos.

– Salvar um ladrão, ou qualquer outra pessoa, não corresponde a manipulá-la. Não confunda: Deus pode intervir, sim, mas não manipula nossas vidas. Essa intervenção ocorre de forma bem pontual, já que, numa perspectiva ampla, somos nós que definimos nossos caminhos, caso contrário, obviamente, o mundo não estaria nas mãos de injustos, eles não massacrariam os inocentes e não estaríamos a caminho da destruição. Podemos constatar isso tanto na parábola dos talentos como também na parábola dos vinhateiros, já que as duas relatam que o dono se afastou e deixou seus bens nas mãos dos servos. Quem tenta manipular nossas vidas é Satanás, mas ele só consegue se permitirmos!

Após uma pequena pausa, Davi perguntou:

– Qual é o segundo questionamento?

– Por que Deus ajudaria um criminoso a sobreviver e permitiria que uma mulher inocente fosse estuprada e assassinada? Qual a lógica de salvar monstros e depois deixar as pessoas de bem sofrerem nas mãos desses mesmos monstros?

– Está certo em acreditar que Deus não é complacente com o mal. Ele certamente não é, ainda que, para que tenhamos liberdade, Ele não possa simplesmente impedir todas as nossas atrocidades.

– Muito menos impedir que um criminoso escape das consequências de seu próprio pecado! – exclamou Manoel.

– Está enxergando o assunto de forma limitada...

– Acho que enxergo bem claramente: Deus é rígido. Eu diria até que é muito rígido. Está relatado no Velho Testamento que Ele condenou um homem apenas por pegar lenha no dia de sábado. Então, não existe nada que possa me dizer que me convença de que esse mesmo Deus passou a salvar criminosos. Isso é absurdo!

– Apenas por pegar lenha? – indagou Davi, surpreso.

– Sim. Não sei o versículo, mas está na Bíblia!

Dante deu um pequeno sorriso, pois se lembrou de uma situação praticamente idêntica, em que Davi conseguiu demonstrar a ele toda sua própria estupidez. Agora, era a vez de Manoel enfrentar a capacidade argumentativa do menino.

– O que está me dizendo está relatado em Números, capítulo 15, versículos 32 a 36 – disse Davi.

– Então, por que falou como se não soubesse? – perguntou Manoel

– Meu tom de surpresa foi por me assustar com sua ignorância!

– O que falei de tão ignorante?

– Falou que Deus ordenou que um homem fosse morto apenas por pegar lenha, como se o crime tivesse sido algo banal.

– Olha, não estou julgando Deus, mas eu não condenaria ninguém por pegar lenha!

– Está julgando, sim! Você precisa aprender a respeitar a inteligência de Deus. Eu nem sequer posso acreditar que consegue enxergá-lo dessa forma tão cruel...!

– O relato está na Bíblia. Eu estou apenas reportando um fato!

– Também está na Bíblia que Deus estava agindo naquela sociedade de forma inusitada: fez jorrar água de pedras secas no meio do deserto para que seu povo matasse a sede; fez também comida cair do céu periodicamente para alimentá-los. Isso, depois de esse mesmo povo ter visto o mar se abrir ao meio sobre as ordens de Moisés para que eles escapassem do Egito! Reflita que Deus fez tudo isso e não pediu nada em troca, até porque tudo o que Ele nos dá é gratuito, pois não temos como pagar por nada. Porém, Ele instituiu leis que tinham por finalidade ordenar a sociedade, e dentre elas, pediu que seu povo respeitasse o dia de sábado, em que era proibido trabalhar.

– E o que isso tem a ver com a dureza da pena? Não muda nada...

– É claro que muda! Mesmo no meio de tantos prodígios que aquele povo teve a bênção de ver com os próprios olhos, tendo todas suas necessidades supridas, aquele homem ousou desrespeitar a Deus gratuitamente. Não consegue perceber o quão abominável foi tal ato? A pena de morte não foi por pegar lenha e, sim, pela traição inescrupulosa e totalmente desnecessária, já que Deus não deixava faltar nada para aquele povo. Dentre os atos pecaminosos relatados na Bíblia, aquele condenado cometeu um dos que considero estar dentre os mais abomináveis e terríveis, pois desobedeceu e desafiou a Deus por nada. Muitos assassinos de nossa geração teriam tido uma vida santa se tivessem a oportunidade de ver o que ele viu com os próprios olhos!

Davi parou por um momento, com o intuito de descansar um pouco sua voz, mas, logo em seguida, prosseguiu:

– Aquele homem traiu Deus por lenha! Pense então no que faria por coisas mais valiosas! Pense na podridão daquele coração! Será que existe alma mais podre do que essa? Reflita o quão desobediente, ingrato e abominável foi tal ato voluntário e consciente de traição! É simplesmente enojante ver o quanto o ser humano sabe ser ingrato!

– Tá, entendi. De qualquer forma, não explica por que um Deus que condenava a morte passou a salvar bandidos. Não adianta, não existe explicação para isso – repetiu Manoel.

– Compreenda: no Velho Testamento, assim como o homem que pegou lenha em dia de sábado, os que eram julgados pelas leis de Deus viviam em uma sociedade totalmente dogmática, de forma que a escolha do mau caminho era bem mais consciente. Assim, até mesmo isso tornava a pena de morte, instituída por Deus, mais eficaz, no sentido de condenar quem merecia ser condenado. Porém, hoje em dia, com a corrupção que impera no mundo, infelizmente,

muitos são impelidos ao mau caminho involuntariamente, e Deus, que conhece o coração de cada um, pode, sim, fazer o milagre de salvar alguém que foi impelido para o mal, mas que tem grandes chances de encontrar o bom caminho...

– Não consegui me convencer de nada! Se for assim, todo mundo vai ter desculpas para todos os seus pecados.

– Entendeu errado: se a vida impelir alguém para o mal, e essa pessoa abraçar o mal para o qual foi impelida, não existe desculpa que a salve. Eu estou falando de alguém que Deus saiba que está voltado para escapar desse caminho.

– Olha, eu só ouvi blá-blá-blá. Está longe de me convencer!

– Vamos supor o seguinte: eu estou dando a você o poder de operar um milagre. Imagine que, em um veículo em alta velocidade, fugindo da polícia, está um ladrão no volante, e ao seu lado se encontra a sua vítima, que não teve tempo para sair antes que a perseguição começasse. Na tentativa de fuga, eles vão se acidentar. Você tem o poder de salvar apenas um deles. Quem salva?

– Obviamente, a vítima! O ladrão, não salvaria nem que pudesse!

– Mas, agora, vou deixá-lo saber um pouquinho sobre o que Deus sabe. Na verdade, essa vítima, que vai aparecer nas manchetes como uma pessoa quase santa, é um funcionário público corrupto que, com a morte, estará condenado, e se sobreviver, Deus sabe que é quase impossível que esse coração busque uma mudança. Mas o ladrão, na verdade, é alguém que foi impelido desde jovem ao mau caminho; porém, Deus conhece a bondade adormecida em seu coração, e sabe que, se ele não morrer agora, terá uma gigantesca chance de ter sua benignidade desabrochada e encontrará a salvação. No entanto, se ele morrer nesse momento, estará perdido! Quem você salva agora?

– Aí, então, obviamente eu salvaria o ladrão, mas esta é uma situação ridículamente tendenciosa: uma vítima má e um bandido com coração bondoso...

– Meu caro, independente de ser vítima ou agressor numa determinada situação da vida, está cada vez mais difícil encontrar pessoas que possuam inocência o suficiente para serem consideradas vítimas deste mundo. A situação que eu citei é possivelmente real, ainda que, sem dúvidas, rara! Seja a pessoa vítima ou agressor, é certo que Deus não vai salvar ninguém para que continue alastrando o mal. Dessa forma, para mim, o verdadeiro milagre não é a mão de Deus preservar uma vida, mas sim encontrar a vida corrupta que mereça essa intervenção.

– Está insinuando que não existem mais inocentes?

– É claro que existem!

– Então, onde eles entram nessa história? Deus não tem dó deles?

– Me responda você: agora temos, no carro, junto com o ladrão que possui o

coração impelido para a mudança, uma vítima inocente. Você pode salvar apenas um. Quem salvaria?

– O inocente!

– Nossa! Como você é cruel!

– Por quê?

– Você deixou que alguém de bom coração se condenasse eternamente para salvar alguém que na verdade já estava salvo. A pessoa realmente boa encontraria na morte a verdadeira vida, a vida eterna; já o ladrão precisava da oportunidade de permanecer neste mundo para se salvar. Será que não percebe que este coração impelido para a mudança era a única e verdadeira vítima deste mundo?

– Então está me dizendo que só existe milagre para os pecadores?

– Não. Eu não tenho nenhuma pretensão de entender e muito menos de ensinar as motivações que levam Deus a operar milagres. Só o que sei, como já lhe disse, é que Ele age de forma bem pontual, e que, para mantermos uma liberdade real, temos que ser livres para cometer até mesmo as mais terríveis abominações, inclusive contra pessoas inocentes.

Davi franziu as sobrancelhas e completou:

– Eu não disse a meu pai que foi Deus quem salvou o bandido daquele acidente, ou de qualquer outro. Só o que fiz foi tentar alertá-lo de que, às vezes, situações que parecem óbvias diante de nosso conhecimento limitado podem não ser da forma que enxergamos. E para você, só o que estou querendo mostrar é que alguém perdido em um caminho ruim, mas que tenha o coração voltado para mudanças, é quem mais precisa de um milagre ou de um chamado. Faça o favor de ler para mim Marcos, capítulo 2, e o versículo, se não me engano, é o 17.

Manoel leu:

– “Jesus, porém, disse-lhes: os são não necessitam de médico, mas sim os que estão doentes. Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores.”

– Entendeu?

Manoel se lembrou das críticas que fez a Otach em relação às conversas que teve com o filho. O cientista achava que seria muito melhor pôr o menino contra a parede, mas percebeu que não era assim tão fácil. Vendo que não tinha argumentos, ele resolveu mudar o assunto, subitamente perguntando: “Afinal, você é contra ou a favor a pena de morte?”. Manoel adentrou esse assunto porque imaginava que teria infundáveis argumentos para pôr Davi contra a parede, independente do que o menino dissesse.

– Eu não sou nada, apenas busco observar o que a Bíblia ensina.

– E a Bíblia é contra ou a favor?

– Imagino que saiba que discuti com meu pai sobre os motivos que levaram a

lei de Deus a ser transferida para o patamar da fé.

– Sim, eu me lembro disso.

– Então me diga o que lembra, especificamente.

– Você fez uma analogia entre a sociedade totalmente dogmática onde as leis de Deus foram escritas e um cesto de frutas. Explicou que a pena de morte foi instituída com o objetivo de manter essa saúde religiosa, ou seja, retirar as frutas podres para não contaminar as demais. Depois, expôs que Cristo nos trouxe uma nova aliança, elevando a lei de Deus para o patamar da fé, porque a sociedade se corrompeu. Isso, dentro de sua analogia, significa que o cesto de frutas ficou irremediavelmente contaminado, de forma que já não fazia mais sentido tentar retirar as frutas podres, e então, o enfoque passou a ser blindar os fiéis com a fé. Digamos que agora a ideia já não é mais retirar as frutas podres; pelo contrário, são os bons frutos que, na hora certa, serão retirados do cesto corrompido, que será lançado ao fogo.

– Concorda com minha explicação? – perguntou Davi.

– Até o presente momento, não discordo. Mas, e quanto às leis dos homens?

– Para as leis dos homens, não existe resposta certa.

– Como não? Acaso Deus não sabe o que é melhor?

– É claro que sabe! Somos nós que não sabemos e nos colocamos em uma situação em que não existe resposta certa. De qualquer forma, haverá um bem abraçado por um mal.

– Sempre existe uma escolha melhor, ainda que nenhuma das opções seja perfeita!

– Deus não interferiu nas leis dos homens, de forma que a melhor escolha depende da situação atual da sociedade em questão. Neste caminho, não estaremos mais amparados pelas leis do Criador, o que significa que debater é mergulhar em um mar infundável de argumentações, em que nossa corrupção sempre encontrará espaço. O que...

Manoel não se conteve e interrompeu o andamento da conversa:

– Está falando uma grande besteira! Um cristão sempre estará amparado pelas leis de Deus...

Foi a vez de Davi interromper o cientista:

– Espere, eu já ia explicar. É claro que sempre podemos nos amparar na sabedoria do Deus.

– Está se contradizendo! – indagou Manoel, feliz por ver que estava conseguindo fazer Davi se enrolar facilmente. Este era seu grande objetivo nesse momento.

– Me desafie com argumentos, e não com estupidez! – respondeu Davi. – Permita que eu fale antes de me atacar.

– Certo. Desculpe-me. Pode falar.

– O que eu ia explicar é que não existe uma regra explícita dizendo o que devemos fazer, até porque, como estava comentando, isso depende da realidade de cada sociedade. Dessa forma, eu mesmo poderia despejar inúmeros argumentos, tanto a favor quanto contra, todos válidos até mesmo sobre uma perspectiva bíblica, e ao mesmo tempo, tudo não passaria da opinião de um tolo. Tanto que depois eu mesmo poderia criar contra-argumentos para cada um dos meus próprios argumentos, inclusive com base bíblica. Entende por que eu digo que não estamos amparados pela inteligência divina?

– Não, não entendo!

– É claro que podemos e devemos tirar lições bíblicas, mas, ao discutir um assunto que envolve nossa corrupção e poder de decisão, vamos encontrar motivos válidos tanto para defender como para condenar qualquer ideia, já que nossa podridão torna tudo inconstante.

– Olha, não sei nem por onde começar a mostrar o quanto é estúpido o que me falou! – exclamou Manoel, com um sorriso triunfante.

– Fale à vontade. Temos tempo para dividir conhecimento, desde que seja mantido o respeito.

– Primeiro: praticamente todas as decisões políticas apresentam prós e contras, mas isso não nos impede de argumentarmos até que se chegue a uma decisão amparada na opinião da maioria. Na verdade, esse é o único caminho possível. Segundo: é claro que, no que concerne ao assunto, estamos, sim, amparados por Deus de uma forma completamente direta, pois foi Ele quem instituiu a pena no passado, e, se não proibiu que a utilizássemos no futuro, então, ainda que suas leis tenham sido transferidas para o patamar da fé, podemos e devemos utilizar seus fundamentos para criar nossas próprias leis. É claro que faremos isso para garantir unicamente a ordenação da sociedade e não mais para a salvação da alma, de forma que condenaremos assassinos, como era feito, mas perdoaremos o adultério e tantos outros pecados cuja condenação era focada na preservação da próxima vida, até porque, se não fosse para ser assim, então não haveria razão para ter sido abolido o caráter normativo das leis de Deus. O pior é que eu aprendi isso ouvindo você, nas conversas que teve com seu pai!

– Você acaba de afirmar que, se não fosse para haver mudanças, não haveria motivo para abolir o caráter normativo das leis. Está certo, mas se esquece de que, antes mesmo disso, se a situação não tivesse mudado, não haveria razão para criar uma nova aliança, e se a situação mudou, então, não tem como achar que as antigas soluções continuam válidas.

– E por que não continuariam?

– Eu já disse há pouco que, quando Deus instituiu a pena de morte, a lei abrangia um povo específico, cujos indivíduos nasceriam e cresceriam todos em

uma sociedade dogmática, de forma que, com já debatemos, ceder ao pecado seria uma escolha muito mais consciente.

– Independente disso, temos que combater a criminalidade com rigor – disse Manoel afoitamente, interrompendo Davi mais uma vez.

– Se não me interrompesse, eu teria complementado que isso certamente não é um impeditivo para a execução, mas um demonstrativo de que não podemos alcançar a mesma justiça.

– Em compensação, temos muito mais injustiças para combater!

Davi ficou em silêncio, e então Manoel falou:

– Pode continuar!

– Quando Deus instituiu a pena de morte, foi dito que, sob o depoimento de duas ou três testemunhas, morreria aquele que tivesse de ser morto. Isso era possível, pois, no caminho do deserto, o povo foi limpo de toda a corrupção, sendo que três testemunhas já era um número confiável para uma execução. Hoje, porém, nem mesmo trezentas testemunhas são confiáveis. Um exemplo disso foi o julgamento do próprio Cristo, em que houve inúmeras pessoas para condenar à morte o único homem que jamais pecou.

– Basta sermos mais duros na exigência de provas para uma execução!

Davi ignorou o comentário e continuou:

– Também, quando a pena foi instituída, sabia-se que os ministros da justiça eram homens honestos. Porém, quando Cristo veio, a corrupção já havia tomado os homens da lei há muito tempo, tanto que ele próprio foi condenado por quem sabia que ele não tinha cometido mal algum.

– Mas Jesus foi condenado por um romano.

– Um romano, Pilatos, autorizou a condenação, mas a sede de sangue vinha de líderes do seu próprio povo, os judeus...

– De qualquer forma, podemos controlar...

– Está agindo como se eu estivesse tentando condenar a pena e você estivesse vencendo a batalha a favor dela. Parece que esqueceu que este assunto iniciou exatamente quando eu lhe disse que poderia dar argumentos tanto de defesa como de repúdio, e depois eu mesmo poderia dar contra-argumentos aos meus próprios argumentos. Eu tenho consciência de tudo o que está me falando!

Davi, com uma expressão de desapontamento, complementou:

– Não percebe que não está vencendo nada? Com esse posicionamento, a única coisa que pode conseguir é perder a chance de aprender alguma coisa!

– Se não é contra a pena, por que esta argumentando de forma contrária?

– Por pura reação ao andamento de nossa conversa. Entenda: dependendo da forma que estivermos discutindo, vai parecer que estou defendendo a pena, e em outro contexto, pode parecer que estou condenando-a, mas, na verdade, estou sempre querendo mostrar o que está contido na essência desse assunto.

– E por que não refutou meus comentários?

– Porque, de certa forma, você está certo. Eu sei que nenhum dos meus argumentos são motivos para condenar a pena, ao menos, não de forma isolada, mas todos eles apontam para a corrupção do mundo, que você está subestimando. Somados, eles indicam toda nossa podridão que subjaz a cada uma de nossas escolhas. Acha mesmo que aqueles que comandam as sociedades querem uma lei boa o suficiente para poder condená-los? Acha que eles vão fazer leis contra eles próprios? Na teoria, é lindo pensar em normas perfeitas, mas, em um mundo corrupto, é inevitável que as leis sejam feitas, exercidas e manipuladas por pessoas corruptas, de forma que qualquer poder exagerado se torna uma ferramenta pronta para, mais cedo ou mais tarde, massacrar os justos.

– Mesmo com todos os nossos problemas, temos que acreditar em nossa justiça!

– Não discordo, mas ressalto que também temos que conhecer nossas deficiências, que distanciam a teoria da realidade quando se trata de organização social. Ignorar a realidade não a tornará melhor.

– Você diz que não é contra a pena, mas já está tentando refutá-la novamente!

– Não estou. Para clarear um pouco mais meu ponto de vista, vamos recorrer à infinita inteligência de Cristo, que nos delimitou bem claramente o assunto com toda a autoridade que lhe cabe. Leia para mim a famosa parábola contida em Mateus, capítulo 13, versículos 24 a 30.

Manoel pesquisou e começou a ler:

– “O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Mas enquanto os homens dormiam, veio um inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e retirou-se. Porém, quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu também o joio. Chegando os servos do dono do campo, disseram-lhe: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Pois donde vem o joio? Respondeu-lhes: Homem inimigo é quem fez isso. Os servos continuaram: Queres, então, que vamos arrancá-lo? Não, respondeu ele, para que não suceda que, tirando o joio, arranqueis juntamente com ele também o trigo. Deixai crescer ambos juntos até a ceifa; e no tempo da ceifa direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio e atai-o em feixes para o queimar, mas recolhei o trigo no meu celeiro”.

Assim que Manoel terminou de ler, Davi comentou:

– Muitos estudiosos que buscam defender a execução se apoiando na Bíblia tentam, dentre outras interpretações, dizer que, nesta parábola, o campo onde as sementes são plantadas é o coração de cada um de nós, sendo que o trigo é a palavra de Deus e o joio são os ensinamentos do Diabo. Eles fazem isso para se esquivarem da mensagem de que o campo é o mundo, o trigo são os fiéis e o joio, os infiéis, pois aceitar isso implica na mensagem de que não devemos

condenar os infiéis. Mas não adianta tentar modificar a interpretação, já que o próprio Cristo explicou a parábola. Leia aí na sequência.

Manoel leu:

– Mateus, capítulo 13, versículos 36 a 43: “Chegando-se a ele seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo. Ele respondeu: O que semeia a boa semente, é o Filho do Homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou, é o Diabo; a ceifa é o fim do mundo e os ceifeiros são anjos. Pois assim como o joio é ajuntado e queimado no fogo, assim será no fim do mundo. O Filho do Homem enviará os seus anjos, e eles ajuntarão do seu reino tudo o que serve de pedra de tropeço e os que praticam a iniquidade, e lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá o choro e o ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai”.

– Mais claro que isso, impossível, não é mesmo? O Filho do Homem é o próprio Cristo, o campo é o mundo, o trigo são os fiéis e o joio, os infiéis. Concorda?

– Concordo que você continua tentando me mostrar que Deus vetou a pena – cutucou Manoel.

– O engraçado é que não estou.

– Como não?

– Antes de tentar explicar, preciso fazer uma observação importante: Deus e Jesus são um, ainda que, neste mundo, Jesus estivesse separado de sua consciência maior. Dessa forma, Jesus jamais poderia contradizer Deus, e ele certamente não contradiz ao ensinar uma mensagem de tolerância e não da força da lei como Deus havia instituído. Nesta parábola, Jesus nos demonstra claramente que a tolerância em relação ao joio não é por ter peninha deles. Pelo contrário, está muito bem avisado que haverá justiça no final.

– OK, OK. A passagem nos ensina que o impedimento da retirada do joio é para a proteção do trigo, que são os filhos de Deus. Porém, também deixa bem claro que o destino do joio é o lançamento ao fogo. Quanto a isso, não tenho nenhuma dúvida. A questão é esta: você compreende que isso implica em proibição da pena de morte? É só isto que quero que responda! – disse Manoel, perdendo a paciência.

– Certamente proíbe...

– Quê?! – disse Manoel, completamente surpreso. – Há pouco, você afirmava que não era isso!

– Calma, deixe-me falar! A questão não é tão simples assim...

– Então tá, estou ouvindo – disse Manoel, acreditando que já tinha conseguido fazer Davi se perder totalmente.

– Como eu já tinha afirmado, aprendemos com esta parábola que não

podemos limpar este mundo, pois essa tentativa implicará no massacre dos justos feito por corruptos que inevitavelmente estarão inseridos em todos os níveis sociais, organizacionais e de governança.

– Certo, o joio e o trigo estão inevitavelmente entrelaçados... – confirmou Manoel, apressado para ver Davi chegar a um ponto sem saída de seus próprios argumentos.

– No entanto, temos que compreender que Jesus está falando sobre o que lhe pertence: as leis de Deus. Ele nos ensina que elas já não poderiam mais ser executadas, de forma que está aqui mais uma demonstração de que, para o bem dos justos, as leis divinas foram transferidas para o patamar da fé. Por outro lado, a passagem não tem nada a ver com as leis dos homens, até porque Jesus não interferiu em momento nenhum nas leis deste mundo. Este não era seu objetivo...

– E qual é a diferença entre a lei de Deus e dos homens nesse sentido?

– Há pouco você mesmo me explicou a diferença com perfeição!

– Não sob este enfoque.

– É a mesma explicação.

– Então fale!

– A grande diferença é que as leis dos homens, bem menos nobres, têm a função de ordenação da sociedade unicamente para esta vida, de forma que, como você mesmo comentou algo do tipo há alguns minutos, ela não teria a ver com a manutenção da fé, mas, sim, desta existência, e, nesse sentido, em se tratando de pena de morte, ela teria apenas a função de estabelecer a condenação de indivíduos de altíssima periculosidade. Neste caso, não se trata, ou ao menos não deveria se tratar, de uma tentativa de limpeza ampla, como focavam as leis de Deus, mas apenas de um último recurso de proteção do direito à vida de todo cidadão, o que não tem relação com os ensinamentos da parábola dos talentos...

– Não concordo... – começou Manoel, interrompendo Davi mais uma vez.

Desta vez, Davi não deu espaço e não parou de falar:

– É claro que, caso as leis dos homens tentem instituir alguma forma de “limpeza” de alta amplitude, aí então, com base no ensinamento da parábola do joio e do trigo, todo cristão passa a ter a obrigação de combater essa ideia, já que, mesmo que a parábola não tenha sido direcionada às leis dos homens, ela nos traz a inteligência divina, que transborda todas as fronteiras possíveis. E se tal inteligência nos ensinou que não somos capazes de instituir tal limpeza por meio da força, então, nenhum cristão deve cair na ilusão de acreditar na própria estupidez e simplesmente ignorar o que Cristo ensinou. Se fizermos isso, o mal gerado sempre será maior que o bem desejado.

Manoel tentou pôr Davi contra a parede, mesmo tendo que argumentar contra

seu posicionamento favorável à pena para fazer isso:

– É, mas, mesmo sendo a pena de morte orientada para ser aplicada de forma pontual, juízes erram e inocentes são condenados. Além disso, mesmo quando corretamente direcionada, ela impede que os criminosos executados tenham a chance de se arrepender. O que me diz disso?

– É um equilíbrio extremamente complicado: matar um inocente por engano é tão errado quanto deixar alguém altamente perigoso livre para tirar a vida de outras pessoas. A possibilidade que esse ser humano tem de se converter não vale o risco que ele proporciona de matar inocentes e também outros pecadores, o que, conseqüentemente, significa tirar a oportunidade dessas pessoas, que podem ser bem menos perigosas e ter maior possibilidade de conversão, de também terem a chance de arrependimento.

– Então, de forma pontual, você é a favor da execução?

– Reflita da seguinte forma: uma inteligência muito maior do que a nossa já nos demonstrou que não podemos exercer a pena de forma abrangente, de modo que nos sobra a possibilidade de exercê-la como um último recurso de proteção aplicado para pessoas de altíssima periculosidade e, ainda assim, com um controle muito rígido, o que acaba levando-a a ser aplicada de forma muito pontual. E então, será que isso muda alguma coisa na sociedade, ou será que servirá apenas como uma bandeira política para satisfazer aqueles que clamam por sangue sem saber a consequência real do que desejam? E mesmo que surta algum efeito, será que este é significativo a ponto de valer o eminente risco de essa ideia ser expandida para uma repressão?

– Mas, com ou sem a existência da execução, governos ditatoriais podem surgir...

– Instituir a pena é bem mais difícil do que simplesmente ampliá-la em uma sociedade que já a tem e está acostumada a ela.

Após alguns segundos, Davi franziu as sobrancelhas e comentou:

– Deus, através da Bíblia, já nos preveniu de que o mundo vai caminhar inevitavelmente para a perdição, e, obviamente, isso significa que o Diabo conquistará as mentes daqueles que dominam o mundo. Então, toda forma de poder exagerado é uma ferramenta pronta para, mais cedo ou mais tarde, ser utilizada contra os fiéis de Deus.

– É, mas...

– Eu sei que é possível achar contra-argumentos. Nem perca seu tempo! – complementou Davi. – Minha posição final sobre o assunto é a seguinte: eu só torço para que parem de tentar pegar frases soltas da Bíblia para propagar a ideia de que Deus quer que façamos isso, como também quero que parem de pegar outras passagens deslocadas de seus contextos para instituir a ideia de um perdão cego, que é pregada totalmente fora de contexto.

– Ainda assim, temos que encontrar a melhor saída.

– Compreenda: não existe saída, mas apenas uma tentativa de equilíbrio. Como cristãos, temos que conviver com o mal deste mundo abraçados no princípio do amor e do perdão, buscando a ordenação judiciária, tentando equilibrar o mal que vem da falta da força da lei com o mal que vem do excesso da força da lei, sendo que, no fim, de uma forma ou de outra, a única lei que realmente vai nos salvar é a de Deus transposta para o patamar da fé, onde permanece intocada pela corrupção dos homens.

– O que não contradiz minha afirmação de que ainda precisamos chegar a uma conclusão referente a esta questão.

– Não se iluda: nosso grande dilema não é instituir ou não a pena de morte. A busca pelo equilíbrio entre a necessidade da força da lei e a necessidade do controle dessa força e de quem as aplica independe de estarmos ou não exercendo essa penalidade. Sociedades mais ou menos justas estão ligadas a incontáveis outros fatores, que são discutidos de formas muito menos calorosas, isso porque não envolve a tão ardente sede de sangue. É incrível como muitos desses fatores, que são extremamente mais importantes, como, por exemplo, a educação, ainda hoje são completamente menosprezados em muitas nações.

Davi deu uma risadinha e complementou:

– Parece ser plausível a ideia de que, quanto mais injusta for uma sociedade, mais ela necessita da pena, sendo que, na verdade, é exatamente o contrário: quanto mais injusta, certamente maior é a imaturidade governamental e a desorganização, e, conseqüentemente, maior os riscos de se pensar em pena de morte, sendo muito maiores as chances de ela ser exercida de forma arbitrária e danosa. Partindo disso, temos algo a pensar: quem mais precisa da execução não é capaz de exercê-la, e quem é mais capacitado para exercê-la, será que realmente precisa da pena, ou pode encontrar outras soluções?

– Não vou ficar satisfeito se não me der sua opinião. Pelo que entendi, até este momento, no final das contas, você é contra a execução. Certo?

– Digamos que eu não seja a favor, mas também não discordaria de um cristão que, com os pés nos chão e a Bíblia na mão, me mostrasse defender uma ideia a favor, tendo consciência de tudo o que discutimos, e que mantivesse para sua vida o princípio do amor e do perdão tão ensinado por Cristo.

– Onde o amor e o perdão tão pregados por Cristo se encaixam no meio de tudo o que está falando? De certa forma, isso não culminaria na proibição da pena?

– Não. Essa dúvida ocorre constantemente porque tendemos a confundir os princípios ensinados para nossas vidas com os princípios de organização da sociedade. Eles possuem certa independência, de forma que não podem ser misturados. Um exemplo clássico disso é o fato de existir o mandamento “não

matarás” instituído por Deus, sendo que depois, para a ordenação da sociedade, Ele próprio instituiu a pena de morte.

– Já ouvi sua explicação sobre isso e a compreendo plenamente. O mandamento “não matarás” foi criado para todo o seu povo seguir, e é válida até hoje para qualquer cristão. Mas, na época de sua criação, foi necessário estabelecer punições para as pessoas que transgrediam as leis, e, dentre elas, Deus instituiu até mesmo a pena de morte. Porém, nesse caso, as mãos que aplicavam a pena não estavam transgredindo a lei de não matar, pois a execução não era feita de forma pessoal. As mãos dos executores se tornavam as mãos da força normativa, instituída por Deus, tendo a permissão de fazer o que nenhum homem tinha permissão: retirar uma vida para proteger outras vidas. Compreendo que não existe nenhuma contradição!

– Nesse mesmo raciocínio, a nova aliança nos trouxe a “lei” do amor e do perdão, pois são esses os fundamentos que impedem que nos contarmos com o mal deste mundo. Porém, obviamente, a lei não se aplica ao poder normativo dos homens, que, logicamente, não pode perdoar a tudo. Então, mesmo observando os princípios cristãos de amor e perdão, não existiria nenhuma contradição em estipular até mesmo a pena de morte, já que esta, feita na forma de lei, em nada deve ter a ver com ódio ou vingança aos contraventores, mas, sim, com o amor aos inocentes que precisam ser protegidos...

– O problema é que eu acho bem difícil não sentir ódio de forma pessoal. Afinal, como alguém consegue ver atrocidades e ficar imparcial? De certa forma, se pararmos para pensar, esta não é uma reação plausível com a ideia de amar ao próximo como a si mesmo que Cristo tão amplamente ensinou!

– Mas, em momento algum, eu insinuei que se deveria ficar imparcial. Isso realmente não é uma atitude muito cristã. Sinta-se livre para sentir aflição pela vítima, entristeça-se por toda dor causada pela atrocidade, expresse sua indignação, almeje que a justiça garanta meios para evitar que este criminoso volte a cometer a mesma abominação, lute por mudanças na lei se preciso, mas também tenha a consciência de que o ódio é inútil, e que só serve para cegar quem o sente.

Davi acrescentou, pausadamente:

– Mesmo que seja a favor da pena, ao vê-la sendo exercida, não se permita sentir prazer. Permita-se sentir, no máximo alívio, pois não é nada prazeroso ver a condenação eterna de um ser humano, e não se esqueça que, se não ficar alerta, pode acabar tendo exatamente o mesmo destino da pessoa que você achava tão abominável.

Após mais uma pequena pausa, Davi continuou seu sermão:

– Lembre-se de que as leis de Deus vão muito além das dos homens, e que todos aqueles que cometem pecados que foram condenados por Deus com a

morte são dignos de morte, ainda que, hoje em dia, esses pecados estejam sendo difundidos como algo banal ou, ainda pior, como algo bom. O caminho como cristão é lutar pela proposição e pelo cumprimento da lei de uma forma impessoal, mas, de forma pessoal, devemos olhar menos para o pecado do próximo e mais para dentro do próprio coração, percebendo os próprios erros, antes que seja tarde.

Manoel ouviu tudo até o fim e então aproveitou a oportunidade para provocar Davi.

– Mas, então, você está condenado?

– Não fale besteiras – disse Dante, interferindo imediatamente.

– Não estou falando besteira. A Bíblia condenava à morte adivinhos e todos que se encaixassem nessa categoria.

O cientista abriu a bíblia e encontrou uma das passagens o qual tinha o intuito de comentar desde o começo da conversa para ver qual seria a reação de Davi. Ele complementou:

– Vejamos um exemplo: em Deuteronômio, capítulo 18, versículo 9, está escrito: Não permitam que se ache alguém no meio de vocês que pratique adivinhação, ou se dedique à magia, ou faça presságios, ou pratique feitiçaria, ou faça encantamentos; que seja médium, que consulte os espíritos ou consulte os mortos. O Senhor tem repugnância por quem pratica essas coisas

– Eu não sou nada disso! – disse Davi, revoltado. Ele tentou se segurar, mas a vontade de chorar o venceu e aflorou nele toda a reação de uma simples criança magoada, ainda que de forma bem discreta.

– A Bíblia tem vários exemplos de profetas de Deus que eram capazes de prever acontecimentos – disse Dante, em defesa do menino.

– Acaso está me dizendo que ele é um profeta? – perguntou Manoel, em tom irônico.

– O que eu sou? – perguntou Davi.

Ele olhou para Manoel com uma expressão de espanto, mas logo sua fisionomia mudou, indicando revolta e repulsa. Estava claro que agora já sabia. Davi começou a chorar copiosamente e tentou correr para fora da casa, mas Dante foi ao seu encontro e o abraçou.

– Calma! – disse o psicólogo, enquanto o menino chorava em seus braços.

– Eu sou um monstro! – gritou o menino.

– Não, não é! Você não tem culpa!

– Me deixe ir embora! Por favor! – Davi falou baixinho. Ele tremia.

– Precisa se acalmar antes!

Davi chorou por mais alguns segundos. Depois, olhou para cima, nos olhos de Dante, e perguntou.

– Eu sou mesmo o clone de Cristo?

O psicólogo se ajoelhou, beijou a testa de Davi, dando sinais de assentir à pergunta, mas afirmou mais uma vez, olhando dentro dos olhos do menino:

– Você é inocente!

– Me deixe ir. Amanhã eu volto... Diz no seu relatório que precisei ficar um pouco sozinho... – pediu Davi, com uma voz fraca e trêmula.

– Não o deixe sair assim – disse Manoel, com medo de que Davi pudesse fazer ou dizer algo lá fora que colocasse ele e Dante em risco.

Dante, que estava furioso com a agressividade de Manoel, resolveu soltar Davi, ignorando completamente o pedido do cientista. O menino foi até a porta, pegou na maçaneta, soltou e, ainda virado de costas, comentou:

– Não posso ir!

– Por quê? – perguntou Manoel.

– Amanhã já vai ser tarde!

– Tarde para quê? – perguntou Dante.

Davi demorou alguns segundos para responder, tempo suficiente para parar de chorar e passar a mão no rosto, limpando as lágrimas. Ele olhou para Dante e falou:

– Chegou a hora. Amanhã vocês morrem!

– Temos como evitar? – perguntou o psicólogo.

– Acho que sim. Eu não tenho certeza de nada...

Davi olhou para Manoel e complementou:

– A sua abominação vai gerar muita dor, não há como impedir!

O cientista se assustou e, num reflexo, respondeu bruscamente:

– Talvez matando você?

– Quem dera fosse tão simples! – respondeu o menino.

Uma lágrima solitária rolou na face de Davi, mas ele não choramingava mais.

– E por que não é? – perguntou Manoel.

– Algo muito ruim vai acontecer. Eu não tenho todas as respostas... Só sei que não é possível parar o mal que foi gerado... Não sou eu, mas começou com minha existência.

– Como sabe?

– Não sei!

– Davi já explicou que suas previsões ocorrem através de reações que não possuem explicação lógica. Já lhe falei sobre isso! – disse Dante, novamente defendendo Davi.

– E é exatamente assim que agora vem em minha mente que vocês precisam estar fora da cidade amanhã ao final da tarde. Precisam levar minha mãe junto, pois ela está correndo o mesmo risco que vocês!

Davi passou as mãos nos olhos e perguntou:

– Tem uma câmera dentro de minha cabeça?

– Tem – respondeu Manoel. – Não sabia disso antes?

– Eu descobri que você e seus colegas me monitoravam no momento em que revelou saber sobre a briga que eu tive com meu pai. Naquele momento, eu soube que vocês conheciam todos os meus passos, mas eu não tinha entendido como. Agora, na hora em que eu estava indo embora, senti que você não queria que eu soubesse, e aí veio em minha mente a ideia da câmera.

Davi olhou para Dante e perguntou:

– Aqui dentro eles não conseguem me filmar, não é mesmo?

– Não!

– Agora entendo porque eu me sinto tão confortável para conversar aqui! Eu não compreendia o motivo, mas sempre soube que aqui estava seguro.

Manoel olhou fixamente para Davi:

– Sabe o que estou pensando? – perguntou o cientista.

– Está pensando em uma colega que disse ter visto algo de ruim em mim, e está pensando que também viu. Saiba que eu também já senti essa coisa ruim me rondando, mas não sou eu.

– Vive em você?

– Vive em torno de minha existência, mas não em mim!

– E o que aconteceria com essa coisa se você morresse?

– De novo esse assunto! – esbravejou Dante.

– Eu estou pensando nisso de novo, então, ele provavelmente iria saber de qualquer jeito.

– Eu já disse que acho que não é possível deter o mal. Daria minha vida para terminar com isso, se fosse possível!

Davi começou a tremer e deixou mais algumas lágrimas escaparem, mas permaneceu em silêncio.

– Essa coisa é o Diabo? – perguntou Manoel.

– Rezo para que não, mas não tenho essa resposta.

– Como pode ler meus pensamentos, acho que já sabe que considero bem estranho o fato de você só ser capaz de saber o que lhe é conveniente! – comentou Manoel.

– Eu não achei nada conveniente descobrir que sou uma aberração! Acha que é bom conhecer os pensamentos dos outros? Então, escute os meus e me ajude a respondê-los: será que um clone tem alma? E eu, a maior de todas as aberrações, tenho? Não consigo parar de me fazer essas perguntas!

Dante se aproximou de Davi, abaixou-se mais uma vez para ficar com os olhos na altura do menino, e então, segurando em seus ombros, falou:

– Irmãos gêmeos são clones naturais, mas, mesmo sendo geneticamente idênticos, cada um vive de forma independente e tem a liberdade de escolher caminhos completamente distintos. São duas almas livres! Escute bem: você não é uma criação do homem, mas, sim, uma criação divina que as mãos do homem apenas reproduziu. O pecado pertence aos seus “pais” inconsequentes, mas você é uma alma livre como qualquer outra!

– Obrigado – disse Davi, abraçando o psicólogo, que se permitiu chorar por alguns segundos.

Manoel disfarçou ao máximo, mas também chorou discretamente. Davi se soltou, limpou as lágrimas e começou a falar:

– Eu tenho um plano para que saiam da cidade juntamente com minha mãe.

– E qual é? – perguntou Dante.

Davi olhou para o psicólogo e explicou:

– Amanhã, eu direi à minha mãe que já quero voltar para a escola e que depois quero vir visitá-lo, exatamente como estava sendo minha rotina antes da morte de meu pai. Na hora de ir para a escola, darei um jeito de escapar e vir diretamente para cá. Farei isso por dois motivos: primeiramente, para interromper o meu monitoramento e evitar que o grupo por trás de mim descubra nosso plano, e também porque vocês vão pegar meu computador e levar a uma cidade com a distância de uma hora e meia daqui. Esse é o tempo necessário para que, contando o tempo de ida e volta, escapem das horas das quais sinto o perigo se aproximando.

– Qual é exatamente esse período? – perguntou Manoel.

– Das seis e meia até umas oito! Antes que me pergunte, não sei nem por que e nem como sei disso!

– Continue explicando seu plano – pediu Dante.

– Vocês deixarão meu computador em algum local seguro. Quando voltarem, esperaremos até umas seis horas, período em que vai ligar para minha mãe perguntando por que não compareci aqui. Ela vai se desesperar e rastrear meu computador no mesmo momento, e então você vai dizer que sabe aonde fui.

– Mas preciso de um motivo fictício para poder afirmar que sei o que você foi fazer lá!

– Diz que fui me encontrar com uma garota que conheci na Internet. Diz que sabe onde vou estar e então se ofereça para ir me buscar. Minha mãe certamente vai querer ir junto.

– Mas, o que vou dizer quando chegar ao local? – perguntou Dante.

– Obviamente, Manoel deve ir junto. Antes de chegarem, um de vocês deve dar um jeito de me mandar uma mensagem de aviso. Aí então eu ligarei para Dante, dizendo que estou em sua casa. Minha mãe vai querer voltar imediatamente.

– Mas, e quanto ao seu computador pessoal? – perguntou Manoel. – E quanto à menina?

– Eu vou dizer que o esqueci na cidade em que fui conhecer minha amiga. O computador vai ser a última preocupação da minha mãe. Ela certamente não vai pensar em buscá-lo. Provavelmente, vai mandar um robô fazer isso depois!

– Vamos analisar esta história com calma. Temos que pensar em tudo nos mínimos detalhes... – disse Dante.

Jamal mergulhou em uma depressão avassaladora. Ele teve o dia mais terrível de sua vida. Chegou a marcar consulta com um amigo psiquiatra, mas, na hora de comparecer, preferiu desmarcar, temendo que isso representasse o fim de sua carreira.

À noite, o cientista resolveu seguir o plano do qual tinha desistido na noite anterior, ao ser repudiado por sua ex-namorada: aplicou-se um sedativo extremamente potente, que tornaria completamente impossível qualquer sonho.

O sedativo não causou o efeito pretendido: o cientista sonhou com Davi e também com demônios durante a noite toda. Ele era agredido até chegar perto da morte, momento em que acordava e o pesadelo recomeçava. Dessa vez, além da presença dos demônios, havia várias diferenças em relação aos pesadelos das noites anteriores. A primeira delas é que essa noite pareceu ter uma duração absurda: a sensação de tempo para o cientista foi a de que ele ficou em meio ao pesadelo por mais de uma semana consecutiva. Outra grande diferença é que ele tinha plena consciência de que se tratava de um sonho, ao mesmo tempo em que a dor e o desespero não poderiam ser mais reais. Finalmente, outro elemento que se distinguiu em relação aos sonhos das noites anteriores foi o terror psicológico: tanto Davi quando os demônios falavam com o cientista, dizendo-lhe que esta seria sua última noite de vida, já que, na próxima, ele morreria.

Na última vez em que Jamal foi agredido, antes de acordar de fato, Davi começou a machucá-lo de forma mais sutil: ele apenas arranhou e beliscou o corpo do cientista, e, ao final, avisou que essas marcas permaneceriam como prova de que tudo era mais do que um sonho; uma prova para ajudá-lo a se lembrar de que deveria aproveitar bem seu último dia.

Jamal acordou e, imediatamente, olhou para seu corpo todo marcado e ferido. Sua reação foi chorar desesperadamente.

Fim ou começo?

Tudo ocorreu exatamente como Davi, Dante e Manoel haviam combinado: Sofia aceitou a ajuda para buscar seu filho e, no prazo estipulado, todos estavam saindo da cidade. Ela aceitou facilmente a presença de Manoel, sem que Dante tivesse que explicar muito, já que tudo em que ela pensava era ir logo atrás de seu filho.

Davi ficou sozinho dentro da casa do psicólogo. A cada cinco minutos, consultava o relógio. Suas mãos tremiam. O menino sabia do vídeo gravado por Abéli que Manoel tinha visto, e sabia também o quão profundamente essa gravação havia tocado o cientista, de forma que resolveu imitar a ideia. Davi gravou um vídeo, programou-o adequadamente para que fosse enviado em apenas quinze minutos e, logo após, respirou fundo e saiu da casa do psicólogo.

- Você não vai me pegar! – gritou Jamal, assim que Davi saiu do portão.
- Não sei do que está falando – replicou o menino.
- Não se faça de bobo.
- Eu realmente não sei! – disse o menino, com uma expressão de medo.
- Morra! – disse o cientista, sacando uma arma e atirando.

Davi não reagiu de forma nenhuma, até porque não houve tempo. Ele foi atingido bem na testa.

Uma notícia assustadora se espalhou pelo mundo com diversas versões. Todas elas tinham em comum o comunicado de que uma cidade africana chamada Mitiziu havia sido completamente incendiada, sendo que alguns diziam que foi por uma bomba, outros afirmavam se tratar de um estranho fenômeno meteorológico; já os fanáticos, como sempre, afirmavam ser um sinal do fim do mundo.

Dante notou muitos carros parando e as pessoas olhando para trás. Ele também parou para ver o que estava acontecendo e começou a chorar. Todos começaram a chorar dentro do carro ao ver a bola de fogo pairando no ar na direção onde ficava Mitiziu. Até mesmo Sofia, de alguma forma, sabia que aquilo tinha a ver com seu pequenino.

A mensagem de Davi logo chegou ao computador pessoal de Dante. Ele a ativou, ouviu-a por alguns segundos no modo auricular e desligou. Por um momento, parecia não saber o que fazer. Todos no carro esperaram em silêncio por sua próxima reação. O psicólogo olhou para o computador novamente, deu

alguns cliques e o vídeo começou a ser reproduzido a todos no vidro da frente do carro.

– Mãe, você precisa ser forte. Eu sei que sempre soube que sou diferente, mas vai descobrir coisas assustadoras. Tempos difíceis virão pela frente; portanto, apegue-se a Deus.

Davi fez uma pausa. Parecia estar tomando coragem para continuar.

– Dante, Manoel: peça que contem tudo a ela. Não escondam nada!

As lágrimas rolavam pela face do menino, mas ele continuou se despedindo:

– Mãezinha, agradeço a Deus, que certamente a escolheu para me proteger e amar. Você me fez muito feliz. Eu a amo muito. Quanto a mim, eu estarei morto quando assistir a isso, mas não se entristeça; ao menos, não por mim, pois hei de reencontrá-la em um lugar muito melhor, se Deus quiser!

Davi não se conteve e começou a chorar de uma forma que o impedia de continuar falando. Fazendo força para se controlar, ele recomeçou, parando de falar direcionado à mãe, pois não conseguiria mais fazer isso sem perder o controle de suas lágrimas:

– Deus, nosso grande Pai maravilhoso, ao se fazer filho dos homens, nasceu de uma mulher e dela dependeu. Ele foi indefeso como todo bebê, provou da pureza ingênua de toda criança e, como tal, sorriu e chorou. Nosso Criador cresceu sentindo todas as angústias do que é ser humano até os 33 anos, e, durante esse período, o grande Rei se fez servo: foi marceneiro, aprendiz do próprio pai. Quando chegou a hora de se tornar um mestre, foi ouvido, mas também renegado. Não impôs a ninguém que o seguissem ou lhe obedecessem; pelo contrário, deu-nos a liberdade de escolhermos nossos caminhos.

Davi fez outra pausa, como se precisasse de um momento para se acalmar. Porém, logo em seguida, continuou:

– No tempo em que viveu em meio a nós, Cristo foi amado, mas também traído e levado à morte. Mas, antes de morrer, se permitiu sentir medo e angústia como todo ser humano, o que nos prova o quanto ele realmente se fez um de nós. No entanto, mesmo frente à fraqueza provinda da carne, ele não se ajoelhou ao medo, e se deixou ser levado para a cruz, onde seu sangue, retirado com muita dor e sofrimento, abriu caminho para nossa redenção.

Davi deu um sorriso. Agora, ele mantinha um semblante bem mais calmo, como se falar sobre Deus o reconfortasse. Ele seguiu com sua mensagem:

– Em sua pureza, Jesus Cristo nos mostrou o caminho da paz. A paz provinda dele é tão poderosa que até mesmo sua injusta execução não gerou vingança. Pelo contrário, a morte de Cristo gerou vida: preste atenção no relato bíblico e verá que, no momento em que o sacrifício se concretizou, a luz transpôs a escuridão que havia se formado antes de sua morte e homens santos ressuscitaram. Não houve punições, ninguém se feriu. O único sangue

derramado foi o dele próprio, que serviu como um chamado para a nossa redenção.

Davi, após um momento de silêncio, franziu as sobrancelhas, dando sinais de que iria começar a falar sobre algo que não lhe agradava:

– O Diabo, por sua vez, não aceitou ser filho dos homens. Antes, escolheu ser fruto de nosso pecado, vindo ao mundo através de um clone. Não satisfeito, ele se negou a ser criança para não necessitar ser cuidado por mãos humanas. Foi por isso que eu nasci neste corpo, feito e moldado pelo mal, e o qual, tenho certeza, em nada se parece com o que foi nosso Salvador. Sei que os traços físicos deste corpo foram modificados.

Davi, demonstrando-se inquieto, complementou:

– Acho que minha morte vai gerar a vida do verdadeiro criador e dono desse corpo, e certamente a vida dele irá gerar morte. Foi por isso que quis tirá-los da cidade!

Seu semblante ficou ainda mais tenso, mas ele continuou falando:

– Eis que hoje “nasce” um chamado para o pecado. “Nasce” aquele que nos convidará à escravidão, persuadindo a todos a acreditarem que se trata de liberdade; aquele que dirá estar abrindo nossos olhos ao mesmo tempo em que nos torna cegos; aquele que sabe como disseminar o pecado como se fosse amor; aquele que sabe falar de uma paz em nome da qual nos induzirá a aceitar todas as atrocidades e repudiar a Deus. Isso já está sendo feito há muito tempo, mas agora se derramará no mundo de uma forma ainda mais perversa e destrutiva. Fica aqui um ensinamento para que nunca se deixem enganar: o filho de Deus gerou vida até mesmo com sua morte, e o filho do pecado irá gerar morte com sua vida. Assim, parece fácil discernir em quem devemos acreditar, não é mesmo? Mas esperem para ouvir toda a “sabedoria” do engano e, de repente, nada parecerá assim tão claro. Todos aqueles que não estiverem aparados pela inteligência divina serão enganados!

Davi dava demonstrações de estar ficando esgotado, pois sua mensagem exigia um grande controle emocional. Contudo, ele respirou fundo e prosseguiu:

– Quanto a mim, não fui nada além de uma criança com dons incomuns que carregou um peso muito grande, mas que não ficou desamparada: recebi uma inspiração, que não compreendo, para a minha proteção. Só o que sei é que não sou adivinho ou algo do gênero, que é tão condenado pela Bíblia.

Davi coçou a cabeça com uma expressão pensativa e começou a tentar se explicar:

– É certo que o mal também é capaz de fazer revelações, e tenho plena consciência de que elas possuem como único objetivo levar os homens ao engano e à perdição, misturando verdades com mentiras. Sabendo disso, comecei a temer a fonte de minhas misteriosas capacidades, mas, lendo a Bíblia,

cheguei à conclusão de que somente Deus é capaz de conhecer nossos pensamentos, o que me fez acreditar que minha capacidade não poderia ter vindo do mal, muito menos deste corpo humano, e tampouco de minha própria alma. Acredito que meu dom foi fruto da presença divina evitando que eu carregasse um peso maior do que poderia carregar.

Davi respirou fundo e confessou:

– A verdade é que ter esta perspectiva me aliviou momentaneamente, mas, ainda assim, continuei com medo de meus dons, por receio de estar sendo manipulado pelo mal, e então me dei conta de que, em nenhum momento, minhas capacidades me levaram a negar a Cristo e sua divindade, e nem tampouco a Deus e seus ensinamentos, de forma que realmente senti que não precisava ter medo.

Davi pareceu voltar a ficar mais aliviado e prosseguiu:

– Não ousem acreditar cegamente no que eu falei sobre Deus, pois eu fui apenas um ser humano comum com sede de aprender sobre nosso grande Pai. Certamente, não tenho nada de mais especial que qualquer outro ser humano de fé. Jamais se esqueçam de que só Deus é dono da verdade, e o que eu tentei fazer, com toda a sinceridade de meu coração, foi absorver e refletir um pouco dessa Luz. Leiam a Bíblia, escutem outras opiniões, rezem para alcançar o entendimento e jamais busquem compreensões cômodas para seus próprios interesses: parece algo óbvio, mas é muito fácil cair no engano de querer enxergar apenas o que é conveniente.

Após outra rápida pausa para retomar o fôlego, Davi ensaiou concluir sua mensagem:

– É incrível como a luz é capaz de nascer no meio das maiores das escuridões. Eu, nascido do pecado, jamais fui abandonado por nosso Criador. Foi refletindo sobre isso que cheguei à conclusão de que devo ter mesmo uma alma, e acredito que terei direito à salvação. Isso, se eu merecer, é claro, pois vamos deixar o julgamento nas mãos daquele que possui sabedoria infinita. Sabedoria essa que pude conhecer através da Bíblia e na qual confio plenamente.

Por uns instantes, sua voz parecia estar ficando embargada novamente, mas ele prosseguiu:

– A luz divina me chamou a me proteger em Cristo. Eu me protegi. Busquei conhecer a Deus com toda a sinceridade. Acredito que isso antecipou minha morte: algo inexplicável me faz crer que o mal não ficou satisfeito com a minha fé. Manoel, eu sei que esse mal tentou provocá-lo a me matar, mas quando você se afastou de mim, o alvo passou a ser um de seus colegas. Creio que um deles vai me matar hoje. A boa notícia é que, se a minha morte realmente acontecer, ela é uma vitória: se o mal se irritou é porque devo ter deixado uma boa semente para este mundo, e, de alguma forma, confio que, por meio de um de vocês, essa

semente vai se espalhar e fazer a diferença! Ter esta ideia me faz sentir uma felicidade inexplicavelmente grande, ainda que eu esteja morrendo de medo!

O menino parou por alguns breves segundos. Deu um suspiro profundo e seguiu em frente:

– Busquem também o conhecimento divino, leiam a Bíblia. Não mantenham a fé cega de quem é guiado pela própria torpeza e diz acreditar em um Deus que não conhece. É certo que ninguém vai ter todo o entendimento da palavra divina, mas qualquer um pode ter o conhecimento necessário para a salvação.

Finalizando o vídeo, Davi falou:

– Mãezinha, eu te amo!

Nota:

Gostou do livro?

Alem de ser escritor eu sou compositor, e logo terei mais livros e musicas para compartilhar, sendo que pretendo manter a distribuição gratuitamente. Adicione-me no facebook e quando eu tiver novos materiais (livros e musicas) poderei te encontrar.

Pagina facebook nome: Fernando H. de Marchi

Ou pelo link

https://www.facebook.com/pages/Fernando-H-de-Marchi/418923071519474?ref_type=bookmark

Dados para contato:
fhm.marchi@gmail.com

O livro impresso pode ser adquirido através do site:
www.agbook.com.br

Página facebook nome: Fernando H. de Marchi

Publicação: Janeiro de 2013
Edição 2014

ISBN 9788582451878
Edição digital: julho 2014

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
